

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL - EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA - PROMESTRE

WEIDSON LELES GOMES

DISCURSOS DE ÓDIO NO *FACEBOOK*:

**Uma Experiência Ética a Partir das Reações a Publicações Sobre Adolescentes que
Cometem Atos Infracionais**

BELO HORIZONTE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL - EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA - PROMESTRE

WEIDSON LELES GOMES

DISCURSOS DE ÓDIO NO *FACEBOOK*:

**Uma Experiência Ética a Partir das Reações a Publicações Sobre Adolescentes que
Cometem Atos Infracionais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação: Educação e Docência - PROMESTRE, da
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas
Gerais.

Linha de pesquisa: Educação Tecnológica e Sociedade.

Orientadores: Eucídio Pimenta Arruda
Durcelina Ereni Pimenta Arruda

BELO HORIZONTE

2019

G633d T	<p>Gomes, Weidson Leles, 1986- Discursos de ódio no Facebook [manuscrito] : uma experiência ética a partir das reações a publicações sobre adolescentes que cometem atos infracionais / Weidson Leles Gomes. - Belo Horizonte, 2019. 161 f., enc, il.</p> <p>Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Orientador: Eucídio Pimenta Arruda. Coorientadora: Ereni Pimenta Arruda. Bibliografia: f. 99-114. Apêndices: f. 115-160. Anexo: f. 161.</p> <p>1. Educação -- Teses. 2. Internet e adolescentes -- Teses. 3. Adolescentes -- Assistência em instituições -- Teses. 4. Adolescentes e violência -- Teses. 5. Usuários da Internet -- Ódio -- Teses. 6. Usuários da Internet -- Análise do discurso -- Teses. 7. Psicologia do adolescente -- Teses. 8. Medida socioeducativa -- Teses. 9. Facebook (Recursos eletrônicos) -- Teses. 10. Ódio -- Teses. 11. Adolescentes -- Emoções -- Teses. 12. Sociologia educacional -- Teses.</p> <p>I. Título. II. Arruda, Eucídio Pimenta, 1976-. III. Arruda, Ereni Pimenta, 1976-. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.</p>
	CDD- 362.7

Catálogo da Fonte* : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário†: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O
(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma
e na diagramação gráfica da ficha catalográfica‡.)

* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º – "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

DISCURSOS DE ÓDIO NO FACEBOOK: Uma Experiência Ética a Partir das Reações a Publicações Sobre Adolescentes que Cometem Atos Infracionais

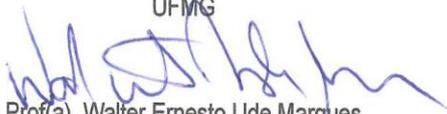
WEIDSON LELES GOMES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 20 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Eucidio Pimenta Arruda - Orientador
UFMG


Prof(a). Durcelina Ereni Pimenta Arruda
UFMG


Prof(a). Walter Ernesto Ude Marques
UFMG


Prof(a). Nádia Laguárdia de Lima
UFMG

Belo Horizonte, 20 de fevereiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Aos orientadores Eucídio e Durcelina, pela paciência, ensinamentos, e, especialmente, pela liberdade que foi essencial para a realização desta pesquisa, desenvolvimento da Dissertação e do Produto;

Ao professor André Favacho, por ter dado importantes contribuições desde a disciplina isolada e nas diversas discussões sobre Foucault;

Aos professores Breynner e Antônio, pelas contribuições nas disciplinas de Seminário de Pesquisa;

Aos professores Walter Ude e Nádia Laguárdia pelas ricas contribuições na banca de qualificação;

Aos colegas de trabalho do CSE São Jerônimo, pela paciência, apoio e compreensão;

Aos colegas de linha de pesquisa: Anderson, Breno, Cida e Zélia, pelas ricas trocas, companheirismo e coleguismo;

A todos os meus professores da Graduação, Especialização e do Mestrado que foram de fundamental importância na construção da minha vida profissional e acadêmica;

À minha família e amigos. Aos que fazem e fizeram parte de minha história e que sempre estiveram presentes direta ou indiretamente em todos os momentos de minha formação.

“Eles combinaram de nos matar. A gente combinamos de não morrer”.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

DISCURSOS DE ÓDIO NO *FACEBOOK*: Uma Experiência Ética a Partir das Reações a Publicações sobre Adolescentes que Cometem Atos Infracionais

O presente estudo tem como objetivo problematizar como se conduz eticamente o sujeito que, no *Facebook*, reage com discurso de ódio a postagens sobre adolescentes que cometem atos infracionais. Para seu desenvolvimento, a pesquisa articulou procedimentos da genealogia da ética de Foucault, da netnografia, da autonetnografia, da análise de redes sociais e do estudo de caso. Circunscreve-se o seguinte problema de investigação do presente estudo: como se conduz eticamente o sujeito que, no *Facebook*, reage com discurso de ódio a postagens sobre adolescentes que cometem atos infracionais? Conclui-se que há um discurso de ódio (BRUGGER, 2007) que propaga uma noção do adolescente ainda visto como “menor”, como delinquente, argumentando-se que as redes sociais têm escancarado um lado perverso do humano. Discursos buscam produzir um outro a ser recolhido, exterminado, punido, destituído de humanidade, demonizado. Entende-se que este trabalho possa contribuir para uma reflexão mais profunda sobre o funcionamento do ódio em redes sociais digitais. O objetivo do produto é contribuir com a formação de servidores do Sistema Socioeducativo e profissionais da Educação. Trata-se de vídeos curtos criado com a ferramenta *Vyond* valendo-se de técnicas como *storyboard*. O tutorial do processo de criação do vídeo será compartilhado como um Recurso Educacional Aberto com licença *Creative Commons*, contribuindo assim para a formação de agentes de segurança socioeducativos, equipe técnica, professores e interessados no uso de ferramentas de *design* instrucional e do *Vyond*.

Palavras-chave: Discurso de Ódio. *Facebook*. Adolescentes. Atos infracionais.

ABSTRACT

HATE SPEECH ON *FACEBOOK*: An ethical experience with the reactions to posts on Facebook about adolescents who commit infractions

The present study aims to problematize the ethical conduct of the subject who reacts with hate speech to posts on Facebook about adolescents who commit infractions. For its development, the research will articulate procedures of the genealogy of the ethics of Foucault, of the netnography, of the analysis of social networks and of the case study. The research problem of the present study is: which is the ethical conduct of the subject who, on Facebook, reacts with a hate speech to posts about adolescents who commit infractions? It is hypothesized that there is a hate speech (BRUGGER, 2007) that propagates a notion of the adolescent as a "minor", as delinquent, arguing that social networks have opened a perverse side of the human. Discourses seek to produce an "other" to be exterminated, punished, devoid of humanity, demonized. This work can contribute to a deeper reflection on the functioning of hate in digital social networks. The goal of the product is to contribute to the training of servers of the Socio-educational System and education professionals. There are short videos created with "Vyond" using techniques such as storyboarding. The tutorial for the video creation process will be shared as an Open Educational Resource with Creative Commons license, contributing to the training of socio-educational security agents, technical staff, teachers and interested in the use of instructional design tools and *Vyond*.

Keywords: Hate Speech. *Facebook*. Adolescents. Infractions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Print da publicação na Página da Rádio Itatiaia.....	71
Figura 2 – Print da publicação na Página da Rádio Itatiaia – Reações à publicação, preservando o anonimato dos usuários.....	71
Figura 3 – Gráfico da relação entre pesquisas dos termos “testa tatuada” e “bandido” gerado pelo <i>Google Trends</i>	74
Figura 4 – Modelo de Storyboard (UNIFEI, 2015).....	120
Figura 5 – <i>Storyboard</i> de objeto de aprendizagem do curso “Aplicativos e Software na Educação	121
Figura 6 – <i>Storyboard</i> criado para elaboração do produto educacional	123
Figura 7 – <i>Print</i> de uma das animações elaboradas demonstrando a metáfora de jornal televisivo	124
Figura 8 – <i>Print</i> da apresentação dos personagens.....	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de <i>links</i> - Produto Educacional: SESP Informa	126
Quadro 2 - Palavras mais recorrentes no Corpus II.....	127
Quadro 3 – Comentários relacionados ao punitivismo e práticas de justiça.....	128
Quadro 4 – Comentários que revelam hierarquias morais dos <i>haters</i>	128
Quadro 5 – Comentários relacionados à <i>parresia</i>	129
Quadro 6 – Síntese do Quadro Ético	129
Quadro 7 – Teorias Behavioristas e Implicações na EaD	130
Quadro 8 – Teorias Cognitivistas e Implicações na EaD	131
Quadro 9 – Teorias Socioculturais e Implicações na EaD	132

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABED** - Associação Brasileira de Educação a Distância
- ADDIE** - Análise, Design, Desenvolvimento, Implementação e Avaliação
- ARS** – Análise de Redes Sociais
- CNV** – Comunicação não violenta
- COEP** – Comitê de Ética da UFMG
- DI** – Design Instrucional ou Designer Instrucional
- EaD** – Educação a Distância
- ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente
- IBSTPI** - International Board of Standards for Training, Performance and Instruction.
- JR** – Justiça Restaurativa
- QR Code** – Quick Response Code ou Código de Resposta Rápida
- SESP MG** – Secretaria de Estado de Segurança Pública de Minas Gerais
- SB** – Storyboard ou roteiro instrucional
- SINASE** – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
- SUASE** – Subsecretaria de Atendimento Socioeducativo. Está vinculada à SESP
- TICs** - Tecnologias de Informação e Comunicação
- UAB** – Universidade Aberta do Brasil
- UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais
- UNIFEI** – Universidade Federal de Itajubá

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	CIBERESPAÇO, CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS DIGITAIS	26
3	O ÓDIO, O DISCURSO DE ÓDIO, O ESTADO DE EXCEÇÃO E A BANALIDADE DO MAL	40
4	A PROBLEMÁTICA DA ÉTICA	57
4.1	FILOSOFIA E ÉTICA.....	57
4.2	EXPERIÊNCIA E ÉTICA FOUCAULTIANA.....	61
5	EXPERIÊNCIAS ÉTICAS DO ÓDIO AOS ADOLESCENTES EM REDES SOCIAIS.....	69
5.1	UMA PRIMEIRA INCURSÃO – NOTÍCIA NA PÁGINA DA RÁDIO ITATIAIA .	69
5.2	O DISCURSO DO ÓDIO TATUADO NA TESTA – “EU SOU LADRÃO E VACILÃO”	72
5.2.1	Justificando a escolha e contextualizando o caso	72
5.2.2	O percurso e a articulação metodológica na prática	76
5.2.3	O Quadro Ético	77
5.2.4	<i>Ficcioneando</i> experiências éticas	89
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	99
	APÊNDICES	115
	APÊNDICE 1 – PRODUTO EDUCACIONAL	116
	APÊNDICE 2 – QUADROS	127
	APÊNDICE 3 – CADERNO DE CAMPO	133
	ANEXOS	161

1 INTRODUÇÃO

“Ver aquilo que temos diante do nariz requer uma luta constante”.

(George Orwell)

Menores, marginais, delinquentes, bandidos, vagabundos, vermes, pragas, pestes, lixos, demônios, geração perdida, erva daninha, escória, “são iguais a ratos: mata um, aparecem três”. Prisão perpétua. Pena de morte. Leva para o pau de arara. Enforca para servir de exemplo. Apedreja em praça pública. Arranca a cabeça e queima o corpo como faziam com as bruxas. Queima na fogueira. Tem que matar antes que reproduza. Culpa dos “direitos dos manos”. “Bandido bom é bandido morto”. “Intervenção militar já”. “Tem que ter escola militar”. “Se dependesse de mim eu jogava um míssil em todas as favelas e acabava com esse antro de bandidos”. Esses são exemplos de discursos de ódio sobre adolescentes que cometem atos infracionais encontrados em uma página pública do *Facebook*. Diariamente pode-se ter contato com esses discursos e suas consequências, mas quais os perigos da relação ética por trás desses discursos e quais esperanças se têm?

O objetivo dessa pesquisa é problematizar como se conduz eticamente o sujeito que, no *Facebook*, reage com discurso de ódio a postagens sobre adolescentes que cometem atos infracionais. Para seu desenvolvimento, a pesquisa irá articular procedimentos da genealogia da ética de Foucault, da netnografia, da autonetnografia, da análise de redes sociais e do estudo de caso. Entende-se, que este trabalho possa contribuir para uma reflexão mais profunda sobre o funcionamento do ódio em redes sociais digitais sobre adolescentes que cometem atos infracionais. Propõe-se como produto um conjunto de animações curtas com o objetivo de contribuir com a formação de servidores do Sistema Socioeducativo e profissionais da Educação.

É cada vez maior o número de atividades que se desenvolve no cotidiano onde há mediação tecnológica. Segundo dados do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), 53% dos brasileiros usou redes sociais entre 2015 e 2016. A *internet* é acessada por mais de um tipo de dispositivo por 59% da população brasileira, sendo que 49% alegam ter lido notícias pela *internet* no mesmo período. Entre 2012 e 2014, quase 90% dos brasileiros alegou ter acessado a *internet* diariamente e mais de 80% do público entre 9 e 17 anos, afirmou ter perfil no *Facebook*, isso em 2013. A rede social *online* tem mais de um bilhão de usuários no mundo, sendo que em cada dez brasileiros, 8 possui *Facebook*. Segundo dados da

própria empresa¹, é acessada por cerca de 62 milhões de brasileiros diariamente. Assim, a justificativa para escolha da realização da pesquisa no *Facebook* é devido ao seu alcance, grande número de usuários e a frequência de seu uso.

Autores como Levy (2000), Castells (1999), Recuero (2015), Lemos (2003) e Sibília (2008) argumentam, que a *internet* potencializa a comunicação, o entretenimento, o fluxo de dados e informações². Rompem-se as fronteiras de tempo, espaço e território. Hoje, qualquer pessoa com acesso à internet pode ser autor, expor suas opiniões, suas conquistas, seu cotidiano e, até mesmo, suas angústias, medos e desejos.

Há alguns anos sinto incômodo pela leitura de comentários publicados na *Internet*. Uma simples discordância em algum tema em redes sociais parece levar pessoas a abandonarem suas máscaras e passar a expor todo tipo de preconceito, raiva e ódio. Nos próprios *sites* de redes sociais, não é raro pessoas recomendarem que não se faça a leitura dos comentários em postagens, ou demonstrarem arrependimento por tê-lo feito, especialmente de temas mais polêmicos. Basta abrir algum *site* de rede social ou portal de notícias abertos a comentários que se depara com um palco rico para batalhas políticas, polarizações e até mesmo destilação, aparentemente gratuita, de ódio. Em meio a tanto ódio, um público-alvo específico deste ódio chama a atenção: adolescentes que cometeram atos infracionais³.

Na *internet*, manifestam-se opiniões que parecem não ter um filtro “politicamente correto” tão presente como nos outros lugares ocupados pelos sujeitos. O discurso da violência, do medo, da falta de segurança nos bombardeia cotidianamente. Pânico, sensacionalismo, culpabilização da juventude pobre e negra, esta que é ao mesmo tempo apontada nas estatísticas como maior vítima da violência. Agravando a situação, vi colegas que também trabalham com adolescentes em cumprimento de Medida Socioeducativa⁴, apresentarem discursos semelhantes, fazendo-me sentir no dever de intervir de alguma forma. Mas, o que faz com que as pessoas se sintam autorizadas para expressar tanto ódio? O que tem sido feito para combater essas práticas? Quais outras ações seriam possíveis para combater o discurso de ódio?

¹ Fontes: <http://goo.gl/b96nWR>, <http://goo.gl/tRn9pK> e <http://goo.gl/7WTzFg>. Acesso em: 11 jan. 2019.

² Este item será mais bem desenvolvido na Revisão Bibliográfica.

³ Optei aqui pela expressão “que cometem atos infracionais” e não “autores de atos infracionais” ou “em situação de conflito com a lei”. A segunda expressão parece definir o sujeito pelo ato cometido e a terceira parece depositar a exclusividade do problema no adolescente, situando-o, ainda que momentaneamente, no lugar de fora da lei, dito de outra forma, bandido.

⁴ O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990) prevê, no caso de prática de ato infracional, a aplicação de Medidas Socioeducativas a adolescentes; considerando neste caso como criança a pessoa com até doze anos incompletos e adolescente aquele entre doze e dezoito anos incompletos, podendo, em algumas exceções, tais medidas vigorarem até os 21 anos.

As adolescências e as juventudes, de forma geral, já são categorias vistas de forma bem preconceituosa no senso comum⁵. “Aborrecentes”, revoltados, desrespeitosos, descompromissados. Quando se fala em adolescentes envolvidos com o “crime”, o quadro fica ainda mais sério. É histórica a criminalização da pobreza e a juventude negra é a maior vítima de crimes violentos, mas o preconceito os torna os maiores culpados. (VOLPI, 1999; FISCHER, 2012). Bordões ou enunciados mais cruéis, como os que foram transcritos no primeiro parágrafo, ganham força sempre que surge uma notícia nova sobre atos cometidos por adolescentes. Basta lembrar, a exemplo, do caso que ocorreu em 2017 de um adolescente que teve sua testa tatuada e percorreu o *Facebook*⁶.

Uma pesquisa do DataSenado⁷ mostra que 87% dos entrevistados são a favor da redução da maioridade penal e 75% é a favor da prisão perpétua. Outra pesquisa, realizado pelo IBOPE⁸, aponta que 50% dos entrevistados concordam com a afirmação de que “bandido bom é bandido morto”. Por outro lado, o Mapa da Violência (WASELFISSZ, 2016) mostra que a maioria das vítimas de homicídio por arma de fogo é do sexo masculino (94,4% em 2014), jovem (59,7% em 2014) e negra (taxa de 27,4 em 100 por mil habitantes em 2014), sendo que a vitimização negra é 158,9% maior que a vitimização branca. Mas, qual o perfil do adolescente que comete atos infracionais? Segundo dados do Centro de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional de Belo Horizonte (CIA-BH, 2017), a maioria é do sexo masculino (86,4%), negro (75,76%), oriundo de escolas públicas (93,94%) e sem nenhuma renda (59,19%). Os dados nacionais (BRASIL, 2018) também mostram que a maior parte é do sexo masculino (96%) e negro (61,03%).

Baseando-se em dados como esses, segundo Jayme et al. (2018, p. 35), investe-se em repressão e punição e com isso aumentam os gastos com segurança pública, sem que haja uma redução da violência. O que demonstra um desgaste do atual paradigma do sistema jurídico. Indo além, apesar de apresentadas essas estatísticas, Souza (2009) analisa esse tipo de forma de lidar com os dados e alerta que não caímos em interpretações que chama de pseudociência.

Fragmenta-se o conhecimento, isola-se o que não pode ser isolado, e depois produzem-se estatísticas sobre coisas que nunca se compreendeu. O círculo do

⁵ Esse tema será mais bem discutido na Revisão Bibliográfica.

⁶ Fonte: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/tatuador-e-presos-por-tortura-apos-escrever-eu-sou-ladrao-e-vacilao-na-testa-de-adolescente-no-abc.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2019.

⁷ Fonte: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetado/publicacaodatasetado?id=proposta-de-reducao-da-maioridade-penal>. Acesso em: 11 jan. 2019.

⁸ Fonte: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/brasil/2018/03/ibope-50-dos-brasileiros-acham-que--bandi-o-bom-e-bandido-morto-1014121498.html>.

embuste retórico se fecha: o especialista faz gráficos e estatísticas sobre o que não compreendeu e o leitor ou ouvinte leigo faz de conta que entende o simulacro de conhecimento que lhe é apresentado. (SOUZA, 2009, p. 22).

O autor chama atenção para a necessidade de que sejam questionados os próprios métodos empíricos. “Por que chamar de violência apenas aquilo que a TV, os jornais e revistas, na sua busca frenética de manipular o medo público de modo sensacionalista como meio de angariar clientes e lucro, chamam de violência?” (SOUZA, 2009, p. 98). Há uma violência silenciosa, o racismo, as humilhações e os preconceitos cotidianos. Nesse sentido, Zizek (2014) aborda o que chama de uma violência sistêmica, objetiva, invisível, “[...] que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político”. (ZIZEK, 2014, p. 17).

Outro fator que fez com que se pensasse nessa temática é que, não foram encontradas análises sobre discursos de ódio sobre adolescentes que cometem atos infracionais, nem mesmo discursos na *internet* sobre adolescentes. Em levantamento bibliográfico no *site* do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT),⁹ na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações foram identificados 35 trabalhos com relevância considerável utilizando como campo de busca “discurso de ódio”, “ato infracional”, “adolescente” e “menor infrator”, “redução da maioridade penal”, “comentário” e “*facebook*”, “redes sociais”. No *Google Acadêmico* foram encontrados outros 43 estudos, dentre artigos, dissertações e teses.

Foi encontrada quantidade relativa de estudos analisando o discurso em sentenças (AGUIDO, CHACAM; FAZZI, 2013; MELO; VALENÇA, 2016; MENDES, 2008), o discurso dos adolescentes (MOREIRA et al., 2015) ou mesmo o discurso na mídia, como na televisão e cinema. (FISCHER, 2012). Geralmente, com abordagem psicanalítica, os estudos sobre adolescentes costumam abordar questões como o par-amoroso entre as adolescentes em cumprimento de medida (SOUZA; LIMA, 2015) e parcerias amorosas com envolvidos na criminalidade. (SILVA, 2015).

Foi abordado o ódio nas redes sociais destinado a adolescentes que cometeram atos infracionais. Em “A Vida dos Homens Infames” (FOUCAULT, 2006), os infames eram pessoas que teriam desaparecido se não tivessem confrontado com o poder. É esse encontro com o poder que nos deixou o registro de suas existências. Aqui, encontram-se novamente os infames, dessa vez, nomeados adolescentes, “menores”, “infratores”. Ao serem atravessados pelo poder do Estado e pelo ódio na *internet*, deixam a luz de sua radiografia de alguns tristes

⁹ Trabalhos levantados até o dia 28/08/2016. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>.

segundos de fama na escura brevidade de sua existência. Assim, propõe-se a reflexão sobre essas experiências em suas singularidades. Interessam-nos dois sujeitos: aquele que destila o ódio e sua vítima.

No momento em que o presente trabalho trouxe a pretensão de, dentre outros objetivos específicos, identificar, através do discurso dos *haters*¹⁰ de adolescentes que cometem atos infracionais, os elementos da genealogia da ética foucaultiana, justifica-se a escolha de autores como: Candioto (2013), Pelbart (2015) e Favacho (2016). Valendo ainda buscar as contribuições de autores que tratam da questão da violência e punição como: Agamben (2002), Foucault (1987; 1999), Zizek (2014).

Como a questão da tecnologia e da cibercultura atravessa este trabalho, também foi necessário retomar e discutir autores como: Levy (2000); Lemos (2003); Giddens (1991); Castells (1999); e Agamben (2009), que analisam a modernidade, a pós-modernidade, a globalização e a contemporaneidade. Também passou pela discussão sobre o uso de redes sociais digitais, recorrendo especialmente a Recuero (2017). Para tratar do ódio, recorre-se a Karnal (2017); Santos (2016); Nicácio (2017); Brugger (2007); Gay (1992); Souza (2009; 2016) e outros. Restando também discutir sobre as adolescências e as juventudes, buscou-se referência em autores como: Ariès (1981); Cole; Cole (2004); Dayrel (2009); e Le Breton (2017).

A proposta de pesquisa e de produção articulam o gosto e a inquietação a respeito das tecnologias em educação e o trabalho com adolescentes em cumprimento de Medida Socioeducativa, ou de forma mais ampla, em situação de vulnerabilidade social. Acreditando que o ódio se ensina e que a *internet* o potencializa, mas também que a educação, ao lado da coerção, é um dos eixos de combate ao ódio; a linha de pesquisa “Educação Tecnológica e Sociedade” é a que mais se adequa à proposta do projeto e de minhas motivações, justificando assim as razões dessa vinculação.

Buscou-se realizar uma pesquisa-experiência inspirada na ética foucaultiana, combinando procedimentos da netnografia, autonetnografia, da análise de redes sociais e do estudo de caso, tomando como materialidade os textos extraídos de reações a notícias veiculadas no *Facebook* sobre adolescentes que cometeram atos infracionais. Esses procedimentos serão melhores discutidos nas páginas seguintes.

¹⁰ Em português, algo como “odiador”. “Os *haters* são pessoas que violam as regras de gentileza e de comportamento civil para chamar a atenção. Por isso, o termo *hater* é tão pejorativo, pois se refere às pessoas que expressam ódio nos espaços de interação e conversação”. (AMARAL; COIMBRA, 2015, p. 300).

O que seria possível apreender dos comentários de notícias no *Facebook* tratando de adolescentes que cometem atos infracionais? E notícias sobre a própria redução da maioridade penal? Analisar estas questões é essencial para ampliar a discussão sobre o adolescente em conflito com a lei e repensar o sistema de garantia de direitos e a legislação vigente.

Estariam os enunciados dos discursos sobre o adolescente que comete atos infracionais relacionados a enunciados de outros discursos como os presentes na chamada Doutrina da Situação Irregular¹¹? Dialoga-se, por exemplo, com as noções de Estado de exceção e vidas nuas (AGAMBEN, 2004), banalidade do mal (ARENDDT, 1999) e os “infames” (FOUCAULT, 2003). Partiu-se da hipótese que há um discurso de ódio (BRUGGER, 2007) que propaga uma noção do adolescente ainda visto como “menor”, como delinquente, argumentando-se que as redes sociais digitais têm escancarado um lado perverso do humano. Discursos buscam produzir um outro a ser recolhido, exterminado, punido, destituído de humanidade, demonizado. Entendendo-se que é necessário investigar as práticas (sistemas de pensamento) dos sujeitos que reagem como *haters*.

A questão do método nesta pesquisa sempre foi um tanto complexa e passou por redirecionamentos. Acredita-se que ela foi, em alguma medida, algo tácito. Por mais que Foucault explique minuciosamente seus passos, há uma série de dúvidas que vão desde a questão da coerência metodológica (afinal, posso fazer de Foucault uma caixa de ferramentas como ele fez com Nietzsche e dialogar com outros autores mantendo a coerência?), até pontos mais práticos: como seria o passo a passo de tal pesquisa? Como apontado por Bondia (2002, p. 24), o “[...] sujeito moderno se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação”. Somente na esfera do agir e da prática no campo da pesquisa (no caso, no ciberespaço) que foi possível uma real compreensão de como realizar os procedimentos.

A abordagem qualitativa se mostrou mais adequada ao estudo em função das possibilidades oferecidas por esses procedimentos e da concepção do problema da presente pesquisa. Essa abordagem permite, mesmo trabalhando com um volume pequeno de textos ou com a eleição de um único caso, fazer profundas análises. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999, p. 58) nomeiam qualitativa a “[...] pesquisa cujo objetivo é compreender da maneira mais profunda e fiel possível, o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrevem em que consistem estes mesmos significados”. Segundo Gatti (2002, p. 63) o

¹¹ Concepção jurídica predominante anterior ao Estatuto da Criança e do Adolescente, no qual crianças e adolescentes eram tratados por estar em situação irregular, independente de práticas de crimes. Focava-se em ações assistencialistas e punitivas, tomando crianças e adolescentes como “menores”.

método não sendo “[...] roteiro fixo, é uma referência [...]”, podendo ser construído na prática, portanto, em construção.

Procurou-se combinar procedimentos e atitudes da netnografia e da autonetnografia. A netnografia nasce de uma transposição da etnografia para o mundo virtual. Teria essa expressão sido cunhada pela primeira vez 1995 por pesquisadores americanos. (BRAGA, 2007, p. 05). Além do objeto de pesquisa, o próprio ciberespaço e a cibercultura se configuram como objetos intrínsecos na sua relação com as culturas. A netnografia se adapta aos contextos onde é utilizada. (HINE, 2000). Apesar de manter as premissas básicas da tradição etnográfica, faz-se necessário incluir outros procedimentos referentes aos objetos a serem pesquisados (AMARAL; NATAL; VIANA, 2005).

Dentre as vantagens da netnografia, pode-se citar a economia de tempo e deslocamento; o fato de ser menos invasiva (o pesquisador observa, sem necessariamente incomodar os pesquisados) e menos artificial, por não fabricar um cenário próprio para a pesquisa. (KOZINETTS, 2002). Outra vantagem é com relação aos dados, pois muito do material a ser utilizado na pesquisa já estará transcrito na *internet*. Esse instrumento metodológico deverá ser agregado às notas de campo e aos “[...] artefatos da cultura ou comunidade, tais como *downloads*, *e-mails*, imagens e arquivos de áudio e vídeo [...]” (CARVALHO, 2006, p. 8), pois os diálogos no ciberespaço têm a desvantagem de não acompanharem os sentidos trazidos pelos gestos e expressões.

Ao contrário do que é realizado nas pesquisas etnográficas, “[...] não vivenciamos o cotidiano do grupo com o qual atuamos. Não trabalhamos com eles; não comemos com eles; não relaxamos com eles”. (AGAR, 1996, p. 6, apud JAYME et al., 2018, p.116). Seria como investigar subjetividades sem sujeitos, mas o que se defende é que seja possível fazê-lo através das práticas. As práticas que os sujeitos anunciam, prescrevem, demandam, confessam em seus discursos. Afinal, Foucault analisou, por exemplo, a história da sexualidade, desde a Grécia Antiga.

Pretendia-se, a princípio, analisar, por meio da análise do discurso de inspiração foucaultiana as reações a publicações em páginas do *Facebook* como “Rádio Itatiaia”, “Jornal o Tempo”, “Caneta Deserquedizadora”, “Olavo de Carvalho”, “Bolsonaro 2.0”, “Socialista de *iPhone*”, “Faca na Caveira”, “Golpe Militar”, “Ter Opinião não é Crime”, “Editora Humanas” e “Politicamente Incorreto” em função da popularidade destas páginas, do conteúdo compartilhado nas mesmas (geralmente conservador, preconceituoso e com uma pretensa fala franca). Devido às restrições impostas pelo próprio *Facebook* ao pesquisar e extrair dados manualmente, a pretensão inicial seria de analisar postagens dentro de um recorte temporal

entre janeiro de 2017 a outubro de 2018. Seria difícil acessar dados anteriores a isso e o prazo limite é para que se tivesse um tempo hábil para a análise.

Ao iniciar o processo de pesquisa, como descreverei adiante, se mostrou relevante eleger um caso a ser analisado, bem como realizar um deslocamento para procedimentos inspirados na genealogia da ética foucaultiana. Mas, por se tratar de discursos de ódio, por que não fazer análise de discurso? Por que analisar práticas inspirando-se na ética foucaultiana? Entendo como um salto dos enunciados para as forças, as práticas, os sistemas de pensamento, pois nem tudo é dito. É necessário desconfiar de tudo.

A seguir trarei considerações sobre a análise de discurso, mais especificamente, a de inspiração foucaultiana, para que, em outro capítulo aborde mais a fundo a genealogia da ética foucaultiana. Acredito ser necessário trazer os elementos das duas perspectivas, até mesmo porque esses dois diferentes momentos de Foucault não são tão claros. É também um autor que se reposiciona e faz autocríticas no decorrer de suas obras.

Embora Foucault não tenha feito análise em redes sociais digitais, o fato de os gêneros encontrados nessas terem velhas bases e serem cronotópicos (como será abordado a seguir), nos permite fazer análises de inspiração foucaultiana. No entanto, é preciso articular com outras ferramentas metodológicas que dão conta das especificidades do ciberespaço e das novas relações que os sujeitos passam a estabelecer.

Com relação às ferramentas analíticas foucaultianas de análise do discurso foi necessário consultar obras de Foucault (1971; 1986), Fischer (2012), Orlandi (2007), Revel (2011), dentre outros. Como abordado por Foucault, os discursos podem ser mais bem analisados pela descrição dos enunciados. Foucault não se preocupa com o já dito, nem com o jamais dito, mas com o dito: os discursos efetivamente pronunciados. O dito é não oculto, mas ao mesmo tempo não visível (inicialmente); isso porque o autor considera que há ausências (e não ocultamentos) que, pela sua historicidade, acabam por se naturalizarem, dessa forma não mais se percebe o dito; ele nos escapa estando diante de nossos olhos. Assim, “[...] nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento”. (FISCHER, 2001, p. 198). Já para Bakhtin, “[...] um observador só enxerga a cultura alheia quando se coloca de um ponto de vista exterior a ela”. (MACHADO, p. 160).

“Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”. (FOUCAULT, 1986, p. 135). Em Foucault, os discursos são finitos, históricos; funcionam em determinados momentos históricos, têm uma temporalidade. Submetem os sujeitos, seus corpos como a materialidade que demandam. O enunciado não é

só linguístico, “[...] não está circunscrito na frase (gramática), na proposição (lógica) ou na interpretação (sentido)”. (FAVACHO, 2012, p. 39). Também não é só material; é antes de tudo uma função que cruza um domínio de estruturas e está situado no tempo e no espaço. Os enunciados se apoiam em outros enunciados; possuem relação com a materialidade; possuem referentes e sujeitos que o afirmam, sujeitos dispersos, múltiplos. Com relação ao conceito de comentário, para Foucault (1971, p. 24), o comentário deve, num paradoxo, “[...] dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito, e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito”.

Segundo Foucault (1986, p. 167), “[...] a ordem arqueológica não é nem a das sistematicidades, nem a das sucessões cronológicas”. O autor se aproxima da noção de método enquanto “[...] perspectiva de trabalho”. Para Veiga-Neto (2009, p. 92), “[...] as máximas foucaultianas constituem uma teoria e apontam um método ou, talvez melhor dizendo, constituem uma teorização - como um conjunto aberto/inacabado de práticas que se valem de diferentes métodos”.

Nessa perspectiva, pretendia-se buscar a novidade e as recorrências nos discursos, não tratando somente do que é novo e do que se repete nos discursos, mas levando em conta o contexto de (re) produção dos mesmos. Sendo assim, não se tratava de analisar os textos por eles mesmos já que, para a análise de discurso, é importante multiplicar relações, “[...] situar as coisas ditas em campos discursivos, extrair delas alguns enunciados e colocá-los em relação a outros”. Por que se diz isso neste lugar, neste tempo, desta forma e não em outros lugares e tempos? (FISCHER, 2001, p. 205).

O que levou a que fosse dito o que foi dito? Para Foucault (1986, p. 114), “[...] não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis”. Já para Bakhtin, o dialogismo “[...] define o texto como um ‘tecido de muitas vozes’”. (BARROS, 2005). O autor chama atenção para o diálogo tanto entre os discursos, quanto entre os interlocutores.

Qual a história desses discursos? Que rupturas instauram? Que efeitos operam sobre os corpos? Haveria um processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente. (FISCHER, 2001, p. 94). Mas, por onde começar? Pelo presente. Pelo que se diz hoje, murmúrios de nossa época, “[...] para só então definir um corpus que permita apanhar a história de um determinado objeto”. (FISCHER, 2001, p. 93).

Para Bourdieu e Boltanski (1975, apud GNERRE, 1998, p. 29). Haveria uma “[...] amnésia de gênese [...]”, uma “[...] curta memória social e histórica que permitiria um tipo de

legitimação que não seria possível se a origem das instituições e o seu significado e função fossem perfeitamente explícitos para todos”. A pesquisa, nesse sentido, buscaria retomar essa memória, resgatando origens e recorrências históricas.

Mas seriam as redes sociais digitais suportes e/ou gêneros textuais? Bakhtin nos lembra de que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, abrindo assim um paradoxo no qual relata a estabilidade dos gêneros, mas que traz em sua definição a possibilidade de mudança. Assim, por meio da negociação e adequação tipológica, existe uma regulação do funcionamento dos gêneros. Portanto, “[...] não há só a questão da produção adequada do gênero, mas também um uso adequado”. (MARCUSCHI, 2005, p. 34). Pode-se articular essa ideia com a noção de contrato comunicativo de Patrick Charaudeau. Para o autor, a situação de comunicação “[...] é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 67).

Como apontado por Marcuschi (2005), os gêneros são construções socio-históricas. Podem surgir e desaparecer. A tecnologia permite uma ampliação das possibilidades de gêneros. A cultura impressa e a cultura eletrônica, nos dizeres de Marcuschi, tiveram um impacto quanto à explosão do surgimento de novos gêneros. Embora surjam novos gêneros, eles possuem uma mesma base, sendo espécies de releituras de seus antecessores ou inspiradores. Bakhtin nomeia esse fenômeno de transmutação dos gêneros. O autor também afirma que os gêneros se constituem a partir de situações cronotópicas, “[...] sendo capazes de romper os limites do presente onde surgem. Reportam-se tanto ao passado quanto ao futuro, ao devir”. (MACHADO, 2008, p. 159).

No entanto, há diferentes perspectivas em Bakhtin e Foucault. Marcuschi (2005, p. 24), trabalhando a partir de Bakhtin, define discurso como “[...] aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim o discurso se realiza nos textos”. Bakhtin considera os gêneros como tipos de enunciados.

Por se tratar de uma imersão sem uma interação direta com os envolvidos na pesquisa, aponto que não se trata inteiramente de uma netnografia, devido a essa interação ser um requisito desta. No entanto, a netnografia permite observar, no cotidiano do ciberespaço, o desenrolar das tramas, o imprevisível, incontrolável, o diverso e o singular. (ROCHA; MONTARDO, 2005, p. 10). Entende-se que a experiência netnográfica, assim como a experiência etnográfica é descontínua, imprevista. Com a imersão no *lócus* de pesquisa, inicialmente surgem as experiências etnográficas de primeira impressão e, após os estranhamentos e deslumbramentos iniciais, surgem as experiências reveladoras.

(MAGNANI, 2009). Dessa forma, o tempo de imersão na pesquisa se configura como um fator importante a ser considerado.

Quanto à autonetnografia,

[...] é aqui compreendida como uma ferramenta reflexiva que possibilita discutir os múltiplos papéis do pesquisador e de suas proximidades, subjetividades e sensibilidades na medida em que se constitui como fator de interferência nos resultados e no próprio objeto pesquisado. Essa ferramenta também é focalizada e compreendida como possibilidade de relato escrito em primeira pessoa, na qual elementos autobiográficos do pesquisador ajudam a desvelar diferentes contornos e enfrentamentos do objeto de pesquisa em um fluxo narrativo de cuja análise sujeito e objeto fazem parte. (AMARAL, 2009, p. 15).

Entendo que a autonetnografia, ao trabalhar com uma narrativa escrita em primeira pessoa, permitirá um diálogo com a experiência de si foucaultiana, abrindo espaço para uma colocação do sujeito na pesquisa, mas que transcende para um si ao se historicizar. Em meu percurso de pesquisa experiência, combinei características do *flâneur*, e do *pesquisador-insider*.

O primeiro, inspirado em Baudelaire, diz respeito ao vagar, passear pelos territórios, no caso, o do ciberespaço. Não se trata de um *voyeur*, mas um observador atento, curioso. O *flâneur* vê a cidade sem disfarces. (BENJAMIN, 2000, p. 56). Tem à sua disposição a cidade e sua história: “[...] ele despreza a história convencional que afasta do concreto, mas fareja na história a cidade e a cidade na história”. (ROUANET, 1992, p. 50).

O segundo, o *pesquisador-insider*, para Hodkinson (2005), designa situações etnográficas caracterizadas por uma proximidade cultural entre o pesquisador e os pesquisados. Assim, não se tratam de antropólogos imersos em tribos, por exemplo, mas de um pesquisador oriundo de um mesmo “nicho” cultural e étnico dos pesquisados. Mas, mesmo assim, o pesquisador precisa ser simultaneamente um estranho e um nativo. (HINE, 2000). Assim, é preciso exercitar o olhar, pois somos traídos pela nossa percepção, mas também pelos preconceitos que carregamos. Deve-se fazer o difícil exercício de “[...] transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico [...]” (DA MATTA apud VELHO, 2000, p. 128), dosando o distanciamento (ou aproximação) com os objetos/sujeitos da pesquisa.

Kozinets (2007) aborda quatro procedimentos básicos de metodologia da transposição da etnografia para a netnografia. São elas: “*Entrée* cultural; coleta e análise dos dados; ética de pesquisa; e *feedback* e checagem de informações com os membros do grupo”. Assim, inicialmente houve uma preparação para a imersão na pesquisa. Posteriormente, os dados

foram coletados durante a imersão, levando-se em conta as questões éticas da pesquisa. O quarto procedimento apontado por Kozinets não foi realizado em função da maneira como a pesquisa foi conduzida (sem interação entre pesquisador e pesquisados).

A análise de redes sociais é uma abordagem, não um método. Ela tem sido usada tanto com análises quantitativas, quanto qualitativas. “A Análise de Redes Sociais (ARS) é uma das perspectivas de estudo de grupos sociais que permite sua análise sistemática a partir de sua estrutura, através de medidas específicas para esta. É uma abordagem que tem suas raízes na sociometria e na teoria dos grafos, de viés matemático, para analisar relações sociais”. (RECUERO, 2017, p. 9).

A ARS representa grupos por sociogramas e que permite sua análise por meio das métricas das estruturas que formam. É possível analisar o número de conexões; se as interações são amigáveis ou hostis, o grau de influência dos atores e suas capacidades de manter a rede. É importante que “[...] o objeto de trabalho tenha uma estrutura mapeável e que esse mapeamento seja útil para a compreensão do fenômeno que o pesquisador visa investigar”. (RECUERO, 2017, p. 19).

Foi utilizado um *software* de coleta de dados (*crawler*) dentro do próprio *Facebook* chamado *Netvizz*¹². Após coletados, os dados foram submetidos aos *softwares Iramuteq*¹³ e *Excel* para a seleção da segunda parte do *corpus*, considerando a recorrência e a relevância de determinados termos (tais critérios e a descrição de como foram realizados tais procedimentos serão mais bem explanados no Capítulo 4). Essas informações foram consideradas ao tratar os conteúdos das postagens (tanto imagens, quanto textos), para então serem problematizados a partir da ética foucaultiana. Uma questão fundamental para ser considerada na coleta de dados é a privacidade dos atores – é sempre importante anonimizar os dados (pode-se notar no caderno de campo que consta como apêndice, que as menções a nomes de usuários foram ocultados nos comentários); a disponibilização dos bancos de dados utilizados também é muito comum.

Foi feito um levantamento da materialidade com comentários e reações a postagens envolvendo adolescentes que cometeram atos infracionais e criado um banco de dados. A quantidade de comentários selecionados não foi definida *a priori*, mas houve uma delimitação do tempo de imersão, sendo de agosto de 2018 (logo após a qualificação) até outubro de 2018.

¹² “*NetVizz* (<https://apps.facebook.com/netvizz/>): Funciona via *Facebook* e para o *Facebook*. Coleta dados de grupos e de páginas de busca e permite que sejam exportados”. (RECUERO, 2017).

¹³ *Iramuteq* “é um software gratuito e com fonte aberta [...] que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras. Ele ancora-se no software R (www.r-project.org) e na linguagem Python (www.python.org). Fonte: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>.”

Posteriormente, foram definidos os *corpus* de acordo com o que será mais bem abordado no item 5.2.2. Foram feitos registros em um diário de campo reflexivo, para que fosse possível dar maior confiabilidade e transparência à pesquisa, além de esta ser uma importante ferramenta para recuperação de informações e material de análise para o próprio pesquisador. Após a seleção, organização, classificação e análise da materialidade, foram articulados os dados obtidos com os estudos teóricos procurando assim alcançar os objetivos da pesquisa.

Quanto à metodologia de estudo de caso, Cláudia Fonseca (1998) nos lembra “[...] quando cada caso não é um caso [...]” e as possibilidades trazidas por pesquisas que vão além da esfera individual. Um caso é escolhido por ser único e, ao mesmo tempo, múltiplo. Não se analisa apenas o caso, “[...] mas o que ele representa dentro do todo e a partir daí”. (Ventura, 2007, p. 386).

Acreditando, como Foucault, que a singularidade de uma experiência pode nos dizer muito, é que foi feita a eleição de um caso que pôde ofertar tanto material e tantos elementos para análise. Eleger uma individualidade, um caso particular, não torna o estudo de caso uma tarefa fácil. Deve-se tomar cuidado, como Foucault, duvidando do que é universal, valorizando a singularidade de cada caso, sem sacralizá-los, evitando “generalizações sociológicas”.

É necessário seguir uma série de procedimentos e evitar que o envolvimento do pesquisador no caso possa fazer com que se chegue a falsas certezas sobre ele. Assim, nos moldes do que é apontado por Ventura (2007) se fez necessário passar por quatro fases: delimitação do caso; coleta de dados; seleção, análise e interpretação dos dados e, por fim, elaboração do relatório do caso. Seguindo as orientações de Fonseca (1998, p. 76) estratégias como o estranhamento, a esquematização, a desconstrução de estereótipos e a comparação sistemática entre casos são de extrema importância na condução da pesquisa.

É fundamental investir tempo na análise dos “melhores” dados. Dessa forma, a seleção dos dados analisados foi de extrema importância. Explicitar os pormenores de todo o processo da pesquisa, cada passo, cada escolha é outra importante sugestão para o rigor científico, pois “[...] sem essa informação é impossível fazer um juízo informado acerca das conclusões do estudo”. (SCHOFIELD, 1993, p. 96).

Uma pesquisa no *Facebook* traz uma série de riscos. O fato de se dar no ciberespaço pode até potencializar problemas éticos. Considerando isso, deve ser explicitada no trabalho a ciência do pesquisador sobre os riscos envolvidos, os cuidados tomados para realização da pesquisa, bem como a firmação do compromisso de interromper os procedimentos da pesquisa tão logo sejam constatadas situações que geram conflitos éticos. Lembrando que, as

“[...] identidades dos sujeitos devem ser preservadas” (BOGDAN; BIKLEIN, 1994, p. 77). Assim, foi mantido o anonimato dos sujeitos pesquisados.

Apesar do Conselho de Ética da UFMG (COEP) ter se posicionado sobre o meu pré-projeto sinalizando a dispensa de submissão devido ao trabalho envolver dados publicizados (consta como anexo o *e-mail* enviado pelo COEP), cabe trazer uma discussão ética, até mesmo para que eu possa me resguardar legalmente. Afinal, considerando que o discurso do ódio pode configurar como crime, a omissão quanto a ele também pode ensejar uma responsabilização criminal. Os trabalhos que envolvem grupos vulneráveis (o que é o caso devido a ser sobre adolescentes e que geralmente são um público em vulnerabilidade social) precisam ter ainda mais cuidados com relação às questões éticas.

Foi também necessário fazer um uso do tempo durante o Mestrado de forma que se torne efetivamente uma experiência no sentido empregado por Bondia (2002). Assim interromper o que nos passa, parar, pensar, olhar com o cuidado de observar, ouvir com o cuidado de escutar, refletir. Que essa experiência não fosse um mero acúmulo de tempo (ou a falta dele), mas tivesse um sentido. Que não se tratasse apenas de seguir um método, fazer experimentos, comprovar ou refutar hipóteses em situações sobre controle, mas criar condições para que aquilo que se passasse no cotidiano sempre pudesse nos transformar em profissionais melhores.

A presente escrita teve a difícil pretensão de se fazer leve para que fosse lida em uma rede a balançar, mas que o peso de suas ideias possa fazer florescer, fabricar, encenar ideias que nos levem para além dessa calma até uma densa e, talvez, perigosa floresta inexplorada de pensamentos que nos transformem. Que, ao refletir sobre o outro, saíamos outros ao final da escrita/leitura. Pretendeu-se, portanto, que esta escrita fosse uma experiência, no sentido foucaultiano do termo.

Em conformidade com o exposto acima, circunscreve-se o seguinte problema de investigação do presente estudo: como se conduz eticamente o sujeito que, no *Facebook*, reage com discurso de ódio a postagens sobre adolescentes que cometem atos infracionais?

Partindo do problema acima, outras questões poderão ser analisadas como: quais são as prescrições, proibições e regras? Quais estratégias (práticas de liberdade) os sujeitos *haters* e *trolls*¹⁴ adotam para transgredi-las? Que subjetividades são demandadas nos discursos de ódio analisados? O grau de abertura e controle nas redes sociais digitais e a confiança nesses sistemas influencia no que é dito? Como o discurso de ódio era praticado antes na história e

¹⁴ Essas categorias serão abordadas no Capítulo 4.

em outros lugares? O que permitiu a emergência da categoria discurso de ódio? Essa experiência dos *haters* aprofunda a normalização ou abre espaço para transgressões? Ela joga com o mínimo de dominação? Ela se livra ao máximo de determinar a conduta do outro? Discursos que se nomeiam a favor da liberdade caminham para novas submissões? Como, em razão de que e a favor do que os sujeitos disseminam discursos de ódio sobre adolescentes? Em que acreditam e o que fazem para colocar em prática o que acreditam os *haters*? Existe alguma hierarquia ou escala de valor no pensamento desses sujeitos? Qual seria ela? Como se proliferam, são reinventados ou ressignificados? Que experiência de ódio é essa que nos convida a dizer a “verdade” sobre nós e sobre o outro? Afinal, qual é o desejo do discurso de ódio e por quais tecnologias se compôs no ocidente? Que experiências ou saberes nascem diante do enfrentamento (ou não) dos discursos de ódio? Que tipo de saber essa experiência convoca e provoca? Que resultados elas produzem nos adolescentes e nos próprios *haters*?

Alves-Mazzotti (2001, p. 49) ressalta a responsabilidade dos pesquisadores da área da educação, a fim de substituir “[...] as improvisações e os modismos que têm guiado as ações em nossa área”. Entende-se, portanto, que este trabalho possa contribuir para uma reflexão mais profunda acerca do ódio em redes sociais sobre adolescentes que cometem atos infracionais. Podem-se encontrar elementos que favoreçam a criação e/ou readequação de políticas e maiores exigências na tentativa de regular e avaliar tais recursos. O ideal é que as descobertas propiciadas pelo estudo vençam as paredes das instituições e façam valer sua relevância social.

Não se espera que a pesquisa aponte para a necessidade de um maior policiamento da *internet*, mas que forneça elementos para problematizar se, e como, a *internet* potencializa o discurso de ódio. Não se trata, portanto, do mero depósito de esperança nos mecanismos jurídicos e políticos de controle, coerção e punição. Como será abordado adiante, acredita-se, assim como Foucault, que o ideal do funcionamento de qualquer sistema é que ele jogue com o mínimo possível de dominação. Espera-se poder refletir sobre a relação ética dos sujeitos consigo mesmos e com os outros, experienciando assim relações de autonomia e de práticas de liberdade.

O objetivo geral dessa pesquisa é problematizar como se conduz eticamente o sujeito que, no *Facebook*, reage com discurso de ódio a postagens sobre adolescentes que cometem atos infracionais.

Os objetivos específicos são: Identificar, através do discurso dos *haters* de adolescentes que cometem atos infracionais, os elementos da genealogia da ética foucaultiana: a substância ética; os modos de sujeição; o trabalho ético; a finalidade e o perigo; bem como,

criar outras categorias que possam ser pertinentes para analisar a ética desses sujeitos, bem como refletir sobre o combate ao discurso de ódio pelas vias da coerção e da educação, considerando a abordagem da justiça tradicional, a justiça restaurativa¹⁵ e a utilização da Comunicação Não-Violenta (CNV)¹⁶.

A dissertação está estruturada dentro dos seguintes capítulos: 1) Introdução; 2) Ciberespaço, cibercultura e redes sociais digitais; 3) O ódio, o discurso de ódio, o estado de exceção e a banalidade do mal; 4) A Problemática da Ética; 5) Experiências éticas do ódio aos adolescentes em redes sociais e 6) Considerações finais.

No Capítulo 2, serão explicitadas as questões referentes à cultura digital e que permeiam as relações no ciberespaço. Abordam-se conceitos como cibercultura, ciberespaço, redes sociais digitais e *gadgets*. Também são feitas discussões sobre juventude, adolescência, governo algoritmo e desinformação.

No Capítulo 3, é abordada diretamente a discussão sobre o ódio e temas pertinentes que o atravessam como a violência, a banalidade do mal, o Estado de exceção a violência, o *punitivismo*, as práticas de *justiçamento*, o discurso de ódio em si e como ele se dá no ciberespaço.

No Capítulo 4, retomam-se brevemente discussões sobre a ética desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade, passando por Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Kant, Jonas, dentre outros. Em seguida, aborda-se a ética foucaultiana a definição de seu quadro ético: substância ética, modos de sujeição, trabalho ético, finalidade e perigo.

No Capítulo 5, são apresentados de forma detalhada o percurso metodológico, os dados encontrados com as respectivas discussões e análises. É trazido um quadro ético de inspiração foucaultiana e são realizadas experiências, ficções que visam nos tirar do lugar-comum para que possamos enxergar aquilo que já não podemos ver: o ódio já banalizado contido nos comentários.

No Capítulo 6 o último, busca-se sintetizar os resultados obtidos com as discussões e as experiências éticas realizadas pelo autor, indicando possíveis saídas para o combate ao ódio e a construção de uma cultura de paz. Insta salientar que, no Apêndice I, é trazida a concepção do Produto Educacional desenvolvido durante esta pesquisa, trazendo os *links* para acessá-lo.

¹⁵ De acordo com Highton, Álvarez e Gregório (1998, p. 77, apud JAYME et al., 2018, p. 5) a justiça restaurativa é “[...] uma filosofia, uma atitude, um modo de pensar e um novo paradigma da forma de enfrentar o delito, desde a perspectiva da vítima, do infrator e da comunidade”. Ela muda o foco da punição do agressor para a restauração dos danos à vítima e à comunidade.

¹⁶ Segundo Rosenberg (2006, p. 21), a Comunicação Não Violenta (CNV) é uma abordagem específica de comunicação “[...] que nos leva a nos entregarmos de coração, ligando a nós mesmos e aos outros de maneira tal que permite que nossa compaixão floresça”.

2 CIBERESPAÇO, CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS DIGITAIS

Na contemporaneidade, a *internet* aparece como um espaço onde se torna possível um tipo de interação diferenciado como apontado por autores como Sibília (2016), Lemos (2004) e Levy (2000). Rompem-se as fronteiras, os territórios, os tempos; potencializam-se as capacidades de comunicação e de expressão.

A abertura do canal de emissão permite que qualquer um com acesso à *internet* se torne um autor; permite que qualquer um comente notícias veiculadas. É nesse contexto que se instaura a pretensão deste estudo. Todo esse desenvolvimento tecnológico, dos meios de comunicação e transporte e transformações decorrentes “[...] modelam toda a esfera de comportamento social, inclusive a comunicação simbólica”. (CASTELLS, 1999, p. 35).

No entanto, é necessário diferenciar redes sociais de *sites* de redes sociais. Assim, “O *Facebook*, por si só, não apresenta redes sociais. É o modo de apropriação que as pessoas fazem dele que é capaz de desvelar as redes”. (RECUERO, 2017, p. 13). As redes sociais digitais, segundo Dias (2011, p. 1), “[...] são ambientes virtuais nos quais sujeitos se relacionam instituindo uma forma de sociabilidade que está ligada à própria formulação e circulação do conhecimento”.

As redes sociais digitais ganham cada vez mais espaço na vida cotidiana. Estabelecem-se novas práticas, formas de subjetivação, relacionamento, conversação, relações com o conhecimento e, conseqüentemente, com o poder. Rompem-se as fronteiras dos territórios, rompem-se as limitações de tempo. Instala-se uma conexão generalizada e ocorrem processos de desterritorialização e reterritorialização. (LEMOS, 2003). Falou-se aqui das três leis da cibercultura: a reconfiguração (novas práticas e relações); a liberação do polo de emissão (qualquer um pode ser autor); e a conectividade (a conexão generalizada, sendo possível estar só sem estar isolado). (LEMOS, 2003). Mas, o que é ciberespaço? O que é cibercultura?

“O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. (LÉVY, 2000, p. 17). Diz respeito à infraestrutura, às informações e os sujeitos que nele navegam. Assim, o ciberespaço seria norteado por três princípios: interconexão, criação de comunidades virtuais e inteligência coletiva. (LÉVY, 2003). Nesse contexto, surge a cibercultura, que designa “[...] a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que

surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70”. (LEMOS, 2003, p. 12).

Considerando o exposto, as redes sociais *online* surgem como um espaço que potencializa a comunicação, onde há um tipo específico de conversação que se espalha pelas redes através dos compartilhamentos e “retuítés¹⁷” com gírias, *internetês*¹⁸, curtidas e *memes*¹⁹. Trata-se de uma nova forma de conversação: a conversação em rede. Segundo Recuero (2015, p. 2), “[...] práticas coletivas, onde a conversação é acessível a diferentes grupos, interconectado dentro de uma mesma rede, cuja infraestrutura está proporcionada pelos sites de rede social”. O *lócus* de pesquisa escolhido foi o Facebook, pois se trata de, segundo Patrício e Gonçalves (2010, p. 594), “[...] um espaço de encontro, partilha [...]” e “[...] discussão de ideias”.

Se Debord (2000) evidencia o que chamou de sociedade do espetáculo, Paula Sibília (2008) anuncia o que chama do espetáculo de si ou o show do eu. As redes sociais digitais potencializariam a emergência de sujeitos com personalidades alterdirigidas (RIESMAN, 1995), voltadas ao outro, em constante busca por aprovação e reconhecimento. A intimidade passa a dar lugar à extimidade²⁰. As técnicas introspectivas como confissões intimistas, realização de terapias psicanalíticas, diários, cartas álbuns íntimos, passam a dar lugar a formas de espetacularização do eu (SIBÍLIA, 2008), assim, até mesmo a automutilação pode ser uma atividade em busca de reconhecimento do sofrimento pelo outro. Busca-se construir uma imagem de si como “[...] um personagem visível e atraente: uma montagem inspirada nos moldes midiáticos, que seja capaz de conquistar uma audiência disposta a aplaudir e ‘curtir’ o que somos, porque se trata de alguém que precisa se exhibir para confirmar que existe e que é digno de atenção”. (SIBÍLIA, 2015, p. 145).

Foi dito que os pontos abordados acima são próprios da contemporaneidade, mas o que é a contemporaneidade? Agamben (2009, p. 59) a define como “[...] uma relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância”. Para o autor, precisamos distanciar-nos e perceber o escuro do nosso tempo, não suas luzes. É fácil notar

¹⁷ O neologismo “retuíte” ou “*retweet*” diz respeito a replicar algo que já foi compartilhado por outro perfil da rede social *Twitter*.

¹⁸ Linguajar com características próprias comumente utilizadas na internet. Faz uso de gírias, abreviações e utiliza recursos que visam transpor emoções e sensações para a escrita, como o uso de *emoticons* (ícones ligados às emoções), *smiles* (literalmente sorrisos, pequenos rostos que expressam emoções) ou *memes*.

¹⁹ Memes: do grego imitação; da biologia, replicação. Cunhado por Richard Dawkins em 1976, diz respeito a “[...] algo (uma ideia ou uma informação) que se replica no tempo e no espaço”. (HORTA, 2015, p.29). Pode-se entender que ocorre com a recriação excessiva e paródica de imagens e textos nas redes sociais na *internet*.

²⁰ Diz respeito à exposição do que geralmente concebemos como íntimo. Sibília (2008, apud BECKER, 2017) a define como “[...] ato de se tornar visível, espetacularizando o próprio eu e criando uma intimidade que necessita do olhar alheio para confirmar a sua existência”.

um ponto de luz na escuridão, mas é uma tarefa difícil notar o ponto escuro em meio às luzes. Ter coragem de “[...] ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar (2009, p. 63)”. A moda é contemporânea porque está sempre adiantada e atrasada a si mesma, entre um “[...] ainda não [...]” e um “[...] não mais”. Assim, “[...] sua atualidade inclui dentro de si uma parte do seu fora” (2009, p. 68).

Byung Chul Han é um filósofo sul-coreano radicado na Alemanha. Han (2017a; 2017b e 2017c) aborda o amor que, para o autor, diz respeito ao esvaziamento de si para o encontro com o outro. Na atualidade, em tempos de neoliberalismo e do imperativo pelo consumo, não haveria espaço para o outro. O capitalismo, no “inferno do igual” (HAN, 2017c, p. 10), elimina a alteridade e a submete à lógica do consumo. O excesso de exibicionismo, de exposição de si, do culto pela própria imagem faz com que o eu narcísico elimine o outro, transformando-o em uma extensão de si. As diferenças aceitas são as consumíveis. A globalização buscaria eliminar as diferenças, pois, quanto mais formos iguais, mais rápido circulará o capital, da informação e das mercadorias. Buscamos excluir toda a negatividade, afastando a dor, a morte, o luto. A própria saúde torna-se fetiche e o sujeito é visto como empresário de si mesmo.

Estaríamos sendo vítimas de uma autoexploração com tarefas, muitas vezes sem sentido, demandadas por uma conexão permanente? Estaríamos nos explorando, sempre em busca de alcançar objetivos, sem descanso, sem ócio, sem tempos livres, em nome de uma realização inalcançável? Estaríamos nos adoecendo nesse processo? Para o autor, o “Grande Irmão”²¹ digital torna os reclusos (usuários das redes sociais digitais) seus próprios vigias. Somos constantemente vigiados, mas também exercemos a função de vigiar. Submetemos aquilo que achamos inadequado ao linchamento digital. Teclamos ao invés de agir, coincidindo aqui com o que Tiburi (2015, p. 131) chama de ato digital. Para a autora,

[...] ato digital é a nova forma de ato que substitui qualquer realização. Simulação é o nosso novo modo de ser. Em nossa própria ilha, bastamo-nos com atos digitais. Estamos cada vez mais sozinhos, porque, ao falar demais, sem ter nada a dizer, estamos sempre falando sozinhos.

²¹ Referência ao *Big Brother* da ficção distópica de George Orwell 1984 (1949). Irmão mais velho considerando a linguagem coloquial inglesa, dizendo respeito a um personagem fictício que passa a ideia de uma vigilância generalizada por “teletelas”. O termo inspirou o nome do conhecido programa de *reality show* em função das câmeras filmando e transmitindo o cotidiano dos participantes.

Não há exagero em afirmar que presidentes estão sendo eleitos e derrubados com o auxílio da Inteligência Artificial; propagação de “pós-verdades”²²; uso de *bots*²³; *fakes*²⁴; e uso de algoritmos. Quando Foucault previu o perigo de sistemas em que não há possibilidades de resistência, talvez não pudesse ainda prever a realidade que se está vivenciando. É necessário atualizar as problemáticas desse autor na contemporaneidade, afinal, não se pode encontrar “[...] a solução de um problema pela solução de outro problema colocado noutra época por pessoas diferentes”. (FOUCAULT, 1994, p. 386).

Na cibercultura, enfrenta-se o problema da pós-verdade, dos *bots*, dos *fakes*. O surgimento de dispositivos móveis hiperconectados, equipados com uma série de ferramentas que permitem a produção, o quase instantâneo compartilhamento de dados e o armazenamento em nuvem contribuem para o crescente volume de informações, o que tem trazido uma série de problemas. Surgem empresas especializadas na desinformação, na produção e no governo de conteúdos falsos. Por uma série de motivos, pessoas (ou talvez robôs) compartilham falsas notícias cientes (ou não) da sua não veracidade. Como lidar com essas informações? Como diferenciar dados, informações e conhecimento? Como julgar se determinada notícia é verdadeira ou falsa?

Giddens (1991) reflete sobre a confiança nos sistemas abstratos na modernidade. Para o autor, as pessoas têm acreditado cegamente nos sistemas abstratos e essa seria a principal natureza das instituições modernas. A confiança em pessoas seria baseada em compromissos com rosto, já a confiança nos sistemas seria baseada em compromissos sem rosto, assim uma pessoa leiga manteria a fé no potencial dos peritos. Não se sabe o que ocorre nos “bastidores” desses sistemas, pois se soubéssemos, tal confiança poderia ser abalada. Nesse estudo, podemos relacionar o trabalho de Giddens (1991) com a relação dos usuários de redes sociais como o *Facebook*, que acabam confiando seus dados à empresa, sem saber o que efetivamente pode ser feito com essas informações. Há notícias de que a empresa possui um banco de dados até mesmo de vídeos que não são efetivamente postados²⁵ ou de mensagens SMS trocadas pelos usuários através do sistema Android²⁶.

²² Diz respeito a “[...] um substantivo relacionado a ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes em moldar a opinião pública do que apelos emocionais ou crenças pessoais”. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

²³ Robôs. Proveniente do termo “*robot*”. Diz de perfis na *internet* programados por meio de algoritmos para realizar ações automaticamente.

²⁴ Falso em inglês. Diz respeito a perfis falsos nas redes sociais digitais.

²⁵ Fonte: <https://www.tudocelular.com/android/noticias/n122573/facebook-salva-ate-mesmo-videos-nao-publicados.html>

²⁶ Fonte: <https://www.tudocelular.com/seguranca/noticias/n122247/facebook-messenger-registro-dados-chamadas-sms.html>

Assim, cabe trazer o conceito de governamentalidade algorítmica de Antoniette Rouvrouy (p.17).

[...] um modo de governo alimentado essencialmente por dados brutos (que operam como sinais infrapessoais e a-significantes, mas quantificáveis); que afetam os indivíduos sob o modo de alerta, provocando o reflexo, mais do que sob o modo da autorização, proibição ou persuasão, ao se apoiar sobre suas capacidades de entendimento e de vontade; visando essencialmente a antecipar o futuro, a limitar o possível, muito mais do que regulamentar as condutas. Os dispositivos da governamentalidade algorítmica integram o *data-mining*: a exploração das reservas de dados massivos e brutos, que individualmente não possuem nenhum sentido, para a partir deles traçar perfis de comportamento. O *data-mining* permite gerir as pessoas de maneira personalizante, industrial, sistemática e preemptiva, se interessando por elas somente enquanto pertencentes a uma multitude de perfis (de consumidores, de delinquentes potenciais etc.).

Rouvrouy (2013) também trabalha como o conceito de *behaviorismo* de dados que diz respeito à antecipação de dados através da correlação entre eles, não necessitando possuir uma relação lógica. Assim, os dados coletados por uma empresa de cinema podem relacionar, por exemplo, a preferência pelo consumo de uma determinada marca de chocolate com o público que assiste a filmes de romance, sem que seja necessário haver uma explicação lógica para isso. Essa informação fará com que a empresa incentive mais essa relação. O *behaviorismo* de dados não pressupõe hipóteses, apenas traça perfis a partir dos dados e programa ações com base nesses perfis. De nada interessa o sujeito.

É preciso lidar com os perigos de uma relacionalidade não fisicamente habitada, sem a alteridade humana, um povo que falta, um povo em projeto, movido por desejos que nos precedem, calculados e simulados friamente pelas máquinas. Parra (2016, p. 41) adverte sobre os perigos de uma sociedade onde se sabe tudo sobre todos. “Ao contrário do governo pela lei, o governo algorítmico afeta potencialidades em vez de pessoas e comportamentos reais”. (ROUVROUY, 2013, p. 10). Portanto, embora seja extremamente difícil mensurar a influência dessas novas formas de governo da maneira como se realizou o estudo proposto, é necessário considerá-las, assim como a presença de *bots* e perfis *fakes*.

Foucault (2001, p. 1604) refere-se à governamentalidade como sendo o “[...] encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si [...]”, de maneira que, as técnicas de si,

[...] permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.

Assim a governamentalidade relaciona política e ética. Diz de um caráter reflexivo do governo ou a reflexão sobre as práticas de governo. Mas, como funcionam essas problematizações de Foucault no nosso tempo? Quais novos elementos surgem com respeito à governamentalidade, considerando aspectos como as novas tecnologias da comunicação e da informação e o uso de redes sociais digitais?

Recentemente surgiu um escândalo sobre o vazamento (ou venda) de dados dos usuários do *Facebook* para a *Cambridge Analytica*²⁷, empresa essa que teria influenciado na vitória de Trump nas eleições dos EUA e na *Brexit* (saída da Grã-Bretanha da União Europeia)²⁸. Notícias também dão conta de fenômenos semelhantes ocorrendo pelo mundo, inclusive no Brasil, como na atuação de *bots* nas eleições de 2014²⁹ e no processo de *impeachment* de Dilma Rousseff³⁰. Esses casos nos dão um panorama da força envolvida no governo dos dados. Não se pode deixar de lado essa problematização, afinal, até que ponto se está lidando com seres humanos, com robôs ou com uma série de informações veiculadas, direcionadas a um perfil que represento e que buscam fazer com que eu mude ou mantenha determinada opinião?

Mas, afinal, o que quer dizer pós-verdade? Segundo o dicionário Oxford, a pós-verdade (eleita a palavra do ano de 2016), diz respeito a “[...] um substantivo relacionado a ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes em moldar a opinião pública do que apelos emocionais ou crenças pessoais”³¹. Já o termo *fake news* diz respeito à criação e propagação de notícias falsas nas mídias sociais. Elas visam influenciar ou manipular opiniões. (GU; KROPOTOV; YAROCKIN, 2017).

Dar credibilidade e compartilhar notícias e postagens é um ato ético. Diz respeito a participar da divulgação, bem como na contribuição na informação ou desinformação de outras pessoas. Entende-se que deixar-se influenciar é um ato ativo. Compartilhar essas notícias falsas diz respeito também a como os indivíduos levam em conta a reação de sua “audiência”. (RECUERO, 2009). Porém, a desinformação pode estar ligada meramente a uma forma de geração de renda. Criar e incentivar o compartilhamento de alguma notícia falsa

²⁷ Fontes: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751> e <https://oglobo.globo.com/mundo/ex-funcionario-diz-que-cambridge-analytica-teve-papel-crucial-no-brexit-22530107> Acesso em: 11 jan. 2019.

²⁸ Fonte: <https://observador.pt/2018/05/21/estudo-afirma-que-bots-do-twitter-ajudaram-brexit-e-eleicao-de-trump/> Acesso em: 11 jan. 2019.

²⁹ Fonte: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/03/candidatos-postaram-usando-robos-nas-eleicoes-revela-estudo-da-fgv.html>. Acesso em: 11 jan. 2019.

³⁰ Fonte: <https://jornalggn.com.br/noticia/bots-do-psdb-foram-usados-por-movimentos-pro-impeachment> . Acesso em: 11 jan. 2019.

³¹ *Word of the year is*. Oxford Living Dictionary. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016> . Acesso em: 10 abr. 2018.

com o único objetivo de que determinado *site* tenha mais acessos, gerando assim visualizações de anúncios e a consequente monetarização que é paga pelas mesmas. É comum, por exemplo, a criação de notícias falsas sobre processos seletivos ou concursos que visam apenas o acesso a determinado *site*. Conforme Rabin (2017), essa estratégia recebe o nome de *clickbait* (isca de cliques).

Para Ripol e Matos (2017), a disseminação de notícias falsas por falta de reflexão é chamada de “zumbificação da informação”. Tratando o fenômeno como uma doença, os autores fazem uma analogia com as etapas de contágio, epidemia e cura. Nestes termos, caberia ainda pensar na possibilidade de prevenção. Considerando o problema da desinformação, têm sido desenvolvidas estratégias como o *fact check* (checagem de fatos), sendo essa, supostamente, uma preocupação do próprio *Facebook* (ZUCKERBERG, 2016), visando que usuários verifiquem, sinalizem e denunciem notícias falsas.

É necessário ainda esclarecer qual o conceito de adolescência foi adotado. Parte-se do pressuposto que a adolescência é um construto sociocultural; plural; histórico, visto de formas diferentes em diferentes espaços e tempos. Assim como aparece nos estudos de Arriès (1981) sobre a infância, o conceito de adolescência também é uma invenção, surgida nos discursos: econômico, político e pedagógico apenas no final do século XIX. Como um sentido, teria surgido por volta do século XVIII com a necessidade de um prolongamento do período escolar e a formação para o trabalho, ganhando vida com a ascensão da burguesia.

Predominam três olhares sobre a adolescência: o cronológico, o biológico e o de fase do desenvolvimento. Cronológica e juridicamente, no Brasil, adota-se o conceito de adolescente para aquele indivíduo com idade entre 12 e 18 anos incompletos. (BRASIL, 1990). Do ponto de vista biológico, seria aquele que já alcançou a maturidade sexual.

Conforme Cole e Cole (2004), também pode ser tomada como uma fase do desenvolvimento humano, devido ao fato de ter sido objeto de estudos no século XX, que buscavam encontrar regularidades. A título de exemplo, temos os estudos de Piaget e dos argentinos Mauricio Knobel e Arminda Aberastury. Apesar de importantes, esses estudos contribuíram para a construção no senso comum de uma visão determinista sobre a adolescência focada na rebeldia, sexualidade, instabilidade emocional ou na crise de identidade. Para Araújo e Lopes de Oliveira (2010), em nossa sociedade, predominam estereótipos negativos e visões limitantes sobre o adolescente. É necessário entender o adolescente como um ser sociocultural, uma construção histórica. Ele se constitui a partir dos grupos com os quais convive, fruindo e produzindo sua própria cultura e estilo de vida.

Etimologicamente, segundo Le Breton (2017), a palavra adolescente vem de *adolescens* (crescer em latim) e adulto vem de *adults* (significando aquele que parou de crescer). “A adolescência é um período de construção de si em um debate sem fim com os outros. Sobretudo com os outros em si, na medida em que a busca é então saber o que os outros podem esperar dele e o que ele pode esperar dos outros”. (LE BRETON, 2017, p. 102).

Para Le Breton (2017), os ritos de passagem teriam a função de reconhecimento pelo Outro Social. O saber da comunidade apaziguaria a invasão do corpo pela puberdade. O corpo, antes nu da infância; na puberdade desenvolve-se durante recolhimento, no espaço do privado. Seria por meio da tecnologia da reclusão que se fabricariam os corpos dos adolescentes. Podem-se entender dentro dessa categoria as tecnologias como o recolhimento do gentio, conventos, internatos, serviço militar, escotismo, colônias de férias, centros socioeducativos ou mesmo abrigos.

O autor compara o adolescente a um barqueiro que se conduz na travessia de um rio de fronteiras clandestinas. Em um “[...] culto do eu [...]”, o adolescente, numa “[...] instável procura de si [...]” (LE BRETON, 2017, p.11), dissipa suas referências. Assim, não é mais apenas na família, mas na comunidade que ele busca sua identidade e seu sentimento de pertencimento.

Na modernidade líquida (BAUMAN, 2001), os jovens não contam mais com o aparato simbólico dos ritos de passagem devido ao esvaziamento das tradições. (LE BRETON, 2017, p. 14). Nenhum rito garante a marca do caminho daqueles que atravessam essa passagem repleta de turbulências. (LE BRETON, 2017, p. 85). A família ocuparia uma função de refúgio sentimental entre pares. (LE BRETON, 2017, p. 92). Os jovens de hoje crescem num mundo social inédito, distante do mundo de seus pais. (LE BRETON, 2017, p. 100). São noções outras de privacidade, noções outras de família, noções outras de intimidade. Estão sempre em reciclagem permanente (LE BRETON, 2017, p. 107) de identidades provisórias (p.109), em elaboração e reelaboração dos gostos pessoais. Eles temem serem confundidos com o rebanho, com as multidões, mas também buscam a integração com grupos. Buscam signos, marcas, estilos, *looks*. O adolescente teria uma “[...] vontade de singularidade”. “Os jovens só existem pela singularidade de sua história, numa condição social e cultural, um sexo, mas, sobretudo uma condição afetiva”. (LE BRETON, 2017, p. 81).

Sposito (2005; 2006) compreende a juventude como uma fase da vida marcada pelo vir a ser. O jovem busca a construção de sua identidade pela demarcação da sua diferença. Segundo Dayrell (2007), é própria dos jovens a condição juvenil, um modo de ser que, mesmo diante das incertezas e indefinições de suas vidas e identidades, buscam se posicionar

diante das experiências que vivenciam. Dayrell (2009, p. 25) adota um conceito plural: “[...] por razões econômicas, políticas, culturais e, sobretudo, de classe e frações de classe ou grupos sociais, só faz sentido falar em juventudes”. Segundo o autor, os jovens “[...] amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante delas, possuem desejos e propostas de melhorias de vida” (p. 19).

Jacques Lacan (1901-1981) foi um médico e psicanalista francês de família tradicionalmente católica, mas que rompe, ainda na adolescência, com essa tradição ao iniciar estudos sobre Spinoza e Nietzsche. Propôs novos rumos à teoria psicanalítica elaborada por Freud, chegando a afirmar que o “[...] complexo de Édipo é o sonho de Freud [...]”. (LACAN, 1992, p. 135). Por fim, concluiu que quem quisesse ser lacaniano, poderia, mas ele era freudiano. A partir de 1951, dá início aos Seminários, uma série de apresentações orais onde desenvolveu boa parte de suas teorias.

Em maio de 1968, ocorre uma série de protestos contra o conservadorismo e com demandas por reformas universitárias na França. Inicialmente com ações de estudantes universitários até uma greve geral, que resultou em um abono no salário mínimo e novas eleições no legislativo. Nesse contexto que Lacan profere de 1969 a 1970 o Seminário XVII – O Averso da Psicanálise.

Lacan toma o discurso como sinônimo de laço social, considerando assim que este é fundado na linguagem. O discurso então supera a palavra. Para Lacan, o laço social se sustenta pelas impossibilidades. Se Freud anuncia as impossibilidades ao falar das profissões impossíveis (educar, governar e analisar), Lacan diz que o impossível é o real, pois “[...] governar, educar e psicanalisar são desafios, de fato, mas ao dizê-los impossíveis, só fazemos garantir prematuramente que sejam reais”. (LACAN, 1970, p. 444).

Relaciona o saber ao inconsciente, para ele, o “[...] saber fala por conta própria - eis o inconsciente”. (LACAN, 1992, p.73). O que faz agir o agente é a verdade e “[...] a verdade é irmãzinha do gozo”. (LACAN, 1992, p. 123). O pensamento afeta o corpo e causa angústia. “O pensamento não é uma categoria, quase diria que é um afeto”. (LACAN, 1992, p. 160). Para Lacan, os discursos são “[...] a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que pode surgir de palavras. São discursos sem a palavra, que vem em seguida alojar-se neles”. (LACAN, 1992, p. 177).

O autor propõe fórmulas que fogem do simbólico, pois não se pode dizer tudo. Fórmulas, axiomas, que têm a vantagem de sempre se poder extrair coisas novas. O esquema proposto (*matemas* - alusão aos *mitemas* de Lévi-Strauss) com quatro estruturas mínimas e que, em um quarto de giro, retratam quatro discursos: discurso do mestre, discurso

universitário, discurso do analista e discurso da histórica. Os elementos são S_1 (significante mestre); S_2 (o saber); $\$$ (sujeito dividido); e a (pequeno objeto a , o objeto perdido, o mais de gozar). As posições na estrutura proposta por Lacan significam o agente (à esquerda) e o outro (à direita) sobrepostos à verdade (à esquerda) e à produção (à direita).

Matema I

Discurso do Mestre

$$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

Discurso da Histórica

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Discurso do Psicanalista

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Discurso do Universitário

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

sujeito

Outro

agente → outro

verdade ∥ produção

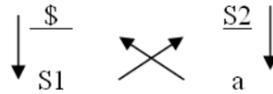
Fonte: Espinoza; Marina Vieira; Besset; e Vera Lopes. (2009, p. 164).

Nota-se que o avesso do discurso do mestre é o discurso do analista e o avesso do discurso universitário é o discurso da histórica. “A estrutura de cada discurso necessita de uma impotência, definida pela barreira do gozo, a diferenciar-se como disjunção, sempre a mesma, de sua produção a sua verdade”. (LACAN, 2003, p. 445). Entre o agente o outro há outra impossibilidade: “A primeira linha comporta uma relação que é indicada aqui por uma flecha, e que se define sempre como impossível”. (LACAN, 1992, p. 202).

Posteriormente aborda também o discurso capitalista e que seria uma torção, ou variação do discurso do mestre, funcionando da seguinte maneira:

Matema II

Discurso do Capitalista⁴



Fonte: Espinoza; Marina Vieira; Besset; e Vera Lopes. (2009, p. 164).

Outros pontos importantes para a articulação com a pesquisa dizem respeito às novas tecnologias, o discurso capitalista e como lidamos com a *latusa* e os *gadgets*, O discurso capitalista não possui a dimensão do impossível. Surgem *latusas*, inúmeros objetos, *gadgets*, que obturam a falta. Rejeita-se a castração e os limites são os da lei do mercado. Segundo Antelo (2010), o termo *gadget* tem suas origens no aniversário de 100 anos da independência americana. A estátua da liberdade foi construída no ateliê de Monsieur Gadget. Este cria em 1884, réplicas da estátua em miniatura que passam a ser vendidas, inicialmente, tanto aos americanos, quanto aos franceses e acabam ganhando o nome do pai, sendo conhecidas por *gadgets*.

Em um mundo onde emergiu, de maneira que existe de fato, sendo uma presença no mundo, não o pensamento da ciência, mas a ciência de algum modo objetificada, refiro-me a essas coisas inteiramente forjadas pela ciência, simplesmente essas coisinhas, *gadgets* e coisa e tal, que por enquanto ocupam o mesmo espaço que nós no mundo em que essa emergência teve lugar, será que o *savoir-faire*, no nível do manual, pode ainda ter peso suficiente para ser um fator subversivo? (LACAN, 1992, p. 157).

O *gadget* é um sintoma que retira satisfação do objeto. Objeto este que não ganha valor pela função de uso e sim pela mera posse e valor de troca, como um signo. Há uma valoração do inútil como útil. A distância entre as necessidades e os desejos é preenchida pelos *gadgets* e é disso que o capital se nutre. Os bens teriam uma relação com o poder. Para Lacan, “[...] dispor dos seus bens, é ter o direito de privar os outros deles”. (LACAN, 1988, p. 279-280). As *latusas* povoam a atmosfera, um jogo com as palavras atmosfera e *Aletheia*.

A extensão da ciência, a práxis da sua verdade formalizada, rodeia esfericamente a terra com suas produções. O neologismo original *lethouse*, *latusa*, vem de duas palavras gregas, o esquecimento, propriedade do rio *Lethé* onde a verdade fica esquecida e *Ousia*, substância, entre o outro e o ente, diz Lacan (1969-70). Rima com ventosa e dela extrai sua vocação de colar-se na carne do falasser. Substâncias prometidas ao gozo de ver e de dar a ver e ao gozo, de escutar e dar a escutar, de

invocar (dar a voz) e ser invocados. Televisão, rádio, redes de ondas Hertz, fluxos globais de mídia e tecnologia que rarificam a atmosfera. (ANTELO, 2010, p. 9-10).

Para Lacan, o “[...] mundo está cada vez mais povoado de *latusas* [...]” (LACAN, 1992, p.170) e as relaciona com a angústia e os *gadgets*, pois, “[...] é com isso que vamos nos haver – é totalmente certo que, havendo a *latusa*, ela não é sem objeto”. (LACAN, 1992, p. 172). Assim, ocorre uma “[...] proliferação desses objetos feitos para causar o desejo”. (LACAN, 1992, p. 172). Os *gadgets*, produzidos pela ciência e mercado, ofereciam apenas um tira-gosto que nunca irá saciar uma fome real, uma falta.

Segundo a abordagem psicanalítica, a adolescência, para Guerra et al. (2014, p. 173) “[...] é, pois, marcada por uma espécie de não lugar, um intervalo, um período de espera para a entrada no mundo social”. Por não haver ritos de passagem para o mundo adulto em nossa cultura, o adolescente vive um período de moratória, de adiamento para entrada na adultez. Nessa abordagem, entende-se que os adolescentes que cometem atos infracionais encontram-se em um não lugar, desinseridos. Entre a infância e a adultez. Entre o discurso do mestre e o discurso capitalista. Entre o imperativo do consumo e o imperativo de seus grupos. Entre as grades da burocracia e os furos da rede de proteção social.

Para Gontijo Salum e Santiago (2012), pode-se “[...] considerar a desinserção como uma forma de pensar o sintoma como acontecimento de corpo: um corpo desinserido, não somente dos limites da lei social, mas da lei do desejo”. Essa desinserção geralmente se manifesta como violência e agressividade. Por outro lado, em uma sociedade excludente que prima pelo “ter”, os jovens produzem novos sintomas tais como “[...] as marcas no corpo, a toxicomania, a erotização extremada, o excesso de internet, o escárnio da autoridade e as provocações de linguagem”. (PEREIRA; GURSKI, 2014, p. 381).

Segundo Pereira e Gurski (2014, p. 377), o discurso capitalista produz segregação. Esse discurso,

[...] não promove propriamente o laço social, mas, ao contrário [...] promove uma ilusão de completude ofertando ao sujeito objetos de consumo curtos, rápidos e descartáveis. O adolescente da atualidade se vê, então, entre o imperativo macrofísico do capital e o imperativo microfísico de sua tribo.

O sujeito deseja inserir-se (MILLER, 2009). Assim, a desinserção social manifesta-se no corpo, nas atuações. A satisfação da pulsão se manifesta diretamente como agressividade e violência nos adolescentes em conflito com a lei. Assim, buscando apaziguar tal violência, instituições e políticas são criadas, a fim de incluir esses adolescentes, em um ideal de

inclusão e proteção integral preconizado pela legislação vigente. (GONTIJO SALUM; SANTIAGO, 2012).

Autoras como Recuero (2009) e Sibília (2012) analisam mudanças no modo de ser das juventudes em função da apropriação das novas tecnologias digitais e das ferramentas que elas proporcionam. Sales e Reis (2011) afirmam, que os jovens estão cada vez mais ciborguizados. Assim, tornam-se híbridos, tamanha a simbiose entre esses sujeitos e os dispositivos tecnológicos. Segundo Haraway (2000, p. 40), “[...] ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também criatura de ficção”.

Alguns rótulos como *millenials*, *screenagers*, geração Y ou Z têm sido atribuídos às gerações, buscando explicar minimamente essas mudanças nos modos de ser e de lidar com a informação e o conhecimento. Rushkoff (1999) nomeia como *screenagers* a geração nascida a partir da década de 1990 e que aprenderia de uma maneira diferenciada, sendo mais abertos às mudanças. Mark Prensky (2001) elaborou o conceito de nativos digitais. Para esse autor, uma geração que nasceu imersa em uma cultura digital estaria, de certa forma, naturalmente capacitada para lidar com essas novas tecnologias, em detrimento dos chamados imigrantes digitais.

No entanto, Boyd (2014) questiona esse determinismo. Pesquisas têm apontado que os nativos digitais podem apresentar tantas dificuldades quanto os adultos para lidar com novos dispositivos. Prensky não teria apresentado dados empíricos, configurando um conceito que serve de “para-raios” para algumas das angústias que os adultos depositam na juventude. Buckingham (2008) sinaliza ainda, que os jovens costumam utilizar as mídias digitais meramente para comunicação ou coleta de informações, não necessariamente para atividades criativas, produtivas ou inovadoras. Reproduzir tais determinismos sobre a juventude é reproduzir um estigma. Para Goffman (1975), os discursos intensificam e reforçam estigmas:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real [...]. (GOFFMAN, 1975, p.12).

Trabalhados esses aspectos referentes às especificidades do ciberespaço, das redes sociais digitais e a definição de adolescência e o que é próprio das juventudes, foi necessário

trabalhar, no Capítulo 3, os mecanismos do ódio. Quais seriam os motivos psicológicos para explicar o ódio? Quais foram e quais são os álibis utilizados para agressão e a violência ao longo da história? Como funcionam, nessas dinâmicas, a religião e a ciência? O que é discurso de ódio? Como esse discurso de ódio funciona nas redes sociais? O que são os *haters* e os *trolls*? Quais seriam os motivos do ódio aos adolescentes que cometem atos infracionais?

3 O ÓDIO, O DISCURSO DE ÓDIO, O ESTADO DE EXCEÇÃO E A BANALIDADE DO MAL

“As palavras nos permitem elevar-nos acima dos animais, mas também é pelas palavras que não raro descemos ao nível de seres demoníacos”.

Aldoux Huxley

Segundo Santos (2016, p. 17): “Etimologicamente a palavra ódio provém do latim *odium* e é sinônimo de inimizade, aversão, fastio, indignação, cólera, furor”. Leandro Karnal (2017) aborda o ódio como um autoelogio, fruto do medo, especialmente do medo pela semelhança, do espelho. O ódio é etnocêntrico e a violência sempre é culpa do outro. Assim, uma identidade muito bem demarcada desperta o ódio.

No etnocentrismo colocamo-nos como superiores aos outros, estranhamos as diferenças e nos sentimos ameaçados por elas, e, se o outro fala de si, duvidamos da validade de suas ideias. Segundo Everardo Rocha, ao outro, negamos aquele mínimo de autonomia necessária para falar de si mesmo (1984, p.14). Para Rocha (2006, p. 7):

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc.

Sempre julgamos que sabemos mais do outro que ele mesmo. Isso não é particular de nossa sociedade, mas, o que diferencia nossa sociedade é o “caráter ativista”. (ROCHA, 1984, p. 10). A história mostra que temos nos preocupado em destruir as diferenças, mudar as outras sociedades e fazer com que elas sigam nossos padrões. Deve-se “relativizar”, ou seja, não transformar a diferença em hierarquia. (ROCHA, 1986, p.20). “O grupo do ‘eu’ faz, então, da sua visão a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do ‘outro’ fica, nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível”. (ROCHA, 2006, p. 9).

Para Nicácio (2017), com o advento da Modernidade, ocorre um processo de descentramentos. O indivíduo passa a ser o centro e assim construir seus próprios sentidos, passando também a moral a ser individual. Assim, o indivíduo torna-se a unidade base da política. “O isolamento típico de épocas passadas, que assegurava às comunidades certa

intimidade e sensação de segura identidade, começava a desmoronar”. (WAINBERG, 2005, p. 278). O ódio surge como uma estratégia de reação ao medo da alteridade.

Zizek (2014), ao tratar da violência, afirma que a tortura só é possível quando a vítima não é ninguém próximo, mas uma espécie de objeto. Para o autor, a ideia da tolerância pressupõe algo ruim. Assim, a tolerância coincide com o seu contrário. Tolerar o outro significa não se aproximar demais dele. Para justificar a violência, precisamos nos distanciar do outro, criar um outro conveniente, é o que foi trabalhado por Gay (1993).

Em “O cultivo do ódio” (GAY, 1993), terceiro volume da obra “A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud”, Peter Gay analisa a cultura e as práticas da burguesia da chamada “Era Vitoriana³²”. Para o autor, todas as culturas constroem os próprios álibis para as agressões e que são “[...] fenômenos culturais coletivos” (GAY, 1993, n.p, tradução do autor). Ao longo da história, a benevolência e o chamado divino foram um manto para esconder o imperialismo e os interesses econômicos, mas justificativas como civilizar, humanizar, cristianizar não demandavam explicações científicas.

No entanto, a burguesia do Século XIX trouxe inovações na forma de justificar o ódio. Segundo Gay (1993, n.p, tradução do autor) “[...] as razões mais interessantes em que o Século XIX avançou para alimentar o narcisismo coletivo eram modernas [...]”, injetando o que “[...] apresentou como razões científicas para odiar ou depreciar os *outsiders*”. A competição, a construção do outro conveniente e o culto à masculinidade eram justificadas pela ciência. Assim, reunindo “[...] comunidades de *insiders* [...]” se revelava e até se inventava “[...] um mundo de estranhos”. (GAY, 1993, n.p, tradução do autor). Dentro dessas construções científicas que se podem relacionar à justificativa para o ódio, podem-se citar a eugenia e a criminologia positivista que serão abordadas a seguir.

Baseando-se em estudos de autores como Lamarck, Malthus e Darwin; o inglês Francis Galton (1822-1911), desenvolveu a chamada teoria eugenista em torno da busca do “bom-nascimento”. Segundo Galton, a eugenia seria o “[...] estudo dos fatores físicos e mentais socialmente controláveis, que poderiam alterar para pior ou para melhor as qualidades racionais, visando o bem-estar da espécie”. (COUTO apud MAI; ANGERAMI, 2006, p. 252).

De acordo com Black (apud GUERRA 2006, p .4), o movimento eugenista cresceu pelo mundo. Os “EUA estavam prontos para a eugenia antes que a eugenia estivesse pronta para os EUA”. A população norte-americana tinha, em sua maioria, descendentes de protestantes do norte da Europa, que começou a buscar justificativas para a exclusão do

³² Diz respeito ao período de Reinado da Rainha Vitória no Reino Unido (1837 a 1901).

grande número de imigrantes que entravam nos EUA no final do Século XIX. (GUERRA, 2006). A eugenia ganhou força, se espalhou pela Europa, EUA e chegou ao Brasil, alcançando seu auge no início do Século XX.

Eugenia significava “evolução, progresso e civilização”, e que “[...] constituíam o imaginário nacionalista de boa parte das elites brasileiras”. (SOUZA, 2009, p. 766). O discurso eugenista ganha ênfase no Brasil entre as décadas de 20 e 40 do Século XX, Com a influência do médico e farmacêutico Renato Kehl, foi fundada a Sociedade Eugênica de São Paulo em 1918. A eugenia ganha também outro poderoso canal de expressão e divulgação na chamada Liga Brasileira de *Hygiene Mental* (LBHM), fundada em 1923 no Rio de Janeiro. Assim, buscava-se “[...] justificar cientificamente a necessidade de medidas eugenistas coletivas em prol da construção de uma nação brasileira forte e saudável”. (MAI; ANGERAMI, 2006, p. 253). Esse movimento também pode ser interpretado, segundo Stepan (apud WEGNER; SOUZA, 2013, p. 03), como parte de um “[...] endosso à ciência [...]”, pois a eugenia havia se tornado “[...] palavra de ordem para a elite moderna e secular”.

Pela eugenia positiva, estimulava-se procriação de pessoas com características consideradas desejáveis e pela eugenia negativa buscava-se controlar a procriação de pessoas com características indesejáveis. Ao longo dos anos, as ideias da eugenia servem como justificativa para práticas de extrema crueldade como esterilização não consentida, aborto e segregação de doentes mentais. As classes pobres passam a ser vistas como ameaça e portadoras de características indesejadas.

Mas a eugenia resultava em práticas diversas, como o controle e a limpeza do espaço público. As ruas precisavam permitir a velocidade, o deslocamento do trabalhador e do consumidor, não devendo ser um local para os miseráveis. A casa então ganha *status*: reduto de proteção da individualidade burguesa, da vida privada. A casa também permite melhor vigilância, algo difícil de conseguir com uma população nômade, fluida. A associação da pobreza com a periculosidade “[...] foram construídas/fortalecidas ao longo de todo o século XX e entram a todo vapor neste século XXI sob novas maquiagens”. (COIMBRA, 2007, p.10). Na Era Vargas, havia um controle explícito da malandragem e uma política declaradamente de branqueamento, influenciada pela eugenia. Exaltava-se o cidadão pacato, de família. Enquanto se voltava contra os “vadios”. Segundo Cancelli (1993),

[...] a sociedade voltava-se contra o vadio, indivíduo economicamente passivo, por temor a sua periculosidade. A explicação era direta: quem não dispunha de uma renda para manter-se estava automaticamente integrado à categoria de vagabundos, porque existiria uma tendência a satisfazer suas necessidades pelo ‘ardil criminoso e

da violência’, por isso a vadiagem era um estado socialmente perigoso por excelência. (CANCELLI, 1993, p. 33-34).

Outra abordagem científica que ainda nos deixa consequências na mentalidade e em práticas atuais é a criminologia positivista. Como apontado por Calhau (2004), Cesare Lombroso (1835-1909) teve um papel importante no desenvolvimento do que ficou conhecido como criminologia positiva ou Escola Positiva do Direto Penal. Essa escola teve influência do evolucionismo e da sociologia positivista, considerando estudos como os de Darwin, Lamarck e Comte, por exemplo.

Através de estudos de crânios, anatomia e características físicas de criminosos, a teoria de Lombroso teve como pilares da teoria: o atavismo³³ (retrocesso atávico do homem primitivo), parada no desenvolvimento psíquico e a agressividade do epilético. Para o médico italiano, o delinquente teria as seguintes características:

[...] protuberância occipital, órbitas grandes, testa fugidia, arcos superciliares excessivos, zígomias salientes, prognatismo inferior, nariz torcido, lábios grossos, arcada dentária defeituosa, braços excessivamente longos, mãos grandes, anomalias dos órgãos sexuais, orelhas grandes e separadas, polidactia. As características anímicas, segundo o autor, são: insensibilidade à dor, tendência à tatuagem, cinismo, vaidade, crueldade, falta de senso moral, preguiça excessiva, caráter impulsivo. (ALBERGARIA apud CALHAU, 2008).

Com o passar dos anos, os estudos de Lombroso passaram por diversas reformulações e contestações, muitas dessas feitas pelos seus próprios alunos. No entanto, entende-se nesse estudo que a semente estava plantada: Havia então uma justificativa científica para dizer que pessoas com determinadas características eram criminosas em potencial. Pode-se observar também que boa parte das características físicas apontadas são observáveis em pessoas negras ou pardas, o que indica um viés racista da teoria.

O dispositivo do exame, apontado por Foucault em “Vigiar e Punir” (2004) permitiu construir a figura do delinquente. Não importa apenas o crime praticado, mas sua história de vida. Constrói-se uma peça que remontam os motivos que culminariam na justificativa para o crime cometido. É a prática biográfica, mais precisamente o inquérito biográfico. “A introdução do ‘biográfico’ é importante na história da penalidade. Porque ele faz existir o ‘criminoso’ antes do crime e, num raciocínio-limite, fora deste”. (FOUCAULT, 2004). O aparelho penitenciário cria assim um novo personagem no lugar do infrator: o delinquente.

³³ Atavismo: Reaparecimento, nos descendentes, de certos caracteres físicos ou morais dos ascendentes remotos, não presentes nas gerações imediatamente anteriores. Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/atavismo/>.

O delinquente se distingue do infrator pelo fato de não ser tanto seu ato quanto sua vida o que mais o caracteriza. A operação penitenciária, para ser uma verdadeira reeducação, deve totalizar a existência do delinquente, tornar a prisão uma espécie de teatro artificial e coercitivo onde é preciso refazê-la totalmente. O castigo legal se refere a um ato; a técnica punitiva a uma vida; cabe-lhe, por conseguinte reconstituir o ínfimo e o pior na forma do saber; cabe-lhe modificar seus efeitos ou preencher suas lacunas, através de uma prática coercitiva. Conhecimento da biografia, e técnica da existência retreinada. A observação do delinquente. (FOUCAULT, 2004, p. 238).

O discurso psiquiátrico então passa a se confundir com o discurso penal e “[...] em seu ponto de junção, forma-se aquela noção de indivíduo ‘perigoso’ que permite estabelecer uma rede de causalidade na escala de uma biografia inteira e estabelecer um veredito de punição-correção”. (FOUCAULT). O modelo de privação de liberdade se tornou um lugar de “[...] fabricar delinquentes; produzindo o mesmo como sujeito patologizado”. (FOUCAULT, 1987, p. 230).

Quanto ao ódio no Brasil, segundo Karnal (2017), somos um povo que não assume sua violência, chegando ao ponto de não nomear as guerras civis como tais. Temos apenas revoltas e outros eufemismos. Para Brum (2015, n.p), a sociedade brasileira seria fundada na eliminação do outro. Primeiro, “[...] dos povos indígenas, depois dos negros escravizados, sua base foi o esvaziamento do diferente como pessoa, e seus ecos continuam fortes”.

De acordo com Jessé Souza (2016), assim como foi apontado por Gay (1992), a ciência passou a ser usada para legitimar preconceitos e a religião havia perdido força. “Se o trabalho hoje em dia é feito pelos cientistas, no passado a elite intelectual que se incumbia desse trabalho era religiosa – todas as grandes religiões mundiais desenvolveram mecanismos de justificação do privilegio e da riqueza”. (SOUZA, 2016, n.p). No entanto, em suas obras mais recentes, o autor já nota algumas mudanças e acredita que a religião tem voltado a ganhar força. Se até a alguns anos atrás, o conservadorismo e a religiosidade velados eram características marcantes do mito da brasilidade³⁴, hoje, o brasileiro tem começado a assumi-los.

Souza (2009), de certa forma, aborda um conflito tendo o que o autor chama de “ralé brasileira” de um lado e a “elite do dinheiro” do outro. Para o autor, a elite do dinheiro compra todas as outras elites (política, jurídica, midiática, e outras.) e constrói uma farsa em torno da economia (taxas de juros, Risco Brasil, Bolsa, crise econômica), fazendo com que o cidadão comum compre esse discurso e acredite que certas ações sejam para o bem da nação.

³⁴ Ideologia alicerçada em estudos como o de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freire e segundo os quais o brasileiro seria, por natureza, um homem cordial, negando os conflitos e a violência. Karnal (2017) chega a afirmar que as guerras civis no Brasil não são chamadas de guerras, sendo nomeadas, no máximo, revoltas; para assim negar a violência dentro do nosso território.

“Os interesses financeiros de meia dúzia de pessoas precisam primeiro colonizar nosso espírito para depois poderem assaltar nosso bolso e drenar os recursos de toda sociedade”. (SOUZA, 2016, n.p).

Constrói-se um discurso alicerçado no “economicismo³⁵” e no “patrimonialismo³⁶” e que defende a lógica da meritocracia. Demoniza-se o Estado e o que é público, exaltando o que é privado, particular. O Mercado é visto como bom e o Estado como ruim. Nesse sentido, ocorreria a “fulanização da corrupção”, fazendo com que esta pareça sempre estar vinculada ao público, nunca ao privado. Essa corrupção seletiva,

[...] como se ela fosse privilégio de políticos e partidos específicos, e não uma variável estrutural da nossa política, é a prova mais cabal de um debate público sistematicamente distorcido pela grande mídia. É ela, afinal, a grande inimiga de qualquer ordem democrática vigorosa no Brasil de hoje. (SOUZA, 2016, n.p).

Através de um falso corte moral do capitalismo, cria-se uma cruzada de faz de conta para o bem de todos. Mas, na esfera econômica, um campo livre do peso das justificativas morais dentro da lógica discursiva construída pelo Capitalismo, “[...] as pessoas podem falar sem constrangimentos sobre seus interesses pessoais e egoísticos. ‘É legítimo’ se comportar assim na economia”. (SOUZA, 2016, n.p).

Jessé Souza denuncia um racismo cultural que se manifestaria na divisão entre “culturas do espírito” e “culturas do corpo”. Assim, seriam estabelecidas “hierarquias invisíveis” “comandadas pela oposição corpo/espírito”. (SOUZA, 2016, n.p). A cultura surgiria como “justificação do merecimento de espíritos sensíveis”. Trabalhando a partir de Charles Taylor e Pierre Bourdieu, Souza (2018) mostra que ocorre uma inversão da hierarquia moral com o protestantismo. O trabalho, antes visto como ultrajante e o ócio como dignificador, passa a ser um instrumento para agradar a Deus. Surgem, portanto, dois princípios: o princípio da dignidade e o princípio da sensibilidade. O primeiro, a partir do chamado produtor útil, tomando o trabalho como fonte da moral e o segundo desenvolvido especialmente pelas elites artísticas e intelectuais do século XVIII. Souza concluiu, que esses

³⁵ Diz respeito a uma visão determinista da economia. Segundo Souza (2009), o “[...] economicismo é a ideologia dominante do mundo moderno [...]” e o “[...] economicismo liberal, assim como o marxismo vulgar, percebe a realidade das classes sociais apenas ‘economicamente’”.

³⁶ Patrimonialismo – nessa lógica, “[...] o mercado ocupa o papel das virtudes e o estado incorpora a maldade e a corrupção”. Trata-se de supor que “[...] toda contradição e todo o conflito social se encerram na própria definição de Estado e de Mercado, de tal modo que um deles seja o bem em si e o outro, o mal a ser combatido”. (SOUZA, 2009).

princípios assumem “[...] o papel de ideologia espontânea e invisível do capitalismo moderno para justificar e legitimar desigualdades”. (SOUZA, 2018, n.p).

Haveria assim uma “[...] linha da dignidade que separaria as próprias classes populares em trabalhadora [...] e marginalizados e excluídos, por outro lado”. (SOUZA, 2009, n.p). “O preconceito com as classes populares se funda na sua pretensa animalidade na forma de comer e se comportar”. (SOUZA, 2016, n.p). A personalidade sensível e a distinção estética seriam apenas formas diferenciadas de racismo em substituição ao “[...] racismo aberto do fenótipo e da cor da pele [...]” e exerceria a mesma função depreciativa. (SOUZA, 2009, n.p). O autor ainda afirma que o mesmo racismo científico que contribuiu com os argumentos do homem cordial e do mito da democracia racial também contribui para o endeusamento do mercado e para a demonização do Estado. (SOUZA, 2016).

Ainda segundo Souza (2009, n.p), no Brasil, é estabelecida uma hierarquia moral onde o racismo cultural e regional (contra nordestinos, por exemplo) atravessam as relações. Uma pretensa sensibilidade estética é tomada como um parâmetro positivo a ser perseguido. Dessa forma, seguindo a lógica da existência de uma alta cultura, pressupõe-se uma baixa cultura. O mesmo discurso usado para dizer que a arte torna o sujeito mais sensível também serve para dizer que o outro é atrasado por não compartilhar de tal sensibilidade. Dentro desse jogo, também existiria uma hierarquia entre as atividades manuais e as atividades de pensamento, sendo estas, de maior *status* que aquelas.

Márcia Tiburi (2015), assim como Karnal (2017), vincula o ódio ao medo e à inveja e nega que o ódio seja apenas inconsciente. Também defende que o ódio, assim como o amor, é ensinado. Na busca de destruir o outro, destrói-se a política e o ódio torna-se estrutural. A autora trata o autoritarismo como um regime de pensamento e argumenta que os pequenos autoritarismos do cotidiano (microfascismos) contribuiriam para a formação das mais cruéis ideologias fascistas. Chama a atenção para o fato de que o cotidiano dificilmente é criticado e que cada um de nós, como engrenagem de uma máquina, exerce seu papel para propagar ou interromper o ódio. Mas, “[...] os sistemas de pensamento são sistemas de linguagem” (p. 24). Assim como Arendt, Tiburi problematiza os perigos das falas prontas e mecânicas. “O autoritarismo é ‘citacionista’”. (TIBURI, 2015, p. 34).

O fascista seria aquele que luta contra laços sociais reais enquanto sustenta relações autoritárias, relações de dominação. Ele se fecharia em si e não conseguiria reconhecer no outro. A autora compara a visão do fascista sobre o outro como uma aranha que o vê apenas como alimento que precisa ser capturado, mas acredita ainda que até mesmo essa utilidade seja negada a esse outro, tamanho o ódio.

Tiburi alerta sobre o perigo de identificar o desconhecido com o conhecido, colocando-o dentro de uma determinada categoria, o que compara a “[...] ver com os olhos de Colombo [...]” (2015, p. 137), afinal ele nomeou como índios as pessoas que encontrou na ilusão de ter chegado às Índias. Mas, considerando o que foi exposto sobre o ódio, o que afinal é discurso de ódio?

Segundo Brigger (2007, p. 118), “[...] o discurso do ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas”.

O discurso de ódio em redes sociais, segundo Santos (2016), “[...] parece reproduzir o mecanismo sacrificial da violência no modelo girardiano”. René Girard (apud SANTOS, 2016) desenvolveu o que chama de “teoria mimética”, na qual o sacrifício visaria atenuar as tensões do coletivo ao colocar “[...] a comunidade de um lado e a vítima do outro”. A vítima fundadora funcionaria como um bode expiatório³⁷. Os ritos sacrificiais visariam reproduzir determinado mito fundador, mas através de um ritual de significação real para assim apaziguar a violência.

No cenário do ciberespaço, surgem as figuras dos *haters* e dos *trolls* propagando o discurso do ódio. O *hater*³⁸, tradução literal de “odiador”, seria um sujeito que destila o seu ódio no ciberespaço sem o filtro do politicamente correto e, por vezes, se esconde por trás do anonimato e de *fakes* (perfis falsos).

Os *haters* são pessoas que violam as regras de gentileza e de comportamento civil para chamar a atenção. Por isso, o termo *hater* é tão pejorativo, pois se refere às pessoas que expressam ódio nos espaços de interação e conversação. São sujeitos que não estão abertos ao debate/diálogo construtivo, eles fazem apenas críticas negativas ao Outro, não respeitando a opinião divergente. O *hater* quer ser temido e ouvido, e com o surgimento dos sites de redes sociais, ele ganhou voz e visibilidade. (AMARAL; COIMBRA, 2015, p. 300).

Já o *troll*, inicialmente uma criatura mitológica que cobraria pedágios em pontes ameaçando os viajantes, na *internet* diz respeito a uma subjetividade na qual se busca semear o ódio com a violência simbólica (BOURDIEU, 1989) e influenciam outros usuários a

³⁷ Na tradição judáica do *Yom Kippur* (Dia da Expição), o sacerdote toca na cabeça do bode expiatório, confessando os pecados do povo de Israel. Esse bode é então deixado ao relento no deserto, levando consigo a culpa. (KARNAL, 2017).

³⁸ Gíria originária do *hip-hop* norte-americano relacionada à expressão “*Haters Gonna Hate*” (Odiadores vão odiar). (MONTEIRO, 2013).

adotarem práticas semelhantes, talvez por busca a reconhecimento ou de pertencimento a um grupo.

Karnal afirma, que o ódio não é resultado da globalização, mas que a *internet* potencializa o ódio. O idiota ganhou força e descobriu que há muitos deles no ciberespaço.

A *internet* não criou os idiotas, mas o ataque anônimo nas redes, sem custo do ataque pessoal, deu ao ódio do covarde uma energia muito grande. Deu-lhe proteção da distância física e do anonimato. O pior do ódio social, que é universal, agora pode ser dirigido sem custos. Numa comunidade as relações são pessoais. Na rede, são deletérias. (KARNAL, 2017, p. 86).

De acordo com Foucault (1999), houve uma mudança no mundo ocidental no qual a noção de infração substituiu a noção de dano. O dano seria voltado à pessoa vítima do mesmo, já a infração é também direcionada ao Estado, desta forma, duplica-se a culpa. Considera-se nesse estudo que existem dois extremos na forma de lidar com a justiça e a punição. De um lado o punitivismo³⁹ e do outro o abolicionismo penal. O punitivismo se traduz por uma sede de vingança. A indignação com o suposto não funcionamento da justiça faz com que se clame por práticas de justiça⁴⁰. Mas antes de tratar melhor desses conceitos, é necessário responder à seguinte pergunta: o que é justiça?

Trata-se de uma conceituação difícil, pois a noção de justiça é muito subjetiva. Cada um perceberá a justiça de uma forma diferente. Ela se associa à satisfação pessoal: sentir que a justiça está sendo feita. “A justiça torna-se, assim, uma verdadeira mistura entre sentimento e ideia”. (NERY, 2009). Segundo Caubet (2001, p. 15), o termo justiça deriva da raiz latina *jus* que significa direito e a etimologia desta provém de *directum* ou “rectum”, o que é reto, correto, conforme a regra. No dicionário *Micaellis* (2018), destacam-se as seguintes definições:

1. Qualidade ou caráter do que é justo e direito. 2. Conformidade dos fatos com o direito; faculdade de julgar segundo o que é justo e direito. 3. Princípio moral e de valor que se invoca para dirimir a disputa entre as partes litigantes. 4. Aplicação do direito e das leis; poder de fazer justiça, poder de decidir sobre os direitos de cada um. 5. O exercício desse poder. 6. O sistema pelo qual as pessoas são julgadas em cortes.

³⁹ O punitivismo ou Direito Penal Máximo, é uma concepção que nasce da insegurança social (DANTAS, 2016), demandando constante punição devido a um sentimento público de insegurança.

⁴⁰ É uma “forma sumária e violenta de justiça popular em que a coletividade assume o papel de juiz e pune indivíduos, culpados ou inocentes, dos crimes que se lhes atribuem sem sequer lhes conceder oportunidade de defesa, infligindo-lhes morte ou lesões corporais graves”. (RIOS, 1988).

A justiça deve tratar os homens de forma igualitária. Para que a lei seja justa, os homens precisam ser iguais perante ela (CAUBET, 2001). No entanto, a justiça só se realiza na prática. Ao defender genericamente a justiça e a democracia, estamos negando-as. (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004 apud JAYME et al., 2018).

Desde os povos ancestrais, haveria uma cultura da punição (FOUCAULT, 2014), na qual a experiência da dor para o criminoso traria um sofrimento semelhante ao que fora causado à vítima, além do fato de que tal punição serviria de exemplo para que outros membros da sociedade não repetissem a mesma transgressão, tendo assim um caráter coercitivo.

O punitivismo ou Direito Penal Máximo, é uma concepção que nasce da insegurança social (DANTAS, 2016), demandando constante punição devido a um sentimento público de insegurança. Relaciona-se com a teoria do Direito Penal do Inimigo (JACOBS, 2007, p.22) em que se pressupõe a existência de inimigos no meio social. Os inimigos, “[...] seriam aqueles que não respeitam o contrato social [...]”, portanto, perigosos.

Sob a lógica do punitivismo, de acordo com Maria Lúcia Karam (2013), a proibição das drogas, iniciada no início do século XX e “[...] materializada na criminalização das condutas de seus produtores, comerciantes e consumidores [...]”, se intensifica a partir da década de 1970, com a declaração de “guerra às drogas” pelo presidente norte-americano Richard Nixon. O poder punitivo se expande, agravando a criminalização da pobreza. “A ‘guerra às drogas’ não é e nunca foi propriamente uma guerra contra as drogas”. Dirige-se contra pessoas. Os alvos “[...] são os mais vulneráveis dentre os produtores, comerciantes e consumidores das drogas proibidas; os ‘inimigos’ nessa guerra, são seus produtores, comerciantes e consumidores pobres, não brancos, marginalizados, desprovidos de poder”. (KARAM, 2013, p. 03).

Historicamente, no Brasil, o “inimigo”, o “perigoso”, o “indesejado” é representado pelo sujeito pobre e marginalizado. Porém, durante os anos de chumbo, entre 1964 e 1985, esse conceito sofrera uma ampliação marcante, pois passou a abranger qualquer um que se opusesse ao regime imposto, independentemente da classe social a que pertencesse. (COSTA; FRANÇA, 2015, p. 436).

Embora haja inúmeros avanços com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no modelo socioeducativo atual, que é baseado por analogia nas aplicações penais da justiça criminal, o adolescente não é punido apenas pelo que fez, mas também por aquilo que é. (KARAM, 1994, p. 126). Viola-se abertamente o princípio do direito de que ninguém pode ser

punido duas vezes pelo mesmo fato (KARAM, 1994, p.127), ao considerar-se a trajetória infracional e a reincidência como um fator para justificar a Internação.⁴¹

Moreira et al. (2014), apontam as incoerências existentes na Medida Socioeducativa de Internação, que apesar de objetivar a proteção, ainda apresenta o caráter retributivo da pena. As autoras apontam as violações de direitos presentes na dinâmica das instituições de privação de liberdade sustentadas pelos discursos midiáticos. Avaliam o ECA como inovador na medida em que abandona a Doutrina da Situação Irregular, colocando a criança e o adolescente como sujeitos de direito e em condição peculiar de desenvolvimento, mas questionam como seria possível “[...] usar a proteção integral sem confundi-la com a proteção dispensada pelo sistema tutelar menorista, vigente no Brasil em quase todo o século XX”. (MOREIRA et al, 2014, p. 79).

Para as autoras, o discurso midiático reproduzido nos meios de comunicação, “[...] em sua maioria, sob a tutela da classe dominante [...]”, inserido numa lógica de uma sociedade capitalista e de controle, se aproveita de brechas do ECA para sustentar estigmas e estereótipos discriminatórios contra os pobres. Dessa forma, “[...] não é de se surpreender que o discurso de punição, da família desestruturada, da psiquiatrização e da pobreza, feito pela justiça brasileira acerca do menor infrator, encontre eco na mídia”. (MOREIRA et al, 2014, p. 81).

Como demonstrado por Volpi (1999) e Moreira et al. (2014), os meios de comunicação social tem preferido usar termos como infratores, delinquentes, pivetes, bandidos, trombadinhas, menores infratores. Assim, “[...] a mídia, ao mesmo tempo em que é um lugar onde várias instituições e sujeitos falam - como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados ‘verdadeiros’ em nossa sociedade – também se impõe como criadora de um discurso próprio”. (FISCHER, 2012, p. 86).

A criminalidade, segundo Pontarolli (2016, apud CRUZ; FREITAS, 2017, p. 03), “[...] pode ser entendida como um ‘produto’ midiático que vende muito, pois os cidadãos acabam criando uma empatia com a vítima e passam a se colocar no lugar dela, gerando assim um ódio pelo possível autor do crime”. O discurso midiático, principalmente por meio dos programas jornalísticos sensacionalistas, gera uma sensação de impunidade. É recorrente um discurso de desvalorização dos direitos humanos e que estaria relacionada com o desconhecimento da temática, pois foi criado “[...] um estereótipo de que apenas os

⁴¹ O ECA prevê a Internação, uma a medida socioeducativa restritiva de liberdade, em casos de atos infracionais graves, reincidência ou descumprimento de Medidas de meio aberto. A Internação Provisória tem função cautelar e é no máximo de 45 dias. A Internação Sanção funciona como um castigo para adolescentes que não cumprem medidas de meio aberto e a Internação por prazo Indeterminado pode chegar até 3 anos.

criminosos aproveitam tais direitos”. (FREITAS; CRUZ, 2017, p. 09). Esse discurso sensacionalista produzido e reproduzido pela mídia traz consequências. Ocorrem práticas de justiça pelas próprias mãos como os linchamentos⁴². Elege-se uma vítima expiatória, um outro “[...] que parece já não ser possível normalizar. Mas, um outro que é preciso de alguma forma eliminar ou pelo menos violentar, ferir, humilhar”. (FISCHER, 2012, p.153).

Conforme apontado por Beneli e Costa (2016), existe uma indústria da segurança que produz lucro ao gerar medo na população. Seguros, alarmes, armas, defesa pessoal ou até mesmo medicamentos e terapias. Essa mesma mídia sensacionalista que gera o medo na população, associa a violência e a criminalidade “[...] aos indivíduos economicamente vulneráveis. Assim, em junção ao discurso veiculado de eliminação do ‘outro’, a mídia cria no imaginário social a figura de um bode expiatório”. (BENELI; COSTA, 2016, p. 06).

Segundo as autoras Dammert e Malone (2003, apud NUNES, 2016, p. 09), o medo do crime relaciona-se com “[...] um conjunto de inseguranças, incluindo as relacionadas à economia, à política e a outras questões sociais”. No entanto, esse conjunto de inseguranças fica em um nível secundário e a criminalização do outro torna o crime um bode expiatório das inseguranças. Essa narrativa construída pela mídia sensacionalista produz medo na população. Nas palavras de Bauman (2008, p. 8):

O “medo derivado” é uma estrutura mental estável que pode ser mais bem descrita como o sentimento de ser suscetível ao perigo; uma sensação de insegurança (o mundo está cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso) e vulnerabilidade (no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais).

Os programas sensacionalistas clamam pela necessidade do exemplo. Assim, “[...] grandes emoções afloram e confunde-se a justiça com vingança. É evidente que a grande mídia usa de alguns artifícios para despertar determinados sentimentos frente às informações que estão sendo veiculadas”. (FREITAS; CRUZ, 2017, p. 03). Muitas vezes, esse sentimento de injustiça e impunidade acaba ocasionando práticas de justiça pelas próprias mãos, como os linchamentos.

Na cena do justiça “[...] um grupo de pessoas repentinamente julga e executa alguém sem lhe dar a chance de defesa”. (LOBO; FILHO, 2017, p. 196). De certa forma, é

⁴² As principais teorias a respeito da origem do termo linchamento dizem que a expressão estaria relacionada ao fazendeiro americano Charles Lynch, “[...] que agredia criminosos na Guerra de Independência (1782), com paus. O nascimento do termo é também atribuído a William Lynch, capitão que, na mesma época, manteve um comitê com o objetivo de manter a ordem”. (BENELI; COSTA, 2016, p. 06).

uma prática de exceção. Um momento em que determinadas pessoas julgam alguém que supostamente cometeu algo reprovável e executam a punição, de acordo com o entendimento estabelecido pelo grupo, considerando o que seria legítimo como punição para tal conduta.

As práticas de justicamento refletem um descontentamento e uma descrença com a Justiça, com o Estado. Aquele que deveria assegurar a proteção do cidadão parece negligenciá-los ao não punir exemplarmente as pessoas que têm condutas reprováveis. Julga-se estando fora dos trâmites da lei e até mesmo sem se ter certeza da culpa pelo suposto delito. Essas práticas feitas pelas próprias mãos pela sociedade civil evidenciam, cada vez mais, a linha tênue que existe no país entre a democracia e a barbárie. (FREITAS; CRUZ, 2017, p. 11).

Os linchamentos funcionam como um ritual de purificação de vingança no qual a vítima é retirada da vida social, tanto como corpo quanto simbolicamente – desincorporação e dessocialização. Os linchadores proclamam “[...] a falta de humanidade da vítima, a sua animalidade, sua exclusão do gênero humano”. (MARTINS, 1995, p. 56). O linchamento é uma cena “[...] dotada de uma visualidade e uma dramaturgia próprias, na qual podemos encontrar diferentes atores, e cujo centro é o fenômeno da acusação [...]”. (OLIVEIRA, 2013, p. 626). Trata-se de um fenômeno de grupo, de multidão. Os linchadores “[...] se mostram sem controle, retirando a agência de si e a conferindo à multidão”. (OLIVEIRA, 2013, p. 635).

Oliveira (2013) identifica seis “personagens” que geralmente estão presentes nas cenas de linchamento: • linchado: que é o acusado; • linchador: vale da agressão aplicada sobre o linchado; • instigador: encoraja os linchadores; • espectador: localizam-se à margem do evento, observando; • policial: representado o Estado e pode aparecer só ao final do “evento”; • câmera: registra as imagens do linchamento, geralmente pelo celular.

Para que não haja excessos e que a justiça não seja apenas uma forma de punição descontrolada, instituem-se os chamados direitos humanos. Considerando que a temática dos direitos humanos atravessa a noção de justiça e que, frequentemente, parece haver um desconhecimento quanto à importância desses direitos, faz-se necessário trazer uma definição desse conceito. Os Direitos Humanos, segundo Pérez Luño (1991, apud PIOVESAN, 1997, p. 29),

[...] surgem como um conjunto de faculdades e instituições que, em cada momento histórico concretizam as exigências de dignidade, liberdade e igualdade humana, as quais devem ser reconhecidas positivamente pelo ordenamento jurídico, nos planos nacionais e internacionais.

Sarlet (2006) traz uma distinção entre direitos humanos e direitos fundamentais. O termo ‘direitos fundamentais’ aplica-se para aqueles direitos “[...] reconhecidos e positivados na esfera do direito constitucional positivo de determinado Estado [...]”, enquanto os direitos humanos, referem-se a direitos reconhecidos internacionalmente, independente de “[...] vinculação com determinada ordem constitucional, e que, portanto, aspiram à validade universal, para todos os povos e tempos”.

Na contramão do punitivismo, existe uma corrente de pensamento que nega todo o paradigma do sistema penal. Trata-se do abolicionismo penal que, segundo Zaffaroni, (1991, p. 97),

[...] nega a legitimidade do sistema penal tal como atua na realidade social contemporânea e, como princípio geral, nega a legitimação de qualquer outro sistema penal que se possa imaginar no futuro como alternativa a modelos formais e abstratos de solução de conflitos, postulando a abolição radical dos sistemas penais e a solução dos conflitos por instâncias ou mecanismos informais.

Hanna Arendt (1906-1975) foi uma filósofa alemã de origem judaica. Trabalhou como jornalista e professora universitária. Influenciada por autores como Heidegger e Benjamin, Hanna seria a influência de diversos outros autores importantes como Agambem, Habermas, Sennett e Jonas. A autora tem uma produção de extrema relevância e de notável atualidade, passando por temas como totalitarismo, política, educação, violência e condição laboral. Arendt (1999) elaborou a tese em torno da “banalidade do mal”. A filósofa testemunhou o julgamento e entrevistou pessoalmente Adolf Eichmann, um dos principais oficiais da SS (a organização paramilitar nazista), encarregado por campos de concentração e um dos principais responsáveis pelo holocausto. No entanto, aquele homem aparece para a autora como um burocrata “[...] ordinário, comum, nem demoníaco, nem monstruoso”. Era apegado às regras, um bom filho, irmão e pai de família. Obedecia cegamente a uma ideologia política que dizia quem era digno de viver ou não.

É próprio do burocrata, eximir-se de responsabilidades, evocando a ideia de ser apenas um executor. (CORREIA, 2004, p. 93). Daí a reiterada afirmação burocrática: apenas cumpro ordens. A linguagem de Eichmann seria repleta de bordões, chavões prontos, sentenças robotizadas, sem uma elaboração e uma reflexão própria. De acordo com Arendt (1995, p. 6),

Clichês, frases feitas, adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizados têm função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade, ou seja, da exigência do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos em virtude de sua mera existência.

Eichmann reconheceu inclusive nunca ter lido *Mein Kampf* de Hitler, nem conhecer os regimentos do Partido Nazista. Ela, a linguagem, tornaria também mais fácil o seu trabalho, afinal só precisava ordenar a saída do trem para que centenas de pessoas fossem executadas. Era como se não ordenasse a execução, mas apenas algo burocrático e rotineiro.

Para Arendt, o mal não é profundo, seria superficial e se espalharia por entre pessoas com pouca capacidade de reflexão. Seria “[...] como um fungo, não tem raiz, nem semente”. (KOHN, 2001, p. 14). O mal de Eichmann é banal, sem explicação ou motivação elaborada. O pensamento reflexivo seria então o ponto-chave apontado pela autora. Não refletir sobre nossas ações, sobre os fatos, bem como aceitar as interpretações alheias como verdadeiras, seria o combustível para alimentar e espalhar o mal.

Arendt (2009), ao tratar dos direitos humanos, relaciona a posse de uma nacionalidade, de uma cidadania com o direito de se ter direitos. A condição fundamental para se ter acesso aos direitos humanos é a posse de uma nacionalidade e cidadania e que, sem ela, perde-se o ‘direito a ter direitos’ (p. 9). Os sujeitos sem direitos são como “refugos da terra”. O crime, apesar de ser uma exceção à lei, configura-se como a possibilidade de se igualarem aos outros cidadãos uma vez que, ao transgredirem a lei, passariam a serem tutelados por ela: “Já não é o refugo da terra: é suficientemente importante para ser informado de todos os detalhes da lei sob a qual será julgado”. (ARENDR, 2009, p. 320).

O autor italiano Giorgio Agamben desenvolve seus trabalhos com grande influência de Foucault e Arendt. Em “Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vidas Nua I”, Agamben (2002, p. 176) desenvolve três teses, das quais, nesse estudo, duas nos interessam. Para o autor, “[...] a política ordinária é o bando [...]” e “[...] o rendimento fundamental do poder soberano é a produção da vida nua como elemento político original e como limiar de articulação entre natureza e cultura”.

Estado de Exceção e Estado de Natureza seriam duas faces de um único processo, sendo o Estado de Exceção integrante do Estado de Direito. O poder soberano não estaria no fato de o Estado possuir o monopólio da violência, mas da decisão sobre qual vida seria matável. A vida seria incluída no ordenamento jurídico justamente pela sua exclusão. A exceção torna-se regra e assim, “[...] a lei mantém a vida em seu bando, abandonando-a”. (AGAMBEN, 2002, p. 35).

O autor também evoca a alegoria do homem-lobo. Este representaria o Estado de exceção por ser, ao mesmo tempo o Estado da natureza, na figura do lobo, e o Estado de direito na figura do homem. “Trânsito contínuo entre o homem e a fera, a natureza e a cultura”. (AGAMBEN, 2002, p. 108).

Toda sociedade definiria um limiar, o limite no qual a vida deixa de ser politicamente relevante e passa a ser apenas vida sacra, podendo ser impunemente eliminada. O *homo sacer* já seria posse dos deuses e por esse motivo, não poderia ser sacrificado, mas poderia ser morto. Ele está situado “[...] entre o cruzamento da matabilidade e uma insacralidade, fora tanto do direito humano, quanto divino”. (AGAMBEN, 2002, p. 76).

“No bando medieval, o bandido podia ser morto ou até mesmo considerado já morto”. (2002, p. 104). Para Agamben (2002), o bandido seria aquele excluído, capturado fora da lei. Como o soberano pode suspender a validade da própria lei, seria então ele mesmo um fora da lei? Bandido?

Para Eliane Brum (2015), para além da banalidade do mal apontada por Arendt, o ódio na *internet* no contexto brasileiro tem escancarado a boçalidade do mal. “Desde que as redes sociais abriram a possibilidade de que cada um expressasse livremente, digamos, o seu ‘eu mais profundo’, a sua ‘verdade mais intrínseca’”. Em um desencanto, descobrimos o que o brasileiro pensa. A barbárie não era mais algo distante. “O bárbaro era um igual”, alguém “ordinariamente humano”.

Brum (2015) afirma, que não parece haver mais pudor e o anonimato também parece ter sido um estágio superado. Um “[...] ensaio para ver o que acontece, antes de se arriscar com o próprio RG”. Os pensamentos, antes escondidos, agora são exteriorizados e passam a “[...] amealhar seguidores”. Para Brum (2015), tornou-se possível dizer tudo. O ódio e a ignorâncias passam a ser ostentados nas redes. No mesmo sentido, Claudine Haroche (apud NICÁCIO, 2017) aponta as sociedades de hoje como “[...] sociedades da ausência do interdito”.

Mas, falar traz consequências. É um ato político. Um ato ético. Nos tempos em que vivemos, provavelmente tão tensos como os tempos em que Lacan proferiu o Seminário XVII, quando uma figura de liderança, um influenciador digital, um candidato à presidência, propagam discurso de ódio, estimula-se a suspensão do recalque. Segundo Lacan,

O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é a minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder. (LACAN, 1998, p. 301).

Quando a ciência dá embasamento teórico para que odiemos (o adolescente, o pobre, a mulher, o adolescente, entre outros), ponto este que ganhou forças na chamada “era vitoriana”, este é o discurso universitário. Quando o ódio, graças à repetição, ganha materialidade e gera agressões físicas, estamos diante do discurso da histeria. Quando

elegemos um sujeito a ser endeusado, transformando-o no “mito”, este é o discurso do mestre. Quando somos governados pelos algoritmos, quando demandamos constantemente trocar o celular pelo novo modelo, quando os adolescentes entram para o tráfico, influenciados pela lógica consumista, estamos diante do discurso capitalista. Se Lacan nos oferece esses axiomas, cabe a nós buscar fazer os discursos girarem em busca de saídas. Girar a roda. Tanto Foucault, quanto Lacan não acreditam nas respostas universais.

Na perspectiva psicanalítica, podemos considerar o discurso de ódio como um sintoma de uma sociedade que preserva e nega o racismo; o machismo; o ódio aos pobres, ao jovem, ao adolescente, às novas gerações, aos idosos, aos deficientes. Talvez tentemos criar laços pelo rompimento de outros laços. Identificar-se por um odiado em comum. Os coletivos identitários, as massas se fascinam por um mesmo objeto, porém a unidade é sempre enganosa, sempre haverá a falta. Em Lacan, conforme discutido no Capítulo 2, precisamos fazer laços com o Outro por meio do discurso para suprir nossas faltas. Ao não conseguir lidar com o Outro e reconhecendo apenas o excluído, buscamos evitar o encontro real com o Outro, talvez seja uma forma de autopreservação.

Neste capítulo, abordou-se diretamente a discussão sobre o ódio e temas pertinentes que o atravessam como a violência, a banalidade do mal, o Estado de exceção a violência, o punitivismo, as práticas de justicamento, o discurso de ódio em si e como ele se dá no ciberespaço. A seguir, serão feitas discussões sobre a problemática da ética desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade e, posteriormente, aborda-se a experiência e a ética foucaultiana, bem como a definição de seu quadro ético.

4 A PROBLEMÁTICA DA ÉTICA

4.1 FILOSOFIA E ÉTICA

A problemática da ética se faz sempre presente em nossa vida cotidiana, chegando ao ponto de várias profissões possuírem seus próprios códigos de ética e juramentos. Atravessa e é atravessada por temáticas como autonomia, vícios, virtudes, felicidade, educação, punição, bem e mal, crime, corrupção, entre outros. Tem suas raízes etimológicas na palavra grega *ethos*, referindo-se ao conjunto de costumes, hábitos e valores de uma determinada sociedade ou cultura. (MARCONDES, 2007).

A ética não pode ser dissociada do seu tempo histórico e da comunidade em que se dá. É um construto histórico. Já foi (e ainda é em determinados lugares e situações de exceção) ético a tortura, a escravidão, a pena de morte. O princípio do “olho por olho e dente por dente” estabelecido na Lei de Talião ou Código de Hamurábi (cerca de 1772 a.C.) já foi considerado um avanço ético por estabelecer a proporcionalidade da pena.

Segundo Marcondes (2007), a ética tem três dimensões distintas: o sentido descritivo da ética, semelhante ao de *ethos* (conjunto de valores); um sistema prescritivo ou normativo de normas e, por fim; o sentido reflexivo ou filosófico – a metaética ou a reflexão sobre a ética.

Platão preocupa-se com a decadência política da época, Kant preocupa-se com as mudanças que resultam na Revolução Francesa. A ética de Kant, apesar de propor-se universal e tendo sido criticada por isto, evita a dicotomia, a dualidade entre a ética interna e externa, entre o eu e o outro.

Platão (438-348 a.C.) contribui, fazendo uso também dos ensinamentos socráticos, ao trazer a importância da formação de uma consciência ética a partir da reflexão. Sócrates afirma que “[...] a vida sem exame não vale a pena ser vivida”. O agir ético seria o de um indivíduo capaz de governar a si mesmo, autocontrolado, dominando os desejos e as paixões. É necessário ser justo, virtuoso.

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande, e um dos fundadores da filosofia ocidental. Escreveu sobre os mais diversos temas. Em “Ética e Nicômaco” (1992), sua principal obra sobre ética, Aristóteles expõe sua concepção teleológica (voltada para o fim, ou um bem) sobre a racionalidade

prática. Dentre as hipóteses, o livro seria uma série de conselhos a seu filho Nicômaco, sendo então anotações de aula de seus discípulos.

Aristóteles problematiza que toda ação é voltada para um bem, mas observa que, em relação aos fins, alguns são atividades e outros são os próprios produtos da atividade. O autor afirma, que o bem mais importante é a ciência política e é ela que determina quais ciências devem ser estudadas e devem ser voltadas para o bem humano.

Para o filósofo, a felicidade é o sumo bem e é autossuficiente. É a finalidade da ação, o objetivo da ética. Um bem supremo que deve ser buscado não só individualmente, mas coletivamente. A finalidade da vida política é fazer com que os cidadãos sejam bons e capazes de nobres ações. O filósofo vê os jovens de forma bem crítica: não teriam o preparo para poder agir.

Os prazeres estão em conflito por não serem apazíveis por natureza. A alma é constituída de uma parte racional e pelo instinto. As disposições de espírito louváveis são chamadas de virtudes. Os bens são divididos em três classes: exteriores, relativos à alma ou ao corpo. Aristóteles prefere os bens da alma, pois o homem vive e age bem. A felicidade seria uma dádiva divina, mas não seria um estado natural. Não se pode esperar a morte para afirmar ou negar nossa felicidade. Ela deve ser um princípio que demandaria ainda mais a estimação e a perfeição dos bons atos.

Para o Aristóteles (1992), a felicidade é o sumo bem e é autossuficiente. É a finalidade da ação, o objetivo da ética. Um bem supremo que deve ser buscado não só individualmente, mas coletivamente. A finalidade da vida política é fazer com que os cidadãos sejam bons e capazes de nobres ações. O filósofo vê os jovens de forma bem crítica: não teriam o preparo para poder agir. De fato, ainda hoje se reproduz muito do seu pensamento sobre a juventude. A recorrente noção de que os jovens nada querem é um dos problemas apresentados no discurso de ódio abordado neste trabalho.

Aristóteles defende uma ética prática, criticando a ética abstrata e distante da experiência humana de Platão. Defende que a virtude (*areté*) pode ser ensinada, resulta do hábito (*ethos*). Um dos princípios de sua ética é a justa medida (meio termo), devendo estar entre o excesso e a falta. O sujeito ético deve ser prudente, ter discernimento, buscando a felicidade (no sentido de contemplação de verdades eternas, não de prazeres).

Santo Agostinho (354-430) sintetizou o pensamento grego e influenciou fortemente o pensamento medieval e o início da Modernidade através de releituras do estoicismo⁴³ de

⁴³ “Doutrina filosófica fundada pelo grego Zenão de Cítio (c. 335-264 a.C.) que aconselha a indiferença e o desprezo pelos males físicos e morais, a eliminação das paixões materiais e a aceitação do destino com

Sêneca (4 a.C.-65 d.C.), Platão e de doutrinas do cristianismo. Questionou o maniqueísmo argumentando que o Mal não existiria, sendo apenas a ausência do Bem. Também abordou a liberdade humana, argumentando que o livre-arbítrio (*De libero arbitrio*), concedido por Deus, tornaria os homens responsáveis pelos seus atos, considerando que, por natureza, seria compelido a agir contrário à ética, devido ao pecado original. Dessa forma, o pecado seria a submissão da razão às paixões.

São Tomás de Aquino (1224-1274) parte da ética de Aristóteles e mostra sua compatibilidade com o cristianismo, assim, considera que a natureza humana pode ser aperfeiçoada, considerando a ideia de aristotélica de que a virtude pode ser aprendida. Não trata o mal como uma entidade, mas como corrupção das coisas criadas. Também diverge de Santo Agostinho ao considerar que o livre arbítrio decorre da racionalidade humana para escolher entre o que é bom ou mau.

René Descartes (1596-1650) tendo elaborado um método científico e sendo responsável direto por uma nova forma de conceber o conhecimento (o grande paradigma do ocidente); defendeu o uso da razão, em detrimento das paixões e argumentou que não seria possível esperar que a ética se desenvolvesse enquanto uma ciência, defendendo uma “moral provisória”. Assim, deve-se ensinar o homem a ser mestre de suas paixões.

Spinoza (1632-1677) desenvolveu um tratado sobre a ética guiado por um método geométrico euclidiano, com axiomas e formulações com bases nesses axiomas. O Deus em Spinoza é um princípio metafísico, coincidindo com a própria realidade ou natureza. Defende a autopreservação concebendo o bem como útil e o mal como aquilo que impede o bem. Dessa forma, o homem livre precisaria conhecer as forças que o influenciam, buscando o bem e evitando o mal. A virtude seria aquilo que contribui para que o homem conserve o seu ser, autopreserve-se.

Immanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo prussiano. Atuou na epistemologia com uma síntese entre o racionalismo continental e a tradição empírica inglesa. Em sua obra, Kant (1991) busca analisar a possibilidade de uma moral universal, apresentando assim o imperativo categórico, que seria um orientador universal para as ações e que reuniria uma série de princípios que seriam benéficos caso fossem seguidos por todos. Haveria três diferentes formas: a Lei Universal; o Fim em si mesmo; e o Legislador Universal. Para Kant,

resignação, condições essas fundamentais para caracterizar o homem sábio, o único capaz de experimentar a felicidade verdadeira; uma tal ética alicerçada na imperturbabilidade influenciou profundamente o ideário religioso do cristianismo”. Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasil/eiro/estoicismo/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

a autonomia é o princípio da dignidade humana. Segundo o princípio prático, todos devem agir como se, em nossa pessoa, fôssemos um fim, nunca um meio.

A imortalidade da alma seria importante para a continuidade do esforço moral. Contrariando Aristóteles, afirma que o objetivo das categorias e que a razão está contida no âmbito das ideias e não na experiência. Os princípios da razão só podem ser aplicados enquanto se puder experimentar o que surge aleatoriamente.

Kant aborda também o esclarecimento e a menoridade autoimposta. A menoridade seria a incapacidade de servir-se de seu entendimento sem a orientação de um outro. Servir-se do próprio entendimento seria o mote do esclarecimento. Para Kant, seria confortável ser menor e estar sobre a tutela do outro, por preguiça ou covardia e a liberdade seria algo que poderia tornar um público esclarecido ao fornecer-lhe a oportunidade de exercer o pensar por si. Defende a disciplina e a obediência.

Kiekergard (1813-1855) questiona o universalismo e o caráter abstrato da filosofia sobre a ética, valorizando a subjetividade e a experiência individual, como será abordado adiante, pontos semelhantes a Foucault. Kiekergard aborda a irracionalidade da experiência e trata as escolhas éticas como saltos no escuro, pois não haveria como se ter certeza dos resultados das próprias escolhas.

Nietzsche (1844-1900) propõe um rompimento com a moral judaico-cristã e com a tradição grega. Alega que a ética cristã não se fundamenta na razão, mas seria uma “moral de rebanho”. A moral do homem ressentido assumiria a culpa e o pecado e reprimiria impulsos vitais, vontade e criatividade à autorizada da religião e do Estado, sendo, portanto, uma moral dos fracos. Questiona a dicotomia entre bem e mal e propõe a adoção de uma genealogia da moral, fundada numa busca das origens históricas e das comparações de várias visões de moral existentes. Alega que os filósofos que abordaram a moral, até então; não haviam feito esse exercício científico, tendo refletido sozinhos sobre a moral de seu próprio tempo, realizando assim uma ciência da moral sem a moral.

Hans Jonas (1903-1993) foi um filósofo alemão conhecido principalmente devido à obra “O Princípio da Responsabilidade” (JONAS, 2006). Concentra-se nos problemas éticos sociais criados pela tecnologia. Formulou um princípio moral supremo: “Atuar de forma que os efeitos de suas ações sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana genuína”. Propõe uma “heurística do medo” e, apesar de criticar o dualismo ocidental, demonstra um pensamento dicotômico entre homem e natureza, assim como parece confundir tecnologia com lucro. O autor acaba demonstrando uma ideia pessimista e reducionista sobre a tecnologia. Para o autor, a ética antiga não é mais um parâmetro para as novas tecnologias.

Jonas (2006) propõe o princípio da responsabilidade, uma nova versão do imperativo categórico kantiano. Para Jonas, Kant e outras teorias éticas desde a Antiguidade estariam preocupadas apenas com o indivíduo. Também acusa Kant de uma ética apenas humanista, antropocêntrica. Ao rever-se a ética de Aristóteles e o imperativo categórico de Kant, não se nota isso. Talvez possamos dizer que seria uma espécie de atualização do imperativo categórico em função do novo contexto, mas não que se trataria de um novo princípio ético.

Lévy (1999) tem uma posição oposta à visão de Jonas. Levy critica a “metáfora do impacto”, como se a tecnologia fosse um projétil, algo de fora e sendo arremessado na sociedade, impactando-a. Em sua concepção, a tecnologia não é positiva, negativa nem neutra. Corrige a falácia de que a ideologia seria uma ideia falsa, mas uma produção ideal. Para Levy, é das relações que nascem as ideias.

4.2 EXPERIÊNCIA E ÉTICA FOUCAULTIANA

“Experiência não é o que acontece com um homem; é o que um homem faz com o que lhe acontece”.

(Aldous Huxley)

A ética foucaultiana é tomada como uma inspiração para o método deste estudo. Assim, as perguntas que Foucault fez com o fim de estudar a “história das problemáticas ou do pensamento”, ou ao debruçar-se sobre a história da sexualidade, a fim de fazer o estudo da ética e o cuidado de si, foram a base para que se pudesse pensar na ética dos sujeitos hoje.

A constituição do sujeito moral seria “quase jurídica”. (FOUCAULT, 1984, p. 42). Não se trata de julgar condutas como morais ou não, como certas ou não. Pois, “[...] o próprio indivíduo se constituiu a si mesmo como um sujeito moral de suas próprias ações”. (FOUCAULT, 1984b, p. 28). A ética seria o terceiro elemento constitutivo da moral, ao lado do código moral e da moralidade dos comportamentos. O que nos interessa é como o sujeito se conduz diante das regras prescritas.

A genealogia da ética seria uma “[...] história da maneira pela qual os indivíduos são chamados a se constituir como sujeitos de conduta moral”. (FOUCAULT, 1984, p. 41). Os elementos constituintes do quadro ético refletem as “[...] artes de interrogação que Foucault praticou em suas obras e que bem poderiam ser estendidas a uma ética do pensamento, preocupada com o diagnóstico do presente”. (BERNAUER, 1988, p. 315). Assim, a ética

objetiva causar uma “[...] estranheza em relação às nossas evidências e familiaridades [...]” e “[...] incitar o artesanato do cotidiano do pensamento”. (CANDIOTTO, p. 232).

Dessa forma, seriam esses os cinco elementos da ética foucaultiana, conforme descritos no segundo volume da obra “História da Sexualidade” (FOUCAULT, 1984):

1. **Ontologia** ou **substância ética** - que parte de si os sujeitos não abrem mão para conduzir-se moralmente ou qual parte de si reservam para mudanças?;
2. **Deontologia** ou **modos de sujeição** - a que os sujeitos se submetem? O que é exigido deles? Diz respeito de “[...] como alguém se relaciona com a substância ética e sente-se na obrigação de colocá-la em prática” (CANDIOTTO, p. 225);
3. **Ascética** ou elaboração do **trabalho ético** - quais práticas os sujeitos se impõem e impõem aos outros? Dessa forma “[...] não consiste na adequação do comportamento à regra estabelecida [...]”, “[...] mas na transformação do indivíduo em sujeito moral de sua própria conduta mediante certas práticas de si” (CANDIOTTO, p. 226);
4. **Teleologia** ou **finalidade** – “Trata-se do objetivo que se pretende alcançar por meio da elaboração do trabalho de si sobre si, ou seja, alcançar a condição de sujeito moral” (CANDIOTTO, p. 226). Com as práticas, qual fim se buscou? Em que esse sujeito se transformou e transformou os outros? Para Foucault (1984, p. 27), “[...] uma ação não é moral somente em si mesma e na sua singularidade; ela o é também por sua inserção e pelo lugar que ocupa no conjunto de uma conduta”. Esta também tem a ver com a adesão ao contemporâneo;
5. **Perigo** – definidos os outros elementos, qual perigo se constata nas relações éticas que se estabelecem?

O quadro ético de Foucault permite “[...] indicar como esse alguém vive, é caracterizar o estilo de vida desse alguém”. (DAVIDSON, 2016, p. 172). O estilo é tomado como um sentido artesanal. Como o sujeito se “esculpe”? Viver a vida seria como viver uma obra de arte. (SILVA, 2007; PINHO, 2010; GALVÃO, 2014). Mas, Foucault traz uma ideia de Plotino, um filósofo neoplatônico. Para Plotino, a arte de viver, a escultura de si seria como uma estátua, não uma pintura. Não seria uma lógica de adição e sim uma arte da remoção.

Assim, um “[...] modo de vida pode produzir uma cultura e uma ética”. (DAVIDSON, 2016, p. 173). A genealogia da ética seria uma história da ascética; uma história de como, através do exame de si e das transformações do seu modo de ser, “[...] os indivíduos são chamados a se constituir como sujeitos de conduta moral”. (FOUCAULT, 1984, p. 41).

Pensar o sujeito ético implica lidar com: “[...] a história da subjetividade e uma análise das formas de governamentalidade”. (DAVIDSON, 2016, p. 163). Não se pode ignorar a ética, sob o risco de negligenciar a história e a filosofia. Ignorando a ética “[...] não seremos capazes de nos explicar, de explicar quem somos, e como poderíamos nos tornar diferentes”. (DAVIDSON, 2016, p. 187).

Quanto ao conceito de experiência em Foucault, este toma diversas formas na trajetória de suas pesquisas e escritas. Aqui, entende-se que a experiência é objeto, objetivo e produto. Trata-se de uma transformação do sujeito. Uma transformação na relação com os outros, com as coisas, consigo mesmo, com a verdade. (PELBART, 2015). Uma experiência é uma singularidade, um acontecimento, uma raridade. Ela se dá pela correlação entre campos do saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade. (FOUCAULT, 2010, p.10). A experiência parte do campo do privado e é devolvida à sua historicidade. Objetiva-se pensar o presente em sua relação com o passado. Busca-se “[...] heroificar o presente [...]” (FOUCAULT, 1994, p. 570), sem sacralizá-lo. Afastando-se do “[...] sono antropológico [...]” e do pressuposto de que o sujeito seria dono da verdade de si (primado do sujeito), almeja-se refletir sobre o que o homem faz de si mesmo ou pensar “[...] o que fizemos com o que fizeram de nós”.

Trazidas todas essas discussões, como realizar uma pesquisa experiência, considerando os objetivos e o objeto desta pesquisa, inspirando-se na ética de Foucault? Segundo Favacho (2016), a fim de evitar o excesso de relativismos e localismos em uma pesquisa com experiências de si, é necessário fazer as análises levando em conta quatro aspectos: a aposta, a homogeneidade, a sistematização e a generalidade. A primeira diz respeito a uma desconfiança histórica; a segunda diz respeito a como certos elementos de uma realidade comunicam-se com outros, produzindo sentidos; a terceira trata das relações de domínio sobre as coisas, sobre os outros e consigo mesmo e, a quarta, sobre as questões singulares que tenham alcance geral.

“Foucault valorizou aquelas experiências que nos levavam aos limites de nossas formas de subjetividade”. (O-LEARY, 2012, p. 885). Para o autor, a fim de se analisar o presente é preciso retomar a interpretação dos textos antigos, por meio da análise das práticas. A experiência, “[...] não pode ser acessada através da consciência individual, mas através de uma análise do que ele chama de ‘práticas’ [...]” (O-LEARY, 2012, p. 884), ou “[...] sistemas de ação [...] habitados por formas de pensamento”. Dessa forma, será necessário resgatar um histórico com relação a certas práticas. Pode-se entender uma prática em Foucault como “[...] uma maneira de se relacionar consigo mesmo para se construir, para elaborar”. (VEIGA

NETTO, p. 128). Nesse sentido, Foucault analisa as práticas de si e as práticas de governo. Para Foucault (1984, p. 27-28):

Não existe ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral; nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo como sujeito moral; nem tampouco constituição do sujeito moral sem "modos de subjetivação", sem uma "ascética" ou sem "práticas de si" que as apoiem. A ação moral é indissociável dessas formas de atividades sobre si, formas essas que não são menos diferentes de uma moral a outra do que os sistemas de valores, de regras e de interdições.

O cuidado de si tem sido prescrito desde o pensamento clássico grego, helenístico e romano, o cristianismo primitivo, e até mesmo o antigo testamento. Considerando as práticas de governo e as práticas de si, Foucault prefere focar nas práticas de si, pois “[...] permitirão, nesses jogos de poder, jogar com o mínimo possível de dominação”. (FOUCAULT, 2004, p. 13). O cuidado de si relaciona-se com a ação política. (O-LEARY, 2012, p. 113). Não é uma atividade solitária, mas uma atividade social. (O-LEARY, 2012, p.132). É preciso se conhecer para poder cuidar de si mesmo. Foucault interessa-se pelas práticas de liberdade e pergunta: como se pode praticar a liberdade? Como escapar das amarras que tentam nos governar? Como nos governar? “A liberdade é, portanto em si mesma política”. (FOUCAULT, 2004, p. 4).

Temos um sujeito que era dotado de direitos ou que não o era e que, pela instituição da sociedade política, recebeu ou perdeu direitos: através disso, somos remetidos a uma concepção jurídica do sujeito. Em contrapartida, a noção de governabilidade permite, acredito, fazer valer a liberdade do sujeito e a relação com os outros, ou seja, o que constitui a própria matéria da ética. (FOUCAULT, 2004, p. 14).

Mas no que consiste a acética? “Na tradição filosófica inaugurada pelo estoicismo, a *askêsis*, longe de indicar a renúncia a si mesmo, implica na consideração progressiva de si, a maestria de si”. [...] “O objetivo final da *askêsis* não é preparar o indivíduo para uma outra realidade, mas de lhe permitir acessar a realidade deste mundo” (FOUCAULT, 1994, p. 4). A ascese está relacionada a “[...] que tipos de sujeitos devemos ser? E “[...] como devemos governar a nós mesmos?” (CANDIOTTO, 2010, p. 164). O sujeito ético busca superar a si mesmo, “[...] lançar-se na totalidade do mundo”. (DAVIDSON, 2016, p. 169).

A ética, na Grécia antiga, girava em torno da liberdade e do imperativo “cuida de ti mesmo”. Esse cuidado de si, para ser efetivo, precisaria ser compromissado com a verdade. Aqui a ética relaciona-se com a *parrêsia*, ou o falar franco. O homem livre não era escravo de si mesmo, sendo, portanto, cidadão. A verdade relaciona-se com a política e com a ética. Na

Antiguidade, segundo Ferreira (2015, p. 88), “[...] dizer a verdade ou o verdadeiro foi acompanhado da transformação do *êthos* dos indivíduos, exigindo a coragem e a convicção, condições éticas para a construção do regime de poder que é a democracia”. A filosofia política da Grécia Antiga teria condicionado “[...] o governo dos outros (*politeia*) à constituição ética do sujeito (*ēthos*), no sentido de uma exigência intrínseca de produção de discursos de verdade (*alētheia*)”. Dessa forma, na Grécia Antiga, helenística, a *parrēsía*, consistia em:

[...] dizer a verdade, em dizer o verdadeiro, em falar francamente ou abertamente, em comunicar com transparência ou com o coração, em fazer discursos verdadeiros, sempre em sentido ético e não propriamente em sentido lógico e epistêmico (ainda que tal seja eventualmente pressuposto). (FERREIRA, 2015, p. 170-171).

A *parrēsía* relaciona-se com a experiência do cuidado, tanto de si quanto do outro, pois seria “[...] contraditório que o cuidado fosse sistematicamente agredido pela recusa da verdade, seja pela mera omissão desta, pelo engano intencional, ou pela ilusão”. No epicurismo⁴⁴, a *parrēsía* se desloca do falar franco e “[...] passa a expressar uma técnica utilizada nas relações mestre – discípulo e médico – doente [...]”, dizendo respeito à aplicação de um conhecimento fundamentado, verdadeiro, para o ensinamento ou a cura de alguém. No cristianismo, a *parrēsía* relaciona-se com uma verdade que transcende, onde Deus seria a fonte da verdade e pela leitura da Palavra de Deus e através da experiência da fé, seria alcançada uma verdade do sujeito. (FERREIRA, 2015, p. 185). Dessa forma, no cristianismo, o cuidado de si passa a ser substituído pela renúncia de si. Assim, a *askēsis* cristã conduz ao sacrifício extremo do crente: “[...] sacrifício de partes sucessivas de si mesmo e renúncia final a si mesmo [...]”, afirma Foucault (2001a, p. 312).

Foucault considera que a hermenêutica⁴⁵ do sujeito só foi possível a partir do cristianismo porque, até então, “[...] ainda não se tinha constituído culturalmente a noção de sujeito”. (FERREIRA, 2015, p. 13).

⁴⁴ Doutrina do filósofo grego Epicuro (341-270 a.C.) e de seus sectários, caracterizada pelo atomismo, pelo sentimento de indiferença diante da morte e dos deuses e pela identificação do bem soberano com o prazer material e duradouro, com o equilíbrio do corpo e do espírito, por meio da libertação de todo tipo de sofrimento. Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/epicurismo/>. Acesso em 10 jan. 2019.

⁴⁵ A hermenêutica de si é “[...] a formação dos procedimentos pelos quais o sujeito é conduzido a observar-se a si mesmo, a analisar-se, a decifrar-se, a reconhecer-se como domínio de saber possível”. Tem natureza experimental, pois visa “[...] a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade”. (FOUCAULT, 1994c, p. 633).

[...] a hermenêutica do sujeito é uma invenção introduzida pelo cristianismo, pois a prática da decifração do sujeito, a autoanálise crítica do si com a assistência do mestre espiritual e confessor, não existiam nas culturas grega, helenística e romana, apesar de já se ter desenvolvido toda uma prática da obrigação de dizer a verdade, dos discursos sinceros. (FERREIRA, 2015, p. 90).

De acordo com Ferreira (2015), uma das tecnologias do si do protocristianismo⁴⁶, a *exagóreusis*, traduzida por exame de si ou autoexame, consiste numa técnica inspirada no estoicismo, ligada aos exercícios verbais entre o discípulo e o mestre e funda-se nos pilares da espiritualidade monástica cristã: a obediência e a contemplação. Michel Foucault (apud FERREIRA, 2015) distingue três tipos de exames de si (autoexame):

[...] o primeiro consiste em avaliar a correspondência ou não entre os conteúdos mentais e a realidade, sob o signo da verdade epistemológica; o segundo avalia a correspondência entre conteúdos mentais e as regras (morais, éticas, políticas, religiosas, etc.); o terceiro avalia a relação entre pensamentos escondidos e a impureza da alma.

A ética foucaultiana não pretende “[...] somente causar uma estranheza em relação às nossas evidências e familiaridades, mas também incitar o artesanato do cotidiano do pensamento como tarefa indispensável diante das identidades forjadas pelos padrões comportamentais já estabelecidos”. (CANDIOTTO, 2010, p. 232). Foucault (apud FERREIRA, 2015, p. 207) defende, que a valorização da ética do si e da estética do si (ou da existência) são tarefas urgentes para cada sujeito.

Considerando a subjetividade na relação do sujeito com a verdade, o poder e consigo mesmo, busca-se arrancar o sujeito de si mesmo, dos procedimentos de governo, recuar à trama histórica, dessubjetivá-lo. Essa experiência, como uma ficção, em um engajamento produtivo com o mundo, visa fabricar, produzir, trazer à existência os saberes que foram produzidos sobre uma dada experiência, no caso, a experiência ética que os sujeitos estabelecem consigo mesmos (ontologia de nós mesmos) e com os outros ao proferirem discursos de ódio contra adolescentes que cometem atos infracionais.

Foucault considera que toda experiência tem certa relação com o fictício. (O’ LEARY, 2012, p. 890). Entende-se neste estudo que a ficção é uma nova postura diante do real, “[...] não considerando a ficção como algo menos real”. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 6). Ligar aquilo que é com o que pode ser. Ela permite imaginar o futuro, considerando o futuro “[...] como um campo de virtualidades [...]” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 7), um “[...] reservatório de potências [...]” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 8), afinal, o tempo não segue uma mera

⁴⁶ Diz respeito aos primórdios do cristianismo.

linearidade. A ficção nos permite deslocar do lugar comum. Como diária Foucault, multiplicar relações.

Dentro desse jogo de ficções, Foucault costumava fazer muito uso do gênero ensaio. No mesmo sentido, nesta pesquisa, trabalha-se brevemente com a distopia, considerando as potencialidades desse gênero. A distopia é uma espécie de avesso da utopia. Se na utopia se apresenta uma situação ideal, na distopia, apresenta-se uma situação de um pessimismo extremo. “Ao pôr o futuro no registro do piorável, e não do melhorável como na utopia, as distopias facilmente podem ser confundidas como apologias da decadência”. (HILÁRIO, 2013, p. 206).

De acordo com Hilário (2013, p. 204), etimologicamente, distopia se origina de *dis* (doente, anormal, dificuldade ou mau funcionamento) mais *topos* (lugar); significando, em termos literais, algo como “[...] forma distorcida de um lugar”. Em concordância com Hilário (2013, p. 213),

[...] vivenciamos uma civilização que lança mão da barbárie para sua própria manutenção. Neste sentido, a possibilidade de pensar criticamente acerca da nossa barbárie comum é aberta por estas distopias. Para os frankfurtianos, a barbárie é um modo de regressão histórica que é preciso anular com reações da ordem da ética, da política e da estética. Não é demais afirmar que, neste último âmbito, as distopias ocupam lugar de destaque na luta pela desbarbarização dos laços sociais na atualidade.

Nesse estudo, a distopia será pensada como um instrumento de reflexão sobre os efeitos da barbárie na contemporaneidade. Elas se antecipam aos prováveis danos caso certas tendências do presente se mantenham. Elas denunciam os efeitos do poder. Mais do que narrativas ficcionais futurísticas, as distopias indicam previsões que precisam ser combatidas no presente.

Em “A vida dos homens infames”, Foucault (2006) nomeia como infames aqueles que não tiveram lugar na história. Homens sem glória. Vidas dignas de pena. Sujeitos dos arquivos de reclusão francesa como ordens de prisão e arquivos da polícia. Prioriza textos curtos, pois “[...] é a raridade e não a prolixidade que faz com que real e ficção se equivalham [...]” com “[...] rupturas, apagamentos, esquecimentos, cancelamentos, reparações [...]”. (FOUCAULT, 2006, p. 209). Esses detalhes, o comum, escritos, deixam os registros na história dessas pobres vidas que teriam passado despercebidas, não fossem a transgressão que cometeram e o atravessamento delas pelo poder.

Nesse estudo, tais quais os infames de Foucault, os adolescentes que cometem atos infracionais são tematizados. Joga-se uma luz sobre seus anonimatos, nesse entrecruzamento

do real com o fictício. Como afirma Morin (2004, p. 135), a estetização permite que possamos nos emocionar com o “vagabundo” de Charles Chaplin, mesmo que no cotidiano fiquemos receosos ao passar por uma pessoa em situação de rua. O fictício pode assim ter bons efeitos de reflexão ao estetizar o real.

Neste capítulo, foram feitas discussões sobre a ética desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade e, posteriormente, abordou-se a ética foucaultiana a definição de seu quadro ético: substância ética, modos de sujeição, trabalho ético, finalidade e perigo. No próximo capítulo, coloca-se em prática a realização de experiências éticas, a fim de compreender o sistema de pensamento dos *haters* dos adolescentes que cometem atos infracionais. Apresenta-se de forma detalhada o percurso metodológico, os dados encontrados com as respectivas discussões e análises. É exposto um quadro ético de inspiração foucaultiana e são realizadas experiências, ficções que visam nos tirar do lugar-comum para que possamos enxergar aquilo que já não podemos ver: o ódio já banalizado contido nos comentários.

5 EXPERIÊNCIAS ÉTICAS DO ÓDIO AOS ADOLESCENTES EM REDES SOCIAIS

5.1 UMA PRIMEIRA INCURSÃO – NOTÍCIA NA PÁGINA DA RÁDIO ITATIAIA

Inicialmente, a pesquisa que se esboça adotaria uma metodologia de análise de discurso de inspiração foucaultiana. Cheguei a escrever um artigo com essa abordagem analisando os comentários em uma notícia, considerando a opção posterior, realizando o salto da análise do discurso para a ética foucaultiana, abordarei de forma sintética o que fora verificado a partir daquela abordagem. Por falta de conhecimento à época das ferramentas de extração de dados do *Facebook*, foi copiada manualmente uma parte dos comentários, totalizando 41 comentários. Estes seguem transcritos na íntegra no Apêndice 3, numerados em algarismos romanos. Importante salientar que esse foi um primeiro esboço realizado e uma análise mais elaborada foi feita em um diálogo conjunto com o que foi colhido no segundo *corpus*, sendo discutido mais adiante.

Quanto à análise do discurso de inspiração foucaultiana, em Foucault, os discursos são finitos, históricos; funcionam em determinados momentos históricos, têm uma temporalidade. Submetem os sujeitos, seus corpos como a materialidade que demandam. “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”. (FOUCAULT, 1986, p. 135). Os discursos podem ser mais bem analisados pela descrição dos enunciados. Foucault não se preocupa com o já dito, nem com o jamais dito, mas com o dito: os discursos efetivamente pronunciados. “Haveria um processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente”. (FISCHER, 2002, p. 94).

Uma única notícia publicada na Página Oficial da “Rádio Itatiaia”⁴⁷ foi suficiente para o *corpus* da análise que aqui se esboça. A página é curtida por 633.191 pessoas e a manchete: “Deu mole. Estava folgado demais’, diz menor que participou do assassinato brutal de cabo da PM” teve, até o momento da colheita desses dados (março de 2017), 648 compartilhamentos, 451 comentários (na página, pois em cada compartilhamento pode haver comentários públicos ou não) e cerca de 2.700 curtidas das quais 699 reações indicavam raiva. Abaixo seguem os *links* da página para consulta da notícia publicada.

Link da página: <https://www.facebook.com/radioitatiaia/>

Link da publicação: <https://www.facebook.com/radioitatiaia/posts/1553095838036474>

⁴⁷ <https://www.facebook.com/radioitatiaia/>.

Ao analisar o *corpus I*, práticas do passado ressurgem e clama-se por punições em praças públicas e enforcamento. Condena-se o direito à procriação e comparam-se adolescentes a animais, pragas, pestes, erva-daninhas, vermes, lixo; condena-se a pobreza. É incitada e incentivada a justiça pelas próprias mãos, o Estado de Exceção (AGAMBEN, 2004), a pena de morte, a tortura. Vê-se como se busca construir a imagem do adolescente como “vida nua”, apenas biológica; como *homo sacer*, sagrados, malditos ou matáveis; animalizados, demonizados para serem exorcizados. A “Figura 1” traz um *print* da publicação em questão e a “Figura 2” ilustra as reações dos usuários à publicação.



Figura 1 — *Print* da publicação na Página da Rádio Itatiaia.



Figura 2 — *Print* da publicação na Página da Rádio Itatiaia – Reações à publicação, preservando o anonimato dos usuários.

Retomam-se termos tipicamente associáveis à Doutrina da Situação Irregular como menor e delinquente. Nesse caso, “menor” não diz de uma distinção jurídica, mas busca-se “[...] caracterizar e distinguir socialmente atores na mesma faixa etária”. (PASSETI, 1986). Enunciados religiosos associam os adolescentes a figuras demoníacas. É sugerido inclusive que se arranquem as cabeças e queimem os corpos como se faz com as bruxas. Surge uma dica de como forjar uma possível cena do crime no qual os adolescentes teriam resistido a uma abordagem para justificar “*meter bala e mandar a conta pro capeta*”.

A análise do discurso é sempre política. A polarização política mostra-se presente em vários dos comentários. A polarização e a crise atual no cenário político brasileiro aparecem nos comentários. Associam-se os 14 anos do adolescente a 14 anos de “desgoverno” do PT. Clamou-se por Bolsonaro. Os Direitos Humanos e seus defensores foram condenados.

Podem-se associar os adolescentes aos infames de Foucault (2003). Eles desapareceriam não fosse o seu confronto com o poder. É esse encontro com o poder que nos deixaram os registros de suas existências. Entende-se nesse trabalho que, no momento em que os adolescentes cruzam o discurso do ódio, têm-se os registros de suas existências. Uma existência infame.

Foi possível também estabelecer uma relação entre os enunciados dos discursos sobre o adolescente que comete atos infracionais e enunciados de outros discursos como os presentes na Doutrina da Situação Irregular (propaga uma noção do adolescente ainda visto como “menor”, como delinquente) e o discurso religioso (ao demonizá-lo). Observou-se ainda que as redes sociais têm escancarado um lado perverso do humano, onde o discurso do ódio busca produzir um outro a ser recolhido, exterminado, punido, destituído de humanidade, demonizado, exorcizado.

5.2 O DISCURSO DO ÓDIO TATUADO NA TESTA – “EU SOU LADRÃO E VACILÃO”

5.2.1 Justificando a escolha e contextualizando o caso

Foram feitos alguns testes de como poderia ser realizada a pesquisa e as estratégias tentadas pareciam não ser viáveis. Como proceder? Entrar em páginas pré-selecionadas, procurar notícias sobre adolescentes que cometeram atos infracionais e analisar os comentários e reações sobre as mesmas? Escolher um grupo aberto e realizar o mesmo

procedimento? Pesquisar palavras-chave em busca de publicações pertinentes ou perambular pelos *sites* de redes sociais em busca das mesmas? Analisar os perfis que fazem comentários que propagam discurso de ódio, a fim de descobrir se são *bots* ou *fakes*?

Considerarei então a possibilidade de eleger um caso de destaque e grande repercussão e que poderia trazer muitos elementos a essa pesquisa. Partindo desse raciocínio, um caso chamou a atenção: uma notícia de junho de 2017⁴⁸ sobre um adolescente que foi apreendido, suspeito do furto de uma bicicleta e que teve a testa tatuada com os dizeres “Eu sou ladrão e vacilão” pelo proprietário da bicicleta, fato que ainda foi filmado e divulgado na *internet* por um cúmplice. A justificativa para a ação seria uma forma de punição pela tentativa de furto da bicicleta.

Essa notícia em si já teve grande divulgação e comoção em rede nacional, mas sucederam-se outros fatos que acabaram dando ainda mais destaque ao caso. Foi realizada uma campanha de *crowdfunding* para arrecadar uma verba, a fim de custear as sessões de remoção da tatuagem, o que gerou ainda mais revolta em determinados grupos. Em 13 de junho de 2017, o rapaz foi internado em uma clínica para tratamento contra os vícios em *crack* e álcool.

Em fevereiro de 2018, a dupla que realizou a tatuagem e a gravação do fato foi condenada por lesão corporal gravíssima e constrangimento ilegal⁴⁹. Em março de 2018, nosso personagem, já adulto, foi preso por furtar desodorantes em um supermercado⁵⁰, trazendo à tona novamente o caso e gerando novas discussões a respeito das chances que teriam sido dadas ao adolescente e que teria desperdiçado as mesmas.

Consultando a plataforma *Google Trends*, verificou-se que a pesquisa pelo termo “bandido” teve um pico justamente na mesma data da publicação da notícia sobre o adolescente que teve a testa tatuada (11/06/2017). Foi cruzada a pesquisa pelo termo “bandido” com a pesquisa pela expressão “testa tatuada”, mostrando assim uma associação do termo “bandido” ao adolescente apreendido. No gráfico abaixo (Figura 3), gerado pelo *Google Trends*, a linha vermelha representa a quantidade de pesquisas pela expressão “testa tatuada” e a linha azul representa a quantidade de pesquisa pelo termo “bandido”.

⁴⁸[http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/06/jovem-tem-testa-tatuada-apos-ser-acusado-de-furto-de-bicicle ta-em-sp.html](http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/06/jovem-tem-testa-tatuada-apos-ser-acusado-de-furto-de-bicicle-ta-em-sp.html).

⁴⁹<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/02/justica-condena-dupla-que-tatuou-testa-de-adolescente-em-s-ao-paulo.html>.

⁵⁰<https://oglobo.globo.com/brasil/jovem-que-teve-testa-tatuada-com-frase-sou-ladrao-vacilao-presos-22525662>.

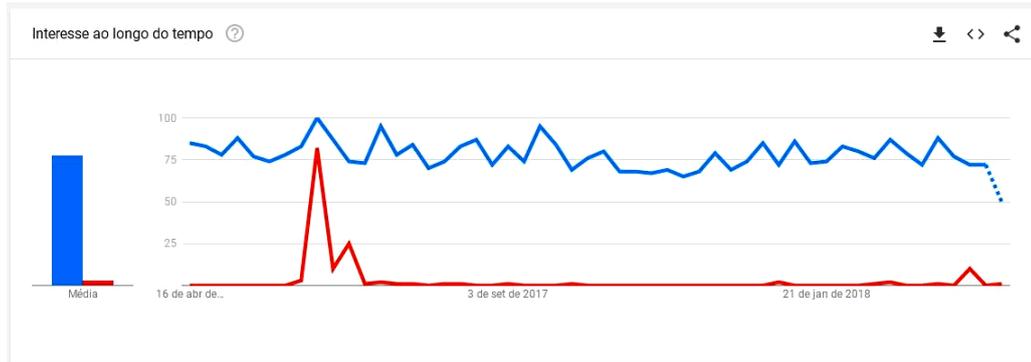


Figura 3 — Gráfico da relação entre pesquisas dos termos “testa tatuada” e “bandido” gerado pelo *Google Trends*.

Supondo, a partir dos dados acima apresentados, uma provável relevância dessa notícia ao objeto, foram pesquisados no *Facebook* os termos “testa” e “tatuada” dentro de um recorte de tempo em que as notícias sobre o fato em questão começaram a ser divulgadas, ou seja, a partir de junho de 2017. Com a pesquisa desses termos, surgiram algumas publicações com grande destaque: três vídeos originalmente publicados em páginas públicas comentando sobre o caso. O primeiro publicado por André Moscoso, o segundo por Liah Bracho, o terceiro por André Fernandes. No total, estes vídeos somam, até o momento, milhões de visualizações, compartilhamentos, reações e comentários. Assistindo aos vídeos em questão, considerando o alcance das publicações e após uma breve consulta prévia aos comentários, foi considerado então que esse caso seria de fato uma experiência limite ou um evento extremo, sendo o ponto de partida para a realização da pesquisa.

Aqui, trarei algumas breves informações objetivas sobre as páginas, considerando ainda que são páginas públicas. Esse tipo de página permite que seu conteúdo seja visualizado por qualquer pessoa com acesso ao *Facebook*. Mesmo aquelas pessoas que não possuem um perfil, pode chegar ao conteúdo da mesma através de *links* externos à Rede Social. Dessa forma, esse tipo de página é de conteúdo livre. Insta salientar, que não há registros quanto a uma política de regulação dos comentários das postagens pelos donos das páginas.

- **André Moscoso** - <https://www.facebook.com/andre.moscoso.12/>

3.628.191 pessoas curtem a páginas e 3.914.126 pessoas a seguem. Foi criada em 19 de junho de 2015. O autor e proprietário da página se diz apresentador de um canal no *Youtube* e a página está dentro da categoria comunicação.

O autor criou um vídeo com o título “*Ladrão que teve a testa tatuada, tudo errado!*” e o mesmo teve 94 mil comentários; 875 mil compartilhamentos; 34 milhões de visualizações.

Posteriormente, voltou a compartilhar o vídeo com o seguinte comentário: “*O menino que cito nesse vídeo infelizmente foi preso roubando novamente, menos de um ano depois de ser tatuado na testa... Você ainda tem a mesma opinião sobre o caso? Pagaria a fiança pra ele? O que vcs acham disso?*”.

- **André Fernandes** – <https://www.facebook.com/OficialAndreFernandes/>

1.629.277 pessoas curtem a página e 1.757.085 pessoas a seguem, tendo sido criada em 10 de outubro de 2017. A página está dentro da categoria figura pública e com os interesses “Política, Segurança Pública, Religião e Cultura” e o autor se apresenta como “Estudante de Marketing. Palestrante do ‘Direita Ceará’. Cristão, conservador, patriota, armamentista”, alegando ser a página mais influente politicamente do Nordeste. Recentemente, André foi eleito Deputado Estadual pelo Ceará pelo Partido Social Liberal (PSL), obtendo mais de 109 mil votos, sendo o deputado mais bem votado pelo estado e também o deputado mais jovem eleito no Brasil, com 20 anos.

O autor criou e compartilhou um vídeo com o título “*Ladrão que teve a testa tatuada ‘sou ladrão e vacilão’ cometeu outro crime! Você acha mesmo que esses bandidos merecem uma segunda chance?*”. Na mesma data, compartilhou novamente o vídeo com os dizeres “*Deram uma segunda chance pra ele e veja o que aconteceu...*”. O vídeo teve 5,6 mil reações, 436 comentários e 11 mil compartilhamentos (não são exibidos dados do total de visualizações do vídeo).

- **Liah Bracho** – <https://www.facebook.com/OficialLiahBracho/>

À época da coleta de dados, 330.700 pessoas curtiam a página e 354.050 pessoas a seguiam. A página estava na categoria figura pública e traz como interesse “levar informações e alegria às pessoas”. A autora se apresentava como “uma mulher transexual bastante conhecida nas redes sociais por suas polêmicas e também divertidas histórias. Nasceu na década dos anos 80 em Fortaleza (CE) onde viveu até seus 18 anos. Atualmente mora na Espanha há oito anos, e leva através da *internet* alegria, informações e entretenimento aos seus seguidores e amigos”. A página não está mais disponível no *Facebook*, apesar de ainda ser possível encontrar vídeos de Liah em publicações de outras páginas.

Liah publicou um vídeo com a seguinte chamada: “*O CARA TEVE A TESTA TATUADA, E MUITOS FICARAM COM PENA*”, com 50 mil reações; 10 mil comentários, 48 mil compartilhamentos e 3,7 Milhões de visualizações; voltando a publicar outro vídeo no dia seguinte tratando da repercussão com os dizeres: “*EM RESPOSTA AO VIDEO DO CARA*”.

TATUADO NA TESTA, E DEFENDIDO PELA POPULAÇÃO” com 15 mil reações; 3,9 mil comentários e 13 mil compartilhamentos.

5.2.2 O percurso e a articulação metodológica na prática

Como já apontado, não se sabia ao certo como seria o percurso para coleta de dados. A estratégia inicial de vagar atentamente pelo *Facebook* em determinadas páginas acabou trazendo a ideia de analisar um caso específico, após verificar tamanha repercussão e interação em algumas postagens. Pareceu ser de fato uma experiência relevante. Como os “infames” de Foucault. Com a descoberta de *softwares crawler* (de extração de dados) e *softwares* de análise, foi possível otimizar o trabalho.

Os textos das páginas analisadas foram extraídos com o aplicativo *Nettvizz* e que funciona dentro da própria plataforma do *Facebook*. O *corpus* de textos é composto por 115 comentários de postagens de cada página analisada (André Fernandes, Liah Bracho e André Moscoso), totalizando assim 345 comentários. A totalidade de comentários das postagens em questão resultou num volume muito grande de texto (130 páginas com fonte Times New Roman, tamanho 12 e espaçamento simples), inviabilizando a análise em tempo hábil. Dessa forma, foi necessário optar por um recorte. Assim, utilizando os softwares *Iramuteq* e *Excel*, foram selecionados, inicialmente, os 200 comentários que mais tiveram interações (geraram novos comentários) de cada página.

Foi iniciada a leitura dos comentários selecionados e, quando havia passado de 100 comentários da primeira página (André Fernandes), constatou-se que já havia recorrências e elementos suficientes a serem analisados. Dessa forma, foi definido um número de 115 comentários de cada página. Importante mencionar que na Página de André Fernandes foram analisados os comentários de apenas uma postagem, enquanto nas páginas de Liah Bracho e André Moscoso, foram analisados os comentários de duas postagens, todas referentes ao mesmo caso.

Através do uso dos *softwares*, também foi verificado quais os termos apareciam com maior frequência utilizando um filtro para substantivos, adjetivos e verbos, excluindo palavras como preposições, artigos, interjeições e advérbios. A intencionalidade foi procurar pistas dos termos mais recorrentes, para assim ter mais elementos para a realização da análise. Dessa forma, o “Quadro 1” segue para consulta no “Apêndice 2”, constando os 100 termos mais recorrentes extraídos dos 200 comentários que tiveram mais interação nas postagens.

Destaca-se a grande recorrência de algumas palavras. A palavra “bandido” apresentou o maior número de repetições (380). Destaques importantes para palavras como roubar (366); ladrão (191); justiça (180); vagabundo (179); bem (176); gente (116); trabalhar (114); sociedade (99); vítima (98); direito (97); família (85); merecer (80); menor (77); humano (72); Deus (71); tortura (59); coitado (56) e cidadão (56).

Os comentários foram numerados para facilitar a identificação. Comentários do *corpus I* foram numerados com algarismos romanos de I a XLI e os comentários do *corpus II* foram numerados de 1 a 345 e seguem transcritos na íntegra no Caderno de Campo (“Apêndice 3”). Com a leitura, sistematização dos dados, anotações de recorrências nos comentários, criação de categorias de acordo com as práticas prescritas, sugeridas e confessadas, foi pensado no quadro ético tomando como inspiração a ética de Foucault, propondo ainda um elemento novo: a esperança, possíveis saídas que se anunciam à problemática dos *hater*s. Em seguida, foram propostas experiências, ficções no sentido foucaultiano, que pudessem nos tirar do lugar-comum, trazer ainda mais incômodo pelo que se anuncia no discurso de ódio aos adolescentes que cometem atos infracionais. Dessa forma, foram criados 4 quadros (Quadros 2, 3, 4 e 5 no Apêndice 2) para ilustrar, de forma sintética, o que será trabalhado no subcapítulo 5.2.4: O Quadro Ético.

5.2.3 O Quadro Ético

Considerando o exposto, foram feitos alguns exercícios, a fim de tentar responder as perguntas elaboradas na problematização; procurando refletir como se conduz eticamente o sujeito *hater* dos adolescentes que cometem atos infracionais e o que permitiu, permite, ou condena essa forma de condução ética. Ao final, foi feita uma análise da ética dos sujeitos *hater*s de adolescentes e, ao final, inspirando-se na genealogia da ética foucaultiana, são apontadas a substância ética; os modos de sujeição; o trabalho ético; a finalidade; o perigo, e, uma nova categoria: a esperança.

Considerando os fatos, o adolescente que teve a testa tatuada foi vítima de linchamento. Posteriormente, foi vítima de linchamento virtual numa continuação da primeira agressão em relações desencaixadas⁵¹ (GIDDENS, 1991), deslocadas para o ciberespaço. Segundo Carvalho (2017, p. 112),

⁵¹ Diz respeito ao “[...] ‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p. 24).

Aos olhos dos linchadores, a justiça popular praticada na forma do linchamento concorre com a justiça oficial e apresenta sua vantagem, na medida em que interfere no conflito com os “bandidos”, “vagabundos”, e promove a pacificação do lugar aonde ocorre a ação. E o que sobressai são relações políticas de outra natureza, que ancoram e legitimam as ações da justiça popular.

A análise dos comentários traz exemplos da criminalização da pobreza (VOLPI, 1999; KARAM, 2013; FISCHER, 2012; SOUZA, 2016) e a falta de compreensão a respeito dos direitos humanos. (COIMBRA, 2007). O pobre, o favelado é criminalizado. É a inclusão perversa. (SAWAIA, 1999). É incluir o outro em um grupo que está fora. (AGAMBEN, 2002).

Os discursos de ódio analisados demonstram uma concepção de que há uma divisão: de um lado vemos os cidadãos de bem, pais de família, trabalhadores (comentários XIII, XXVI, 5, 7, 86, 101, 103, 106, 109, 130, 138, 149, 164, 177, 201, 246, 94, 337, 55, 194, 195 e 219); do outro vemos bandidos, marginais, menores, vagabundos. Como apontado autores como Coimbra (2007) e Freitas e Cruz (2017), quem defende este lado só pode ser igualmente visto como bandido, defensores de “direitos dos manos” (XL, 61, 68, 152, 155, 176, 179, 201, 211, 217, 222, 229, 232, 239, 255, 284, 286, 295, 298, 302, 219, 331, 338 e 339), “petralha”, comunista, hipócrita (comentários 19, 108, 114, 186, 206, 243, 266, 93, 266 e 329). Associa-se a criminalidade e a corrupção a partidos e políticos de esquerda (X, VIII, XXXII, XL, 5, 19, 43, 54, 66, 218, XL, 69 e 95).

Embora a própria mídia seja responsável por essa narrativa que gera um sentimento de medo e a criminalização da pobreza, há uma crítica à grande mídia brasileira e com várias referências a emissoras, programas de televisão e apresentadores (comentários 7, 13, 56, 38, 59, 107, 108, 114, 122, 133, 152, 260, 201, 269, 342). Segundo os *haters*, estes também seriam responsáveis por defender bandidos.

Nota-se também um discurso de repulsa à corrupção, como apontado por Souza (2016). Culpam-se os políticos corruptos pelas mazelas da sociedade (comentários 15, 17, 37, 43, 48, 95, 96, 100, 165, 182, 192, 202, 250, 254, 301, 22, 36, 48, 51, 67, 288). Há comentários que manifestam o ódio ao adolescente e localizam nos homens de colarinho branco a culpa da impunidade, mas também há comentários em que não se propaga o ódio direcionado ao adolescente, direcionando esse ódio aos políticos, “os ladrões de gravata”, pois, seriam eles, os “peixes grandes”, os verdadeiros culpados. Os “pés de chinelo” seriam apenas pobres coitados e vítimas de falta de políticas públicas como educação de boa qualidade (comentários 192, 22, 36, 48, 51, 67, 288).

Como abordado por Souza (2016), Nunes (2016) e Freitas e Cruz (2017) há uma recorrente falta de crença na justiça. Alguns usuários comparam a justiça brasileira com a justiça em outros países, especialmente os Estados Unidos da América, ora fazem referência a países de primeiro mundo ou países com IDH elevado (comentários VIII, 120, 146, 219, 227, 262 e 343). Segundo Jessé Souza (2016, n.p), o “Brasil e seus intelectuais nunca se compararam ao México ou à Argentina, mas sempre, e de modo obsessivo, com os EUA”. Para o autor, existe um imaginário no qual “[...] os Estados Unidos foram construídos pela espontaneidade do mercado e que por isso são livres e maravilhosos”. No fundo, isso se daria pelo fato de os EUA e a Europa representarem “as culturas do espírito”.

Outro ponto também relacionado com as hierarquias morais e as hierarquias de corpo e mente, trabalhada por Souza (2016) diz respeito ao lazer e uma cultura dita baixa em oposição ao trabalho. Nesse sentido são feitas referências ao baile *funk* e ao suposto abandono e negligência pelos pais do adolescente por provavelmente estarem em bailes *funk* (comentário 275). Há uma ideia recorrente de que houve uma inversão de valores (comentários 125, 189, 251, 253, 256, 257 e 284). Uma concepção saudosista de um suposto passado onde os valores como o trabalho, o patriotismo e o respeito aos pais vigoravam (comentários 45, 47, 108, 114 e 169).

Assim como apontado por Souza (2016), o trabalho aparece como um elemento dignificante do homem (30, 49, 81, 174, 186, 91, 101, 186, 194, 246, 247, 328, 151, 152, 338). Ao mesmo tempo em que se argumenta que o trabalho é algo que traz dignidade, o “não trabalho” parece estar relacionado com a “não cidadania”. Aquele que não é trabalhador não teria direito a ter direitos. Termos como “vagabundo”, “vadiagem”, “bandidagem”, “malandro” são utilizados e parecem sempre estar associados àqueles que não trabalham em contraste com o “homem trabalhador”, “cidadão de bem”, “pai de família”.

Os usuários defendem uma justiça mais dura, uma concepção *punitivista*, uma justiça que permita a pena de morte (comentários XIII, XIV, XV, XXIV, XXXIV, XXXVI, 42, 86 e 166) e o direito à posse de armas (comentários XXXVI, 217 e 219). Outros usuários vão além de um pensamento dentro da legalidade e defendem práticas de *justiçamento*. (comentários II, 133, 148, 152, 167, XXII, XXVII, 141, 194, 207, 221, 265, 290, 338, 242, 165, 257, 149, 33, 155, 173, XIII, XIV, XV, XXIV, XXXIV, XXXVI, 42, 86, 166). Geralmente recorrem a um recurso retórico para amenizar o que defendem, negando que seja uma opinião ou desejo próprio, como se fosse uma vontade do destino ou de Deus, alheia. “Não é que eu esteja defendendo, mas”; “não é que eu queira isso, mas”. Assim defendem o *linchamento*; trabalhos

forçados; que o adolescente seja torturado, morto, esquartejado; ou mesmo que seja alimentado com comida com urina de ratos.

O aumento no número de ‘justiçamentos’ pela sociedade civil, que se dá mediante tortura, espancamentos, dentre outros atos de violência, revela um componente da realidade social brasileira, que reflete o descrédito da população na polícia e no Judiciário e muitas vezes fomentada por setores da mídia. A naturalização desse tipo de prática acarreta um risco à sociedade, o que também leva ao enfraquecimento do Estado Democrático de Direito, de modo que se faz necessária a discussão. (NUNES, 2016, p. 01).

Com relação aos Direitos Humanos, Coimbra (2007) alega, que é necessário abandonar uma pretensa superioridade e arrogância do “especialismo”. Os ditos especialistas seriam aqueles que entenderiam verdadeiramente sobre os direitos humanos. Esse posicionamento seria responsável por um “[...] discurso conservador – dito apolítico e objetivo – que põe em xeque direitos humanos ao ligá-lo, por exemplo, ‘à defesa de bandidos’”. (COIMBRA, 2007, p. 02).

Aqueles que propagam o discurso de ódio aparecem como pessoas que têm uma pretensa “coragem de falar a verdade” (comentários 93, 141, 145, 30, 93, 107, 125, 150, 286, 279, 248), usam-se termos como “tapa na cara” em referência ao impacto da verdade nos chamados hipócritas. Essa abordagem que nos remete à *parresia*, à coragem de falar a verdade. (FOUCAULT, 1984; FERREIRA, 2015). Pode-se notar que essa coragem da verdade diz respeito tanto à verdade sobre si e sobre o outro. Como apontado por Foucault (2011, p. 142).

A arte da existência e o discurso verdadeiro, a relação entre a existência bela e a verdadeira vida, a vida na verdade, a vida para a verdade, é um pouco isso o que eu queria tentar captar. A emergência da verdadeira vida no princípio e na forma do dizer-a-verdade (dizer a verdade aos outros, a si mesmo, sobre si mesmo e dizer a verdade sobre os outros), verdadeira vida e jogo do dizer-a-verdade, esse é o tema, o problema que eu gostaria de estudar. Esse problema, esse tema das relações entre o dizer-a-verdade e a existência bela.

Inicialmente, acreditava-se na hipótese de que um discurso religioso seria apoio para os discursos de ódio. Esse elemento de fato foi percebido (comentários XXVI, XVIII, XXXVI, XXVII, 104,), no entanto, o discurso religioso também foi utilizado para criticar o discurso de ódio, trazendo elementos de uma ética da não violência. É dito inclusive que “só quem pode julgar é Deus” (comentário 64). O comentário 44, transcrito na íntegra, a seguir, traz diversos elementos: A *parresia* no sentido de uma verdade que só vem de Deus; um discurso religioso e conservador, mas que também traz ao mesmo tempo a noção de não

violência, da cultura de paz, condenando o justicamento e com a prescrição da prática da “oração pelos inimigos”.

*E eu penso muito assim, justiça tem que ser feita mais não com as próprias mãos e quem **tem um princípio com Deus** pensar totalmente diferente de você André! Eu acompanho você já um tempo e acho legal seus vídeos mais nem tudo que você falar e com temor a Deus, prezo a uma pessoa que falar com sabedoria com princípio Bíblico, e na palavra de Deus diz até pra agente orar pelos nossos inimigos orar pelas pessoas ruins ou boa até mesmo visita os que estão presos e levar o amor de Deus para eles, e ser agente não temos essa capacidade de fazer o que Deus pede esse mundo nunca nunca vai melhorar, e eu sempre tiver esse ponto de vista o mundo está do jeito que está não é só por causa dos bandidos que matar e rouba não mais sim por causa de todos seres humanos da fazer da terra, **André você aí chamar as pessoas de hipócritas por defender, isso não te faz melhor do que os outros não**, a sua jornada aqui na terra só está começando é novo jovem, e você sempre vai erra no agir no falar, e você vai ser hipócrita em algum momento, então não julgas, eu garanto que ser Jesus viesse a essa terra vocês o matariam por Jesus é bem diferente de todos, bom ele não a coita erro de ninguém mais o pensamento dele é bem diferente.... **E chato de você que ser não concorda com o que você pensa, a pessoa é defensor de bandidos fala para levar para casa, fala que somos hipócrita**, você condena nosso próximo sem conhecer nossa trajetória de vida sem saber o quanto já ajudamos alguém ou somos pessoas boa do bem e tal.... **Meu voto é para Bolsonaro e vou votar porque tenho fé que poderemos mudar algo, mais isso não significa que tem que concordar com tudo que ele falar, e nem puxa saco de político... Devemos ser coerentes e sábio, e sabedoria só vem de Deus e isso só possível quem tem comunhão diária fora isso o mundo já está saturado de pessoas inteligentes que estão destruindo o mundo.....***

Também há uma animalização/bestialização dos adolescentes, utilizando-se termos como verme, peste, lixo, praga, rato e animal (III, XXII, XXV, XXXIV, XXXVI, 35, 107, 167, 246, 313, 339 e 244). O adolescente também é demonizado (XXVI, XVIII, XXXVI, XXVII e 104). Cita-se o bordão “bandido bom é bandido morto” (XIII, XXXIV, XXXVI, 4, 17, 18, 39, 166, 187 e 297) e suas variações. É o adolescente tratado como bandido, besta. O lobo do Estado Natural, da exceção, fora da lei. (AGAMBEN, 2002).

Dentre as estratégias utilizadas para transgressão, foi vista a evocação do direito da liberdade de expressão (comentário 134) e o recurso retórico de negação. Curioso que a própria autora de um dos vídeos evoca o princípio da liberdade de expressão para reclamar que está sendo vítima de ataques.

*Gente também se pode criticar sem ofender né, eu aqui não estou ofendendo ninguém nos comentários que faço. **Temos liberdade de expressão**, mas para que insultos a mim? Eu só sou legal para vcs se eu só fizer coisas para seus agrados? Não posso comentar nada que vcs não concordem? Nossa que amor era esse que muitos tinham por mim, e na primeira me abandonam? :(É apenas uma opinião minha no vídeo. Para que tudo isso. Misericórdia.*

Também é dito que nas redes sociais existem advogados de bandidos com discurso “mimimi” (comentário 56). Para Foucault (2008), há o perigo dos discursos selvagens, dos discursos não normalizados. Termos como “mimimi” cumprem uma função conveniente de regulação ou interdição nos discursos. A ideia de “hipocrisia” também diz de uma noção de falta de verdade ou coerência de um sujeito. Dessa forma, diferente do que trazem Brum (2015) e Haroche (apud NICÁCIO, 2017) sobre a “possibilidade de dizer tudo” e de “sociedades da ausência do interdito”, acredita-se que existem sim interdições no discurso, mas elas mesmas são evocadas para fugir da regra. Talvez também funcionem sob a lógica da exceção.

No fundo, essas são estratégias de liberdade e de transgressão, por autorizar a dizer algo, mesmo que não seja legal ou “politicamente correto” e desautorizar outros discursos. Por se tratar de algo que diz do governo do outro e do governo de si, seja um bom exemplo prático de governamentalidade. O “mimimi” sempre é o do outro, o discurso não me agrada. Como afirma Foucault (2008),

Suponho que em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2008, p. 8-9).

Dizendo de uma experiência pessoal, tendo denunciado algumas postagens ou perfis por propagar o ódio, recebi, em todas, o retorno dado pelo *Facebook* foi de que o objeto da denúncia não feria os termos de uso da empresa. No entanto, os poucos casos de denúncias sobre discurso de ódio na *internet* que chegaram no nível do Supremo Tribunal Federal foram unanimemente repudiados, a despeito das alegações de defesa que clamam pelo direito à liberdade de expressão. (NICÁCIO, 2017).

A suposta falta de regulação efetiva no *Facebook* permite a propagação do discurso de ódio, deixando as discussões correrem livremente, mesmo havendo denúncias sobre as postagens. A empresa tem adotado estratégias como a inteligência artificial para tentar controlar o conteúdo, mas reconhece que encontra dificuldades em dar uma solução⁵². O usuário tem uma ilusão de que não existe punição pelo que ele diz, mas, embora o *Facebook* dificilmente pareça intervir nos conteúdos sem ser interpelado pela justiça, a própria justiça

⁵² Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/11/mais-humilde-zuckerberg-reconhece-erros-do-facebook-e-pede-ajuda-externa.shtml>. Acesso em: 02 jan. 2019.

pode responsabilizar os usuários por crimes como racismo. É o que ocorreu nos casos de racismo à atriz Taís Araújo⁵³ e à jornalista Maju Coutinho⁵⁴.

Mas nem tudo é ódio. Ao menos no segundo *corpus*, em geral, houve críticas à associação da pobreza com a criminalidade (comentários 1, 15, 49, 109, 110, 251, 277 e 215). Embora haja comentários que tragam o estigma dos pobres, houve comentários que tiveram a preocupação de desvincular a pobreza do crime. Tais comentários giraram em torno de que ser pobre não é justificativa para ser criminoso, com compartilhamento de experiências pessoais buscando dar validade aos argumentos. Usuários também defenderam as políticas públicas e o tratamento para o adolescente (164, 235, 87, 254 e 71) e repudiaram o justicamento (5, 42, 202, 44, 137, 160, 161, 162, 190, 210 e 245). Destacam-se os seguintes comentários:

O que o muleque fez foi errado e errou de novo. Mas vício em drogas não se cura com trabalho. É uma doença como outras psicológicas e enquanto a gente continuar julgando como safadeza esses quadros não mudam. Não se trata de ser santo ou coisa do tipo. O governo tem que investir em tratamento real e não só em carta branca pra matar. E enquanto esse cara não conseguir se tratar de verdade, vai continuar caindo! Sou agente de segurança e profissional de saúde e já vivenciei muita coisa na rua pra poder dizer isso!”

“Tem gente aqui nos comentários justificando os atos criminosos do sujeito por conta da péssima qualidade de ensino público no país e o fato de os pais do sujeito serem pobres. Engraçado é que eu estudei apenas em escola pública, meus pais sempre foram pobres e mesmo assim nunca usei isso de pretexto para entrar no mundo do crime, pelo contrário, sou formada, concursada e ainda estou me graduando em outro curso superior. Somos produto de nossas escolhas e não “vítimizinhas” das nossas necessidades!”

“A força e coragem vêm de Satanás o diábolo dono desse sistema infelizmente! insuportável incompetente. Pobreza não faz ninguém mal caráter! Criei 4 aos trancos e barrancos, hoje são pessoas de bem. e dou graças ao criador que continue assim e abençoe.”

Trazidas essas considerações, é apresentado o quadro ético, que procura sintetizar a ética, no *Facebook*, dos *haters* de adolescentes que cometem atos infracionais:

1. **Ontologia** ou **substância ética**: Entendo a substância ética dos *haters* de adolescentes que cometem atos infracionais como um paradoxo no sentido de evitar a ameaça de um outro que possa corromper um conjunto de princípios (cidadão de bem, família cristã, moral e bons costumes), mesmo que para isso, o sujeito desconsidere os próprios princípios que evoca no discurso. É uma ética da

⁵³ Fonte: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/03/delegado-sobre-caso-de-tais-araujo-todos-estao-pre-sos.html>. Acesso em: 02 jan. 2019.

⁵⁴ Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/denunciados-por-ofensas-maju-tinham-verdadeiro-exe-r-cito-diz-mp.html>. Acesso em: 02 jan. 2019.

exceção, da conveniência. A ética que condena uma exposição de arte pela nudez e pela suposta degradação moral, mas que comemora uma prisão com a nudez e com o sexo. Mesmo que o mandamento diga “não matarás”, é possível negociar. Em nome do bem, posso fazer o mal. Se o bandido me ameaça, tenho o direito de matá-lo.

Nos discursos dos *haters*, a vida é um conceito tão político quanto biológico. Trata-se de vidas mais ou menos matáveis. Da lógica da exceção apontada por Agamben (2002). Entendo assim que essa substância ética de exceção traz em si as duas condições abordadas por Foucault: a parte de si que os sujeitos não abrem mão para conduzir-se moralmente e a parte de si que reservam para mudanças.

2. **Deontologia** ou **modos de sujeição**: Como abordado, funciona pela exceção e pela conveniência. Os sujeitos se submetem à mentira em nome de um suposto falar franco. “É preciso dizer a verdade”, “sem mimimi” e “politicamente correto”. Arriscam-se a, por vezes confessadamente, transgredir a lei evocando o princípio da liberdade de expressão.

Aqui há outro ponto importante: os termos como “mimimi” e hipocrisia dizem de um funcionamento de interdição do discurso. Embora sejam evocados esses termos para que seja permitido um falar franco, também se evocam os mesmos termos no intuito de negar o direito de se falar sobre determinado assunto ou para questionar a validade do que foi dito.

3. **Ascética** ou elaboração do **trabalho ético**: Dentre as práticas utilizadas pelos *haters*, pode-se citar a criação e a propagação de *fake news* e pós-verdades. Na busca de justificar seu sistema de pensamento, fabricam verdades, criam chavões ou localizam enunciados nos ditos populares que influenciam a identificação dos sujeitos com os conteúdos que veiculam. Por exemplo, cita-se uma notícia falsa (comentário IX), sobre o pai (pedreiro) preso por ensinar o filho a trabalhar.

O uso do humor também é uma estratégia muito utilizada, assim como apontado por Karnal (2017) e Gay (1993). Karnal aponta o humor como uma estratégia base do ódio. Também nesse sentido, Gay (1993) analisa o humor como um exercício e um controle da agressão, conferindo aos discursos um potencial agressivo tão impactante quanto agressão física. Pois, os atos agressivos “emergem de palavras e gestos, menos fatais, com certeza, do que violência física, mas um pouco menos infalível”.

Várias páginas funcionam dentro de uma lógica de polarização e compartilham *memes* que ironizam sistemas de pensamento e páginas contrárias. Por exemplo, encontram-se páginas como “Quebrando o tabu” e “Desquebrando o tabu”, “Caneta desmanipuladora” e “Caneta desesquerdizadora”.

Aos “menores bandidos”, sugerem práticas como aprisionamento, recolhimento, pena de morte com requintes de crueldade (apedrejamento, linchamento, esquartejamento) e tortura.

4. **Teleologia** ou **finalidade**: O sujeito geralmente alega buscar ser um cidadão de bem, de família cristã e que preza pela moral e pelos bons costumes. Por mais que propaguem discursos de ódio e adotem práticas violentas, acredito, na linha da banalidade ou boçalidade do mal que a falta de reflexão seja mesmo um ponto importante. Esses sujeitos não reconhecem o mal que causam e acreditam no fundo (ou superficialmente?) estarem fazendo o bem, mesmo que pela via do mal.
5. **Perigo**: Anuncia-se a tentativa de destruição da diferença, do outro, do jovem, do pobre, de uma ameaça aos valores. O comentário XX, transcrito abaixo, traz bem explícita a criminalização e o ódio ao pobre.
 - *“se dependesse de mim eu jogava um míssil em todas as favelas e acabava com esse antro de bandidos de uma vez por todas”*.

A governamentalidade algorítmica e o behaviorismo de dados lançam o perigo de que se seja governado e influenciado pelas máquinas. Se Foucault anunciou o nascimento e a morte do sujeito, nesse contexto o sujeito foi enterrado e substituído por robôs. Pode-se deduzir que existem perfis *fakes* e *bots* e que se utiliza também da estratégia do anonimato como uma forma de transgressão, no entanto, o presente estudo não teve condições de avaliar esses aspectos. Também seria interessante avaliar melhor o perfil dos *haters*, como, por exemplo, avaliando o sexo, refletindo sobre o funcionamento das masculinidades. Para Foucault (1994, p. 687), “[...] nada é mais inconsistente que um regime político indiferente à verdade; mas nada é mais perigoso que um sistema político que pretende prescrever a verdade”. Não há assim, um verdadeiro cuidado com a verdade.

6. A Esperança – esboçando estratégias contra o discurso de ódio

“O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva.”

Eliane Brum

As categorias acima elencadas (substância ética; os modos de sujeição; o trabalho ético; a finalidade e o perigo) eram, especificamente, para pensar a sexualidade, podendo ainda ser criadas outras categorias. Ao tratar do perigo, Foucault diz: “[...] se você se cuida adequadamente, ou seja, se sabe ontologicamente o que você é; se também sabe do que é capaz [...] você não pode a partir deste momento abusar do seu poder sobre os outros. Não há, portanto, perigo”. (FOUCAULT, 2004, p. 6). Dito isto, essa pesquisa propõe outro elemento para o quadro ético. Uma categoria para que se possam evitar os perigos das relações éticas que se estabelecem. Dessa forma, são trazidos aqui os apontamentos para o que chamarei da esperança.

Considerando a ética dos *haters*, “e agora José”? Quais são as estratégias ou práticas que nós, sujeitos comprometidos com o combate ao discurso de ódio podemos evocar?

- *“os jovens precisam ser educados nas escolas com militares já que os pais não têm moral. Educar crianças um ato de amor”.*

Embora o comentário acima deposite numa educação moral militar a salvação, nota-se que mesmo os *haters* ainda têm alguma consciência no papel da educação. O ódio precisa ser ensinado. (KARNAL, 2017). Considerando isso, acredita-se que é necessário intervir para que o ódio e o preconceito não sejam ensinados. O documento “Combatendo o Discurso de Ódio Online” elaborado pela Organização das Nações Unidas concluiu, que a educação é a chave para prevenir o discurso de ódio, mas precisa estar respaldada pelo amparo jurídico para responsabilizar os autores de crimes cibernéticos.

Como este estudo sugeriu, no entanto, concentrar-se exclusivamente em medidas repressivas pode perder a complexidade de um fenômeno ainda pouco compreendido e que busca respostas adaptadas e coordenadas de diversos atores da sociedade. (UNESCO, 2015, p. 63 - tradução do autor).

Para Arendt (2002), a educação seria uma das atividades mais elementares da vida humana e o objetivo da educação moderna tem sido o bem-estar da criança. A criança é nova

num mundo que lhe é estranho. Está em devir e deve aceitar a autoridade dos educadores, que lhes garantem o livre desenvolvimento de suas qualidades. Cabe ao educador “[...] estabelecer a mediação entre o antigo e o novo [...]” (ARENDDT, 2002, p. 12) nessa contradição entre preservar a tradição e destruí-la, se necessário, para renovar o mundo. A natalidade seria o fato de se chegar ao mundo pelo nascimento e é por meio dela que o mundo se renovaria.

Carl Popper (1974) aborda o que pode ser chamado de “paradoxo da tolerância”. Para o autor, tolerar o intolerante é uma forma de promover a intolerância, assim defende a necessidade de “[...] exigir que todo movimento que pregue a intolerância fique á margem da lei e que se considere criminosa qualquer incitação á intolerância e à perseguição” (1974, p. 289-290).

Para Tiburi (2015, p. 21), “[...] o diálogo se torna impossível quando se perde a dimensão do outro”. Segundo a autora, o diálogo seria uma prática de não violência. Sugere que se precisa pensar mais, pois um vazio de pensamento pode trazer um vazio de sentimento e um vazio de ação.

Quanto à abordagem jurídica do discurso de ódio, a despeito de justiça tradicional tratá-lo como crime, acredita-se que o paradigma da Justiça Restaurativa tenha importantes contribuições, por não estar focado na punição, mas na restauração dos danos causados. Nessa linha, uma importante abordagem é a chamada Comunicação Não Violenta, que é uma ferramenta utilizada na justiça restaurativa, que também será mais bem abordada logo em seguida.

A criminologia e a justiça tradicional possuem o foco no réu, na punição, na noção de justiça retributiva, uma espécie de monopólio pelo Estado da vingança de um dano causado pelo criminoso à sociedade. Por outro lado, a justiça restaurativa tem o foco na vítima e nos danos causados a ela, configurando-se em um instrumento para a construção da cultura da paz⁵⁵. Assim, se faz necessário pensar a justiça em outro paradigma, “trocar as lentes”. (ZEHR, 2008). Também é necessário focar no futuro, “[...] não na perspectiva da culpa voltada para o passado”. (JAYME et al., 2018, p.105).

A justiça restaurativa, “[...] também chamada de justiça restauradora, justiça reparativa, justiça reintegrativa ou justiça restitutiva”. (JAYME et al., 2018, p. 05), começou “na prática, e não na teoria”. (ZEHR, 2014). De acordo com Highton, Álvarez e Gregório (apud JAYME, 2018) a justiça restaurativa é “[...] uma filosofia, uma atitude, um modo de

⁵⁵ Cultura da paz: conforme preconizado no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) e na LDBEN (BRASIL, 1996), por exemplo.

pensar e um novo paradigma da forma de enfrentar o delito, desde a perspectiva da vítima, do infrator e da comunidade”. Fundamenta-se em princípios que se exercem em uma relação dialógica (JAYME et al., 2018, p. 100), sendo: a autonomia, a corresponsabilidade, a participação, a cidadania, o respeito, a voluntariedade, a alteridade e o sigilo.

Segundo Jayme et al. (2018) existem alguns mitos com relação à Justiça restaurativa: ela não é abolicionista, não prega impunidade, nem exclui a justiça tradicional; não visa beneficiar o infrator, mas especialmente a vítima e a comunidade; não se opõe à lei penal ou sistema de medidas socioeducativas; não fere a legalidade; não está dissociada, nem acima, nem abaixo da lei penal; não implica necessariamente perdão ou reconciliação; não é mediação e a mediação é apenas um de seus processos; não se aplica apenas a crimes, contravenções ou atos infracionais; não pode ser aplicada em todo e qualquer caso.

A justiça restaurativa tem seus pilares em três “Rs” (JAYME et al., 2018): reparação (do dano); responsabilidade (do autor); e reintegração (do autor). Dessa forma, é proporcionado à vítima um espaço de fala sobre o ocorrido e sobre seus sentimentos. Por outro lado, o infrator terá a oportunidade de refletir sobre as consequências dos seus atos, ouvindo a vítima (quando possível) e a comunidade atingida, podendo ainda “[...] encontrar novas formas de agir diferente”. (JAYME et al., 2018, p. 09). As vítimas, segundo Zehr (2008, p. 19), “[...] querem proteção e apoio, alguém com quem partilhar o sofrimento, esclarecimento das responsabilidades e prevenção. E necessitam significado, informação, imparcialidade, respostas e um sentido de proporção”.

Dentre as práticas adotadas pela justiça restaurativa está o círculo restaurativo ou os chamados procedimentos circulares. “Os círculos objetivam criar um espaço onde os participantes se sentem seguros para serem totalmente autênticos e fieis a si mesmos”. (PRANIS, 2010, p. 25-26).

É uma prática realizada em que se vale de uma cerimônia de abertura; elaboração de valores compartilhados para a condução da prática; um bastão de fala (utilizado para dar o direito de fala àquele que o segura, restando aos outros apenas ouvi-lo); um facilitador; um conjunto de orientações; discussão dos pontos relevantes do conflito e um processo decisório consensual, como uma espécie de plano de ação com os respectivos responsáveis por estas. (PRANIS, 2010). Também utiliza a contação de histórias para a sensibilização dos participantes. Para Kay Pranis, principal idealizadora dessa prática, esse é o momento essencial para que se emerja a humanidade e a conexão, pois “[...] fortalece a reflexão acerca de si próprio e empodera os participantes”. (PRANIS, 2010, p. 56).

Segundo Rosenberg (2006, p. 21), a Comunicação Não Violenta (CNV) é uma abordagem específica de comunicação “[...] que nos leva a nos entregarmos de coração, ligando a nós mesmos e aos outros de maneira tal que permite que nossa compaixão floresça”. Assim, a CNV tem objetivo de “[...] nos lembrar do que já sabemos – de como nós, humanos, deveríamos nos relacionar uns com os outros”.

A CNV possui quatro componentes: a observação; o sentimento; a necessidade; e o pedido. Deve-se observar aquilo que nos faz sentir algo, expressar qual necessidade humana está sendo afetada e qual atitude se espera para que se possa ter tal necessidade atendida. A empatia é extremamente importante em todo o processo e é preciso evitar julgamentos moralizantes. Precisamos estar conscientes de que os comportamentos dos outros não são a causa de nossa raiva. Podem ser o estímulo, mas não a causa. Assim, precisamos nos conectar às nossas necessidades, pois são elas que causam nossos sentimentos. Nesse trabalho, acredita-se que a CNV é uma importante ferramenta para prevenção e combate ao discurso de ódio.

Com o que foi exposto até o momento, retornando a Foucault, acredita-se ainda que as técnicas de si e as experiências de si possam também ser ferramentas para a superação do ódio. O autoexame, a autorreflexão, a busca de superação de si mesmo, a busca em viver a vida como uma obra de arte. Mas, a experiência de si é sempre uma experiência histórica, ontológica. Assim, a experiência de si,

[...] deve ser considerada não certamente como uma teoria, uma doutrina, nem mesmo como um corpo permanente de saber que se acumula; é preciso concebê-la como uma atitude, um ethos, uma vida filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível. (FOUCAULT, 2000, p. 351).

5.2.4 *Ficcionando experiências éticas*

Antes de seguir para as considerações finais, considerando as noções de Foucault sobre experiência, ficção e ética, as discussões que foram feitas e o que se constatou ao analisar o *corpus* de textos da pesquisa, propõem-se quatro experiências: Coragem de falar a verdade; Do discurso de ódio à CNV; Os *vermes* e seus crimes gravados na pele; Um resgate etimológico: as fontes do ódio. As experiências propostas não se tratam de relatos “[...] de uma experiência pessoal, não é um romance, não pode fazer economia de certo regime de veridicção, científico, acadêmico, histórico, sob pena de perder todo efeito e eficácia no campo dos saberes e poderes vigentes”. (BRANDÃO, p. 86).

Uma primeira experiência foi a construção de um único texto com elementos presentes no *corpus* analisado. Uma segunda experiência foi procurar fazer um movimento inverso trazendo o discurso de ódio para dentro da lógica da comunicação não violenta. A terceira, um breve esboço de como poderia ser uma realidade distópica onde os crimes cometidos pelas pessoas fossem registrados em seus próprios corpos e, por fim, um texto experiência que busca regatar pistas etimológicas.

Portanto, segue a primeira experiência que propõe a construção de um texto que reúne as ideias contidas no *corpus* analisado. Eliane Brum (2015) realizou uma experiência semelhante ao escrever o “ECA do B”⁵⁶. Todos os adjetivos, verbos e substantivos utilizados na construção do texto encontram-se no *corpus* 2.

Experiência I – Coragem de falar a verdade

Eu tenho coragem de falar a verdade. Bem feito para esses hipócritas defensores de bandidos. Queria ver a cara deles agora! Esses “petralhas”, comunistas da mídia. Isso não passa na televisão. Essa peste, esse lixo humano roubou de novo. Deram outra chance pra esse verme e viu no que deu? Teve oportunidade de se tratar e cometeu outro crime. Não dá nada pra esses menores mesmo não. A justiça aqui não funciona. Se fosse em um país sério de primeiro mundo, a coisa seria diferente. Tem país que corta a mão fora ou que pode ter arma em casa para se defender. Não foi tortura nenhuma. Esse vagabundo só colheu o que plantou. Tortura é trabalhador acordar cedo e chegar tarde e ainda ser assaltado.

Ainda dizem que são vítimas da sociedade. Façam vaquinha para ajudar esse monstro agora. Adotem e levem para casa de vocês. Esses defensores de “direitos dos manos” tinham que defender é o direito do trabalhador, do pai de família, do cidadão de bem. Bando de advogados de Redes Sociais com opinião “mimimi” de modismo. Disseram que essa peste tinha batizado em igreja evangélica e tava internado em tratamento. Deve ser fake news. Ainda dão desculpa que é viciado e tem problema mental. É mais fácil roubar que trabalhar. Tratamento, problema mental, droga...droga é falta de vergonha na cara. Esse nóia, lobo em pele de cordeiro. Não queria isso não, mas tinha era que matar uma praga dessas. Eles reproduzem igual coelhos. Cadê a família dele? Os pais devem estar vadiando em algum baile funk.

⁵⁶ Um texto que a jornalista construiu ao reunir argumentos de comentários em redes sociais com o propósito de produzir estranhamento, removendo os comentários de uma posição já banalizada a um lugar que o tornasse mais visível. BRUM, E. **ECA do B**. El País, São Paulo, 29, set. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/28/opinion/1443448187_784466.html>. Acesso em: 25 nov. 2018.

Podia colocar numa solitária para comer comida com urina de rato. Ele tinha é que trabalhar e pagar para tirar a tatuagem com o próprio suor. Por mim, mandava para uma ilha para ficar preso à moda antiga. Dá mais uma chance pra ele, que ele comete mais delito e vai pedir música no Fantástico. Segunda chance tinha que ser só depois de pagar a pena. A próxima tatuagem tinha que ser é uma marca de bala feita com uma máquina chamada 38.

Na minha época, a gente apanhava e a educação era boa. Já passei dificuldades, mas não virei nenhum ladrão. Os valores estão invertidos. Ninguém quer ser patriota hoje. Daqui a pouco quem defende o certo é que vai ser considerado criminoso. Segunda chance tem que ser é para quem é de bem. O trabalhador que é assassinado tem segunda chance? Quem defende tinha que ser a próxima vítima desse marginal para ficar esperto. Não é o que eu desejo, mas vão acabar é enchendo ele de bala. Esse que é o fim do bandido. O pior é que quem são os bandidos grandes, os de colarinho branco, não vão presos e fazem essas leis falhas do país da bandidagem e pra proteger esses menores pé-de-chinelo. Bandido bom é bandido morto.

Experiência II – Do discurso de ódio à CNV

A seguir, propõe-se um exercício: Fazer um movimento de comunicação não violenta, um exercício de empatia. O que sentem os *haters*? Quais necessidades não estão sendo atendidas? O que poderia ser feito para atender tais necessidades (dentro da lei e numa cultura de paz)⁵⁷?

Os *haters* nomeiam que sentem ódio, raiva, indignação. É importante evitar tratar de emoções, mas de sentimentos universais, quando as necessidades humanas não são atendidas. Considerando tudo o que foi exposto, podemos deduzir que os *haters* sentem-se assustados, amedrontados, alarmados, zangados, nervosos, angustiados, preocupados, insatisfeitos, desencantados, contrariados, ofendidos, furiosos, desamparados, feridos, desconfiados, ressentidos e saudosos.

Mas, quais necessidades dos *haters* não teriam sido atendidas para que os sentimentos acima fossem despertados? Elenco as necessidades de proteção, comunidade, honestidade, empatia, compreensão, confiança, harmonia, ordem, paz, suporte e celebração (da vida e da morte).

⁵⁷ Consideram-se aqui os sentimentos e as necessidades conforme listas disponibilizadas nos seguintes links: <https://www.psicologiamsn.com/2017/08/comunicacao-nao-violenta-lista-de-sentimentos.html> e <https://www.psicologiamsn.com/2017/07/cnv-comunicacao-nao-violenta-lista-de-necessidades-humanas-universais.html>.

Quais as responsabilidades dos próprios *haters* em não ter as próprias necessidades atendidas? Pode-se apontar para a própria falta de conhecimento sobre a responsabilização dos adolescentes e a propagação de notícias falsas, contribuindo assim para gerar mais ódio e revolta. Nota-se que algumas das necessidades dos *haters* não atendidas dizem respeito aos adolescentes e outras dizem respeito ao poder público ou mesmo à sociedade como um todo. Ao contrário de propagar o discurso de ódio, os *haters* poderiam dizer o que sentem; quais suas necessidades não atendidas e como atendê-las.

Realizar esse tipo de exercício ainda é difícil. Não estamos acostumados a lidar com essa lógica. É preciso que essas experiências, esses exercícios sejam ensinados, replicados, repetidos. Espera-se que assim, por meio da educação, que nos eduquemos para essa nova abordagem comunicacional e que possamos evitar o discurso de ódio. Precisamos superar a visão punitivista. Uma abordagem interessante tem sido desenvolvida na Áustria⁵⁸, onde primeiro se oferta um programa de aconselhamento de adesão voluntária a pessoas que espalham ódio na internet antes de se pensar na mera punição.

Experiência III – Os *vermes* e seus crimes gravados na pele

A experiência a seguir é a escrita de um breve conto distópico. Nessa realidade, os crimes das pessoas são escritos em suas próprias peles e os dados dos crimes cometidos são registrados em *chips* injetados nos próprios corpos. A noção de privacidade já não existe mais e em todos os lugares há câmeras e dispositivos que gravam todas as conversas. Os deslocamentos das pessoas são registrados por meio de *GPS* e automaticamente compartilhados na nuvem, no *big data*.

Janeiro de 2054, Brasil. A população clama para que, Jorge Setúbal, o novo presidente eleito, proponha leis para que os criminosos sejam punidos exemplarmente. Agora, aqueles que cometem crimes são chamados de vermes, uma referência pejorativa à candidata derrotada, Paula Verne, Ministra dos Direitos Humanos do governo anterior.

As câmeras de vigilância e a tecnologia de reconhecimento facial já não são consideradas suficientes pela população. Embora essa tecnologia permita a identificação de criminosos pelos sistemas de vigilância, os cidadãos ainda sentem insegurança por não ter

⁵⁸ Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/tratamento-na-austria-busca-recuperar-pessoas-que-espalham-odio-na-internet.shtml?fbclid=IwAR11_apC8FRLWG60KsYqfQk0Vzh0a_y8RcrEgZtJoiFDDyo_FUWK2KdoGE. Acesso em; 02 jan. 2019.

acesso a esses sistemas. Uma das medidas levadas no Plebiscito de 2052 era a de tatuar nos criminosos em lugares visíveis do corpo para que fossem reconhecidos por todos.

Setúbal consegue a aprovação da lei conhecida como Stigma logo em seu terceiro mês de governo. Um dos pontos mais polêmicos da lei também passa na votação: o caráter retroativo. Os vermes passam a ser tatuados e há uma violenta ação do governo para que todos aqueles que já haviam cometido crimes anteriores à lei também fossem recolhidos e tatuados. A forte onda de resistência gera diversos massacres pelo país, o que é comemorado pelos programas sensacionalistas transmitidos ao vivo pelos Dispositivos Móveis de Identificação e Comunicação (DMIC).

Os DMIC, dispositivos semelhantes aos nossos celulares, agora agrupam ainda mais funções. Eles são cedidos pelo governo que também os utilizam para identificação dos usuários/cidadãos. Assim, esses dispositivos servem como meio de comunicação e identificação. Todos os dados são interceptados e controlados pelo governo, sendo esse dispositivo obrigatório a todos os maiores de 10 anos. O sistema também ranqueia os usuários, atribuindo scores (notas) para cada pessoa. Esses scores são levados em conta em todas as relações como amizades, namoros, oferta e busca de emprego, empréstimos, etc.

Quinto mês do governo de Setúbal. Vasa um áudio do presidente em um grande esquema de corrupção ligado à empresa responsável pela aplicação das tatuagens. No entanto, após uma manobra do presidente e seus apoiadores, o Congresso consegue fazer uma alteração na lei na qual a corrupção deixa de ser considerada um crime passível de aplicação das tatuagens. O sistema de tatuagens da lei Stigma, cada vez mais, passa a ser burlado por aqueles que podem pagar. Com o tempo, em raras exceções, apenas os pobres passam a ser tatuados.

Novembro de 2054. Os vermes ocupam guetos. Estão quase que totalmente separados do restante da população. Rastejam na escuridão e frequentemente se atacam em busca da sobrevivência. Praticamente não existem mais prisões como conhecemos. Elas são os próprios bairros, os guetos. Nas áreas reservadas aos vermes, existem poucas câmeras, há pouca iluminação e saneamento básico. Essas poucas câmeras cumprem a função de entretenimento dos cidadãos, que assistem ao show da realidade da vida dos vermes. Os trabalhos considerados baixos são realizados apenas nos guetos e alguns poucos vermes circulam livremente fora dessas áreas, realizando atividades como a coleta de lixo. Embora a tecnologia não necessite mais que pessoas realizem esses serviços, os cidadãos fazem questão que os vermes os realizem. Entende-se que, para além de uma forma de punição, assim os vermes estariam devolvendo algo de útil aos cidadãos. Também há outra função não

declarada: Frequentemente, esses vermes coletores sofrem agressões ou são assassinados, o que não é considerado crime.

Janeiro de 2055. Brasil. De um lado, os vermes, pobres, tatuados, estigmatizados, presos nos guetos; do outro, os cidadãos, do lado da moral, do lado da lei, do lado de Setúbal. Paula Verne desaparece em uma visita a um gueto.

Experiência IV – Um resgate etimológico: as fontes do ódio

Etimologia relaciona-se com a palavra verdade no idioma grego. Mas, não seria essa a pretensão aqui. Nesta experiência, tenta-se relacionar pistas que são trazidas pela linguagem. O discurso de ódio parece ser um confronto com o outro. Com o limite, com a borda, com a exceção. O adolescente tem todos os motivos para ser odiado. Ele, por si só, é uma exceção. Alguém sem lugar; entre a infância (o que não fala) e a adultez (o que não mais cresce). (LE BRETON, 2017). Se ele cometer atos infracionais, passa a dar mais motivos para ser alvo do ódio. Vira bandido.

Bandido. Bando. Abandonado. Termos que dizem respeito à borda; à exceção. Diz respeito de um grupo que está incluso no lugar de fora. (AGAMBEN, 2002). Fora da lei (bandido); fora do meu grupo (bando); fora de nossas memórias, nossas ações, nossos cuidados (abandonado). O adolescente abandonado pelo Estado, torna-se integrante de um bando, um bandido. Estando fora da lei, só passa a ser objeto de políticas públicas ao transgredi-las. Em muitos casos, só ao cometer um ato infracional (eufemismo jurídico para crime), o negligenciado “menor” torna-se efetivamente um sujeito de direitos.

Muitos adolescentes também abandonam. Tarefa difícil a de definir quem foi abandonado primeiro. Abandonam a escola. Os que deveriam ser alunos (sem alimento, sem conhecimento) (CUNHA, 2007) e precisam aprender (*aprendere*: preso junto) (CUNHA, 2007), acabam presos juntos de outros abandonados. Acabam obrigados a retomar o lugar de alunos. Mas o que é escola? Do grego, dizia respeito ao ócio. (CUNHA, 2007). Mas só os homens livres poderiam dedicar-se ao pensamento. Justamente por não precisarem trabalhar (trabalho, vindo de *tripaliu*, um instrumento de tortura)⁵⁹. Adolescentes abandonam ou são abandonados pela família. Família vem de *famuli*⁶⁰, um tipo de escravo, servo. (CUNHA,

⁵⁹ Fonte: <https://jornalggn.com.br/blog/rdmaestri/a-etimologia-da-palavra-trabalho-para-explicar-comportamentos>.

⁶⁰ Fonte: <http://origemdapalavra.com.br/?s=fam%C3%ADlia>.

2007). A família tradicional talvez seja essa. Demanda a volta do seu escravo. Um transgressor. Ora, mas “esses jovens precisam de limites”.

Limite é um termo que vem de *limis* (caminho entre dois campos). (CUNHA, 2007). É uma palavra recorrente ao tratar dos adolescentes. “Eles precisam de limites” ou “eles não têm limites”. Essa mesma raiz etimológica também forma a palavra eliminar: por para fora. (CUNHA, 2007). Como também forma a palavra limitar, na origem: definir a borda.

Quem é esse outro que é odiado? Um rival? Rival, é um termo ligado a rio. (CUNHA, 2007). Os rios, geralmente nos limites, nas fronteiras entre regiões, costumavam serem motivos de disputa. Como compartilhar o rio com aqueles que estão do lado de lá sem que haja conflito? Assim, tornavam-se rivais⁶¹. Os do lado de cá do rio, contra os do lado de lá. O rio também lembra outro termo muito utilizado, especialmente com relação a adolescentes: marginal. Marginal diz respeito a estar à margem, mas à margem da sociedade. Imagina-se que, preferencialmente, do lado de lá da borda.

Que possamos tornar esse contato com o outro, o adolescente, especialmente o que comete atos infracionais, menos sofrido. Nós adultos já fomos adolescentes. Eles ainda não são adultos. Em teoria, pela experiência, temos mais condições de entendê-los do que o contrário. Precisamos indicá-los os limites (LE BRETON, 2017), mas não pelo ódio.

Nesse capítulo, colocou-se em prática a realização de experiências éticas, a fim de compreender o sistema de pensamento dos *haters* dos adolescentes que cometem atos infracionais, apresentando de forma detalhada o percurso metodológico, os dados encontrados com as respectivas discussões e análises. Foi exposto um quadro ético de inspiração foucaultiana e realizadas quatro experiências, ficções que visaram nos tirar do lugar-comum para que possamos enxergar aquilo que já não podemos ver: o ódio já banalizado contido nos comentários.

A seguir, são trazidas as considerações finais. O Produto Educacional proposto será descrito no Apêndice I.

⁶¹ Fonte: <http://origemdapalavra.com.br/palavras/rival/>.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou constituir numa experiência de reflexão ética sobre o ódio nas redes sociais digitais, destinado aos adolescentes que cometem atos infracionais, buscando propor ainda formas de combate e prevenção a esse ódio. Analisar estas questões é essencial para ampliar a discussão sobre o adolescente em conflito com a lei e se repensar o sistema de garantia de direitos e a legislação vigente.

O adolescente tem muitos motivos para ser odiado. Ele está entre o que não fala (infantil) e o que não mais cresce (adulto). Em uma sociedade com concepção evolucionista, etnocêntrica e linear de civilização; o adolescente é aquele que ainda não atingiu evolução civilizatória suficiente. Os grupos que eles formam chegam a ser nomeados de "tribos" para dizer de uma precariedade na escala evolutiva. São vistos com os "olhos de Colombo".

Em uma sociedade machista, racista, homofóbica, que não superou um passado ditatorial recente e que tem dificuldades de aceitar as diferenças e as minorias; o adolescente insiste em ser o diferente, o menor. Em uma sociedade que odeia os políticos corruptos por não pagarem pelos seus crimes, o adolescente insiste em dizer que "não dá nada pra ele". Sabemos que dá; que existem as Medidas Socioeducativas, mas no senso comum, pouco se sabe sobre isso. Não vira notícia o dia a dia de uma Unidade Socioeducativa de Internação, Semiliberdade ou mesmo as medidas de meio aberto.

Em uma sociedade que têm ideais de unicidade, de uma identidade nacional, de destruição do outro; o adolescente tem vontade de individualidade e insiste em ser o outro. Aqueles que propagam o discurso de ódio aparecem como pessoas que têm "coragem de falar a verdade". De um lado vemos os "cidadãos de bem", do outro vemos "bandidos" e seus defensores são igualmente "bandidos" com discurso "mimimi" modinha. Há uma recorrente ideia de que houve uma inversão de valores. Uma concepção saudosista de um suposto passado onde os valores como o trabalho, o patriotismo e o respeito aos pais vigoravam.

Há uma crítica à grande mídia brasileira e com várias referências a emissoras, programas de televisão e apresentadores, mas nota-se também um discurso impregnado da lógica da corrupção e que é propagado pela própria mídia, mas é essa mesma mídia que gera medo na população. O discurso religioso aparece para apoiar o discurso de ódio, mas também foi utilizado para criticá-lo, trazendo elementos de uma ética da não violência.

Há demonstrações de falta de crença na justiça brasileira. Ora com defesa de uma concepção *punitivista* de justiça, ora com defesa de práticas de *justiçamento*. O trabalho

aparece como um elemento (in) dignificante do homem. Como o fator que dá merecimento aos direitos e à cidadania. O trabalho também se opõe ao lazer e à “baixa cultura”.

Há menções à corrupção que, em geral, é apontada como o verdadeiro problema. Os bandidos “pé de chinelo” não seriam nada perto dos bandidos de terno e gravata. Associa-se a corrupção a partidos e políticos de esquerda que também são apontados como defensores de bandidos.

Ao menos no segundo *corpus*, em geral, houve várias críticas à associação da pobreza com a criminalidade. O que, no entanto, foi diferente no primeiro *corpus*, onde se fala até em “jogar bombas nas favelas”. Muitos comentários giravam em torno de que ser pobre não é justificativa para ser criminoso, com compartilhamento de experiências pessoais buscando dar validade aos argumentos.

O ódio é etnocêntrico. É ambidestro. Não é só de direita, nem só de esquerda. Ele é negado. Transveste-se de verdade, de piada, de moral. Ao contrário do que começou a ocorrer na era vitoriana, a ciência não parece ser mais uma estratégia discursiva para dar validade aos argumentos do ódio.

Para cada forma de vigilância e controle desenvolvida, criam-se novas formas de transgressão. Demandar mais leis a fim de garantir a punição? Aumentar as penas? Aumentar o controle e a vigilância nas redes sociais digitais? Criar mecanismos de denúncia eficientes? Assim como Foucault, acredita-se que é necessário jogar com um mínimo de dominação. Acredita-se que a mera lógica punitiva e vingativa não resolve. Que os sujeitos desenvolvam sua autonomia e façam um bom uso de suas liberdades.

Assim como o amor, o ódio se aprende. E é na educação que é depositada a grande esperança de combater o ódio, por meio da instauração de uma cultura da paz, da não violência. Que se possa refletir cada vez mais sobre nossas próprias existências e sobre nossas ações numa constante busca da superação de si. Não se trata de superar a mim mesmo, nem ao outro, como numa competição; mas superar a si, transcender. Que possamos nos esculpir como seres melhores, tratando a própria vida e a vida do outro como uma obra de arte.

Que possamos conhecer melhor quem são esses adolescentes que cometem atos infracionais e que não mais definamos esses sujeitos pelas ações que cometeram. Que possamos ouvir e entender suas histórias antes de julgá-los. Que nossos ressentimentos, medos, mágoas e a inveja não busquem destruir esse outro e tudo que ele representa. Que possamos também compreender os sujeitos que destilam o ódio nas redes sociais.

Que saibamos lidar com os perigos de sermos governados, criados ou recriados pelos algoritmos. Que saibamos lidar com os perigos de falas prontas e chavões, para que o vazio de

pensamento não gere um vazio de sentimento e de nossas ações. Que seja incentivada uma cultura da reflexão sobre nossas ações e as ações dos outros. Que superemos a facilidade de, em atos digitais, com simples cliques desfazer amizades; com poucos dígitos destruir reputações, autoestimas ou vidas. Acredita-se ainda na importância de um pensamento sistêmico, afinal, não adianta retirar um peixe doente de um rio, tratá-lo e jogá-lo de volta no mesmo rio poluído. É necessário “despoluir o rio” e para isso é necessário mudar nossa mentalidade, mudar a relação ética que estabelecemos conosco e com os outros.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Censo EAD.BR 2013: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil**. Curitiba: Ibpx. 2014. Disponível em: <http://www.abed.org.br/censoead2013/CENSO_EAD_2013_PORTUGUES.pdf>. Acesso em: 07 set. 2017.

AGAMBEN, G. “O que é o Contemporâneo?” In: **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**; [tradutor Vinícius Nicastro Honesko]. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I**. Tradução Henrique Burigo, 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. (Homo Sacer – Il Potere Sovrano e la nuda vita).

ÁGUIDO, C. M. S.; CACHAM, A. S.; FAZZI, R. C. Representações sociais dos juízes da infância e juventude na aplicação da privação de liberdade a adolescentes autores de ato infracional. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 6, n. 2, abr./mai./jun., 2013, p. 295-330.

ALBUQUERQUE, A.; FONSECA, T. Lembrança e esquecimento no cenário tecnológico atual: uma breve análise da memória no seriado Black Mirror. **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo, 2016.

ALVES, L.; SOUZA, A. C. Objetos digitais de aprendizagem: tecnologia e educação. In: **Revista da FAEBA/ Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I**. v.14, n. 23 (jan./jun. 2005). Salvador – UNEB.

ALVES, T. S. C. **Go! Animate no contexto de estágio**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

ALVES-MAZZOTTI, A.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 1999.

ALVES-MAZZOTTI, A. **Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação**. Cad. Pesqui., n. 113, p. 39-50, jul. 2001.

AMARAL, A. Autonetnografia e Inserção Online: o Papel do Pesquisador- Insider nas Práticas Comunicacionais das Subculturas da Web. In: **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 11, p. 14-24, 2009.

AMARAL, A.; COIMBRA, M. Expressões de ódio nos sites de redes sociais: o universo dos haters no caso #EuNãoMereçoSerEstuprada. In: **Contemporânea - comunicação e cultura**, v.13, n. 01, p. 294-310, mai./ago. 2015.

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, n. 20, p. 34-40, dez. 2008.

ANTELO, M. **Os gadgets**. Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/estudoslacanianos/pdf/Marcela_Antelo_artigo_13.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

ARAÚJO, C. M. de; LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S. Significações sobre desenvolvimento humano e adolescência em um projeto socioeducativo. **Educação em Revista**, v. 26, n. 3, p. 169-194, 2010.

ARENDT, H. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. B. de Almeida. 5. ed. 2. Reimp. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 221-247.

ARENDT, H. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Tradução Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1992.

BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Coord.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: EDUSP, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 260p. (edição inglesa: Oxford, Inglaterra: Polity Press, 2000).

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BECKER, A. M. **Fanfiction: fenômeno da extimidade contemporânea**. Disponível em: Acesso em: 17 jan. 2017.

BENELI, G. J.; COSTA, M. D. **Linchamentos e a responsabilidade da mídia sensacionalista: uma análise do primeiro semestre do ano de 2014, no Estado de São Paulo**. 2016. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqPics/1411402252P643.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERNAUER, J. Par-delà vie et mort. In: CANGUILHEM, G. (Org.). **Michel Foucault philosophe: rencontre internationale**. Paris: Seuil/Des Travaux, 1988. p. 302-327.

BOGDAN R. C.; BIKLEIN S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto (Portugal): Porto editora, 1994.

BONDÍA J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online], n. 19, p. 20-28, 2002. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOYD, D. **It's complicated: the social lives of networked teens**. New Haven: Yale University Press, 2014.

BRAGA, A. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: **Anais do XVI Encontro da Compós**, na UTP, em Curitiba, PR, 2007.

BRANCO JÚNIOR, S. V. **Direitos autorais na internet e o uso de obras alheias**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2007.

BRANDÃO, R. **Experiência e transformação de si**: Foucault e a estetização da vida. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2016/2390-1476797673.pdf>. >. acessos em 23 jan. 2019.

BRASIL. Lei n.º 12.594, de 18 de janeiro de 2012, que Instituiu o **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE)**, regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional. Disponível em: <<http://goo.gl/d8zzCA>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

BRASIL. Lei n.º 6.697, de 10 de outubro de 1979, que instituiu o **Código de Menores**. Disponível em: <<http://goo.gl/awpKoy>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

BRASIL. Lei n.º 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2013.

BRASIL. Lei n.º 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. [lei na Internet]. Disponível em: <<http://goo.gl/aH5q>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos (SDH). **Levantamento Anual SINASE 2015**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2018. Disponível em: <http://ens.sinase.sdh.gov.br/ens2/images/conteudo/levantamentos/Levantamento_2015.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9394, 20 dez. 1996.

BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Direito Público**. Porto Alegre, v. 4 n. 15, p.117-136, jan./mar.2007.

BRUM, E. A Boçalidade do mal, Guido Mantega e a autorização para deletar a diferença. **Jornal El País**, Coluna Opinião, 2 mar. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/02/opinion/1425304702_871738.html>.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BUCKINGHAM, D. Introducing identity. In.: BUCKINGHAM, David (org). **Youth, identity, and digital media**. Cambridge: The MIT Press, 2008.

CALHAU, L. B. **Cesare Lombroso**: criminologia e a Escola Positiva de Direito Penal. Disponível em: <<http://www.lfg.com.br>>. 23 set. 2008. Acesso em: 22 jan. 2019.

CAMPOS JR, M, et ali. **Seminário Estadual de Medidas Socioeducativas de Minas Gerais**. 2009.

CANCELLI, E. **O mundo da violência**: a polícia na era Vargas. São Paulo: Livraria Martins, 1962. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317785221_O_mundo_da_violencia_a_policia_na_Era_Vargas>. Acesso em: 22 jan. 2019.

CANDIOTTO, C. A genealogia da ética de Michel Foucault. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 53, p. 217-234, jan./jun. 2013.

CARVALHO, A. B. A WEB 2.0: Educação à distância e o conceito de aprendizagem colaborativa na formação de professores. In: 2 **Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, 2008, Recife. Multimodalidade e Ensino. Recife: NEHTE, 2008.

CARVALHO, C. C. A. de. O justicamento coletivo e a violação dos Direitos Humanos no Estado democrático de direitos. **PÓLEMOS**, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/polemos/article/view/11715>>.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, J. E. de. Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 12, n. 2, p. 245-258, 2009. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982009000200006>

CASTRO, J. E. de. Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 245-258, Dec. 2009. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200006&lng=en&nrm=iso>. Access on: 23 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982009000200006>.

CAUBET, Y. **O conceito de justiça como elemento definidor de um novo paradigma jurídico**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas. Programa de Pós-Graduação em Direito. 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/81394>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

CENTRO DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE AUTOR DE ATO INFRACIONAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório Estatístico 2017 da Vara Infração da Infância e Juventude**, Setor de Pesquisa Infração. Belo Horizonte: CIA/BH, 2017.

CHARAUDEAU, P. **Do contrato de Comunicação em Geral**: O Contrato de Informação Midiático. São Paulo: Contexto, 2007.

COIMBRA, C. M B. Direitos humanos e criminalização da pobreza. In: FREIRE, Silene de Moraes (Org.). **Direitos humanos: violência e pobreza na América Latina contemporânea**. Letra e Imagem. Rio de Janeiro, 2007.

COLE, M.; COLE, S. R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

CORREIA, A. Crime e responsabilidade: a reflexão de Hannah Arendt sobre o direito e a dominação totalitária. In: DUARTE, André et al. (Org.). **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. p. 83-98.

COSTA, A. C. G. **Por uma política nacional de execução socioeducativa: conceitos e princípios norteadores**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

COSTA, R. e FRANÇA, M. **Punitivismo e alternativas penais: o sistema penal brasileiro vai de encontro ao processo de redemocratização?** Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/viewFile/23654/13603>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

CRUZ, R. L. S. ; FREITAS, A. L. . Uma análise sobre os linchamentos ocorridos nas redes sociais: a influência das tecnologias de informação e comunicação na violação dos direitos humanos. In: 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, 2017, Santa Maria. **Anais do 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade**, v. 4, 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DANTAS, Kelly Marlyn Colaço. **O retorno do Punitivismo Penal**. 2016. Disponível em:< http://www.cedipe.com.br/3cbpj/docs/artigos_pdf/05_retorno_punitivismo_penal.pdf. Acesso em: 23 jan. 2017.

DAVIDSON, A. I. Ética como ascese: Foucault, a história e o pensamento antigo. In: GUTTING, Gary (Org.). **Foucault**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016. p.159-187.

DAYRELL, J. . A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, J. Os sentidos do Ensino Médio. In: DAYRELL, J. **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**. Salto para o futuro, Ano XIX boletim 18, nov. 2009.

DAYRELL, J. Uma diversidade de sujeitos. O aluno do Ensino Médio: o jovem desconhecido. In: **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**. Salto para o futuro. Ano XIX boletim 18, p. 16-23, nov. 2009.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DIAS, C; COUTO, O. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v. 11, n. 3, p. 631-648, Dec. 2011. Disponível em: <<http://go.gl/3L6TZM>>. Acesso em: 05 set. 2016.

ESPINOZA, M. V.; BESSET, V. L. Sobre laços, amor e discursos. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 2, p. 149-165, 2009. Recuperado em 12 de novembro de 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200010&lng=pt&tlng=pt>.

FAVACHO, A. Currículo, subjetivação e experiência de si: contra os humanismos, os modismos e os relatos obtusos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 1, p. 488-508, set./dez. 2016.

FILATRO, A. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

FISCHER, R. M. B. **Foucault e a análise do discurso em educação**. n. 114, p. 197-223, 2001.

FISCHER, R. **Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, p. 58-78, jan./abr., 1999.

FOUCAULT, M. (1994c). Foucault. Em Michel Foucault, **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994c, p. 631-635.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**, v. 2, O uso dos prazeres. Tradução Manuel Alberto. Lisboa: Relógio d'Água. 1998. Disponível em: <https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/2940574/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-2-O-Uso-dos-Prazeres.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2019.

FOUCAULT, M. **L'Herméneutique du sujet**. Cours au Collège de France (1981-1982). Paris: Gallimard-Seuil-EHESS. 2001a.

FOUCAULT, M. **Le Courage de la Vérité**. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France. 1984. Paris: Gallimard, 2009; A Coragem da Verdade. O governo de si e dos outros II. Curso dado no Collège de France. (1983-1984). Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (1ª ed.)

FOUCAULT, M. Le souci de la vérité. In: FOUCAULT, M. **Dits et écrits IV**. Paris: Gallimard, 1994c, p. 668-678.

FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento. Dreyfus, Hubert, L. e Rabinow, Paul. Entrevista e conversa com Michel Foucault em Berkeley, EUA, abril de 1983. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (Org.). **Michel Foucault (1926- 1984) - O Dossiê - últimas entrevistas**. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora. (1984e)

FOUCAULT, M. “A vida dos homens infames” in: **Ditos e escritos**, v. 4. Tradução Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits**. Organizado por Daniel Defert e François Ewald. Paris: Gallimard, 1994. Vol. IV

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. 262 p.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. Tradução Edmundo Cordeiro. Paris: Editions Gallimard, 1971.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits**. V. II: 1976-1988. Paris: Gallimard. 2001.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. O que são as luzes? In_____. **Ditos e escritos II**. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, M. **Technologies of the self** » (Université du Vermont, outubro, 1982; trad. F. Durant-Bogaert). In: Hutton (P.H.), Gutman (H.) e Martin (L.H.), ed. *Technologies of the Self. A Seminar with Michel Foucault*. Anherst: The University of Massachusetts Press, 1988, pp. 16-49. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813, por Karla Neves e wanderson flor do nascimento.

FREUD, S. (1969). **Sobre o narcisismo: Uma introdução**. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

GARLAND, David. **A Cultura do Controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Revan/ICCrim, 2008.

GATTI, B. **A Construção da pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.

GALVÃO, B. A. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. **Intuitio**. Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 157-168, 2014.

GAY, P. **The Bourgeois Experience: Victoria to Freud: The Cultivation of Hatred**, 1993.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GNERRE, M. Linguagem, poder e discriminação. In: GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GONTIJO SALUM, M. J.; SANTIAGO, A. L. Os adolescentes desinseridos e seus sintomas nas instituições socioeducativas. Revista **aSEPHallus**, Rio de Janeiro, v. VII, n. 14, mai./out. 2012. Disponível em: <www.isepol.com/asephallus>. Acesso em: 05 set. 2016.

GORGULHO JÚNIOR, J. H. C. **O designer instrucional e a equipe multidisciplinar**. 2012.

GU, L.; KROPOTOV, V.; YAROCHKIN, F. **The fake news machine**: how propagandists abuse the internet and manipulate the public. Trend Micro, 2017. Disponível em: <https://documents.trendmicro.com/assets/white_papers/wp-fake-news-machine-how-propagandistsabuse-the-internet.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2018. p. 5.

GUERRA, A. M. C.; CUNHA, C. F.; COSTA, M. H.; SILVA, T. L. Risco e Sinthome: A Psicanálise no Sistema Socioeducativo. **Psic.: Teor. e Pesq.**[online], v. 30, n. 2, p.171-177, 2014.

GUERRA, Andréa Trevas Maciel. Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 4-5, Mar. 2006. Available from: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000100_002&lng=en&nrm=iso>. Access on: 22 Jan. 2019.

HAMMERSLEY, M (Ed.). **Educational Research**: Current Issues. London: The Open University Press. 91-114

HAN, B.C. **Agonia do Eros**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017c.

HAN, B.C. **Sociedade da transparência**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017b.

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. 2. Edição ampliada. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017a.

HARAWAY, D. J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 37-129.

HILÁRIO, L. C. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Anuário de Literatura, Florianópolis, v.18, n.2, p. 201-215, 2013.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London, Sage, 2000, 224 p.

HODKINSON, P. Insider research in the study of youth cultures. **Journal of Youth Studies**, v.18, p. 131-149, 2005.

HORTA, N. B. **O meme como linguagem da internet**: uma perspectiva semiótica. 2015. Dissertação de mestrado, UNB, Brasília, Brasil. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf>.

JAKOBS, G; MELIÁ, M. C. **Direito Penal do Inimigo: Noções e Críticas**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.

JAYME, F. G. et al. **Justiça Restaurativa na Prática: No compasso do ciranda**. In: . [S.l.: s.n.], 2018.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade**, cap. I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KANT, I. **Crítica da razão prática**. Lisboa: Edições 70, 1991.

KARAM, Maria Lúcia. Aplicação da pena: por uma nova atuação da justiça criminal. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**. São Paulo, ano 2, n. 6, p. 117-132, abril/jun. 1994. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/127091/mod_resource/content/1/Maria%20Lucia%20Karam%20-%20Aplicacao%20da%20pena%20-%20por%20uma%20nova%20atuacao%20da%20justica%20criminal.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2019.

KARAM, Maria Lúcia. **Proibição às drogas e violação a direitos fundamentais**, 2013. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/Proibicaoasdrogas_violacao_direitosfundamentais-Piaui-LuciaKaram.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2019.

KARNAL, L. **Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Leya Casa da Palavra, 2017. v. 1. 336p .

KOCH, I. Texto e contexto. In: KOCH, I. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOHN, J. O mal e a pluralidade: o caminho de Hannah Arendt em direção à *Vida do espírito*. In: AGUIAR, Odílio Alves et al. (Org.). **Origens do totalitarismo: 50 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 9-36.

KONZEN, A. **Pertinência Socioeducativa: reflexões sobre a natureza jurídica das medidas**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

KOZINETS, R. The field behind the screen: Using netnography for marketing research in online communities. **Journal of Marketing Research**, v. 39, n. 61-72, 2002.

KOZINETS, R. Netnography 2.0. In: BELK, R. (Ed.). **Handbook of qualitative research methods in marketing**. Northampton, Edward Elgar Publishing, 2007. 302 p.

LACAN, J. “Radiofonia” (1970), In: **Outros Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, J. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, J. **O Averso da psicanálise. Livro 17 do Seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LE BRETON, D. **Uma breve história da adolescência** / David Le Breton. Tradutores: André Marins Campos Guerra ... [et. al.]. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

LELES GOMES, W. **Design Instrucional do Curso Virtual**: Aplicativos e Software na Educação. Monografia de Especialização. UNIFEI. 2015.

LE MOS, A. **Cibercultura e mobilidade**: a era da conexão. Razón y Palabra, n. 41, 2004.

LE MOS, A. Cibercultura. Alguns Pontos para compreender a nossa época, in Lemos, A.; Cunha, P. (org.). **Olhares sobre a Cibercultura.**, Sulina, Porto Alegre, 2003. p. 11-23.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000. 260 p.

LOBO, R. de A. Á.; FILHO, M. S. D. C. Linchamentos em rede: justiça e violência resposta na internet. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, v. 5, n. 7, jan./jul. 2017.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 15, n. 32, p. 129-156, Dec. 2009.

MAI, L. D; ANGERAMI, E. L. S. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 14, n. 2, p. 251-258, Apr. 2006 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext &pid=S0104-11692006000200015&lng=en&nrm=iso>. Access on: 22 jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692006000200015>.

MARCONDES, D. **Textos básicos de ética de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro J. Zahar, 2007.

MARCUSCHI, L. A. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. P. 19-38.

MATTAR, J. **Guia de Educação a Distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

MELLO, M; VALENCA, M. A Rotulação da Adolescente Infratora em Sentenças de Juízes e Juízas de Direito do Distrito Federal. **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 37, n. 73, p. 141-163, ago. 2016. ISSN 2177-7055. Disponível em: <<http://goo.gl/Q8jcSW>>. Acesso em: 03 set. 2016.

MÉNDEZ, E. G. A Dimensão Política da Responsabilidade Penal dos Adolescentes na América Latina: notas para a construção de uma modesta utopia. **Educação & Realidade**, v.33, n. 2, p. 15-35, 2008.

MODELOS em EaD: 07 Design Educacional. MATTAR, João. MOOC EaD (YouTube). 2012; Tema: Educação a Distância, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qRz6HFbf83o>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

MONTEIRO, C. Haters gonna hate: como funciona o sistema de disputas entre fãs e antifãs da banda Restart. In: **XXXV INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Anais.** Fortaleza, 2012. Disponível em: . Acesso em: 13 jan. 2017.

MOREIRA, J. O. ; KYRILLOS NETO, F.; ROSARIO, A. B. (Orgs.). **Violência(s): diálogos com a psicanálise v. 1.** 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2016.

MORIN, E. O Método 5. **A humanidade da humanidade.** A identidade humana. Porto Alegre, Sulina, 2004.

NASSAR, P; COGO, R. S. Memória e narrativa organizacional como expressões da cultura organizacional: o poder do storytelling. In: MARCHIORI, Marlene (Org.). **História e memória.** Coleção Face da Cultura e da Comunicação Organizacional, vol. 4. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2013.

NERY, D. C. **O que é Justiça, afinal?** 2011. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-que-%C3%A9-justi%C3%A7a-afinal>>. Acesso em 04 jan. 2019.

NICÁCIO, C. S. Direitos humanos e internet. Seminário Governança das redes e o Marco Civil da Internet. **Governança e o Marco civil da internet**, v.1. p. 129-133. Belo Horizonte: IRIS, 2017.

O' LEARY, T. Foucault, experiência, literatura. Tradução: João Rodolfo Munhoz Ohara. **Antíteses**, v. 5, n. 10, p. 875-896, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, M. K. . **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1993.

ORLANDI, E. **Análise do discurso: princípios & procedimentos.** Campinas: Pontes, 2007.

ORWELL, G. **1984.** [S.l.]: Companhia das Letras, 1949.

PARRA, H. Abertura e controle na governamentalidade algorítmica. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 68, n. 1, p. 39-49, mar. 2016 . Available from:< http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000100013&lng=en&nrm=iso> . Access on: 04 mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000100013>.

PASSETTI, E. **Menores: os prisioneiros do humanismo.** Lua Nova, São Paulo , v. 3, n.

2, p. 31-37, Dec. 1986 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ar text&pid=S0102-64451986000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 mai. 2017.

PATRÍCIO, M; GONÇALVES, V. Facebook: rede social educativa? In: **I Encontro Internacional TIC e Educação**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 2010.

PELBART, P. P. Experiência em Foucault. In: KIFFER, A. P. (org.). **Michel Foucault no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio: Nau, 2015.

PEREIRA, M. R.; GURSKI, R. A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adultez erodida. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 376-383, 2014.

PHILLIPS, N.; HARDY, C. **Discourse Analysis: Investigating Processes of Social Construction**. SAGE Publications, 2002.

PINHO, L. C. A vida como uma obra de arte: esboço de uma ética foucaultiana. In: HUSSAK, V. V. R. P; MEDEIROS, N. G. de; AZAR FILHO, C. M. de (Org.). **Ética e alteridade**. Seropédica: Editora da UFRRJ, 2010. p. 1-13.

PINTO, V. et al. “**Netnografia**”: uma abordagem para estudos de usuários no ciberespaço In: Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 9, 2007, Lisboa. Lisboa: APBAD, 2007. p. 79-95. Disponível em <http://goo.gl/kFWmPK>. Acesso em: 05 set. 2016.

PIOVESAN, F. **Direitos Humanos e o direito constitucional internacional**. 3. ed. São Paulo: Max Limonad, 1997.

PONTAROLLI, André Luis. **As redes sociais e o processo penal – O descontrolo da informação e a espetacularização do investigado**. Disponível em: <<http://emporiododireito.com.br/leitura/as-redes-sociais-e-o-processo-penal-o-descontrolo-da-informacao-e-a-espetacularizacao-do-investigado>>. Acesso em: 21 jan. 2019

POPPER, K. R. **A Sociedade Aberta e seus Inimigos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. NCB University Press, v. 9, n. 5, outubro 2001. Tradução: Roberta de Moraes Jesus de Souza. Disponível em:<<http://pt.scribd.com/doc/55575941/Nativos-Digitais-Imigrantes-Digitais-Prensky>>.

QUINET, A. **A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade**. Disponível em: www.estadosgerais.org (Estados Gerais da Psicanálise), 1999.

RABIN, C. G. Me engana que eu posto. **Veja**, ano 50, v. 2511, n. 1, p. 76-79, 04 jan. 2017.

RECUERO, R. As Redes Sociais na Internet e a conversação em Rede. In: **CISECO**. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/ciseco.pdf>. 2015.

RECUERO, R. **Introdução à Análise de Redes Sociais Online**. 1. Ed. Salvador: EDUFBA, 2017. v. 1. 101p .

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <<http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wpcontent/uploads/redessociainnainternetrecuero.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIESMAN, D. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RIOS, J. A. (1988). Linchamentos: do arcaico ao moderno. **Revista de Informação Legislativa**, v. 25, n. 100, p. 207-235, Brasília, 1988.

RIPOLL, L.; MATOS, J. C. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. **Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação – FEBAB**. 2017.

ROCHA, P. J; MONTARDO, S. P. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **Revista E-compós**, Brasília, v. 4, dez. 2005.

ROMISZOWSK, H. P. (Trad.) **Domínios, Competências e Padrões de Desempenho do Design Instrucional (DI)**. *International Board of Standards for Training, Performance and Instruction – IBSTPI* (2002). Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2002_Dominios_Competencias_Padroes_Hermelina_Romiszowski.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2015.

ROSA, A. Imposição de Medidas Socioeducativas: o adolescente como uma das faces do homo sacer (Agamben). In: **Justiça, Adolescente e Ato Infracional**: socioeducação e responsabilização. São Paulo: ILANUD, 2006.

ROSENBERG, M. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 1. ed. São Paulo: Ágora, 2006.

ROUANET, S. P. “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”. **Revista USP**. Dossiê Walter Benjamin. São Paulo, v.1, n. 15, p. 49-75, set/out./nov. 1992.

ROUVROY, A. **Le droit à la protection de la vie privée comme droit à un avenir non pré-occupé, et comme condition de survivance du commun**. (Draft / Version provisoire) Entretiens à propos du droit à la protection de la vie privée (à paraître). Ed. Claire Lobet-Maris, Nathalie Grandjean, Perrine Vanmeerbeek. Paris: FYP éditions, 2014. Disponível em: <http://works.bepress.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1065&context=antoinette_rouvroy>. Acesso em: 27 fev. 2018.

ROUVROY, A. **O fim(s) da crítica: behaviorismo de dados versus devido processo**. 2013.

RUSHKOFF, D. **Um jogo chamado futuro** - Como a cultura dos garotos pode nos ensinar a sobreviver na era do caos. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

SALES, S. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, M. A. (Org.).

Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 111-32.

SALES, S. R.; REIS, J. B. dos. Em conexão: jovens e tecnologia. **Presença Pedagógica.** v.17, n. 98, p. 72-77, mar/abr. 2011.

SANTOS, M. A. M. **O discurso do ódio em redes sociais.** São Paulo: Lura Editorial, 2016.

SAWAIA, B. **As artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social.** Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

SCHOFIELD, J W (1993). Increasing the generalizability of qualitative research. In M. Hammersley (Ed.), **Social research: Philosophy, politics and practice** (pp. 200-225). Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc; Maidenhead, BRK, England: Open University Press. (Reprinted from E. W. Eisner et al (Eds.), "Qualitative Inquiry in Education: The Continuing Debate," New York: Teachers College Press, 1989, pp. 201–232)

SIBILIA, P. **O Show do Eu: A intimidade como espetáculo.** Contraponto: Rio de Janeiro, 2008.

SIBILIA, P. **O universo doméstico na era da extimidade:** Nas artes, nas mídias e na internet. *Revista Eco Pós*, v. 18, n. 1, ISSN 2175-8689, p.133-147, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2025/2032>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SILVA, J. Q. da; BARICHELLO; M. M da R. Eugenia - A Representação das Organizações no Espaço Midiatizado. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0733-1.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

SILVA, S. M. da. A vida como obra de arte. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 1-9, jan./dez. 2007. Disponível em: . Acesso em: 06 set. 2015.

SILVA, T. L. . Quando o amor é necessário e o crime contingente. In: Andréa Maris Campos Guerra; Paula Penna; Sanderson Nascimento Soares. (Org.). **Direito e Psicanálise: contorvérsias contemporâneas II.** 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2014, v. , p. 77-94.

SOUZA, E. P. ; LIMA, N.L. . A formação de par-amoroso entre as adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação. In: GUERRA, A.M; PENNA, P.D.M; SOARES, N.S. (Org.). **Direito e Psicanálise II: o adolescente em foco.** 1. ed. Curitiba: CRV, 2015. p. 95-112.

SOUZA, J. A ralé brasileira: quem é e como vive. In: . **A ralé brasileira: quem é e como vive.** [S.l.]: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, J. M. P. (Org.) ; DRAWIN, C. R. (Org.) . **Análise do discurso de adolescentes em privação de liberdade**: reflexões sobre a luta pelo reconhecimento. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015. v. 1. 130p.

SOUZA, J. **A radiografia do golpe**: Entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

SOUZA, J. **Subcidadania Brasileira**: Para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018. 288p.

SOUZA, V. S. de *et al* . **Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional**: fontes para a história da eugenia no Brasil. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro , v. 16, n. 3, p. 763-777, Sept. 2009 . Available from:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702009000300012&lng=en&nrm=iso>. Access on: 22 jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702009000300012>.

SPOSITO, M. P. Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil. **Revista de Estudos sobre Juventud**. Ed. Ano 9, número 22. México, DF, janeiro-junho 2005, p. 201-227. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/conjuve/documentos/juventude-e-escola>>. Acesso em: mar. 2018.

SPOSITO, M. P. Juventude: Crise, Identidade e escola. In: DAYRELL, Juarez. (organização). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2006.

STEPAN, N. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2005.

TIBURI, M. **Como conversar com um fascista**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

UNESCO. **COUNTERING ONLINE HATE SPEECH**. UNESCO, 2015. Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002332/233231e.pdf>>. Acesso em 26 mai. 2018.

VARELA, F. J. **Sobre a competência ética**. Tradução Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1995.

VASQUEZ, A. S., **Ética**, cap. VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

VEIGA-NETO, A. Teoria e método em Michel Foucault: (im) possibilidades. **Cadernos de educação** (UFPel), v. 1, p. 11-23, 2009.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Cap. 9 Observando o familiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Rev. SOCERJ**. 2007. Disponível em: Acesso em: 21 jan. 2019.

VOLPI, M. (Org). **O adolescente e o ato infracional**. São Paulo, Cortez, 1999.

VYGOTYSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo. Martins Fontes, 1989.

WAINBERG, J. Comunicação internacional e intercultural. A luta pelo imaginário social, o temor à segregação e o caso do terrorismo. In: **Revista das Ciências Sociais**, 5. Porto Alegre: Civitas, 2005. p. 275-292.

WASELFISZ JJ. **Mapa da Violência**: Homicídios por Armas de Fogo no Brasil. Brasília, FLACSO. 2016.

WEGNER, R. e SOUZA, V. S. de. **Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo**: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]. 2013, v. 20, n. 1, p. 263-288, Epub, Feb 20, 2013. ISSN 0104-5970. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702013005000001>.

ZAFFARONI, E. R. **Em busca das penas perdidas**: a perda da legitimidade do sistema penal. Tradução Vânia Romano Pedrosa, Amir Lopes da Conceição. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

ZEHR, H. **Trocando as lentes**: um novo foco sobre o crime e a justiça. Tradução Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2008.

ŽIŽEK, S. **Violência**: seis reflexões laterais. Tradução Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014. 195 p.

ZUCKERBERG, M. **Post na fanpage oficial**, em 19 nov. 2016. Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em: 15 abr. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – PRODUTO EDUCACIONAL

A concepção do produto foi pensada de forma que fosse realizada uma transposição didática, com uma linguagem simples e envolvente e facilmente compartilhável nas redes sociais. Assim optou-se pela criação de animações e este breve tutorial, que explica o seu processo de elaboração.

As animações foram pensadas para que não ultrapassassem um minuto. O *Instagram*, por exemplo, não permite o compartilhamento de vídeos que ultrapassem um minuto em postagens, a menos que esse vídeo seja fragmentado. Um vídeo curto também facilita seu compartilhamento e replicação para outros dispositivos, devido ao tamanho do arquivo. Dessa forma, o conceito do produto baseia-se em animações curtas. “Pílulas” que trabalham temas importantes desenvolvidos na dissertação como: “discurso de ódio”, “discurso de ódio em redes sociais”, “discurso de ódio sobre adolescentes”, “comunicação não violenta” e “como a comunicação não violenta pode combater o discurso de ódio”.

Os profissionais do sistema socioeducativo carecem muitas vezes de treinamento inicial e/ou continuado e costumam possuir uma carga horária que dificulta a busca de melhor capacitação fora do horário de trabalho. Além da importância no tocante à formação dos profissionais e dos impactos positivos que tal capacitação virtualmente trará à comunidade externa, o produto está comprometido com o tripé de Ensino, Pesquisa e Extensão, bem como a inclusão de pessoas com deficiência. De forma indireta, o produto atingirá um público bem mais amplo, já que os adolescentes serão atendidos por profissionais melhor preparados. Dessa forma, foram desenvolvidas as animações com a ferramenta *Vyond* (<https://vyond.com>)⁶² valendo-se de técnicas de *Design* Instrucional como *storyboard* e *storytelling*.

Entendendo o recurso do vídeo dentro de uma concepção de Educação a Distância, é necessário trazer algumas definições e elementos que orientam a concepção do produto educacional, tais como as definições de educação à distância; *design* instrucional. Abaixo trarei adaptações pertinentes da Monografia “*Design* Instrucional do Curso Virtual ‘Aplicativos e *Software* na Educação’”. (LELES GOMES, 2015).

⁶² Antigo “*Go Animate*”. Trata-se de “[...] um *website* inovador, simples e prático, pois permite criar vídeos acessíveis e trata-se de uma ferramenta Web 2.0, uma vez que permite que os conteúdos sejam partilhados *online*”. (ALVES, 2013).

Em termos percentuais, de acordo com o que fora apresentado no “Censo EaD 2013” (ABED, 2014), nos cursos *online* predominam treinamentos que visam capacitar professores e tutores para utilização dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) e ferramentas usadas nos cursos virtuais. Fazendo um paralelo, seria como ensinar o professor do ensino presencial a usar a sala de aula, a lousa, o pincel; sem tantas preocupações com o principal: o caráter pedagógico do processo de ensino-aprendizagem.

Neste trabalho entende-se a EaD como “[...] uma modalidade de educação, planejada por docentes ou instituições, em que professores e alunos estão separados espacialmente e diversas tecnologias de comunicação são utilizadas”. (MATTAR, 2011, p. 3). Mattar (2011) denomina três gerações na história da EaD: primeira geração, marcada pelo ensino por correspondência e que surge em meados do século XIX em virtude do desenvolvimento dos meios de transporte e telecomunicações, com predominância de materiais impressos enviados pelo correio e, no caso específico do Brasil, pela importância do Instituto Universal Brasileiro; segunda geração, marcada pela utilização de novas mídias como televisão, rádio, telefone e fitas de áudio e vídeo; terceira geração, com o crescimento da *internet* e a introdução da EaD *online*, marcada assim pela utilização dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Diversas são as teorias pedagógicas que embasam a educação à distância, variando desde as teorias behaviorista, cognitivista e sociocultural. Segundo Ostermann e Cavalcanti (2015), a teoria behaviorista concebe um sujeito passivo, que responde a estímulos; dessa forma, atividades de cunho individual costumam refletir tal concepção. A teoria cognitivista concebe um aluno ativo, participativo. Nesta concepção, geralmente encontram-se atividades que envolvem a atuação em grupo. Quanto à teoria sociointeracionista, como o sujeito nessa concepção é interativo, os recursos e atividades visando à interação e colaboração em grupos refletem a mesma. Os alunos constroem juntos e compartilham o conhecimento, colaborando na busca de objetivos em comum. Os Quadros 6, 7 e 8 (Apêndice 2) foram adaptados a partir de Ostermann e Cavalcanti (2015) e Seitzinger (2013) buscando sintetizar as teorias pedagógicas; seus métodos; concepções de aprendizagem; papel do aluno e professor e as contribuições para a EaD.

Deve-se estabelecer uma relação dialógica e direta, chamando o aluno a participar, incluindo o mesmo na fala para evitar um distanciamento e que este se sinta sozinho. A afetividade está diretamente ligada ao sucesso do curso EaD. Em uma proposta pedagógica, a utilização de ferramentas como fóruns, trabalhos em duplas ou em grupos, bem como

dinâmicas podem contribuir para aproximar os alunos. Segundo Mello (2004, p. 18), “[...] não se pode ensinar pensando apenas na cabeça do aluno, pois o coração também é importante”.

É essencial uma discussão mais aprofundada da teoria sociointeracionista. Pois, neste trabalho, se acredita que esta concepção traz importantes elementos para a EaD especialmente no curso em questão, a exemplo, as atividades colaborativas e interativas como fóruns e *wikis*. Fundamentada principalmente na teoria de Lev Vygotsky (1896-1934), considera-se que o pensamento é mediado por instrumentos e signos. Na atividade o sujeito emprega estes e passaria a internalizá-los. O desenvolvimento seria então a internalização dos instrumentos e signos da regulação externa para a autorregulação.

Para Vygotsky, a aprendizagem se dá através da influência do meio social e cultural onde o aluno está inserido. É importantíssimo o conceito de zona de desenvolvimento proximal, no qual o autor defende que “[...] o ‘bom aprendiz’ é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”. (VIGOTSKY, 1989, p. 100). Segundo Oliveira (1993, p. 60), a zona de desenvolvimento proximal seria:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

É necessário fazer uma problematização a respeito do próprio termo *design* instrucional. Como lembrado por Mattar (2012), falar em instrução ao contrário de educação já é problemático. O uso do termo desenho também tem sido preferido por alguns autores em detrimento do termo *design*. Segundo Mattar (2011), o problema do termo instrucional é trazer uma concepção bancária da educação; considerando assim que avancemos para o que chama de *design* ou desenho educacional. Ciente desta discussão ainda nova, adota-se o termo *design* instrucional nesta monografia. Mas afinal, quem é o *designer* instrucional? Qual seu papel na elaboração de cursos virtuais?

Podemos entender o *designer* instrucional como o profissional responsável pela concepção, planejamento, validação, transposição didática do conhecimento de forma que esse fique inteligível ao aluno, mas com um texto construído de forma dialógica, criativa, não deixando que se estabeleça uma relação na qual o aluno sinta-se isolado no processo de aprendizagem. O *designer* instrucional desenha os cursos, elabora e contribui na elaboração

dos materiais a serem utilizados, sendo um dos responsáveis por configurar ambientes virtuais de aprendizagem; considerando neste caso os cursos virtuais.

Para a IBSTPI⁶³, o perfil do *designer* instrucional contemplaria competências e padrões de desempenho divididos em quatro domínios: Bases da profissão; Planejamento e análise; *Design* e desenvolvimento; e Implementação e gestão.

O ideal é que o *designer* instrucional seja um dos componentes de uma equipe multidisciplinar. Gorgulho Júnior (2012, p. 6) compara a atuação do *designer* instrucional à atuação de um compositor e um maestro. “Quando o *designer* instrucional está planejando o curso é como se fosse o compositor criando sua própria sinfonia. Quando o curso está em andamento o DI passa a ser maestro, com a batuta na mão”. E prossegue:

Da mesma forma que um compositor/maestro não precisa saber tocar todos os instrumentos de uma orquestra o DI não precisa saber em detalhes as atividades de cada um dos profissionais de sua equipe. O maestro deve conhecer o potencial que cada instrumento possui para, dessa forma, poder elaborar obras musicais que despertem os sentimentos planejados em cada parte da música, dando um clima suave, romântico, grandioso, assustador, emocionante, épico etc. O DI faz o mesmo. Frente a cada objetivo a ser atingido define a melhor ferramenta e profissional a ser utilizado.

O *designer* instrucional é o profissional que; podendo atuar tanto na educação à distância, quanto na presencial; realiza todo o processo de planejamento de um curso, bem como o gerenciamento de seu desenvolvimento e execução. (GORGULHO JÚNIOR, 2012). Existem recursos que podem auxiliar esse profissional nas várias etapas de seu trabalho. O *storyboard* é um exemplo de recurso que contribui na fase de planejamento de uma atividade de EaD.

O *storytelling* é uma repaginação da contação de histórias no contexto do mundo das organizações públicas e privadas, assim “[...] a narrativa organizacional ganha atratividade e legitimidade com a contação de histórias ou *storytelling*, um formato envolvente, afetivo e de repercussão, que dá expressão e visibilidade à cultura da empresa ou instituição, mesmo em tempos de diversidade e competição”. (NASSAR; COGO, 2013, p. 1).

De acordo com Filatro (2008, p. 57), “[...] o aprendizado eletrônico tem características midiáticas e, por isso mesmo, deve ser pensado com a lógica de produção de mídias”. Tendo

⁶³ IBSTPI - *International Board of Standards for Training, Performance and Instruction*. É uma comissão internacional que estuda e publica competências e padrões de desempenho esperado de profissionais na área da Educação e outras relacionadas. (ROMISZOWSK, 2002).

suas origens nos Estúdios da *Walt Disney* na década de 1930 (GORGULHO JÚNIOR, 2012, p. 60), o *storyboard* (quadro de história na tradução literal) visa representar, detalhar, especificar uma ideia provisória para uma equipe que irá desenvolvê-la. No caso da EaD, o roteiro instrucional, na fase de pré-produção, “funciona como uma série de esquetes (cenas) e anotações que mostram como a sequência de ações deve se desenrolar”. Os roteiros instrucionais podem ser elaborados em simples folhas de papel com desenhos e instruções; em *software* comum, como o *Powerpoint*; ou ainda, em *software* específico como *Articulate Storyline* ou *Adobe Captivate*.

Além de uma ferramenta de especificação à equipe para o desenvolvimento do produto, o *storyboard* é também utilizado como um protótipo a ser compartilhado com o cliente/demandante do curso ou objeto de aprendizagem para que seja feita a validação, ou seja, quando o cliente e a equipe verificam as alterações necessárias a se realizar.

A “Figura 4” apresenta o modelo de SB que deve ser preenchido com informações necessárias para que a equipe crie um objeto de aprendizagem. É um *template*, ou seja, um modelo que pode ser utilizado para a criação dos roteiros instrucionais.

Título: <i>Designer Instrucional</i> :	Nº da tela: Data: ____/ ____/ ____	Informações para a equipe produção

Figura 4 – Modelo de *Storyboard* (UNIFEI, 2015).

Na parte superior da tela há as informações básicas a respeito do objeto que está sendo trabalhado como o título, o *designer* instrucional responsável, o número da tela e a data. Na parte inferior, estão as representações dos botões programados para propiciar a navegabilidade ao aluno; quais sejam o botão avançar e o botão voltar, além de o número da tela a ser exibido. No centro da tela, o D.I representa de forma sucinta onde serão posicionados textos, imagens, ilustrações, animações ou mesmo outros botões que forem necessários para a interação com o aluno e, por fim, na coluna à direita direciona as instruções necessárias a cada profissional que será responsável por desempenhar seu papel na elaboração da tela em questão.

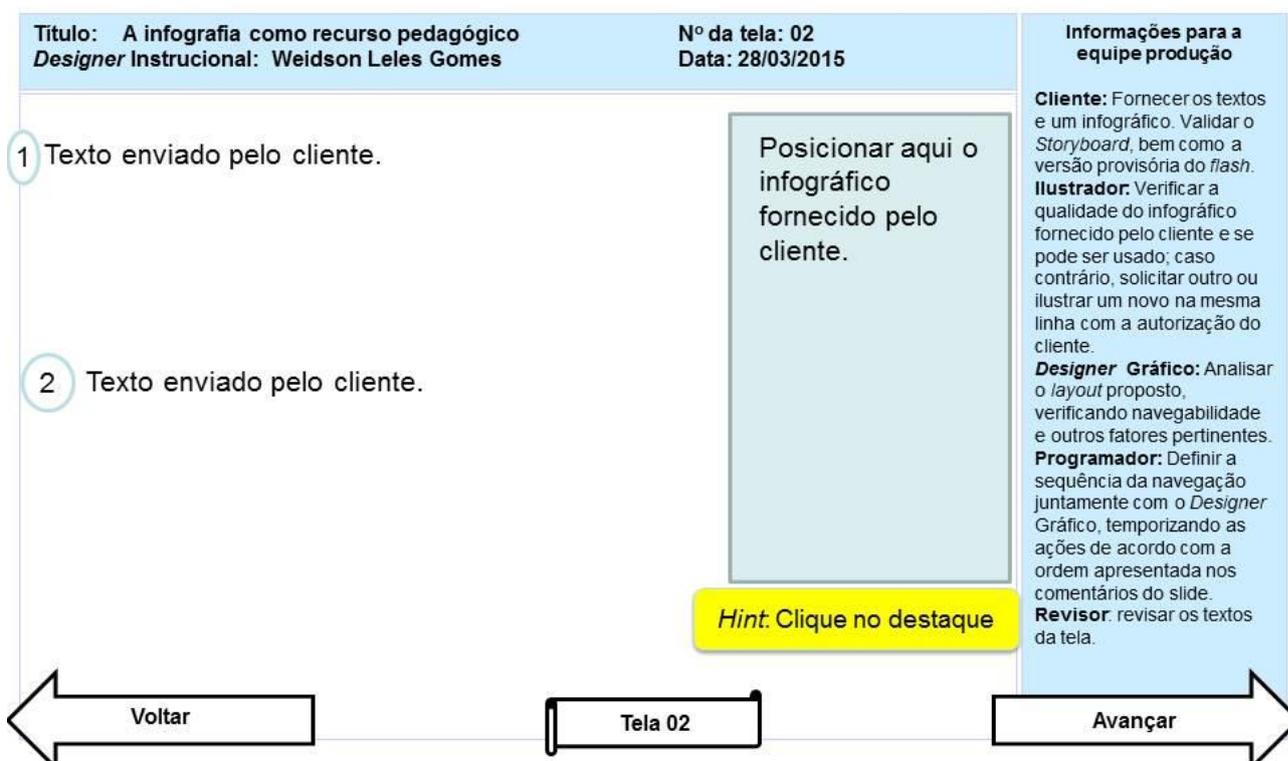


Figura 5 - Storyboard de objeto de aprendizagem do curso “Aplicativos e Software na Educação.

Na figura acima vemos a indicação do posicionamento de um infográfico, bem como dois pontos onde devem ser inseridos textos enviados pelo cliente. No centro, há a indicação da tela atual e há setas que procuram indicar a navegação do curso, permitindo avançar e voltar uma tela. Há também uma sugestão (*hint*) que sinaliza a interação que deve acontecer, na qual sugere que o aluno “clique no destaque”, ou seja, no infográfico.

No Modelo de *storyboard* apresentado na “Figura 5” pode-se constatar a importância da atuação do *designer* instrucional. Como se pode notar, no canto direito da tela, o D.I

menciona as atribuições de cada integrante da equipe e até mesmo do cliente. Apesar de não constar na tela, o D.I também terá a função de validar as diversas versões do *storyboard* e do objeto de aprendizagem elaborado, realizando ou delegando as alterações a serem realizadas. Abaixo seguem as atribuições mencionadas no SB:

- **Cliente:** Fornecer os textos e um infográfico. Validar o *Storyboard*, bem como a versão provisória do *flash*.
- **Ilustrador:** Verificar a qualidade do infográfico fornecido pelo cliente e se pode ser usado; caso contrário, solicitar outro ou ilustrar um novo na mesma linha com a autorização do cliente.
- **Designer Gráfico:** Analisar o *layout* proposto, verificando navegabilidade e outros fatores pertinentes.
- **Programador:** Definir a sequência da navegação juntamente com o *Designer Gráfico*, temporizando as ações de acordo com a ordem apresentada nos comentários do slide.
- **Revisor:** revisar os textos da tela.

É pertinente também mencionar que o *designer* instrucional já sugere a configuração da tela; o posicionamento dos textos; descreve as imagens, ilustrações e animações a serem utilizadas ou produzidas e a forma como se dá a navegabilidade e o sequenciamento de telas.

Caso o *storyboard* não seja bem produzido e detalhado, poderá haver falhas na produção, desencadeando um processo desagradável. Pode ser necessário um retrabalho de toda equipe caso alguma informação não seja precisa, resultando em maiores custos e até mesmo no não cumprimento dos prazos estabelecidos para entrega final do objeto de aprendizagem. Se o SB for bem elaborado, a equipe compreenderá corretamente os apontamentos do D.I e a produção irá correr normalmente, até que o cliente receba o produto final. Pode ser criado um protótipo mais elaborado, para uma melhor representação das ideias e para que o cliente compreenda melhor as mesmas. No presente trabalho, o *storyboard* foi utilizado apenas para um guia para a posterior realização do produto diretamente na ferramenta *Vyond*, considerando que o *site* cobra mensalidades pela sua utilização. Dessa forma, com os *storyboards* elaborados, foi possível agilizar o trabalho evitando maiores custos. A “Figura 6” ilustra um *storyboard* criado para elaboração do Produto.



Figura 6 – Storyboard criado para elaboração do produto educacional.

Partindo do pressuposto da publicidade da pesquisa e da finalidade pública da mesma, concebeu-se o produto final como um Recurso Educacional Aberto (REA) e o tipo de licença escolhido permite o livre compartilhamento, a reprodução, e até mesmo a adaptação do material, contando que devidamente dados os créditos de autoria do trabalho original. O material está disponível no *Youtube* e no *Instagram*, conforme os *links* que constam ao final deste trabalho e, futuramente, será disponibilizado em repositórios públicos de objetos digitais de aprendizagem⁶⁴, bem como seja enviado à Diretoria de Orientação Socioeducativa da Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas da Secretaria de Estado de Segurança Pública de Minas Gerais (SUASE) sendo assim repassado a servidores de todo o Estado, mas podendo ser consultado pelos profissionais que atuam em todo o Sistema de Garantia de Direitos, especialmente os que atuam na execução das Medidas Socioeducativas, contemplando de forma direta membros da equipe técnica, professores, oficinairos, agentes socioeducativos e interessados no uso de ferramentas de *design* instrucional e do *Vyond*.

Insta esclarecer que, trata-se de um produto desenvolvido exclusivamente pelo autor, não vinculado oficialmente às instituições mencionadas. Cabe ainda ressaltar, que os

⁶⁴ São espaços virtuais para o compartilhamento de ferramentas a fim de potencializar atividades colaborativas e reduzir os custos com produção de material. (ALVES; SOUZA, 2005).

personagens são construídos na própria plataforma do “Vyond” e as vozes dos personagens são disponibilizadas de um banco de vozes, bastando apenas digitar os textos para que o programa faça a leitura e a sincronização dos lábios dos personagens à medida que falam.

A “metáfora” utilizada para as animações foi a de um jornal televisivo, o que também é uma linguagem bem familiar, principalmente considerando o que foi exposto sobre os programas sensacionalistas. Dessa forma, buscou-se ressignificar esse modelo, já familiar ao público-alvo do Produto Educacional, conforme ilustra a “Figura 7”.



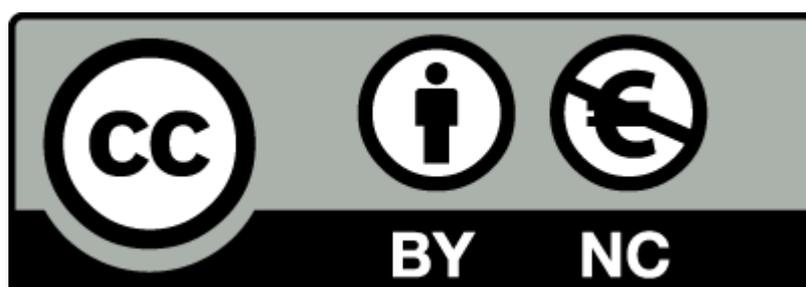
Figura 7 – Print de uma das animações elaboradas demonstrando a metáfora de jornal televisivo.

O jornal foi nomeado SESP Informa, em referência à Secretaria de Estado de Segurança Pública de Minas Gerais. Foram criados dois personagens de jornalistas para apresentar o jornal: Cláudia Faria e Rômulo Starling, conforme ilustrado na “Figura 8”. Também foi criada uma personagem de repórter, chamada Júnia Rocha que apresenta alguns temas e entrevista um personagem que representa o próprio pesquisador.



Figura 8 – Print da apresentação dos personagens.

Após a elaboração das animações no *Vyond*, os vídeos foram exportados para o formato “AVI” e compartilhados no *Youtube* e *Instagram*. Com os *links* já disponíveis, foram gerados *QR Codes*⁶⁵ através de um *site* gratuito⁶⁶ para cada animação. Os códigos seguem no Quadro 9, junto aos *links* de cada animação, facilitando o acesso e o compartilhamento. Os vídeos criados também foram gravados em CD para disponibilizar ao Programa de Pós Graduação Educação e Docência – PROMESTRE UFMG.



DISCURSOS DE ÓDIO NO FACEBOOK: Uma Experiência Ética a Partir das Reações a Publicações Sobre Adolescentes que Cometem Atos Infracionais de Weidson Leles Gomes está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

⁶⁵ *Quick Response Code* ou Código de Resposta Rápida. São códigos que permitem o acesso de determinado link através de um aplicativo leitor de *QR Codes*, como, por exemplo, *QR Scanner*, que também é gratuito. O uso dessa ferramenta permite que se acesse um *site* sem a necessidade de clicar no *link* ou ter que digitá-lo, apenas apontando a câmera do celular com um aplicativo leitor de *QR Codes* aberto.

⁶⁶ <https://br.qr-code-generator.com/> . Acesso em 11 jan. 2019.

Quadro 1 – Lista de links - Produto Educacional: SESP Informa	
Animações	QR Codes e Links
I. Apresentação	 https://www.instagram.com/p/BtcONZ3nVkr/
II. Definição de discurso de ódio	 https://www.instagram.com/p/BtcPnbdnC8x/
III. Discurso de ódio em Redes Sociais: os haters	 https://www.instagram.com/p/BtcPGppHjTo/
IV. Discurso de ódio contra adolescentes que cometem atos infracionais	 https://www.instagram.com/p/BtcPZg8HPsi/
V. Esperanças para combater o discurso de ódio: Educação, JR e CNV	 https://www.instagram.com/p/BtcS3BBnXBH/

APÊNDICE 2 – QUADROS

Quadro 2 - Palavras mais recorrentes no Corpus II

Ord.	Palavra	Repet.	Cat.	Ord.	Palavra	Repet.	Cat.	Ord.	Palavra	Repet.	Cat.	Ord.	Palavra	Repet.	Cat.
1	bandido	380	nom	26	coisa	140	nom	51	concordar	96	ver	76	filho	66	nom
2	roubar	366	ver	27	pena	139	nom	52	opinião	95	nom	77	ato	66	nom
3	todo	277	adj	28	mão	136	nom	53	cometer	88	ver	78	garoto	64	nom
4	querer	243	ver	29	testa	131	nom	54	família	85	nom	79	mundo	62	nom
5	dar	225	ver	30	tatuagem	130	ver	55	caso	82	nom	80	fossar	62	ver
6	defender	224	ver	31	bom	129	adj	56	próprio	80	adj	81	sair	61	ver
7	achar	223	ver	32	lei	125	nom	57	merecer	80	ver	82	pouco	61	nom
8	só	216	adj	33	país	124	nom	58	droga	80	nom	83	novo	61	adj
9	falar	216	ver	34	vaca	122	nom	59	pai	79	nom	84	entender	61	ver
10	saber	213	ver	35	vida	121	nom	60	matar	79	ver	85	bicicleta	60	nom
11	pagar	209	ver	36	ajudar	120	ver	61	rapaz	78	nom	86	ajuda	60	nom
12	mesmo	195	adj	37	gente	116	nom	62	preso	78	adj	87	tortura	59	nom
13	ladrão	191	nom	38	trabalhar	114	ver	63	povo	78	nom	88	julgar	59	ver
14	crime	187	nom	39	errado	113	adj	64	menor	77	adj	89	errar	59	ver
15	justiça	180	nom	40	precisar	112	ver	65	problema	76	nom	90	vídeo	58	nom
16	vagabundo	179	nom	41	vez	108	nom	66	acontecer	74	ver	91	andré	57	nom
17	bem	176	nom	42	dinheiro	108	nom	67	vir	72	ver	92	pior	56	adj
18	chance	170	nom	43	pensar	106	ver	68	humano	72	adj	93	pegar	56	ver
19	cara	169	nom	44	passar	105	ver	69	deus	71	nom	94	coitado	56	adj
20	dizer	167	ver	45	levar	103	ver	70	erro	70	nom	95	cidadão	56	nom
21	dever	166	nom	46	dia	102	nom	71	brasileiro	69	adj	96	cadeia	56	nom
22	brasil	165	nom	47	certo	100	adj	72	tirar	68	ver	97	mãe	54	nom
23	ficar	163	ver	48	sociedade	99	nom	73	existir	68	ver	98	deixar	54	ver
24	casa	152	nom	49	vítima	98	nom	74	ano	68	nom	99	conseguir	54	ver
25	tatuagem	141	nom	50	direito	97	nom	75	menino	66	nom	100	atitude	54	nom

Punitivismo/Justiçamento		
Categoria	Códigos dos Comentários	Nº de Comentários
Comparação com EUA ou “primeiro mundo”	VIII, 120, 146, 219, 227, 262, 343	7
Sensação de Impunidade e justiça falha	XXXIV, 231, 233, 245, 255, 161, 257, 262, 265, 272, 282, 284, 68, 110, 117, 121, 132, 138, 200, 209, 231, 233, 245	23
Bolsonaro como solução	XXXVI, 24, 32, 44, 70, 79, 97, 101, 105	9
“Bandido bom é bandido morto”	XIII, XXXIV, XXXVI, 4, 17, 18, 39, 166, 187, 297	10
Práticas de Justiçamento e suplícios do corpo	II, 133, 148, 152, 167, XXII, XXVII, 141, 194, 207, 221, 265, 290, 338, 242, 165, 257, 149, 33, 155, 173, XIII, XIV, XV, XXIV, XXXIV, XXXVI, 42, 86, 166	30
“Levar pra casa”, aprisionamento ou recolhimento)	X, XXI, XXXI, 40, 54, 88, 102, 104, 155, 163, 178, 184, 189, 302, 133,	15

Quadro 3 – Comentários relacionados ao punitivismo e práticas de justiçamento

Hierarquias morais		
Categoria	Códigos dos Comentários	Nº de Comentários
Comparação com EUA, primeiro mundo	VIII, 120, 146, 219, 227, 262, 343	7
“Fulanização” da Corrupção	15, 17, 37, 43, 48, 95, 96, 100, 165, 182, 192, 202, 250, 254, 301, 22, 36, 48, 51, 67, 288	21
“Pai de família”, “cidadão de bem”	XIII, XXVI, 5, 7, 86, 101, 103, 106, 109, 130, 138, 149, 164, 177, 201, 246, 94, 337, 55, 194, 195, 219	22
Discurso sobre família desestruturada	275, 276	2
Associação da criminalidade e da corrupção com governos, políticos, partidos de esquerda	X, VIII, XXXII, XL, 5, 19, 43, 54, 66, 218, XL, 69, 95	13
Críticas aos Direitos Humanos, menções a “defensores de bandidos” e uso do termo “vítimas da sociedade de forma pejorativa”	XII, XXI, XXV, XXVI, XXXI, XXXV, 35, 38, 95, 101, 149, 152, 253, 256, 258, 281, 288, 290, XL, 61, 68, 152, 155, 176, 179, 201, 211, 217, 222, 229, 232, 255, 284, 286, 295, 298, 302, 219, 331, 338, 339, 317, 38, 92, 144, 14, 35, 86	48
Discurso religioso	13, 24, 27, 30, 44, 46, 64, 65, 68, 93, 135, 146, 165, 213, 219, 248, 341	17
Criminalização da pobreza	XX, 213	2
Trabalho como dignificante	30, 49, 81, 174, 186, 91, 101, 186, 194, 246, 247, 328, 151, 152, 338	15
Menção a valores morais, discurso de uma suposta inversão de valores	125, 189, 251, 253, 256, 257, 284, 45, 47, 108, 114, 169	12
Animalização/”bestialização” do adolescente	III, XXII, XXV, XXXIV, XXXVI, 35, 107, 167, 246, 313, 339, 244	12
Demonização do adolescente	XXXVI, XVIII, XXXVI, XXVII, 104, 6	6
Doutrina da Situação Irregular: Uso dos termos delinquente, marginal, vagabundo, menor	XIII, XXXII; 14, 20, 69, 76, 148, 191, 212, 217, 222, 229, 255, 288, VII, XI, XIII, XXXVIII, 33, 35, 58, 60, 92, 101, 108, 112, 114, 141, 149, 151, 155, 169, 182, 183, 179, 187, 194, 195, 196, 201, 207, 232, 239, 246, 253, 255, 284, 240, 275, 309, 132, 211, 231	53

Quadro 4 – Comentários que revelam hierarquias morais dos *haters*

Parresia (fala franca)		
Categorias	Códigos dos Comentários	Nº de Comentários
Verdade, falsidade, hipocrisia, mentira, desinformação	93, 141, 145, 30, 93, 107, 125, 109, 150, 286, 279, 248 e 283, 329, 19, 108, 114, 186, 206, 243, 266, 93, 266, 174, 56, 134	26
Crítica à mídia	7, 13, 56, 38, 59, 107, 108, 114, 122, 133, 152, 260, 201, 269, 342	15
Discurso religioso	6, 13, 24, 27, 30, 44, 46, 64, 65, 68, 93, 135, 146, 165, 213, 219, 248, 341	18
Discurso psiquiátrico	192, 229, 298, 131, 322, 273, 278, 247	8

Quadro 5 – Comentários relacionados à *parresia*

Substância ética	Modos de sujeição	Trabalho ético	Finalidade	Perigo	Esperança
Entendo a substância ética dos <i>haters</i> de adolescentes que cometem atos infracionais como um paradoxo no sentido de evitar a ameaça de um outro que possa corromper um conjunto de princípios (cidadão de bem, família cristã, moral e bons costumes), mesmo que para isso, o sujeito desconsidere os próprios princípios que evoca no discurso. É uma ética da exceção, da conveniência.	Como abordado, funciona pela exceção e pela conveniência. Os sujeitos se submetem à mentira em nome de um suposto falar franco. “É preciso dizer a verdade”, “sem mimimi” e “politicamente correto”. Arriscam-se a, por vezes confessadamente, transgredir a lei evocando o princípio da liberdade de expressão.	Dentre as práticas utilizadas pelos <i>haters</i> , pode-se citar a criação e a propagação de fake news e pós-verdades. Na busca de justificar seu sistema de pensamento, fabricam verdades, criam chavões ou localizam enunciados nos ditos populares que influenciam a identificação dos sujeitos com os conteúdos que veiculam.	O sujeito geralmente alega buscar ser um cidadão de bem, de família cristã e que preza pela moral e pelos bons costumes. Por mais que propaguem discursos de ódio e adotem práticas violentas, acredito, na linha da banalidade ou boçalidade do mal que a falta de reflexão seja mesmo um ponto importante.	Anuncia-se a tentativa de destruição da diferença , do outro, do jovem, do pobre, de uma ameaça aos valores. A governamentalidade algorítmica e o behaviorismo de dados lançam o perigo de que se seja governado e influenciado pelas máquinas. Se Foucault anunciou o nascimento e a morte do sujeito, nesse contexto o sujeito foi enterrado e substituído por robôs.	Educação, diálogo, CNV para combater o ódio.

Quadro 6 – Síntese do Quadro Ético

Quadro 7 – Teorias Behavioristas e Implicações na EaD	
Métodos	<ul style="list-style-type: none"> • Estímulo/resposta (Pavlov, Watson), Lei do Efeito (Thorndike), Condicionamento (Skinner); • Os métodos de ensino consistem nos procedimentos e técnicas necessários ao arranjo e controle das condições ambientais que asseguram a transmissão/recepção de informações (Skinner).
Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Lei do efeito - Uma conexão é fortalecida quando seguida de uma consequência satisfatória e, inversamente, se a conexão é seguida de um “estado irritante”, ela é enfraquecida (Thorndike); <p>O ensino é um processo de condicionamento através do uso de reforçamento das respostas que se quer obter (Skinner);</p>
Papel do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar ao estudante o vínculo mais rápido possível entre a resposta que ele quer que o aluno aprenda e o estímulo a ela relacionado (Watson); • Proporcionar ao aprendiz um reforço positivo (por exemplo, um elogio), caso o aluno tenha dado uma resposta desejada, ou um reforço negativo (por exemplo, uma punição) quando o aprendiz apresenta uma resposta indesejável (Thorndike); • É preciso praticar para melhorar o desempenho (Thorndike); • Modelar respostas apropriadas aos objetivos instrucionais e, acima de tudo, conseguir o comportamento adequado pelo controle do ensino (através da tecnologia educacional). (Skinner);
Papel do aluno	<ul style="list-style-type: none"> • Responder aos estímulos, passivo.
Contribuições para o DI e EaD	<ul style="list-style-type: none"> • Implementação de técnicas com foco na aprendizagem individual na EaD, estabelecimento claros de objetivos, produção de conteúdos e avaliação a partir do que os professores esperam. Os objetivos são mensuráveis e demonstráveis pelo comportamento.
Conclusão	<ul style="list-style-type: none"> • As contribuições do behaviorismo são importantes para o planejamento de um curso virtual, criação de materiais instrucionais, bem como para a avaliação.

Quadro 8 – Teorias Cognitivistas e Implicações na EaD	
Métodos	<ul style="list-style-type: none"> • Descoberta (Bruner), assimilação e acomodação (Piaget), aprendizagem significativa (Ausubel)
Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Enfatiza o processo de cognição, através do qual a pessoa atribui significados à realidade em que se encontra (relação entre indivíduo e o meio). Conhecimento construído, estruturado.
Papel do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular o aluno a construir esquemas de assimilação das disciplinas; ensinar significa provocar o desequilíbrio na mente da criança para que ela, procurando o reequilíbrio, se reestruture cognitivamente e aprenda (Piaget);
Papel do aluno	<ul style="list-style-type: none"> • Construir (e reconstruir) esquemas de assimilação de conteúdo. Sujeito ativo, agente do processo.
Contribuições para o DI e EaD	<ul style="list-style-type: none"> • Maior interação dos estudantes nos ambientes virtuais buscando superar a desmotivação e o fato de o estudante se sentir isolado. Resolução de problemas, aprendizagem significativa, estudos de caso.
Conclusão	<ul style="list-style-type: none"> • As ferramentas e recursos que favorecem atuação em grupo são as que mais remetem a essa concepção, pois o sujeito é ativo e busca-se superar sua desmotivação na EaD. A interatividade online baseada nas contribuições destas teorias, bem como as estratégias utilizadas na concepção dos cursos são alguns dos aspectos importantes a serem ressaltados devido à influência dessas teorias.

Quadro 9 – Teorias Socioculturais e Implicações na EaD	
Métodos	<ul style="list-style-type: none"> • Perspectiva freiriana (círculos de cultura, palavras geradoras, conscientização, emancipação, dialogicidade); a partir da zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky); método genético ou evolutivo, sociocultural, ação mediada (Werstch).
Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Através da influencia do meio social e cultural onde o aluno está inserido; o “bom aprendizado” é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento (Vygotsky);
Papel do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a conscientização através do conhecimento da realidade. Incentivar a interação entre professor e aluno. Mediar debates com intuito de fazer conhecer a realidade social, econômica e cultural. Professor como identificação/modelo e como elemento-chave nas interações sociais do estudante.
Papel do aluno	<ul style="list-style-type: none"> • Participar de discussões para agregar conhecimento de experiências alheias. Sujeito interativo e que constrói o conhecimento nas relações intra e interpessoais.
Contribuições para o DI e EaD	<ul style="list-style-type: none"> • Tarefas colaborativas, aprendizagem compartilhada com hierarquia horizontal, comunidades de aprendizagem, ensino colaborativo.
Conclusão	<ul style="list-style-type: none"> • Como o sujeito nessa concepção é interativo, os recursos e atividades visando à interação e colaboração em grupos parece refletir melhor a mesma. Os alunos constroem juntos e compartilham o conhecimento, colaborando na busca de objetivos em comum; sendo assim, os games podem ser ótimas ferramentas a serem usadas como AVA's.

APÊNDICE 3 – CADERNO DE CAMPO

Diário de Campo Virtual – Weidson Leles Gomes

Março de 2017 – Um Primeiro esboço – Página da Rádio Itatiaia

Navegando no *Facebook*, ao ver a publicação de uma notícia na página da Rádio Itatiaia sobre um adolescente que havia participado da execução de um PM, chamou minha atenção os comentários ali colocados. Abaixo segue o corpus extraído dessa postagem. Os textos seguem tais quais foram encontrados nas páginas, sem edição. Apenas marcados por itálico para identificar a fala dos usuários que terão suas identidades preservadas.

Corpus 1:

<https://www.facebook.com/radioitatiaia/posts/1553095838036474>

Itatiaia - A Rádio de Minas

Leles Página ini

Curtiu Seguindo Compartilhar

Itatiaia
610 am 95,7 fm
A rádio de Minas

Itatiaia - A Rádio de Minas
@radioitatiaia

Página inicial
Sobre
Fotos
Avaliações
PROMOÇÕES
Ver mais

Criar uma Página

Itatiaia - A Rádio de Minas
7 de abril de 2017

Sem qualquer arrependimento, adolescente de 14 anos diz que 'não pode fazer nada' -<http://migre.me/woexY>



ITATIAIA.COM.BR

'Deu mole. Estava folgado demais', diz menor que participou do assassinato brutal de cabo da PM

2,6 mil 439 comentários 642 compartilhamentos



Link da página: <https://www.facebook.com/radioitatiaia/>

Link da publicação: <https://www.facebook.com/radioitatiaia/posts/1553095838036474>

- I. *Assassino de bandidos, eu seria com prazer. Eu me importo é com a vida de inocentes que eles tiram. A deles já não vale nada mesmo.*
- II. *Tem que pegar umas desgraça dessa e torturar por dias e posteriormente mata lo sem consideração! Já que não existe prisão perpétua a pena tinha que ser a morte! O Brasil é um país frouxo de leis*
- III. *Mas sabe por que nao resolve? Pois bandido e que nem rato sabe por que? Quando morre um aqui aparece mais 3 ali. E combater o crime organizado e dificil, pois quem financia o crime sao aqueles que vao la na biqueira ou na boca comprar a merda da droga. E uma rede enorme de organizacao que tem que lutar contra ela todos os dias.*
- IV. *É igual praga, se deixar eles crescem... Já passou da hora do estado reconhecer que estamos em estado de guerra e acabar de vez com esses caras. Aí sim teremos condições de educar as crianças sem interferência de criminosos.*
- V. *Chega de proteger esses vermes pelo fato de serem de periferia, pq na maioria das vezes é uma questão de escolha .*
- VI. *Com certeza (**nome de usuário preservado**) ser bandido é uma escolha pobreza não leva ninguém a tirar vida de outra pessoa matar para roubar ou simplesmente matar uma pessoa só porque é um policial.*
- VII. **VAGABUNDO SE RECUPERA DE BAIXO DA TERRA**
- VIII. *Quando o ECA foi homologado no início dos anos 90, ao lê-lo disse dentro do quartel, isto vai dar uma repercussão nos índices de violência e vamos criar uma geração inteira de monstros. Um outro militar, me disse que eu era pessimista. Outro dia encontrei com ele, ambos na reserva e comentamos sobre o fato em questão. Nos EUA mesmo tendo o dobro de nossa população, tem menos de 1/3 dos homicídios e lembrando que na maioria absoluta dos estados o porte de arma e a posse delas fazem parte da*

cultura deles. O ECA é uma aberração, foi formulado por pessoas de esquerda que nunca pisaram em um aglomerado durante uma incursão na vida. Não sabem por exemplo, que os jovens não vão para o crime, como alardeado pela mídia, por falta de oportunidades. Vão para o crime para terem acesso fácil a bens de consumo, ficarem com as melhores meninas e mandarem na região. Esta lei apenas deixou estes menores folgados, pois são raros os casos de adolescentes que cumprem os 03 anos. Traduzindo, os 03 anos para adolescentes é comparável com 30 anos para o adulto no código penal. Durante um assalto o adolescente é o mais cruel e violento e em algumas quadrilhas é o líder, lembram-se do Champinha? O tal do bandido não tem recuperação e quando chega a ser preso já praticou inúmeros crimes. Mas nosso povo merece o país que tem, trata a urna como latrina e continua a votar nos mesmos sempre. E estes legisladores tem como o único compromisso a sua perpetuação no poder....

- IX. *E o mais triste disso tudo é que "dimenor" não pode trabalhar....viu o pai pedreiro ensinando o filho a trabalhar?ele tava errado num país onde o "Serto" é cruxificarem a polícia e defender bandido....*
- X. *Continuem votando no pt pmdb psdb que vcs vão ver essas cenas por muitos e muitos anos quando aparece um sujeito com ideias revolucionárias e boas no Brasil ele é taxado de louco, facista e até nazista assim foi com Enéas e assim está sendo com Bolsonaro mas eu não desisto é Bolsonaro2018 pra acabar com essa farra lugar de assassino é na cadeia Independiente da idade.*
- XI. *Os PMs deveria fazer uma operação nesse local, ostensivamente pegar tudo e qualquer vagabundo e quebrar no pau !! Fazer uma varredura nas malocas desses animais! !*
- XII. *Ai no caso se esse "ser" que não deveria nem ter nascido, a mãe nem devia ter feito fosse morto pelo policial? Os direitos humanos iria cair matando em cima pelo fato desse trem ai ser menor de idade, iria dar mais problema ainda. Ai meu sangue até ferve de tanto odio vendo isso.*
- XIII. *Isso é Brasil 😞😞!!! Enquanto vagabundo delinquentes vivem livremente, nós pais de família, cidadãos de bem vivemos presos dentro de casa com medo!!! Basta 😞😞!!!Pena de morte já,seja para maiores de idade ou menores de idade travestidos de criança, até quando viveremos assim nesse mundo insano sem sem lei?bandido é bandido morto, seja de menor ou maior de idade, delinquente não tem conserto, bandido bom é bandido morto 😞😞😞*
- XIV. *O certo seria pena de morte para os 3 na frente de toda família deles. Esse de 14 não dura um ano. Kd a imprensa pra falar que essas 3 escórias são o reflexo do pai e mãe que não tem capacidade nenhuma de educar o filho.*
- XV. *Pena de morte resolve*
- XVI. *Menores nos dias de hj no máximo até oito anos.não existe mais inocentes crianças estão nas redes sociais e o raciocínio está cada vez mais amadurecido.os jovens precisam ser educados nas escolas com militares já que os pais não tem moral.educar crianças um ato de amor.*
- XVII. *Tem que matar uma praga dessa antes que reproduza. Essa raça é pior que erva daninha*
- XVIII. *A pm tinha que executar esses três vermes, e dizer a mesma coisa. Eles estavam muito folgados. Bamdo de diabos,não merecem respirar o ar.*
- XIX. *Avisa o delegado que se eles estão presos eles não são suspeitos. Delgado chamando assassino confesso de suspeito mostra bem o nível de segurança que está o Brasil.*
- XX. *se dependesse de mim eu jogava um míssil em todas as favelas e acabava com esse antro de bandidos de uma vez por todas...*
- XXI. *Manda esse menor pra casa da Maria do Rosário... ou então para os direitos humanos carregar ele no colo e chamar de meu filho....#vergonha*
- XXII. *Enquanto não pegar esses lixos e apredejar em Praça pública ou enforcar para servir de exemplo,vai ficar esse merda que está ai!*

- XXIII. *A pena de morte no Brasil é paralela. Quem executa são os bandidos, o Estado finge não ver...*
- XXIV. *Estes órgãos públicos no Brasil que protegem e defendem bandidos São constituídos por ladrões e bandidos isto não solucina nada só complica e só piora o país. (nome de usuário preservado) precisamos urgente de intervenção militar e pena de morte no Brasil (nome de usuário preservado)*
- XXV. *Os pm tem que meter o aço nestes lixo cadê os direitos humanos agora 🙄*
- XXVI. *Parabéns para o direito humanos aí tá o resultado do seus trabalhos . Defender este filhos do capeta . Mata gente de bem mãe pai de família . Roubar bens que agente conquista com tanto sacrificio . Direitos humanos meus parabéns enquanto vocês defendem . Este infeliz nós ficamos com a vida nas mãos deste demônio aí solto . 🤡🤡🤡*
- XXVII. *itima da sociedade né... Não teve oportunidade de estudar, talvez pq a escola esteja fechada pra ele... a vai se fuder, arranca a cabeça de cada um dos três, e queima o corpo igual faz com bruxa, pra ver se não se multiplica mais... Desgraçados, sabemos nós que não sobreviveram né ... Misteriosamente serão assassinados na cadeia...*
- XXVIII. *Desgraçados, tinha que ter matado essas pestes na hora da operação policial. Revoltado com esse comentário.*
- XXIX. *Ai merece morrer mesmo, to zuando mas uns 30 anos de reclusao fechado seria bom!*
- XXX. *Daqui pouco tempo vai aparecer com a boca cheia de formigas e não vai ser por causa de gosto gastronômico não. Que os companheiros de farda mostrem para o jovem rapaz o mesmo caminho que o policial morto fez.*
- XXXI. *Um dos bandidos fala na reportagem que tem três filhos... Puta merda, esse capiroto ainda procria, tomá banho!
Se vc acredita que o inocente menino de 14 aninhos tem recuperação peça a guarda dele e leva pra morar na sua casa, pois a próxima vítima pode ser da sua família! Tá matando com 14, imagina o que já terá feito até os 20... Direitos Humanos de merda!*
- XXXII. *A escória inútil, geração perdida fruto do desgoverno dos últimos 14 anos (é 14 anos, coincidência né?) que protegeu os delinquentes e ainda os indenizam.*
- XXXIII. *Olha isso (nome de usuário preservado) tem que pegar um FDP desse e falar pra ele é menor VC DEU MOLE e manda ele vestir o terno de madeira 🤡🔪*
- XXXIV. *Esse verme teria que pagar com a própria vida , bandidinho do inferno , bandido bom é bandido morto!!!lixooooo
Precisamos de leis mais severas , prisão perpétua e pena de morte são fundamentais neste país onde a criminalidade só aumenta*
- XXXV. *É desses elementos que a Maria do Rosário gosta. E ainda ela juntamente com a Benedita da Silva fica fazendo lavagem cerebral no povo falando sobre racismo.*
- XXXVI. *Bolsonaro2018 E porte de arma pra nós todos, quando depararmos com uns tranqueira desses, meter balar e mandar a conta pró capeta! Pena de morte é pouco pra lixos como esses!*
- XXXVII. *Mata essas pragas*
- XXXVIII. *AOS POLICIAIS UMA DICA, DIZ QUE O MENOR TENTOU TOMAR A ARMA DE UM DE VCS E TENTOU EVADIR, AI VCS TIVERAM QUE ATIRAR NELE, SIMPLES, PQ VAGABUNDO BOM E VAGABUNDO MORTO!!*
- XXXIX. *Pior que essas desgraças vão ficar impunes.*

XL. ISSO TUDO É FRUTO DO TRABALHO DE PETISTAS E OUTRAS MERDAS DE ESQUERDA, QUE SÓ DEFENDEM BANDIDOS!!! VOTEM MAIS EM LULA E OUTRAS MERDAS, E TEREMOS MAIS DEFENSORES DE BANDIDOS NO PODER!!!

XLI. Leva eles pro pau de arara

Anotações para análise - Março de 2017

Mostrou-se dificultoso carregar os comentários da notícia acima no *Facebook*. É muito difícil e demorada a extração manual.

Uma única notícia publicada na Página Oficial da “Rádio Itatiaia” foi suficiente para o corpus da análise que aqui se esboça. A página é curtida por 633.191 pessoas e a manchete: “Deu mole. Estava folgado demais’, diz menor que participou do assassinato brutal de cabo da PM” teve, até o momento da colheita de dados, 648 compartilhamentos, 451 comentários (na página, pois em cada compartilhamento pode haver comentários públicos ou não) e cerca de 2700 curtidas das quais 720 reações indicavam raiva, ou como se pode verificar pelos comentários, ódio.

Ao analisar o *corpus*, práticas do passado ressurgem e clama-se por punições em praças públicas e enforcamento. Condena-se o direito à procriação e comparam-se adolescentes a animais, pragas, pestes, erva-daninhas, vermes, lixo; condena-se a pobreza. É incitada e incentivada a justiça pelas próprias mãos, o Estado de Exceção, a pena de morte, a tortura. Vemos como se busca construir a imagem do adolescente como “vida nua”, apenas biológica; como homo sacer, sagrados, malditos ou matáveis; animalizados, demonizados para serem exorcizados. Retomam-se termos tipicamente associáveis à Doutrina da Situação Irregular como menor e delinquente.

Enunciados religiosos associam os adolescentes a figuras demoníacas. É sugerido inclusive que se arranquem as cabeças e queimem os corpos como se faz com as bruxas. Surge uma dica de como forjar uma possível cena do crime no qual os adolescentes teriam resistido a uma abordagem para justificar “meter bala e mandar a conta pro capeta”.

A polarização e a crise atual no cenário político brasileiro aparecem nos comentários. Associam-se os 14 anos do adolescente a 14 anos de “desgoverno” do PT. Clama-se por Bolsonaro. Condenam-se os Direitos Humanos e seus defensores.

Abril de 2018

Considerando que há uma liberação por parte do COEP da UFMG para realização da pesquisa, iniciarei as investigações dentro da perspectiva apontada no pré-projeto de pesquisa. Vou transitar dentro de grupos abertos e páginas, especialmente os de extrema direita como Bolsonaro 2.0; Olavo de Carvalho; Faca na Caveira e Desquebrando o Tabu na busca de postagens pertinentes ao trabalho.

Realizei a procura por termos relevantes como “bandido”, “menor”, “ato infracional” no *Facebook* dentro de páginas e grupos. Mostrou-se dificultoso extrair os dados manualmente, o que me instiga a procurar ferramentas que possam fazê-lo de forma automática. O *Facebook* não carrega todos os comentários automaticamente e é necessário solicitar o carregamento destes por diversas vezes clicando em “carregar mais comentários”. Cada clique tem uma considerável demora no carregamento, o que demandaria muito tempo para copiar todos os comentários de uma postagem, além de ter que salvar cada imagem inserida nos comentários manualmente.

Utilizei a ferramenta *Botometer*⁶⁷ para verificar a chance de meu perfil no *Twitter* (@lelesgomes) ser um *bot*. Acredito que a ferramenta tenha alguma validade, mas preferi não recorrer a ela em função de o meu próprio perfil ter sido apontado como um provável *bot* (probabilidade de 83% de chance de ser um robô).

Realizando uma busca livre no *Facebook* (fora de grupos ou páginas específicas), encontrei três postagens muito compartilhadas sobre a notícia do adolescente que teve a testa tatuada com os dizeres “Eu sou ladrão e vacilão”. São vídeos muito compartilhados e comentados e que podem oferecer muito material para a análise.

Realizei a extração dos dados das páginas de Lia Bracho, André Moscoso e André Fernandes. Extrai todos os dados das datas das postagens com o *Netvizz*, bem como o nome de todos seguidores das páginas e a rede de interação dessas páginas. Ainda não sei como utilizar algoritmos para poder gerar os gráficos sobre essas interações, mas elas podem permitir identificar, por exemplo, quais usuários e páginas são mais influentes nessas páginas.

A circulação nas redes na perspectiva do *flanêur* acabou sendo pouco utilizada. Como a possibilidade trazida pela extração de dados pelo *Netvizz*, dentro da perspectiva da ARS mostrou-se bem eficiente. No entanto, esse jeito, quase errante, de circular e investigar dentro

⁶⁷ <https://botometer.iuni.iu.edu>

do Facebook permitiu que fosse dada a devida importância ao caso do adolescente tatuado na testa.

Descobri a plataforma *Google Trends*. Nesse site, é possível verificar a quantidade de vezes que determinado termo foi pesquisado no *Google* em determinado período, sendo possível cruzar informações e gerar gráficos.

Cruzei no *Google Trends* as informações de pesquisa sobre o termo “bandido” e “tatuado na testa”, mostrando um pico na mesma data da notícia da apreensão do adolescente. O que mostra que o termo bandido foi muito associado ao adolescente em questão.

O *software NVivo* permite gerar nuvens de palavras, mas em função de a licença gratuita ter terminado, vou procurar outra ferramenta mais simples para gerar nuvens de palavras.

Maio de 2018

11/05/18 - Inicialmente, acreditava-se que o ódio a adolescentes que cometem atos infracionais seria muito mais perceptível, quase uma exclusividade, nas páginas de extrema direita. No entanto, percebo em páginas como a da Lia Bracho que isso é um engano. A *youtuber* é defensora ferrenha dos governos do PT. Cheguei a pensar que ela estava sendo irônica quando vi posts com chamadas em defesa de Dilma e Lula. Hoje concluo que realmente ela se diz politicamente de esquerda.

16/05/18 - Vi no grupo da UFMG no Facebook uma postagem em que se incentiva abertamente o assassinato de neonazistas. O paradoxo da tolerância é levado para um viés da violência desmedida. A postagem era sobre um neonazista que foi assassinado e dizia: “Fascismos se combate dessa forma, e não nas urnas. Fascista bom é fascista morto. ‘Sou militante sou ativista/ Eu sou da periferia/ Eu sou contra neonazista/(Bang bang bang!)/ Mais um cuzão fora da lista!’ (Clã nordestino – Manifesto)”. O ódio não é politicamente maniqueísta, transita entre direita e esquerda.

Novembro de 2018

Retomando a pesquisa e enfrentando dificuldades de trabalhar com os dados nos programas até então conhecidos, descobri o software *Iramuteq*. O mesmo tem muitas funções semelhantes ao *NVivo*, mas mostra-se mais simples de ser utilizado para um iniciante. Dado o

tempo disponível para trabalhar com os dados, optei apenas por utilizar o *Iramuteq* para ajudar na seleção dos textos mais relevantes, construindo o segundo *corpus* da pesquisa a partir dos comentários nas publicações das páginas de Liah Bracho, André Fernandes e André Moscoso.

A totalidade de comentários das postagens em questão resultou em um volume muito grande de texto (130 páginas com fonte Times New Roman, tamanho 12 e espaçamento simples), inviabilizando a análise em tempo hábil. Dessa forma, foi necessário optar por um recorte. Assim, utilizando os *softwares Iramuteq* e *Excel*, foram selecionados, inicialmente, os 200 comentários que mais tiveram interações (geraram novos comentários) de cada página.

Foi iniciada a leitura dos comentários selecionados e, quando havia passado de 100 comentários da primeira página (André Fernandes), constatou-se que já havia recorrências e elementos suficientes a serem analisados. Dessa forma, foi definido um número de 115 comentários de cada página. Importante mencionar que na Página de André Fernandes foram analisados os comentários de apenas uma postagem, enquanto nas páginas de Liah Bracho e André Moscoso, foram analisados os comentários de duas postagens, todas referentes ao mesmo caso. Portanto, as análises passaram a ser realizadas tomando como corpus composto por 115 comentários de postagens de cada página analisada (André Fernandes, Liah Bracho e André Moscoso), totalizando assim 345 comentários. O corpus segue com os comentários e marcações realizados durante a leitura.

Corpus 2

André Fernandes

1. *Tem gente aqui nos comentários justificando os atos criminosos do sujeito por conta da **péssima qualidade de ensino público** no país e o fato de os pais do sujeito **serem pobres**. Engraçado é que eu estudei apenas em escola pública, meus pais sempre foram pobres e mesmo assim **nunca usei isso de pretexto para entrar no mundo do crime**, pelo contrário, sou formada, concursada e ainda estou me graduando em outro curso superior. Somos produto de nossas escolhas e não "**vítimazinhas**" das nossas necessidades!*
2. *Cadê os **textões dos defensores de bandidos** nessas horas? Bando de **hipócritas!***
3. ***Quem defende bandido, bandido é.***
4. *Sempre gostei de suas palavras , acho que cada caso deve ser analisado, ele **merecia sim uma segunda chance**, até porque o crime que ele cometeu foi um mediano, o que é diferente de um criminoso de prática um latrocínio, um assassinato, tráfico de drogas, **pra mim bandido bom e bandido morto, más suas críticas foram desnecessárias, vivemos na esperança que as pessoas podem mudar Sou Bolsonaro 2018***
5. *Velho. Não sou de acordo com ideias ditas de esquerda e tudo mais. Não sou a favor de que se defenda **bandido**, tudo mais. Mas acho uma tremenda babaquice quando a direita comemora coisas como a morte de alguém, ou achar legal um cara tatuar ou mutilar alguém que cometeu algum crime. É a mesa coisa de linchamento de bandidos. **Acredito que as pessoas que querem fazer justiça com as próprias mãos não estão interessadas em justiça, mas em satisfazer a sua vontade de cometer atrocidades***

- contra outras pessoas com a desculpa de que o outro mereceu. Tem muito idiota de esquerda defendendo bandido? Tem sim. Mas não seja um idiota de direita que esquece que o tatuador foi um criminoso e deve ser punido pelo seu crime tanto quanto o ladrão. **Cidadão de bem não é de bem quando comete algo assim!**
6. Todo ser humano merece uma segunda chance, bandidos também! **Depois de cumprirem suas penas terão uma nova chance de fazer merda e volta pra cadeia, ou se der sorte ir direto pro colo do tnhoso**
 7. **Isso jamais será divulgado em TV aberta.** Vão fazer de tudo para que não seja televisionado. **Fátima Bernardes nem lembra mais quem é o "rapaz de bem". Quem defende bandido, é bandido também!!** #Bolsonaro2018
 8. Primeiro ,quem furta um bicicleta pra mim nao é bandido é noia... **isso nao é caso de Segurança Pública e sim de Saúde!!!** Bandido são os nossos Políticos que Roubam Milhões e estao solto, agora é justa o cara q furta bicicleta ta preso e o Lula estar solto???? Claro q ele tem q pagar pelo seu erro, mas ele esta longe de ser Bandido...Bandido q é Bandido no Brasil nao vai p Cadeia....infelizmente
 9. Parece que esse rapaz não tem parentes e amigos dependentes de drogas. É um ser humano perfeito, com uma família perfeita e amigos e colegas perfeitos. Cheio de pedras nas mãos e a alma limpa de sabão OMO.
 10. Blz, mas o ato de tatuar o garoto tbm foi errado. Ele deveria ter pago pelo primeiro crime que foi tentar roubar a bike. **Momento nenhum defendemos ele, nós repudiamos a atitude do tatuador por isso que todos se mobilizaram pra tirar a tattoo da testa do garoto..**
 11. Assista no youtube: <https://youtu.be/zIabwXyJMA4>
 12. amigo não se empolga não cada caso e diferente do outro vc e novo vai de vagar á vida da muita volta vc **não pode e generalizar.** fica a dica valwwwww aaaaaaa sai do seu mundo não fique só em Fortaleza não andas o Brasil
 13. quando o cara tem uma tatuagem feita na cara ele já teve muitas chances oportunidade sempre temos mas nesse caso foi mas pra que esse pessoas da mídia entenda que pessoas assim só Jesus na vida deles o mal por si se destrói
 14. **Segunda chance? Vítima da sociedade?** Até onde sei, **esse marginal é usuário de drogas** desde os 13 anos. E onde estavam os responsáveis? Bom, a mãe omissa o entregou para a avó criar, com a desculpa de não ter condições. A coitada da avó, que tbm não tem o mínimo de dignidade, sustenta ele com o que ganha como catadora de recicláveis. **Mesmo diante da situação degradante, nada justifica o furto.** Ninguém o obrigou a se envolver com drogas. Oportunidade de recuperação ele teve, pois logo após a repercussão do caso da tatuagem, ele teve a **oportunidade de ser internado em uma casa de recuperação para dependentes químicos.** Não adiantou nada, saiu e já foi cometer outro delito.
 15. Vamos fazer a diferença amigo Deixa as coisas pequenas e foca no que é maior Se não cai o grande o pequeno fica livre **Pois tá amparado pelo maior 500 kilo de drogas em avião de um político** Acha que um pobre fumadores de lata das favelas é o chefe Se o grande da mal exemplo o pequeno deve ser corrigido Por que os políticos os Deputados não colocaram uma lei onde reduza o número de Deputados estaduais e federais Senadores Desembargadores juízes Baixar os Salários dos Políticos e auxiliares Redução dos partidos políticos brasileiros apenas dois já tá ótimo Redução dos ministérios Redução do salário do presidente e seus Benefícios **Cadeia de 50 anos para qualquer Servidor Público Corrupto** sem direito a nada E ainda vai trabalhar para pagar a Água e a Luz e o Aluguel do imóvel e o salário dos Agentes que ali trabalham. .. Peça isso para o Bolsonaro Meu voto é dele espero que ele faça a diferença. ..
 16. Hooo, já veio atrás de curta, político de nojo.... Políticagem demaissssss Nojoooooooooooooo.
 17. Deram uma segunda chance e o cara foi lá e roubou milhões de reais, carro, avião, moto e casa Além de matar mãe,pai e irmãos Ele tem que morrer porque **BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO** Bom seu posicionamento, só tenho uma dúvida sobre o mesmo : **Serve tbm para pessoas que usam dinheiro público pra comer gente?**
 18. **BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO, BANDIDO NÃO MERECE SEGUNDA CHANCE, O BANDIDO MERECE É MORRER** □
 19. Admiro muito suas posições , mas sobre o rapaz e segunda chance lógico que devem ter sim uma segunda chance e ate uma terceira pelo tipo de crime cometido , **pois um crime de pequeno porte não podemos julgar como se fosse um latrocida e um estrangador** pois esses sim não merecem nem a primeira chance !!! **E vamos parar com tanta hipocrisia e não vamos nos contaminar com mesmo veneno dos bandidos do PT e PMDB PSDB e psol .**
 20. Bom para mim crime é crime a **pessoa tem que pagar por seu ato a tatuagem em si para mim não agrada pois não gosto de tatuagem** mas para quem gosta pode escrever o que quer,só acho o movimento de levantar dinheiro uns 20 mil para tirar a tatuagem dele um tanto desrespeitoso para com outras pessoas que estão precisando de ajuda de remédio de cadeira de rodas de uma cirurgia carissima até um atleta que não tem recursos e batalha para conseguir algo,pessoas que trabalham

- catando papelão latinhas para pagar uma faculdade outros exemplos que vemos e ninguém se mobiliza assim como fizeram com esse rapaz .Sabe do jeito que está as coisas a **marginalidade vai dominar o Brasil desde o senado a classe rica média até a favela...ninguém mais vai saber quem é quem** ,eu acredito que devemos sim dar uma chance para a pessoa mudar,mas eu deixaria a tatuagem nele um bom tempo para ele se redimir e através da mudança as pessoas veriam o proceder dele aí sim ele trabalharia de uma forma para pagar a cirurgia e muitos o ajudaria sim como forma humanitária e solidária , o que aconteceu é que ele **se sentiu protegido pela sociedade no qual ele não teve nenhum respeito ou arrependimento e claro voltou a fazer o que sabia fazer** ,temos que tratar cuidar sim mas jamais passar a mão na cabeça pois com certeza vai voltar a cometer delitos até pior que antes pois todos começam assim pequenos delitos e quando vamos ver acaba virando um criminoso assassino abusador entre outros,queria eu quando andar na rua poder identificar um estrupador um ladrão um extorcionatario para passar bem longe desses
21. **Cadê o pessoal da primeira vaquinha, será que eles pediram nota fiscal paulista das coisas que a família desse coitado comprou, pq no mínimo vão fazer outra vaquinha e na 3ª eles vão poder pedir música no fantástico**
 22. **As coisas no Brasil é assim sempre querendo justifica e da segunda chance seja para pé de chinelo que rouba uma latinha de aerosol, ou quem rouba muito dinheiro, roubo é roubo não importa não merece exceção** o povo tem que para com a ideia de foi só isso, mas esquece que foi só isso hoje amanhã o só isso pode ser seu dinheiro seu celular seu carro e ai vai continuar falando só isso.
 23. **A próxima tatuagem tem que ser uma marca de bala no meio da testa!** Usando uma máquininha chamada 38! Aí ele irá aprender a não ser bandido! Obs: serve pra outros crimes tbm, chance de reincidência 0
 24. **Esse bixo tá falando merda de mais, pelo amor de Deus, tenha noção do que é um furto e o que é um assassinato, é que não são o mesmo crime, eu não estou dizendo que ele estava certo de roubar claro que não, mas ninguém tem direito de fazer o que fizeram com ele naquela situação, foi um furto, se vc não acha que uma pessoa que furtou não tem chance de corrigir seu erro e não fazer mais isso, Vc é mais babaca do que parece, quem é Vc pra dizer que na segunda, na terceira na quarta e ele nunca vai parar de roubar? Quem é Vc? Cara eu desprezo todo tipo de crime, mas eles não são todos iguais, e na minha concepção furto dele é o mesmo nível de quem rouba wifi do vizinho, é de quem vende seu voto, é de quem toma vantagem dos outros mesmo sabendo que é errado, e nem por isso vamos tatuar ladrão e Vacilão, é por causa de discursos como esse que as pessoas tem armas pra dizer que quem apoia bolsonaro é retardado, é cheio de ódio, cara pensa no que tu fala, tu não faz questão de dizer que é um dos maiores you tubers do Ceará, então pensa o que tu fala existe um reflexo nisso, sobre o rapaz ele tem que ser preso sim, dessa vez, como da primeira, mas ninguém poderia ter feito o que fez e segundo quem deu dinheiro pra vaquinha pra tirar, fez Pq quis, e Pq achou que seria uma boa ação, e foi, se deturparam, se ele voltou a cometer crime, cara quem ajudou, ajudou não esperando receber nada em troca, ajudou por que se viu na condição de poder ajudar, seria bom, que as pessoas ajudassem muito mais as vítimas claro, mas nesse caso é aquela velha historia, os tatuadores tinham toda razão até fazerem o que fizeram, ali ele fizeram um bandido virar vítima, pela desproporcionalidade das atitudes, mas eu espero que Ele seja preso, e cumpra sua pena se é que vai ter afinal vivemos no país da impunidade**
 25. **Lembrando que ele pagou a fiança, e provavelmente pagou com a vaquinha que fizeram.** Kkkkkkkkkk
 26. **Esses que apoiam tem que pegar pra cuidar, levar pra dentro da casa deles...vermes!**
 27. **Vcs aproveitar pra fazer ipopi bando de covardes, vc fala isso por que na tua casa não tem uma pessoa viciada aí é faço fala né seus igracadinhos, vai ora pra Jesus leberta ele. Pois si vc não sabe, quando Jesus foi morto no lado dele tinha um ladrão e foi pra paraíso com Jesus.**
 28. **A maioria das pessoas aqui quê deseja que uma pessoa quê comete um crime seja morta. Devem ser uns anjos . Kkkk eu duvido que alguém nunca fez algo quê seja contra a lei. Porque crime é crime . Não existe crime bom e e crime ruim criminho ou crimao .**
 29. **Todo mundo merece uma segunda chance. Depois de pagar a sua pena. O problema é que o criminoso apronta no outro dia já tá livre, leve e solto.**
 30. **Gostei do tapa na cara de quem merece ouvir essa parabéns** □□□o mundo precisa de mais pessoas como vc obrigado por nos defender nos uma sidadaos e trabalhadores □□q Deus te abençoe sempre bjs..
 31. **Perfeito... Taí as Leis fraquissimas da "Bananolandia", que é mantida pela maioria de Políticos Bandidos q estão em Brasília! Parabéns André Fernandes**
 32. **Se Bolsonaro vai mudar algo o não temos que dá a chance dele provar. Agora oq não dá é passar mais 4 anos nessa peia**
 33. **Lembrando que a retirada da tatuagem ele não pagou, um empresário dono de uma clínica doou pra ele o procedimento.. passou a história dele como ele ficou dps do ocorrido, a vida dele tinha mudado**

- pra melhor e etc.. aí uma semana dps da reportagem aparece isso.. □□□□□□ **rindo até 2050 dos que os defenderam e foram contra os tatuadores.. população tá cansada de tanto vagabundo quando pega um vacilão assim estão espancando até matar ele deu sorte que foi apenas uma tatuagem.**
34. **O cara furtou um antitranspirante, é dependente químico. Deixa de fazer showzinho pra aparecer, covarde !**
 35. **Bandido não merece segunda chance msm, ele cometeu crime pq quis e não "sem querer"..... teria q tutuar "besta" na testa das pessoas que arrecadaram dinheiro p tirar a tatuagem na testinha desse "coitado, vítima da sociedade".....só é vagabundo quem quer.. . Quer dinheiro fácil.... não quer ficar 8 horas dentro de um escritório, é mais fácil roubar de quem trabalha p conseguir seu sustento... lixos humanos..... □**
 36. **André, acho que tudo tem seu peso! Pelamor, vamos usar o bom senso! Esse rapaz até pouco tempo, descobriu-se que sofre de problemas mentais além de drogas. Tomara que alguém tenha lhe dado mesmo oportunidade de se tratar. Aí sim, não justifica ter voltado a praticar pequenos delitos. Um pé de chinelo desses só pode ter problemas mentais mesmo, prá se sujar por causa de 2 desodorantes!**
 37. **Esse rapaz até onde foi noticiado, ele é um dependente químico. Quem tem conhecimento sabe que isso é uma doença no qual precisa ser tratado, mas a cura não é da noite pro dia, mas isso não isenta sua responsabilidade no furto cometido. Ele deveria receber tratamento e também responder pelo furto cometido. Agora o tatuador também cometeu um crime, e também deve responder por ele. Um crime não justifica o outro, o que falta no nosso país são políticas públicas em todas áreas, como saúde, educação, moradia. Combate ao tráfico onde estamos perdendo a nossa juventude, combate a corrupção a desigualdade social e todas as mazelas que assola esse país.**
 38. **A Record fez estes dias um programa inteirinho sobre ele. Alegando coitadinho e vítima da sociedade. Eu até cheguei a sentir pena dele.**
 39. **Sábias palavras, concordo plenamente com você André Fernandes, como eu odeio bandido, nunca vou mudar, bandido bom é bandido morto e concretado.**
 40. **Quem defende uma pessoa dessa leva pra casa e menos de uma hora não vai ter nada dentro de casa**
 41. **Ele merecia era ser todo tatuado agora vai entender quem tatuou a cara dele tá pagando até hoje eu acho isso errado**
 42. **Cara eu sou ate a favor da pena de morte, desde que haja prisao e julgamento, mas sou contra qualquer tipo de humilhação, voce se equivoca um pouco...Provavelmente o tempo tb te dara uma segunda chance para voce rever alguns conceitos que ainda estao ofuscados pela tua sede de fazer justiça e crescer com seus videos.**
 43. **Eu já fico rindo da cara dos petralhas o tempo todo, vendo eles defendendo bandidos.. E vou rir muito das mancadas dos petralhas comunistas de esquerda. Agora pq será q todo comunista apoia o assalto, apoia os bandidos, assassinos, terrorista e corruptos.?!**
 44. **E eu penso muito assim, justiça tem que ser feita mais não com as próprias mãos e quem tem um princípio com Deus pensar totalmente diferente de você André! Eu acompanho você já um tempo e acho legal seus vídeos mais nem tudo que você falar e com temor a Deus, prezo a uma pessoa que falar com sabedoria com princípio Bíblico, e na palavra de Deus diz até pra agente orar pelos nossos inimigos orar pelas pessoas ruins ou boa até mesmo visita os que estão presos e levar o amor de Deus para eles, e ser agente não temos essa capacidade de fazer oque Deus pede esse mundo nunca nunca vai melhorar, e eu sempre tiver esse ponto de vista o mundo está do jeito que está não é só por causa dos bandidos que matar e rouba não mais sim por causa de todos seres humanos da fazer da terra, André você aí chamar as pessoas de hipócritas por defender, isso não te faz melhor doque os outros não, a sua jornada aqui na terra só está começando é novo jovem, e você sempre vai erra no agir no falar, e você vai ser hipócrita em algum momento, então não julgas, eu garanto que ser Jesus viesse a essa terra vocês o matariam por Jesus é bem diferente de todos, bom ele não a coita erro de ninguém mais o pensamento dele é bem diferente.... E chato de você que ser não concorda com oque você pensa, a pessoa é defensor de bandidos fala para levar para casa, fala que somos hipócrita, você condena nosso próximo sem conhecer nossa trajetória de vida sem saber o quanto já ajudamos alguém ou somos pessoas boa do bem e tal.... Meu voto é para Bolsonaro e vou votar porque tenho fé que poderemos mudar algo, mais isso não significa que tem que concordar com tudo que ele falar, e nem punha saco de político... Devemos ser coerentes e sábio, e sabedoria só vem de Deus e isso só possível quem tem comunhão diária fora isso o mundo já está saturado de pessoas inteligentes que estão destruindo o mundo.....**
 45. **Só fala merda, quem muito dar um de moralista no final faz merda até pior.**
 46. **Acho que desta vez vc foi genérico e infeliz na sua posição, não pode pegar um caso e dizer que ninguém pode ter direito a uma 2° chance, no caso dele até pode não ter adiantado, mas se vc foi pesquisar no caso de muitos uma 2° chance fez toda diferença. Deus todos os dias nos dá mais uma**

- chance de fazer coisas boas, mesmo quando muitas vezes só conseguimos fazer o que desagrada a Ele, pense nisso !!
47. Bandido? Tá na cara que esse mlk Tem problema de cabeça... Primeiro uma bicicleta adaptada, depois dois desodorantes. Tá na cara que é pra comprar Drogas. Tô defendendo não. Mas tu ta moralista demais filhão!!
 48. Se todo o problema do Brasil fosse um ladrão pé de chinelo que rouba 2 aerosol estaríamos bem,muita zuada por pouca coisa....melhor fazer vídeo contra a classe política corrupta.
 49. Vejo nos comentários justificando oque esse garoto fez. Meu pai faleceu eu tinha 13 anos na época que ele ainda estava doente eu vendia panos de prato e alho de porta porta para ajudar minha mãe , lavava louça das madames do bairro para ganhar uma graninha e nunca precisei roubar nada de ninguém sempre fui pobre hoje sou honesta melhorei de vida com meu suor trabalho duro . Apenas parem de justificar malandragem alheia
 50. Ah mas ele tem um álibi: sou dependente quimico, roubo para comprar pedra...e aí fica tudo bem... Funciona assim infelizmente. PQP
 51. O que eu acho mas engraçado no meio disso tudo é que tem ladrão Pior que ele tem ladrão que passa vinte trinta anos fazendo e acontecendo roubando enganando e ainda tem gente que defende com unhas e dentes é Viva os ladrões de paletó e gravata e morte para os ladrão pé de chinelo □□□
 52. Se este garoto desde os seus dois anos estivesse em uma escola de qualidade enquanto seu pais trabalhavam por miseráveis salários mínimos . Se este garoto aos sete anos estivesse em uma escola pública decente . Se este garoto na sua adolescência estivesse sendo educado em escolas públicas com o mínimo de respeito ao ser humano . Provavelmente ele seria um cidadão muito melhor que este imbecil que está atirando pedras .
 53. Quem reagiu com □□□ defende bandidos, tem parente bandido, ou é bandido □□□□
 54. Isso é um **delinquente** quem defendeu leva pra casa agora a tatuagens tem que ser outra bem no meio da testa
 55. É isso aí, André Fernandes, **segunda chance é dada para quem é do Bem e não para bandidos!!!**
 56. **Cadê os advogados das mídias sociais ágora? ?? Cadê os mi mi mi de plantão agora que ficarão com pena é defenderão com unhas e dentes esse ladrão discarado ???? Cadê vcs???? Só espero q a próxima vítima não seja um de vcs ou alguém da sua família. EU NÃO TENHO PENA DE LADRÃO E NÃO SOU CÚMPLICE DE LADRÃO. O LUGAR DESSAS DESGRAÇAS É NA CADEIA OU EM BAIXO DE 7 PALMO DE CHÃO.**
 57. Concordo plenamente **não existe segunda chance eles só precisam de apoio pra serem mais bandidos e certas pessoas ainda acreditam na mudança são piores que eles em darem chances quem não quer presta**
 58. Boaaa. Falo tudo. Uma vez vagabundo sempre vagabundo. Nao tem essa de outra chance não.
 59. Queria muito ver a Rede Globo vendo esse video. Aaah como eu queria.
 60. Pois e,antes compraram uma casa e agora vao comprar um carro.vao passar a mao na cabeça do bixim ou vao alisar os ovos agora?
 61. nao tem que **defender vagabundo** de geito nenhum.pois eles nao dao segunda chance aos pais de familias eles rouba matan e nem estao nem ai pra niguem
 62. e vacilao mesmo esse ladrao... tem q tatuar de novo e deixa pra ver se aprende.... tadinho do bixim... culpado mesmo e o tatuador e todos os bandifobicos... daqui a pouco vai ser crime falar de bandidos e ladroes.... resumindo hoje... ser direito e errado... seus ladrofobicos e bandigobicos....
 63. Mds que isso em acho que o Brasil ta precisando e de um milagre e não de outro Presidente...
 64. Cara vc fala beeem pra caramba sabeas palavra guerreiro sabeas palavras eu assisto seu video e fico orgulhoso em ouvir vc fala so palavras sabeas . So te falo que tome cuidado pq as pessoas podem ti fazer o mal por vc ser sincero. (mas **Deus e contigo** guerreiro)
 65. Larga de ser trouxa, moço só quem pode julgar é Deus, e á sim segunda chance porque somos falhos, **se mesmo Jesus Cristo que sabia que tava sendo traído, não apontou dedo você fica falando merda em redes sociais... Jesus te ama filho**
 66. **Você como político agora, o que sugere. Matamos todos os delinquentes???**
 67. Falar de bandido pé de chinelo é fácil. Qualquer idiota fala. Quero ver denunciar os helicocas, as malas, as gravações incentivando matar, o tráfico dentro do congressos. O tráfico de armas por parte de integrantes das forças armadas e a falta de fiscalização intensa. É muito fácil falar o que uma população medíocre quer ouvir. Fale e faça como uma **MULHER DE LUTA** faz.
 68. Tem pessoas que ficam falando que não pode fazer justiça com as próprias mãos. Tudo bem, entre aspas eu concordo, desde quando tenha justiça para todos pelo o que eu vejo só está tendo justiça para vagabundo com isso que se dizem ser direto humano. Será que só vagabundo é humano, porque eu não vejo direito humano proteger direito de pais de família direito de quem é honesto . É pôr isso que a população está enojada com a justiça do Brasil fazendo justiça com as próprias mãos. É se continuar

- com essa anarquia eu temo que possa piorar Deus queira que não! É pôr isso que tem muitas pessoas que apóia pessoas igual o André Fernandes eu mesmo sou uma dessas pessoas!
69. *Todo dia tu tem uma segunda chance de deixar ser babaca e nem por isso deixa! Deixa de ficar falando merda Zé bct! **Ninguém defende bandido, me diz pq que o cara já tá solto? Pq Lula, Aécio, Temer mesmo com todas as provas ainda estão por aí? Nosso sistema legislativo não presta, Sempre há uma brecha de se livrar da prisão e digo mais a pessoa quando vai presa aqui no Brasil só piora, não há uma trabalho de um psicólogo pra recuperar o ser humano. Em Outros países quando a pessoa vai presa o índice de reincidência é mínimo, na Holanda, por exemplo, cadeias estão se transformando em pousadas, hotéis pq praticamente não há marginalidade... Tudo isso com Educação!***
 70. *so fala lezeira da certo com seu bolsonaro...quem quer se aparecer na mídia tenta de todas as formas...*
 71. *Trágico é entender que dependência Química é caso de justiça e não de saúde pública*
 72. *A sociedade é engraçada, absorve e ao msm tempo condena. Seja justo e aja com justiça correta. Esse é o Brasil.*
 73. *É revoltante ver tanta burrice o bandido rouba o cara que castigou vai preso Ele fica solto ainda recebe r\$ 20000 claro que a opção dele vai ser continuar roubando*
 74. *Deixar de ser babaca teu discurso é vazio sem fundamentação e sensacionalista em excesso.*
 75. *Segunda Chance todos merecem mais tem que pagar pelos crimes que cometeram.*
 76. *Sério que tem gente aki nesse post defendendo bandido, serio isso? Caraca deve parente ou Marmitex de marginal , só pode*
 77. *Vc como cristão defende a morte de outra pessoa ?O problema do nosso país hj é que n temos punição para aqueles que infringem a lei por esse motivo ocorre a reincidência mas acho q a morte é uma forma de punição exagerada ... Deveria ser tomadas outras atitudes*
 78. *Um bandido depilador de cú falando de outro! Kkkkkkkkk*
 79. *Jair bolsonaro nele*
 80. *E vc Andre Fernando? caso vc cometesse um erro vc nao seria merecedor de uma segunda chance...cada caso é um caso. Eu por exemplo cometi muitos erros na minha vida e hoje sou totalmente diferente por causa da "segunda chance" que me deram.. Vamos reeavaliar o que falamos. Obs: Não estou aqui defendendo bandido, e tenho a total absoluta certeza que casos como este deve se ter punições mais rígidas.*
 81. *Todos tem chance. É dado uma, é normal. A segunda da ainda passa e a terceira?? Já se torna burrice. Sei que existe crimes muito piores, Mas não podemos tbm fechar os olhos e achar que é normal roubar. Quem rouba algo insignificante, pode praticar algum delito muito pior. Pidemis não aceitar as opiniões alheias, mas respeitar. Cada um tem a sua opinião. Eu trabalho desde os meus oito anos de idade. Já passamos por dificuldades, mas fui a luta e venci. Todos tem essa capacidade, basta querer. Não precisei roubar ou prejudicar alguém por isso. Se roubou tem que pagar pelos seus atos sim. O mundo gira em torno de muita gente, é não apenas em torno de uma única pessoa. Todos temos telhados de vidro. É que eu acho. Já foi dado uma oportunidade a ele, é mesmo assim não acatou. Que mais ele quer?? Errou tem que pagar sim.*
 82. ***Agr vamos esperar alguem q em vez de tatuar a testa dele encha o rabo dele de bala! Nao e oq eu desejo mas oq essa vida dara de recompensa! Pq vida de bandido só tem dois caminho ou morte ou cadeia!***
 83. *Ciro Gomes 2018,por isso q te sigo,em muitos assuntos,concordo com vc,parabéns pela garra e pela sua obstinação em defender as coisas q vc acredita!**Pena q n vota no Ciro** kkk,abraço*
 84. ***Será que já ouviu falar em assistência social?** Pois teus cabestros que estão no poder há anos não fizeram nada para melhora nem projetinho ! Serve para isso para jovem como eles tenham uma segunda chance de maneira digna se não for feita a ressocialização assistida na tem eficácia isso é óbvio!!! por aqui no Brasil não se recupera ninguém! A solução não encher os presídios ou casas de custodias e encher presídio e casas com assistência para que haja realmente a recuperação! matar! Também não é a solução! Pois isso gera mais revolta ódio no "coração" **piora as coisas** .*
 85. *Ai nois vamos **espera eli matar um pai de família pra dizer vc**. Não pode ficar souto aaaa para e analisa pra mudar noso país nois não devemos ter dor de ladrão não tem que condenar logo no premeiro furto*
 86. *Eu só acho que **tem que haver punição sim, não importa qual seja o crime**, dependendo da gravidade pode até existir uma segunda chance, outras deveria até ter pena de morte, se fez algo errado tem sim que pagar, essa de ficar passando mão na cabeça, essa **história de vítima da sociedade ou de até roubou mas fez é sim justificar ato errado**, se tivesse justiça nesse país as coisas não estaria desse **jeito**, um absurdo as pessoas de bem sendo assaltadas ao ir trabalhar, se passa mal não tem médico para atender, quando consegue um atendimento não tem remédio no posto, educação uma vergonha, e*

- outras pessoas desempregadas, as vezes sem ter como por um pão na mesa para os filhos. Errou tem que pagar.
87. **Cada caso é um caso cara. Quem siu eu pra dizer que o moleque é vagabundo? Eu só sei que ele ainda tem recuperação, esse moleque já sofreu pra caralho na vida.** Furtou dois tubo de desodorante que não chegam nem a 20 reais? Ele furtou, nem violência teve na ação. É mais um caso de vício pelo jeito, algo deve ser feito antes que ele comece de fato a praticar assaltos(roubos) e tirar a vida de inocentes. Mas o moleque ainda tem jeito sim!
88. **Crime é crime não importa o grau, não tem desculpas pra defender criminosos, se quer defender bandidos levam pra suas casas e cuidem deles,** cada um escolhe oque quiser ser na vida... É isso aí André se tá certinho!!
89. Bom na minha humilde opinião a segunda chance foi data. Infelizmente ele não aproveitou. O que eu espero é que ela não tenha a terceira. Porque aí já estão de safadeza.
90. **Cada caso é um caso,** se formos ver com essa ótica não podemos ser tolerantes. Conheço pessoas que se reabilitaram após lhes ser concedido uma chance de mudar.
91. Meu tio era trabalhador e estava saindo do trabalho quando foi vítima de latrocínio(roubo seguido de morte) ele não teve uma segunda chance. Bandido não merece piedade.
92. Vítima da sociedade é caralho. Sou roubado diariamente por esses vagabundos aí. Impunidade nunca foi e nunca vai ser educativo. Impunidade só mostra pra o bandido que ele pode fazer e não vai sofrer nada. Por isso ele como muitos outros que roubaram foram pagos e não pagaram por isso roubaram novamente. Só aprende sofrendo punição. Se tivesse preso não teria roubado.
93. Vc estará sempre nas minhas orações se vc falasse mentira seria muito mais aceito mas continue assim falando sempre a verdade doa a quem doer Deus continue te abençoando grandemente não preciso te conhecer pra amar suas palavras vc só diz a pura verdade continue assim independente de qualquer coisa.
94. Deram uma segunda chance. Colocaram ele como vítima. Fizeram vaquinha para arrecadar verba para remover a tatuagem. Levaram ele até para igreja. O "ladrão vacilão" voltou a roubar e foi preso. Mas, pagou fiança e já está solto, pronto para uma terceira chance. Espero que dessa vez, essa tal chance não custe a vida de um trabalhador pai de família.
95. Agora vou fazer continha para tirar ele da prisão para pagar a fiança o brasileiro são um bando de besta de trouxa Mas porquê **tem muito lobo com pele de cordeiro não se cover Nantes são bandidos pessoas pequenas ou grandes são bandidas não são todos mas isso é uma tapa passar seriedade na cara agora eu quero ver o que eles vão dizer ela é uma desculpa de Lula que roubou e fez? Quero ver a resposta dos Defensores do direitos humanos dos direitos de bandidos humanos..**
96. O que é pior : sonegar milhões em impostos ou furtar um desodorante? Para o homem médio, como é o caso do André, o verdadeiro criminoso é o ladrão de galinha. Por isso que não passa de um medíocre
97. Sinceramente gostava muito de seus vídeos ...e continuo gostando de vc como pessoa ... mas essa atitude foi ridícula para mim vc não é o salvador da pátria nem muito menos o Bolsonaro vai ser com esse discurso me fez repensar meu voto ..
98. Detalhe, rouba desodorante mas paga mil reais de fiança Alguém entende isso?
99. Ele merecia uma nova oportunidade,até porque o crime dele ã foi um dos maiores,e outra o que fizeram com ele ao tatuar a testa do moleque foi tortura,e isso é algo injustificável. Infelizmente ele ã soube aproveitar essa nova oportunidade que dero pra ele.
100. Ele não é bandido cara... e nem vítima. O crime dele foi algo pequeno. Deveria ser preso. E cumprir a pena dele. Ele é ladrão. Bandido é um termo pra descrever políticos corruptos, assassinos, etc... Mas a tatuagem deveria ser refeita kkkkkkkkkk
- 101. Esta certinho. Não quer ser preso, não roube. Simples assim! Vivemos em um sistema que defende vagabundo e que não apoia a segurança pública. Estamos vivendo um caos porque tratam o vagabundo bem, enquanto o cidadão é roubado em casa, na politica, no seu local de trabalho. Os que deveriam estar pagando, estão gozando de direitos absurdos criados pelo direitos humanos. Uma vergonha! Ninguém quer mais ser patriota, as pessoas não têm honra e é culpa do mal governo dos eleitos por nós. Acorda Brasil! Vamos mudar este País com o voto certo. #bolsonaro2018**
102. Pois é pois é, kd, kd os defensores dos fracos e dos oprimidos pra levarem esse mocinho pra casa
103. Mas nada justifica os cara tatuar a cara do ladrão era so chama a policia não to defendendo ele mas por precaução pq quem sempre paga o pior é o cidadão de bem
104. Tá com dó ?pega e leva pra casa.bandibo é bandido,tanto faz se rouba ,mata...raça do capeta
105. Quando o Bolsonaro for eleito vai acabar essa Mamata ! usuário olha isso !
106. Concordo plenamente! Quem tem pena porque não adota?? Eles não dão chance ao cidadão mas dão chance a bandidos. Povo imbecies. Ele é bandido. usuário

107. Kkkkkkkkk eu vi essa reportagem na Record por que a Globo não mostra isso kkkkkk.... Isso aí é um tapa na cara de quem doou □ (dinheiro). Em vaquinha na internet coitado foi o tatuador que deve tá respondendo até agora agora esse lixo aí tá de boa...
108. Nossa quanta **hipocrisia!** Nego querendo comparar “ roubo “ de wi fi com roubo desse vagabundo que sim deram uma chance (se quiser a confirmação vê uma reportagem sobre ele na record ele dizendo que quer melhorar e bla bla bla) bom deram a chance e ele fez por merecer ?! Não né ! Então irmão tinha sim que deixar tatuado pro resto da vida! Gente que defende ladra provavelmente nunca foi assaltado pq só qm já foi sabe a humilhação de ser honesto diariamente e vim um babaca desse te levar td! E mais uma coisa tomara mesmo que qm ele tenha roubado seja um desses contribuidores da vaquinha pra tirar a tatuagem dele! **Povo HIPOCRITA!** faz vaquinha pra vagabundo e desmoraliza a polícia militar ! Tá td invertido mesmo mano! Brasil tá um **NOJOOOO!**
109. **A força e coragem vêm de Satanás o diábólo dono desse sistema infelizmente! insuportável incompetente. Pobreza não faz ninguém mal caráter!** Criei 4 aos trancos e barrancos, hoje são pessoas de bem. e dou graças ao criador que continue assim e abençoe.
110. Tinha que ficar preso e não ter a testa tatuada! Quem ajudou com dinheiro pra remover a tatuagem fez certo, fez o bem. Errado é essa justiça brasileira que só prende se você roubar um pão pra matar a fome!
111. Segunda chance até merece, SE se arrepender de verdade, mas como não tem Como saber se ela tá arrependida mesmo (porque as pessoas são ótimas em mentir quando querem), é melhor manter rédia curta com eles.
112. Eu acredito que muitos podem ter uma segunda chance, mas ele fez a merda, ele tem que se fuder pra convencer as outras pessoas que ele mudou, é não o povo passar a mão na cabeça de vagabundo.
113. E tu se acha muito certinho pra tá cheio de autoridade em cima dos outros. Vigiai para que não caia, pois o soberbo sempre tropeça onde ele critica os outros. Acorde rapaz.
114. Esses tais apresentadores das redes de TV aqui do Brasil não passam de um bando de oportunistas de 1.99, que aproveitaram o gancho do peido do vagabundo pra jogar no ar a hipocrisia da tal falta de chance que ele o inocente pilantreco não teve. Que moralismo pueril, Tudo mentirosos, falsos, oportunistas de meia pá furada, nenhum desses programas perguntou pra o ladrão inocente se ele queria no caso estudar, não, deram foi SPA, hosp entre outras coisas e encentivo pra roubar outra vez...ah faltou uma Bosta de Caetano vencido pra cantar pra ele
115. Nao defendo bandido e ten de pagar... porem esse André Fernandes se diz cristão e adora jogar odio nas pessoas. Cara toma rumo, pessoas igual a vc emporcalha o mundo. Tenha um coracao de cristão.

Liah Bracho

116. Não estou preocupada com criticas galera, aqui quem gosta de mim de verdade não irão me odiar, por ter uma opinião contraria as suas, isso coisa de gente ignorante e infantil, e os que se vão da minha pagina com odio de mim por isso. So tenho a dizer, pena dessas pessoas e que elas encontrem suas felicidades. Mas daqui ja vão tarde né. Se não é para me melhorar, então não me piora.
117. A mãe do bandido e familiares disseram em uma reportagem que o filho é muito querido no bairro, e vcs ja viram mãe de bandido falar que o fiho não presta? mãe é mãe, poucas tem consciencia de entregar o filho a justiça, quando ele não vale nada. A maioria até esconde o filho, manda embora para outras cidades ou interiores, para o filho não pagar pelos crimes que cometeu.
118. Liah Bracho. Sou Policial de SP, sei oque um FDP desse é capaz de fazer quando está com a vítima na mão, estou com você, e Parabéns pelo vídeo! um grande abraço!!
119. Logo logo esse bandido vai esta outra vez estampado nas capas dos jornais, por ter cometido mais atrocidades e eu quero so ver a cara desses que hoje o defende. :) e não vai demorar muito não, podem aguardar.
120. O Brasil nunca vai pra frente por conta da própria população #ridiculos quem ja morou fora sabe que bandido não tem vez e são países de primeiro mundo!
121. Entregar ele a policia, tudo bem, seria o correto, mas depois pensando bem, para que? O Brasil tem justiça? em dias ele estaria ai roubando ou até fazendo coisas piores. **É preciso existir leis, uma politica que coloque ordem na bagunça chamada Brasil, infelizmente o Brasil é movido pela bandidagem, e quem deveria melhorar isso, se mostram tão bandidos quanto. Só um milagre resolveria o problema do Brasil, quem ja foi roubado ou agredido por um bandido sabe o trauma que fica e o medo que leva para a vida. Na hora da raiva de está sendo vitima de um assalto ou coisa pior, a vontade de qualquer um é apenas de justiça, furia e agir por impulso. É revoltante para qualquer trabalhador, ver um cara entrar na sua casa para roubar o que vc conseguiu derramando tanto suor. Não tenho pena de bandido não.**
122. O povo defende, **daqui a pouco o bichinho ta na fazenda ou na malhação**, tb dando intrevista para o **danilo gentilli**. O Brasil né assim. Tudo vira bagunça. Lamentavel.

123. Não vivo no Brasil há 9 anos quase. Não tenho meu português perfeito, mas estou acostumada com pessoas criticando minha gramática, ☐ ☐? Por não terem argumentos contra mim. É normal quando não se tem o que falar tentar rebaixar a pessoa de alguma forma, mas pra mim, não é preciso ser professor de português e muito menos ter faculdade para mandar gentuzas como essas tomarem no c... ☐ Se concordam deixem uma bandeirinha LGBT ☐
124. Liah o rapaz o muleke pelo vídeo da pra ver que ele não tem o psicológico bom as vezes precisa de um tratamento pois muitos jovens tem esquizofrenia leve se for tratada pode melhorar na minha opinião!!
125. Aqui parece que fui a única que teve coragem de falar de me expor dessa maneira em um vídeo para ser contra uma pessoa a qual está envolvida com bandidagens, mas que hoje o Brasil, digo muitos Brasileiros, idolatram, E ainda tem gente falando que fiz isso para ganhar ibope, ibope com algo que podia me prejudicar? Claro pq desde ontem sou atacada aqui, mas não tem problema que pensem o que quiserem. **Nunca precisei disso para ganhar ibope** algum, até pq sei dos meus valores como pessoa, e sei que muita gente gosta de mim. Quem me acompanha desde o começo nas minhas antigas paginas, sabem que sempre abordei temas polemicos com minha opinião formada, sem temor a ataques, agora para quem me conhece de ontem, é fácil me julgar né.
126. Os dois podem ter errado, ja estão pagando, então tudo de acordo. **Isso foi apenas minha opinião, não considero discurso de ódio como alguns comentaram aqui.** É minha opinião apenas.
127. "A pergunta que faço a vocês é: E se ele nunca mais roubar e se ele mudar de vida, não por esse motivo talvez mas em um futuro. Se ele perceber que esta trilhando o caminho errado e tem que sair antes que seja tarde demais, será que ele conseguirá ter uma vida digna agora?! E se seus erros e pecados fossem tatuados em você, que tipo de humilhação voce enfrentaria pro resto da sua vida?" Acabei de ler isso e lembrei do seu vídeo. Sejamos mais racionais.
128. No meu ponto de vista ... Todo presídio era pra ter um tatuador para tatuar a testa deles . Só assim a gente ia ficar sabendo quem é ladrão , tarado , assassino kkk
129. Ja q funciona fazer vaquinha ne.
130. Parabéns! O ladrão tem chance de retirar a tatuagem a laser. Mas se ele tivesse dado um tiro no cidadão de bem dentro da sua própria casa. Qual chance ele teria??
131. A pergunta que não quer calar, pq um tatuador pegaria um rapaz indefeso na rua, supostamente doente, faria uma tatuagem como aquela na testa dele, sem motivos? e ainda filmar e divulgar isso? tem alguma logica se não existisse um motivo? Resultado o tatuador ficará preso pq não tem condições de pagar fiança e o cara tatuado fica solto pq é o coitadinho da historia. OBS: O rapaz tatuado é um usuario de drogas assumido pela familia. Ja a questão da doença mental dele, não me convence. Argumento sempre usado? se trata de uma criancinha né :) 17 aninhos. Aqui abaixp o link da vaquinha para ajudar os tatuadores, eles não tem para pagar a fiança <https://www.vakinha.com.br/.../ajuda-aos-tatuadores-para-paga...>
132. **Não estou justificando um crime com outro**, para quem entendeu assim, so lamento, mas qualquer pessoa que é vitima de um criminoso, tem vontades ou até fazem se puderem coisas piores que esse tatuador. O Brasil não tem justiça, esse menor vai preso no minimo vai ficar uns dias nessas casas para menores infratores e outra vez vai esta nas ruas para cometer mais atrocidades e ainda mas agora que virou bandido selebridade. Protegido pelas suas futuras vitimas
133. Eu não concordo com a atitude de nenhum dos dois. Eu achei mto errado por parte dos jornais divulgar a noticia "... adolescente torturado" como se ele fosse uma vitima. A divulgacao de midia ta tao pesada em cima do fato de o garoto ter sido "torturado" que as pessoas praticamente se esquecem de que ele é ladrao! Ele roubou, e acho que oq deveria ter sido feito é chamar a policia lra prender ele e pronto, agora ta ai, valia muito mais à pena os tatuadores terem perdido a bike no furto, do que ter feito isso com o ladrao e tarem pagando MUITO pior como agora estao, sendo crucificados na net e nos jornais por terem feito justica com as proprias maos.
134. Gente também se pode criticar sem ofender né, eu aqui não estou ofendendo ninguém nos comentarios que faço. **Temos liberdade de expressão**, mas para que insultos a mim? Eu so sou legal para vcs se eu so fizer coisas para seus agrados? Não posso comentar nada que vcs não concordem? Nossa que amor era esse que muitos tinham por mim, e na primeira me abandonam? :(É apenas uma opinião minha no video. Para que tudo isso. Misericórdia
135. Tenho dois primos bandidos, filhos do meu tio, foram criados comigo, hoje são dois temendo assassinos, um ta preso o outro porai matando, e eu pedindo a deus que a policia prenda ele, e nada acontece, continua solto matando os outros.
136. Quem defende bandido, também é bandido! Os trabalhadores estão na mira dos bandidos, quando o Brasil vai melhorar?
137. De qualquer forma, tortura não é justiça, É CRIME! Inclusive, tem uma pena bem maior que o furto que supostamente o rapaz tentou! Absolutamente nada justifica.
138. Se as autoridades e a população tivessem atitudes severas em relação a bandidagem, esse criminosos pensariam duas vezes antes de atacar os cidadãos. Existem países em que até as mãos eles perdem por

- roubar ou cometer delitos mais graves. Acho que está na hora do Brasil acordar e começar a impor essas leis, ao invés de ficar fazendo vaquinha para facilitar a vida de criminosos. Assim quem sabe um dia possamos andar nas ruas mais tranquilos. Sem medos de morrer por qualquer besteirinha nas mãos desses covardes. Revoltante essa falta de justiça e como as pessoas se mostram passivas quando se tem q mostrar determinadas e implacáveis..Boa Noite
139. Pessoal confunde ERRO com CRIME. Parece que todo mundo já roubou alguma coisa.. não, gente. Fugir pra balada sem a mãe saber É UM ERRO, enfiar uma faca pra pegar uma bolsa em uma pessoa É UM CRIME
140. Parabéns! Pessoas iguais a você dão orgulho! O ladrão de hoje é o 157 de amanhã, que provavelmente mandará um pai ou mãe de família para a vala, muitos já perderam a vida por causa de uma carteira ou celular. E realmente pensei que era a Ivete Sangalo... kkkkk Muito igual!
141. **A verdade é que a população não aguenta mais ser vítima de bandido, ainda mais que ele é menor de idade, só iria prestar esclarecimentos e sairia pela porta da frente! Chega! Tem que cortar as mãos desse vagabundo!**
142. A pergunta que não quer calar, pq um tatuador pegaria um rapaz indefeso na rua, supostamente doente, faria uma tatuagem como aquela na testa dele, sem motivos? e ainda filmar e divulgar isso? tem alguma logica se não existisse um motivo? Resultado o tatuador ficará preso pq não tem condições de pagar fiança e o cara tatuado fica solto pq é o coitadinho da historia. OBS: O rapaz tatuado é um usuario de drogas assumido pela familia. Ja a questão da doença mental dele, não me convence. Argumento sempre usado? se trata de uma criancinha né :) 17 aninhos. Aqui abaixp o link da vaquinha para ajudar os tatuadores, eles não tem para pagar a fiança <https://www.vakinha.com.br/.../ajuda-aos-tatuadores-para-paga...>
143. MDS EU TE AMOOOOOOOOOOOO <3 (SE RESPONDER EU MORRO AQUI MSM)
144. Concordo plenamente, tortura é você estar parado em um ponto de ônibus cansado e esperando ônibus pra voltar pra casa "quando uma pobre vítima da sociedade" te assalta e te leva o que tem.
145. Amo pessoas assim como você, que se posiciona, opina e expõe seu ponto de vista estando certa ou errada... Afinal, não existe uma verdade absoluta, mas, é raro alguém, assim como eu, põe a cara pra bater! Parabéns Liah Bracho ☐☐
146. por isso que o Brasil ta esse cu, nada justifica o cara invadir a casa do outro cara não tem dinheiro pede esmola vende balinha nos coletivos como tem aqui muitos em fortaleza que entra nos coletivos vende bombom amendoim sei la vai fazer programa da o bogas, agora uma desgraça dessa pra roubar pai mãe de família tem pena não, pra enfiar uma pistola na tua boca tem não, já dizia minha avó quem tem pena do coitado fica no lugar dele, nojo e o tatuador fez um favor a sociedade foi burro também porque era pra ter matado seria legitima defesa, **queria ver negocio desse nos estados unidos** ai um cara desse fica com choramingo e povo ainda tem pena? pelo amor de DEUS né.....Liah Bracho VC TA CERTA falou nada demais
147. Ladrão se arrepende de rouba por alguns dias e depois volta a rouba de novo essa é vdd. ..ladrão é q nem onça todo mundo defende mais niguem quer ter em casa.kkk
148. E quanto nós (sociedade) já torturamos esse rapaz antes dele se tornar um **marginal? Tem que punir sim! Mas punir educando, não há dor maior que toma consciência dos nossos erros.**
149. **Apoiada!!! Milhares de pessoas desenvolvem síndrome do pânico por sofrer assaltos constantes, morrem nas mãos de vagabundos, ficam traumatizadas... uma hora os cidadãos de bem vão ter que fazer justiça com as próprias mãos pq pra vagabundo sempre aparece o "direito dos manos"**
150. Aqui parece que fui a unica que teve coragem de falar de me expor dessa maneira em um video para ser contra uma pessoa a qual está envolvida com bandidagens, mas que hoje o Brasil, digo muitos Brasileiros, idolatram, E ainda tem gente falando que fiz isso para ganhar ibope, ibope com algo que podia me prejudicar? Claro pq desde ontem sou atacada aqui, mas não tem problema que pensem o que quiserem. Nunca precisei disso para ganhar ibope algum, até pq sei dos meus valores como pessoa, e sei que muita gente gosta de mim. Quem me acompanha desde o começo nas minhas antigas paginas, sabem que sempre abordei temas polemicos com minha opinião formada, sem temor a ataques, agora para quem me conhece de ontem, é facil me julgar né.
151. Falou tudo Liah Bracho... bem isso mesmo !! **Vagabundo merece isso e muito mais ... vai trabalhar agora querer adquirir coisas das costas do trabalhador q acorda cedo e chega tarde em casa p adquirir seus bens para um vagabundo desse pegar de maos beijada q nunca suou ou lutou na vida! Aí vem com papo q eh drogado e sofre de problemas mentais.. problema está na cabeça desse povinho estúpido q ainda defende ele! Pq não levam para dentro da casa de vcs que acham q ele eh um bom moço! #nojodisso**
152. Pessoal infelizmente a mídia brasileira não mostra os dois lados. Ficam falando somente da tortura do infeliz, e esquecem, opa não esquecem mas sim não falam que ele é um ladrão mau caráter, que já pode ter feito isso com várias pessoas inocentes, porque isto não ibope, outra coisa é os direitos humanos, já viram eles vir defender o trabalhador de carteira assinada? Isso é Brasil e não vai mudar, não adianta vir com papo de esperança. Bandido não pode ter vez, olhem os países mais desenvolvidos, e comparem.

153. *Mulher INOCENTE é linchada até a morte após boato de que era criminosa. Quem defende o caso do tatuador, tbm defendeu o caso dessa mulher, afinal, é essa a porta que se abre quando se defende justiça com as próprias mãos.* <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-morta-apos-boato-em-rede-social-e-enterrada-nao-vou-aguentar.html>
154. *Como pode ter gente defendendo um BANDIDO. Com problemas mentais ou não Ele cometeu um DELITO. Acorda povoooo.*
155. *Estou com você e não abro Pra mim vagabundo tem mais e que pagar caro ele teve foi sorte que esse tatuador não deu a ele o fim que ele merecia Porque se eu chego em casa e acho um pila desses dentro dela roubando o que eu ralei pra conseguir eu faço é matar sem dó nem piedade AGORA PRA QUEM ACHA RUIM PUNIR BANDIDO LEVA PRA CASA VÃO TRABALHAR PRA DA A ELES O CONFORTO QUE ACHA QUE ELE MERECE*
156. *Não sou a favor de tortura mas essa criatura está apenas colhendo aquilo que plantou. Todos somos responsáveis pelos nossos atos e nem sempre a pena é leve. Se você acha que pode fazer o que bem entender e não pagar as consequências a vida está aí pra te provar que não.*
157. *Liah vc arrasa sempre... o problema é q a maior parte dos brasileiros quer tampar o sol com a peneira e fingir q não faria isso ou pior com esse tipo d bandido... o tatuador fez foi pouco*
158. https://youtu.be/_yQ1ckJWhk
159. *Nao tenho pena! ;ja fui assaltada por dois indivíduos de moto. Um deles mostrou a arma pra mim, deu com capacetes na minha cabeça e disse q ia da um tiro na minha cara isso é o que ??? Tortura física e psicológica né ?!*
160. *Queridos, vingança é diferente de justiça, viu? Liah, te adoro mas não tem como concordar com vc nessa!*
161. *Eu acho fácil, em tempos onde a impunidade reina, concordar com essa atitude, mas não devíamos. Sofrer um assalto, ter algo que lhe custou caro tomado causa uma sensação de revoltado profunda, mas fazer justiça com as próprias mãos não é o caminho. O caminho é reinserção, que infelizmente não acontece no nosso país, mas é só olhar para os países com os maiores IDH e perceber que lá bandido bom é bandido recuperado e com uma vida digna. O problema do Brasil é crônico.*
162. *Adoro você mas tem várias coisas que se deve levar em conta não vou me aprofundar porque nem tenho tanto conhecimento pra isso mas, 1 provas, não foi comprovado que o menino realmente roubou a bicicleta, ele foi obrigado no vídeo a dizer que o fez, 2 pessoas próximas disseram que o menino tem problemas psicológicos e precisa de tratamento, 3 cadeia pra quem é criminoso sim, mas se todos resolvessem fazer justiça com as próprias mãos o mundo se tornaria uma bagunça medieval, milhares de vezes pior do que o que vivemos hoje, com muitas pessoas inocentes pagando por coisas que não fizeram porque fulano acredita que tem o direito de punir alguém mesmo sem provas.*
163. *Penso igual à você. Quem está com dó do ladrão que o leve pra casa*
164. *Minha singela opinião : Se eles, (os dois tatuadores que se dizem pessoas de bem) conseguiram pegar o 'ladrao', deveriam tê-lo entregue à polícia. Não poderiam efetuar outro crime tão violento, de tortura e violência física. Não podemos chegar a esse ponto onde as 'pessoas de bem e equilibradas' cometem uma violência maior Ainda. O ladrão (que até então nem se confirmou, pois, também estão falando que o mesmo é dependente químico, têm problemas psiquiátricos e está desaparecido desde o dia do fato) teria que ser levado e entregue às autoridades, para ser julgado e/ou até condenado pela Justiça. Não podemos chegar a esse ponto de barbárie. Dessa maneira, entendo que todos que compram um dvd pirata ou repassam um arquivo de música sem ter pago por eles, então também podem ser torturados e violentados, com tatuagem em suas testas informando que são ladrões, afinal, tbm 'furtaram' os direitos autorais dos artistas e impostos devidos por esses produtos. Precisamos de mais reflexão. #Paz **Violência não se combate com violência.** ... Já vi histórias parecidas em que a população de uma comunidade assassinou uma moça simplesmente pq alguém disse que ela era muito parecida com uma mulher que raptava crianças. Dias depois descobriram que aquilo tudo foi uma 'pequena confusão' e a verdadeira sequestradora era outra. E agora quem daria a vida novamente a inocente morta, que era mãe de outras duas crianças? ... lastimável!!!! **Pessoal precisamos lutar sim, para trocar todos os políticos e autoridades corruptas, alterar e endurecer leis, garantir melhor educação para o nosso povo, mas não podemos passar a viver como na idade média onde se jogavam mulheres nas fogueiras simplesmente pq alguém gria!!! #Reflexao***
165. *Parem com esse negócio de "ai ta defendendo bandido" pelo amor de Deus!!!! Parem também pra pensar que não se pune crime cometendo outro crime, e que a lei do olho por olho e dente por dente já existiu, mas HÁ SÉCULOS ATRÁS Vocês são patéticos*
166. *Bandido bom é bandido morto cm seria bom se o Brasil estivesse a a pena de morte p bandido s*
167. *Seria bom se quem defendesse esse menino bom que torturam fazendo essa tatuagem fosse assaltado ou alguém da família fossem assaltado por esse mesmo inocente kkk acho e graça o Brasil só vai por lixo pq a população defende bandido não e por acaso que somos roubado de tudo lado.*
168. *Pessoas q falam -Falta de empatia Empatia temos q ter por pessoas iguais a nós, por gente q trabalha e batalha não por bandidos ... Por bandidos não devemos ter EMPATIA E NEM SIMPATIA! !!!*

169. **TE AMO CARA!!!** *Eu tenho uma bronca desses falsos moralistas que ficam babando ovo de vagabundo sem vergonha! Finalmente uma opinião sensata.*
170. *Tirem suas conclusões. Ai a entrevista com ele.. https://youtu.be/_yQ1ckJWhk*
171. *Quem tem pena desses bichinho aí? E por que não foi vítima de violência. Perdi um grande amigo por que um cara como esse deu 2 tiros na cabeça dele pra roubar uma bicicleta. E não pensou que ele tinha 2 filhos. Nunca vi ninguém fazer campanha para ajudar a mulher dele. Se fodam quem adula bandido.*
172. *Tô com você Liah Bracho, pisaaaa mais, e pisa no pescoço desses marginais mesmo.*
173. *Ainda é da minha cidade .tenque é matar um infeliz desse ..pois quando estão armados eles não tem dó*
174. *Eu não tenho dó não. Eu sei qual seria a minha reação mas confesso que se eu chegasse em casa e me deparasse com um cara roubando minhas coisas, que eu trabalhei como cão pra conquistar. Eu não sou tatuador mas, eu quebraria esse sem vergonha. O cara teve a ousadia de entrar dentro da minha casa. Eu dava uma surra.*
175. *Você não precisa ficar postando vídeos explicando sua opinião . Você é autêntica e tem opinião própria . As pessoas que acham ruim entra na vaquinha e doe dinheiro pra remover da testa do vagabundo.*
176. *Esse povo defende pq não é na casa deles q esse vagabundo entrou.Por isso q esse país ta uma merda!!!*
177. *Concordo plenamente com vc. Quando esses bandidos pegam um pai de família faz pior. Axei foi toome!*
178. *Aquí é o país de ladrão ,pra mim quem defende ladrão é ladrão também , não merece meu respeito ,si ele é tão bonzinho leva ele pra casa cria ele*
179. *Liah amor, você me representa! Que defende vagabundo é vagabundo também! ☐*
180. *O problema do brasileiro e que O bandido e vítimas e a vítima vira bandido bando de hipócritas!*
181. **Eu concordo se tatuarem todos esses mafeitores eles iriam pensar antes de agir.**
182. *Detalhe faça vaquinha pra paciente q não tem condicao de tratamento usa rede social p pedir ajuda com diagnostico grave pra viver isso sim merece vaquinha doacao , vaquinha p vagabundo bandido poe ele p trabalha carpi ter o q fazer com seu suor pague o q deve e faça , na minha opiniao deveria fazer em tds bandidos mesmo do colarinho branco apesar q infelizmente esse pais e sem lei entregue a corrupcao.*
183. *Onde clico pra curtir mil vezes????????? Eu SUPER concordo contigo, chega de passar a mão na cabeça de vagabundo que na hora de assaltar e matar não tem dó.*
184. *Quem tiver pena dele ,adotem e levem ele pra casa!*
185. *A pessoa que deseja esse tipo de punição é o tipo de pessoa que só luta em prol de sua própria causa. Mas, eu espero nunca me tornar assim quando vencer na vida.*
186. *Não há quem opine, querida liah bracho, sabe porquê??? Pelo fato, de nós brasileiros, estarmos todos em meio a opiniões de modismo, infelizmente o tal do jeitinho BR, a tal da pena, e etc são bordões que só nos arruinam..... agora si por no lugar de quem, si desdobra, abre mão de muitas, coisas para conquistar o seu lugar seja nos estudos, **trabalho** ou a conquista do seu próprio Studio e de uma hora pra outra si da de cara, com esse adolescente, aí eu pergunto, faz o quê mesmo???? Tem que ser paciente e humano??? Entre na internet, e vejam os outros país com lidam com os espertinho... e não venham me dizer que são só países de 1 mundo, que são enérgicos não, há inúmeros países como nosso, que os mesmo perdem a mão, tomam uma surra de vara de bambu.... etc... eu como muitos outros fui criado, sem pão de lo.... e procurei me aceitar , viver e amar, agradecer pelo pouco que eu tinha... e não si fazer "espertinho" e achar que o caminho mais fácil me daria tudo que almejasse as boas pisas, peia, sura, ou palmadas que minha mãe e meus avós me deram, me formaram, me levarão aonde estou e me fazem o ser que sou.... menos hipocrisia e mais lealdade a quem é correto consigo e com os seus semelhantes.*
187. *Sem comentarios apenas apoiadissima liah bandido bom e aquele que esta no cemitério cansei de ser roubada por vagabundos iguais a esse e nenhuma vaquinha foi feita para repor o que foi levado achei foi pouco*
188. *Eu conheci pessoas que roubaram mais que uma bicicleta e nesta idade de guri e feito a burrada , hoje são profissionais renomados. Esse guri tatuado, uma surra era mais digno. Que chance vai ter e vontade de mudar com uma tatuagem na testa. Ele errou em roubar mas foi demais a punição. Surra , cadeia , nem deve ser maior de idade , mas tatuar pesou! Pessoas erram.*
189. *Quem tiver achando ruim leva ele pra casa, trabalha o ano todo e pega o dinheiro e paga a remoção?... hj em dia os valores estão invertidos,em qualquer ocasião o ladrão sempre vai ser o errado, pq sr n tivesse ido roubar, nada tinha acontecido*
190. *A humanidade caminha para um estado de bestialidade e desumanização total. O que mais me surpreende são pessoas que acham esse tipos de atitude normal. Isso para mim não é justiça e sim crueldade. Pessoas que fazem isso, se torna piores que seus algozes.*
191. *Eu já fui assaltado , minha casa já foi assaltada por marginal apontando arma na cabeça , acho q por isso eu penso como vc !!!*
192. *Fácil fazer isso com o nóia pé de chinelo. Agora quando vão fazer isso na testa dos políticos corruptos responsáveis pela miséria e morte de muitos de nós?*

193. *Verdade eles não tem piedade de arrastar crianças até a morte para roubar um carro, matar por causa de um celular...*
194. *É vagabundo sim, é bandido sim, e acho é pouco o que fizeram com ele... Tenho pena é de cidadão que madruga pra não chegar atrasado no trabalho, correndo risco de vida por contas de vagabundos como esses, e muitas vezes ainda tem seus bens roubados, bens esses que foram adquiridos com suor de meses de trabalho... bando de gente hipócrita...*
195. *Liah Bracho vc disse tudo peninha de vagabundo aff Quando eles pegam cidadão metem o terror ninguém tem pena .*
196. *Eu tô indignada pq o tatuador foi preso Brasil de merda esse. Não tenho pena de vagabundo ladrão.*
197. *Ele já tem R\$ 10.000,00 de quem sentiu peninha dele. Concordo com vc.*
198. *Todo mundo nao! por mim poderiam fazer um livro Na testa dele*
199. *Pena? Pq alguém tem pena qd é assaltado? Por eles ? Qd eles matam pra roubar?*
200. *Pra mim esse é melhor vídeo, pois não é questão de pagar mal com mal, foi só uma situação de justiça, queria ver esse bandido ameaçando a família desses ai q adoram defender bandido, duvidam se não ia querer justiça, o Brasil ta do jeito que tá, pq a justiça aqui é uma merda, bandido faz o que quer e quase nunca é punido*
201. *Vivi pra ver idiotas fazerem vaquinha pró-vagabundo pra um meliante que foi tatuado na testa com as palavras que representam o que ele é, e passar na TV Record uma reportagem pró-vagabundos, chamando de bandidos aqueles que puniram o bandido. Desisto desse país, na moral. Vaquinha pra ajudar quem dá o sangue e suor pra comprar algo, mas é roubado, ninguém faz. Vaquinha pra ajudar a família de um pai de família que é morto pelas mãos de um bandido, ninguém faz. Mas prum animal desse, "nossa, temos que ajudar!"... Merecem a porcaria do país que tem, e as porcarias das leis inúteis também. Aliás, inúteis não... Extremamente úteis e eficazes para quem quer matar, estuprar, e principalmente roubar. Não é a toa que aprendem com os políticos que tem.*
202. *Não concordo com você eles não tinha nem um direito de fazer isso com ele por isso q eles já foram presos ele não é autoridade de fazer isso, se essa moda pega imagine esses políticos corruptos escrever na testa*
203. *Não sou contra nem a favor. Só entendo que têm todo um processo, toda uma estigma popular de que "nada vai acontecer ao bandido". Se acontecesse, nem o rapaz teria tatuado e muito menos o outro rapaz teria se quer pensado em ir roubar. #MenosImpunidade*
204. *Primeiramente acho q ele deveria ser penalizado sim, mas dessa forma, de ser tatuado na testa, e agora vc vem falar de ir atras de um trabalho? Tu acha mesmo q alguém vai aceitar ele assim, com toda ridicularização é humilhação q ele passou? Com uma tatuagem na testa dele dizendo q é bandido?*
205. *Agora ele que trabalhe para conseguir dinheiro para tirar a tatto da testa.*
- 206. Bandidos e o povo que ainda vai ajudar o inocente que roubou rs hipócritas merecia ter arrancado 1 dedo uma perna um braço e por ali vaii**
207. *Bom uma vez, eu estava dentro do ônibus vindo da casa do meu marido época namorado, eu estava com o celular ouvindo música e jogando farm heroes e veio um vagabundo puxou meu fone de ouvido para tentar roubar meu celular, quebrou meu fone original, fiquei traumatizado, ônibus lotado ninguém fez nada, até hoje fiquei com síndrome de pânico de sair a noite, o tatuador está certo!*
208. *Se ele se regenera e entrar pra pra igreja evangelica ele vai virar ladrão de novo*
209. **NÃO** *é pena sua imbecil! A atitude do outro não pode definir a minha. Que mundo de pessoas ruins e vingativas, a justiça ira julgar...ha nossa justiça é fraca, "Que mude a lei" Todos nos em algum momento fazemos coisas erradas, como não estaria a testa da maioria, inclusive a sua! Povo infeliz.*
210. **Torturado e filmado! Não é sobre defender bandido.** *É sobre reconhecer o quão foi a ação impulsionada por um senso de justiça assustador e feito com as mãos. Vi a repercussão imediata, muitas delas vibrantes de alegria. Nó na garganta! Existem penalidades para os delitos, nenhuma delas tem relação com o que foi feito. O que será que alguém que é penalizado assim tem a aprender? Isso impulsiona o medo, o desespero, o ódio. Assimilar o quão falha e até mesmo injusta pode ser nossa justiça, não pode ser motivo para que a façamos de forma tão desumana. Este prazer é trágico Além disso, a nossa justiça não pode ser seletiva. Patrimônios pequenos não podem ser mais indignantes que a violação da integridade de outra pessoa. Segundo informações de Robin Batista o menino estava sumido, foi encontrado e possui transtornos psicológicos.*
211. *Maravilha!!! Quem defende esse tipo de vagabundo, deveria passar pelo que muitos, já passaram, inclusive eu, que é ficar sobre a mira de uma arma e ter que ouvir ofensas e sofrer agressões. Já fui assaltado por menores, e garanto, eles não tem a menor pena de suas vítimas. Acorda, povo imbecil!*
212. **Deveria tatuar todos ladrões,** *quem defende um marginal e pq deve ser igual ou tem medo de ser tatuado, trabalhamos o mes todo para um fdp roubar, por isso eles rouba, muitas mentes fracas defendeno, marginal deveria ter so um direito, morre...*
213. *Aqui nafavela cuantas criasas ajente perde no tráfico só pra um preboy im rola basiando vc não tem ação disto crítica e fasio ávida do jotros deus deu ávida pra canda um cuida da tua*

Sou agente de segurança e profissional de saúde e já vivenciei muita coisa na rua pra poder dizer isso!
47

236. *Eu queria ver a cara de todo mundo que fez doação pra esse merdinha! Capaz de doarem mais dinheiro novamente, afinal ele é vítima da sociedade né* 45
237. *não tive pena na época!!!. minha opinião é sempre a mesma não existe essa de vítima da sociedade não... quem vai pra esse caminho é PQ QUER de trabalhador ninguém tem dó isso é Brasil Minha gente* 28
238. *Não devemos defender criminosos, jamais. Só assim teremos um país justo e correto, sem nos corromper. Quando a lei for aplicada corretamente muitos pensarão duas vezes antes de cometer crimes.* 25
239. *Tem pessoas que passam a mão na cabeça de vagabundo....quem defende vagabundo , é que nunca foi assaltado ,nunca um desgraçado desse aprontou um arma na cabeça desses que defendem esses pilantras...pra mim,quem defendem esses pilantras, não vale nada...pode ser quem for....* 17
240. *Pode tatuar agora " sou ladrão, vacilão e passei a perna em "geralzao"" hahaha tô rindo mas tô preocupada! Bora de educação Brasil. As coisas andam bem pior do que a gente pensa... Ahh!! Sera q ele encontra o cara que prenderam na cadeia ? Hahahha ah nao ele é menor, logo logo sai da cadeia*
241. *Ah que legal!!! Então vamos lá, errou quem pagou para retirar a tatuagem e me explica quem daria emprego para alguém com uma tatuagem na testa??? A ajuda imediata era sim remoção da tatuagem.*
242. *Não pôde denegrir a nossa imagem de tatuador, por que si ele fosse um profissional primeiro não faria isso e si o cliente quisesse. Pelo menos faria uma letra desente, não essa letra de mobral!...e a respeito desse casqueiro. Vai ser ladrão sempre. É um pé de chinelo só internando!...me admiro aqueles troxa que dão dinheiro para ajudar quem não se ajuda! !....* 5
243. *Desde que fiquei desempregado, me falta muita coisa em casa, mas não foi motivo pra sair roubando, porém tenho refletido mais sobre algumas coisas, por sentir na pele a falta das coisas e recursos pra tê-las, e falo de coisas básicas pra sobreviver. Se já tá difícil pra quem é honesto, imagina pra quem cometeu um erro (e quem não erra ou nunca errou?!) e foi exposto da maneira que esse jovem foi? Já me negaram emprego por ser homem, por não morar perto, por não ter experiência, pq a vaga foi dada pra alguém da família, etc... Imagina esse cara arrumar um emprego, a dificuldade que deve ser agora? A sociedade pune os monstros que ela mesma cria. Não é justificar um erro, mas sejamos mais flexíveis, que condições ele tem de mudar? E a gente sabe, grande maioria que defende alguma causa ou pessoa, não ajuda de nada, só faz textão bonito aqui, esse cara realmente teve alguém por ele? É injusto, eu acho.* 4
244. *Bom, o que vem fácil é bom demais!!! O rapaz já estava querendo roubar(conseguir uma coisa fácil) e aconteceu isso, com pena esses babacas criam vaquinha pra esse demente tirar a cagada que outro animal fez e aí não tem o que argumentar né? "poha, se eu fiz isso e os trouxas ainda ficam do meu lado por que não aprontar de novo, não é mesmo? Com certeza vão vim mais idiotas pra me ajudar"* 4
245. *Fazer justiça com as próprias mãos continua sendo errado. Porém se houvesse justiça de verdade neste país ele teria ficado preso por um tempo, e talvez tivesse pensado duas vezes antes de roubar novamente. Por isso que o tatuador fez o que fez. Não foi correto, mas é plenamente inteligível. Estamos de saco cheio da impunidade!* 4
246. *Esse vagabundo não merece oportunidade,tem que se fuder,o homem que é homem não precisa de 2° chance pra mudar,ele já vem preparado pra ser alguém na vida. Agora vem uns idiotas citando ele precisa de apoio,oportunidades de trabalho,ser aceito no mercado,quem vai da crédito pra um verme dessa natureza? Ele precisa é de uma cela solitária e apodrecer lá,comer resto de comida com urina de ratos...Esse seria a melhor oportunidade pra essa peste....Enquanto muita gente se comove,ele te ironiza,ou seja o ladrão vacilão não é ele é sim quem ajuda.....Quem ajuda essa misera está roubando a dignidade do cidadão de bem,que trabalha dia e noite...* 4
247. *Não tenho pena dele e nem de outros drogados, são vítimas apenas das suas próprias escolhas, todos sabemos onde levam as drogas. Não sou eu que tenho que pagar por seu tratamento, quer ficar "limpo" pague seu tratamento com seu trabalho para dar valor. Vítima somos nós que estamos cada vez mais trancados em nossas casa com medo de virar mais um nas estatísticas. Mas essa é só a MINHA OPINIÃO! □* 3
248. *Há 15 dias eu vi um post no Facebook dizendo que esse mesmo rapaz teria se batizado em uma igreja evangélica. O rapaz do post era idêntico a esse. Se foi verdade ou mais um fack news eu não sei. Mas eu penso da seguinte forma: todos merecem uma segunda chance. Deus nos dá essa segunda chance todos os dias, porém toda ação tem uma reação. Infelizmente ele optou pelo caminho errado e está desperdiçando essa chance. Mas quem sou eu pra julgar? A única coisa que sei é que enquanto há vida, há esperança. Agora ele vai pagar pelo o que fez perante a lei (isso é, se a lei funcionar). Caso ele opte por continuar assim eu sinto muito por ele porque o salário do pecado é a morte. Mas essa é só a minha simples opinião*
7
249. *Não tatuaria na cabeça dele mas também não defendo a não prisão. Precisa pagar pelo que fez, de acordo com as leis da comunidade. Por mais absurdo que seja, as leis são criadas para preservar a segurança e bem estar da população. Se ele infringiu, deve pagar.* 4

250. *Eu acho que é a vocação do menino aliás ele tem bons exemplos aqui a bandidagem e roubos andam de terno paletó falam fluentemente e vivem acima de qualquer suspeita e mesmo quando são condenados em segunda instância ainda saem pela porta da frente e tem a bênção do STF # BRASIL SEJA BEM VINDO !! 3*
251. *Eu não teria ajudado pra tirar a tatuagem. Todo erro e pecado tem um preço a pagar. Ele tinha que ir trabalhar e pagar com dinheiro do suor dele para dá valor é aprender a respeitar. Vaquinha tem que ser feita pra ajudar os que realmente precisam, quantas famílias desempregada passando fome e pedindo pão e nem por isso saem roubando por aí. Discernimento 3*
252. *Esse lance de fazer vaquinha para ajudar o menino é a mesma coisa que dar dizimo em igreja, vc terceiriza a faxina na consciência e lava as mãos!!! 5*
253. *Não tive pena na época e não tenho agora, mais um safado que deveria estar na cadeia desde aqle momento, **infelizmente os valores estão invertidos**, bandidos virando coitadinho, bando de vagabundos com direitos humanos p proteger. 2*
254. *Nem da primeira, nem nessa e nem de uma próxima vez, que é bem capaz que haja. Foram atitudes lamentáveis numa reação em cadeia, que **infelizmente gerou ódio de um lado**, comoção de outro e ambos são desnecessários. O que faltou foi culpar o verdadeiro culpado pela situação em si e não torná-lo um símbolo do **desequilíbrio social brasileiro**, que sim tem uma lista de culpados ainda maior, só que se a gente leva todo protesto para o engravatado que mantém o sistema, a gente esquece do corrupto que mora ao lado ou dentro de casa. 1*
255. *Esse muleke não foi preso na época, não sofreu na prisão, e agora novamente roubou e continua solto! Então a conversa de que nosso sistema carcerário é que faz com o bandido, ladrão, marginal piore é ladainha de defensor de vagabundo!!!! E o fato fica evidente, não é questão de ser vítima da sociedade e falta de opções para uma vida melhor... é falta de vergonha na cara e ser vagabundo...e tudo isso graças as leis imundas que foram implantadas nos últimos tempos e que fazem de nós vítimas reais da impunidade!!!! 1*
256. *Concordo em gênero, número e grau em tudo o que vc disse André, por isso que nosso país está como está, bandido sendo defendido e pessoas honestas sendo condenadas. Há uma grande **inversão de valores** que precisa ser mudado urgente. E há ainda quem defenda dizendo que essa atitude é por conta do vício. Mande ele ralar pra ver se ele quer, Enquanto continuar a passar a mão na cabeça dele e apoiar seus erros, ele vai continuar roubando porque é mais fácil. **Bandido na minha opinião tinha que ter uma segunda chance sim, ao invés de ficar preso em presídio vivendo às nossas custas, deveria mandar todos para uma ilha bem distante sem comunicação e à moda antiga, fazer com que eles plantem e colham pra sobreviver, deveriam trabalhar duro de sol a sol e pagar indenização para as famílias que tiveram entes queridos mortos e seus bens roubados. Direitos humanos tem que valer para quem vive de forma honesta e trabalha duro para sustentar sua família. Só minha opinião. 1***
257. *Infelizmente o brasileiro está cansado, e vai fazer justiça com as próprias mãos. O meu medo é se virar moda. As pessoas perderam os valores e a razão. Para punir um crime estão cometendo outro. É preciso ter presença de espírito para não fazer algo do qual nos arrependem-se para o resto da vida. Precisamos controlar nossos atos ou eles nos controlarão. 1*
258. *Existe um agravante aí Andre, se um empresário oferece emprego ao MULEQUE, em troca de retirar a tatuagem na testa, quando acabar o serviço, a família, o MULEQUE e os direitos humanos, irão fazer uma baderna pra querer TB os direitos trabalhistas, e acaba o empresário tendo que pagar uma bolada de dinheiro em função de uma ajuda. 1*
259. *A clínica de reabilitação que ele estava, pagou a fiança dele. Ele já saiu da prisão e é verdade que ele foi batizado numa igreja evangélica no ano passado, segundo a reportagem que eu li. Ele roubou 5 desodorantes, alegaram que ele teve uma recaída nas drogas... Pode ser que esse povo metido nas drogas façam essas coisas além do vício, o fato de saberem que sempre vai ter alguém (geralmente a família) para passar a mão na cabeça... Que dessa vez consigam da jeito nele. 0*
260. *Andre eu queria que o gugu e a fatima Bernardes, fossem agora na imprensa e falar que ele é vítima da sociedade?!?! Ou eles fazem campanha para arrecadarem recursos para as famílias que foram roubada e destriudas por esse marginais Esse imbecil, safado, tem que apodrecer na cadeia. 1*
261. *Infelizmente mais um que teve uma segunda chance e permaneceu no erro, Moscoso vc foi perfeito nas suas colocações. Nosso país infelizmente está em declínio, e por essas e outras estamos reféns da bandidagem. Lamentável. 1*
262. *Saibam disso!!!! Prisão nos EUA já vale a partir da condenação do primeiro julgamento! No Brasil, senão prevalecer o entendimento da prisão em segunda estância, após análise e juízo condenatório por 4 magistrados, a Justiça ou Efetividade da pena, ficará nas mãos e no interesse de julgar ou não os chamados Recursos Extraordinários, por Tribunais que NÃO PODEM mais alterar juízo de Mérito (o fato em si) - pois, apenas verificam legalidade ou constitucionalidade qto a aplicação do direito no caso concreto. Pela própria natureza, Extraordinários, que não permite mais análise de fatos, permitir a suspensão da pena*

- pelo Princípio da Presunção de Inocência, não é simples incoerência, configura MA FÉ dos magistrados que assim se manifestam, que desejam proteger interesses que passam ao largo do Direito. Por isso, dia 03, EU VOU! #ruptura #DestituicaoTodosMembrosSTF 0
263. Se ele confessou que estava tentando roubar a bike para comprar drogas, a ajuda que ele precisava é de uma clínica para dependentes, talvez não estaria cometendo crime novamente, mas eu mesma me pergunto: Será? O ser humano anda muito esquisito ultimamente. 1
264. Parabéns André pela colocação, na época compartilhei da sua opinião, mas hoje, com a recorrência dos atos, acho que o tatuador estava certo... além de ladrão é vacilão, pra ladrão tem que ter é cadeia! 1
265. Na minha opinião, com a falta de justiça que temos no país, a panela de pressão está explodindo, ações de justiça com as próprias mãos vão aumentar, por isso não julgo o tatuador, ninguém mais aguenta vagabundo roubando aquilo que vc se mata p pagar. 2
266. Eu acho q isso é mentira gente. A internet não vem sendo. Veículo de informação onde pode ser dar tanta credibilidade. Vi uma reportagem essa semana que o jovem está em uma clínica de reabilitação e já é monitor, e quando perguntado se sente raiva de quem fez isso, o mesmo disse que não. Disse q se isso não houvesse ocorrido ele derrepente não teria mudado. E que perdoa o cara que o tatuou 1
267. Só rindo , Brasil pessoas sem cultura alguma, todos nós sabemos o que é certo ou errado , lamento muito tantos país de famílias, são roubados e tantas crianças não tem nem , o que comer, só acho uma coisa deveria ser lei , policia pegou roubando mata acabava rápido está história. 1
268. Precisam acontecer correções urgentes nas áreas da educação, para que nossos meninos sejam guiados para transformarem-se em homens decentes, do sistema prisional e leis, para que sejam punidos, de acordo com o tamanho do delito, das assistências aos indivíduos e comunidade, para que haja chance de pertencer e/ ou ser reinserido na sociedade... Complexo e não menos triste... não gostaria de ver um parente meu nessa situação... 0
269. Agora manda a mídia nojenta comentar. Pq até agora não via a Fátima falar nada, desse refém da sociedade. Vai trabalhar que muito mais, levanto as 04:30 da manhã todos os dias para trabalhar, agora vem me dizer refém da sociedade. 2
270. Não tive pena nem antes e nem agora, rouba pq quer tá difícil para todo mundo, tenho formação acadêmica em pedagogia acordo todos os dias as 5:00 da manhã para trabalhar ganho menos que um salário mínimo, pasmem! Com nível superior ganho menos de um salário mínimo como PROFESSORA e nem por isso vou roubar ou fazer algo errado. Não tenho pena alguma dele, quem é honesto trabalha de qualquer coisa. 0
271. O que eu acho é que ele tem problema! Ele roubou desodorante! Vocês condenariam à prisão, alguém que rouba desodorante?? É errado? Sim, é! Mas precisava desse estardalhaço todo? Chamar polícia e tal? Acho que não. Esse rapaz, tem, claramente, algum problema. Pq ladrão que é ladrão, que merece mofar na cadeia, rouba banco, rouba celular e mata, rouba com arma. Esse é um coitado! 0
272. André, a falha justiça brasileira realmente nos deixa indignados com essas situações diárias, mas não podemos nos transformar em selvagens irracionais. Quando ele tatuou a testa do ladrão ele o tirou a possibilidade de arranjar qualquer emprego, quem vai querer um funcionário tatuado na testa? Na minha opinião o tatuador teria que custear a remoção da tatuagem e o ladrão responderia perante a lei. Pelo que sei o ladrão é dependente químico, pra isso ele teria que estar internado numa clínica de recuperação. Sem mais! 0
273. Primeiro: pergunta se ele quer trabalhar? Segundo: se trabalhar, por quanto tempo ficará no emprego? Isso se não roubar lá. Viciado só com muuuuuiitaaaa força de vontade (que a maioria não tem). Internação, psiquiatra, psicólogos, NA, e muita fé. Tenho experiência em casa... 0
274. Esse rapaz é um dependente químico e não tem a menor ideia do que fez ou faz. Não sei se tenho pena dele ou dos que não consegue compreender a situação de um infeliz desse! Mas, essa é só minha opinião! 1
275. A única coisa que sempre me vem a cabeça... cadê a mãe, o pai, o responsável legal? Se é um "moleque" é menor, se menor não responde pelos atos é incapaz, então é abandono de incapaz. Na hora que começarem a tirar papai e/ ou mamãe do bem bom do funk, crack ou outra vadiagem qualquer rapidinho melhora... Transar é fácil... e parece que parir também! 0
276. Tem uma reportagem do R7 que conta a história dele, a mãe engravidou aos 16, ele foi criado pela avó no lixão, na maior parte da infância vestiu e comeu do lixão, o pai não quis nem saber... As drogas foram um escape. É muito difícil julgar o garoto, cresceu sem a menor estrutura familiar, teve que se virar desde cedo e deu no que deu, viciado em drogas e álcool e roubando pra manter o vício... 0
277. Conheço colegas de trabalho, que fazem prestações para ter um celular melhor, dar uma bicicleta para um filho, E não aceito que qualquer ser humano venha roubar. Quando vc tem fome e ver seus filhos, sua esposa passando por necessidade e rouba comida em supermercado ou um sacolão, já li em jornal pessoas roubando remédio de farmacia por não ter dinheiro, eu ate entendo eu fico com pena e queria um dia ter como ajudar. Mais vem roubar celular, bicicleta, carro, joias..... 0

278. *E o que levou o menino a essa situação?? Falta de educação, de escola, de oportunidade. Se as crianças tivessem acesso ao menino de dignidade para viver não estaríamos nessa barbárie que estamos. Ninguém ta certo, não. Mas o menino aprendeu que isso é que ele pode e tem. Então. Que ele tenha a oportunidade de estudar, de trabalhar e de ser visto como indivíduo.* 0
279. *Foi errado roubar da primeira e da segunda vez? Sim, claro, justifica o ato do "tatuador?" Não, jamais, nenhum profissional que se preze faria isso por mais puto da cara que ficasse sendo roubado. Dar uns tapas e chamar a polícia já seriam o suficiente, se voltasse a fazer dali pra frente, é da consciência de cada um, eu faria assim e minha parte estaria feita e sem essa repercussão toda.* 0
280. *Eu não pagaria nem da primeira vez. Se ele tinha casa, família e tal, não havia "motivos" pra usar drogas... Diferente de quem mora na rua, uma situação desgraça, em que é difícil realmente encarar de "cara limpa".* 0
281. *Segunda chance tem que dar pra quem tentou fazer algo bom não conseguiu e acabou errando. Agora pra quem saiu de casa, querendo cometer um crime e caiu na mão da Polícia! É o rigor de uma lei a qual não temos. Direiros humanos pras pessoas humanas! Pra bandido o rigor da LEI.*
282. *Nossa quando saiu nas redes sociais não acreditei pois alguns dias antes de acontecimento teve uma matéria com ele não lembro o programa, ele falado q estava mudado é muitas mas coisas... coisas de gente manipuladora. Não tive pena nem na época, é tão pouco agora só espero q a justiça no Brasil não seja falha outra vez cm sempree.* 0
283. *Os políticos mandam bater em professor que reivindica seus direitos e não vejo fazendo vaquinha, eu não vejo vaquinha para policial que morre, não vejo vaquinha para família das travestis que morrem, e no Brasil são os que mais morrem. Ah, dá um tempo! Querem justificar uma morte pela outra. Um ato pior ou melhor q outro. Vamo falar de policial q morre, mas não vamo de vereadora, tudo bem direita fazer fake news. E o cara vem dizer q atitude não é um ato político? Aff.* 0
284. *Enquanto este vagabundo está solto roubando novamente, as pessoas que de tão revoltadas tentaram fazer justiça, ainda estão presas. É lamentável a distorção de valores que se abate no país, pessoas ovacionam traficantes, pedindo um minuto de silêncio pela morte desses meliantes, ou tratando ladrões como vítimas no caso do mesmo citado acima. Não sei onde vamos parar.* 0
285. *André boa tarde!!! Continuo com a minha opinião. Não tive nem um pouco de dó do rapaz. Nem digo que foi pouco, simplesmente encontrou uns na frente dele, que deu lição. Agr nem sei mas os cara(tatuadores) foram condenados!? Ai vem a pergunta! Quem mesmo é o VACILÃO!?* 0
286. *Foi um caso complicado, muita gente defendeu ele apenas para ter uma opinião contrária a quem não gosta de bandidos.. na primeira vez teve um indivíduo que inventou uma cota pra desfazer a tatuagem e acabou roubando a grana... Agora mais esse tapa na cara de novo dos defensores dos bandidos..* 0
287. *Gostei muito do seu comentário **usuário**. Vc foi um dos mais sensatos até agora. Isso que aconteceu com ele, vai acontecer sempre até que se vá na raiz do problema. Cadê educação, saúde e etc.? Como dizia minha madrinha: " O buraco é mais embaixo"* 0
288. *Se Brasil não tem lei pra quem roubou milhões e continua roubando de uma nação inteira. Vai ter pra ladrãozinho fudido de bicicleta e desodorante? O problema é que esses ladroes no Brasil está criando igual Coelho, não tem uma lei que possa puni-los, um juiz prende o outro solta, sem contar nos direitos humanos que marginal tem.* 0
289. *O problema todo tá na justiça do Brasil e na credibilidade dela ,ninguém acredita mais nessa "justiça", seja pro ladrão de bicicleta ou pro ladrão ex presidente, não há justiça, e quando não se tem mais isso, cada um tenta fazer aquilo que é justo pra si próprio. Ou o Brasil muda todo esse sistema de justiça, de política ou estaremos em breve em meio ao caos.* 0
290. *O mal do brasileiro é ter preguiça de usar o cérebro e pensar com a racionalidade... Ladrão a cada roubo tinha que perder um DEDO no mínimo e fica recluso por longos e longos anos... Mas o DH gosta de proteger vagabundo* 0
291. *Parabéns André pela colocação, na época compartilhei da sua opinião, mas hoje, com a recorrência dos atos, acho que o tatuador estava certo... além de ladrão é vacilão, pra ladrão tem que ter é cadeia!*
292. *André, obrigado por dar voz ao meus pensamentos..... faz de suas minhas palavras, é isso cara cada um e é tem que sim ser responsável pelos seus atos. Desculpa mas vacilão uma vez sempre vacilão.....*
293. *Bem ele teve ajuda este meliante nao quis preferiu viver no erro. Tem o porém, as pessoas que estava ajudando ele não querem mas ajuda não tem jeito. Este tralha estava centro de recuperação o tralha nao quis mas ajuda quis viver da maneira dele E da soco em ponta de faca joga pérolas pra porcos infelizmente.* 0
294. *Para o ônibus que eu quero descer.....fora do brasil..está criaturinha so vai crescer quando for mostrado a realidade pra ele o presídio ou ele cresce ou desce infelizmente é isto dói ver um jovem que era pra estar estudando, em vez de dar manchete chega, da um chá de surra de cara de marmelo, uma surra que ele fique sem sentar-se dois dias eu muito apanhei dos meus pais e não virei marginal até quando este tipo de notícia vai dar ipope da licença.* 0

295. Agora deveriam atualizar a tatuagem dele: Sou ladrão, vacilão e fedorento... Afinal foi preso roubando desodorantes □ Brincadeiras a parte, se ele não se endireitou depois de tudo que aconteceu com ele no episódio da tatuagem, não é agora que vai... Ainda mais que sabe que tem os retardados de plantão que defendem ele de tudo e de todos... Criaram um monstro! 0
296. Brasil, se vc mata um ladrão em legítima defesa vc vai preso, se o ladrao te mata, ele é uma vítima da sociedade...esse rapaz aí roubou 2 vezes e esta solto, impune, e vai roubar de novo e vai ser solto novamente. Brasil país sem justiça, terra de ninguém 0
297. Eu continuo com a mesma opinião... bandido bom é bandido morto... e isso vale mais para os bandidos poderosos (políticos, empresários) pois estes tiveram mais oportunidade na vida, porém nenhuma situação justifica cometer crime. 0
298. O "mlk" deve ficar internado pois é um doente viciado. Defendem tanto a POLÍCIA e desde q me conheço por gente eles nunca conseguiram acabar ou diminuir o número de traficantes, até aumentou. Ñ se trata de pena, q educação esse "mlk" teve? 0
299. O ladrão continua sendo ladrão ..na há o que discutir..mas tatuar o rosto da pessoa sem sua permissão também continua sendo violência. ...lugar de ladrão é na cadeia. Uma coisa não justifica a outra. Ele não é um coitado mas o tatuador errou. Só deixo minha opinião pq André perguntou. 0
300. Roubando desodorante, imagine o que deve se passar na cabeça de uma criatura dessas? A necessidade que esse cara tá passando, não estou apoiando o ato ocorrido, mas não se deve dizer algo, sem conhecer o outro lado da moeda. 0
301. A questão não é só defender ou não o ato do rapaz... Acontece que pelo país existem centenas de políticos corruptos roubando não apenas uma pessoa, mais um país inteiro. Não estou defendendo o ato do ladrão, estou apenas colocando em questão, que se esse ato fosse aceito porquê ele roubou, então os políticos também teriam de ser tatuados???
302. Quem defende um vagabundo desse tem toda a oportunidade ,a liberdade de levar p casa e curar o vício dele, trabalhar ele NÃO quer poderia trabalhar p sustentar o vício, a detenção NÃO é lugar né, levem p suas casas! 1
303. Roubou e vai roubar de novo pq sabe que a lei é branda, polícia prende advogado solta...eu ainda acredito na educação, na psicologia..na minha casa sempre funcionou, mexesse no que não era seu " conversava" com o cinto de couro de mamãe , pronto não precisava de outra sessão. 0
304. O único problema é qe infelizmente a justiça no país é muito falha, o mlk roubou ou ia roubar a bike porém a polícia não ia pegar.....já aconteceu cmg e nao pegaram o cara.....então não é qe eu ache que o tatuador está certo, porém ele deve ter se sentido como eu já me senti um dia....então infelizmente ele achou qe ngm ia fazer nada ele msm foi lá e fez 0
305. Bom André Moscoso, Acho eu q a população seguiu aquela Risca d q todo mundo merece uma segunda chance, esse cidadão teve a dele! Se Realmente for a segunda e nao a milésima, infelizmente Não quis ou Não soube aproveitar a solidariedade Brasileira. 0
306. Quería ver se o moleque tivesse feito algo pior com um parente seu, se você não teria a mesma reação... Nosso país está tão mau administrado, se nós "cidadãos" não começar a fazer justiça .. Vamos virar escravos da bandidagem...infelizmente□□□ 0
307. Vi uma reportagem há alguns dias que uma vaquinha na internet estava o ajudando a retirar a tatoo e já estava quase limpa a pele, que ele estaria dando um novo rumo a vida. Acho que estavam equivocados. 0
308. Aí eu pergunto... quem pagou por essa fiança?? Sim, porq ele não foi, sua família é de baixa renda, não teria condições para tal... sociedade acorda. Mudancas na legislação urgente. 0
309. Se podemos votar com 16 anos, pq não podemos responder pelos nossos atos? Chega desse negócio "é de menor" e fica por isso mesmo, roubou/matou/estuprou vai pra cadeia!! Simples assim. 0
310. Cada um tem ser responsável, pelas suas atitudes, fui ensinada desta forma.... Disse tudo André, por isso que compartilho de suas ideias. Admiro seu ponto de vista das situações.... Te adoro!!!! 0
311. 1 ano e o cara fazendo besteira denovo, se tivesse pagando pelo crime não estaria na rua solto p fazer denovo. Se o problema é drogas, não era p tá por aí tb...muita desculpa p minimizar as coisas erradas!
312. Adorei belo trabalho. Mais sinceramente só vejo likes em você kkkkkk mais é só a minha humilde opinião que certamente você não vai ler estará ocupado kkkkkk se é que me entende ou já se ocupou kkkk Tchau 0
313. Lamentável! Não adianta, quando o cara é mau caráter, podem lhe dar milhares de chances, não muda! E ainda encontra um bando de otários pra fazer vaquinha e passar a mão na cabeça! Lixo humano! 0
314. As pessoas escolhem fazer o errado! Isso é escolha. (Ponto) Se a justiça no país fosse séria ele não teria roubado de novo pq estaria preso desde a primeira vez (que foi pego). 0
315. Infelizmente nao aprendeu a lição...poderia ter evoluído um pouquinho... mas terá q errar várias vezes até aprender.. quem sabe em outra vida ele aprende. Pobre alma... as consequências de seus atos ele mesmo irá "pagar"! 0

316. Algumas pessoas são o que são, não adianta paga a porra toda é acha q vai mudar o cara.. tem uns seres aí que são oq são e pronto.. não dá pra por a mão no fogo.. embora um erro tbm não justifique o outro..
0
317. Vou começar a campanha aqui agora....vamos arrecadar dinheiro minha gente para pagar a fiança dele!! Afinal de contas ele é só mais um vítima da sociedade! (Estou sendo irônica) 0
318. Eu queria ouvir sobre a falta de estrutura do estado, dos pagamentos de salários parcelados aos policiais, do porquê fomentar tanto odio no coração por causa dos políticos omissos e incompetentes???
319. Pagaria não, não gasto horas do meu dia trabalhando, correndo atrás de dinheiro, fazendo o que não quero, para conseguir outros objetos! Para sustentar algo que não é digno! 1
320. não consigo entender, com extensa ficha e vai e volta da prisão ...todos sabemos que não vão parar de roubar e assaltar ou coisa pior, e acaba por nós vivermos sujeitados a esse tipo de gente. 0
321. O problema de menino é droga, ele rouba para o vício. Não justifica a tatuagem que fizeram. Se cometeu crime tem que pagar por ele, e não acho que foi por justiça a tatuagem que fizeram foi por palhaçada mesmo, gente idiota que quer se aparecer..Esse menino é viciado em droga...é uma questão inerente, social, familiar. Não é defendendo o garoto não, é dizer se ele cometeu crime tem que pagar por ele... mas a recaída não justifica a selvageria cometida.
322. acho engraçado o Brasil reclama do país que vivemos dos políticos mais fez até vaquinha pra um verme desse ... a não verme não ele é coitadinho viciado e vítima de uma sociedade que não da oportunidade ia ser bom se ele tiver roubado algum otário que deu dinheiro na vaquinha pq estava com do dozinha dele
323. Besta foi quem botou fé q ele ia mudar, e tbém ajudaram com vaquinhas feito uns idiotas. Agora façam vaquinha pra tirar ele do xadrez tbém cambada de retardados! □
324. A repercussão do caso desse rapaz não foi por ele ter roubado mas sim por o q fizeram com ele, é claro q uma coisa não substitui a outra mas na época ele passou de infrator a vítima, as pessoas são burras em não saber avaliar... O certo é fazer as coisas como manda o figurino, mesmo q a justiça não funcione...mas faça o certo q é denunciar.
325. É de fato lamentável não teve pena nenhuma dele na época, tão pouco agora, ele teve oportunidade de se regenerar e preferiu continuar no erro. O cara que tatuou não mentiu em nada □ 0
326. Cara, eu sinceramente acho que o país foi pro ralo faz tempo, e só tá nesse circo aqui Ainda quem realmente não tem o que fazer e se obriga a sobreviver nessa joça. 1
327. Só mostram que a lei e a justiça nesse país são falhas e não recuperam ninguém, só servem de ferramenta para esquerda fazer uma glamourização e vitimização do caso tentando distorcer os fatos fazendo da vítima o culpado, lamentável a situação em que esse país vive. 0
328. Sempre achei que todos nessa história estavam errados, e dia menos dia esse menino ia aprontar de novo. E sabe porque?? Porque foram lá e ajudaram ele a tirar a tatuagem como se ele não tivesse feito nada de errado só que ele fez, agora tá aí não ensinaram ele, não deram um trabalho p ele ganhar o dinheiro onestamente p tirar a tatuagem, agora tá aí o resultado roubou novamente. 1
329. O que da raiva do povo brasileiro é essa coisa do julgamento de opinião. Por exemplo... Se eu defendi o cara antes, e agora estou "contra" ele, as pessoas vem me chamar de hipocrita. CARA... AS PESSOAS MUDAM DE OPINIÃO TODA HORA; NÃO É POR ISSO QUE ELAS SÃO FALSAS.
330. Sem debates políticos ou opiniões. Marquei aqui apenas os meus amigos de pensamentos concordantes ou nao, para que assistam e reflitam sobre o caso. Talvez está seja a opinião mais sensata que já percorreu os anais desta imensa fábrica de filosofos/sociologos de 15 minutos, que é o Facebook. **Nomes de usuários ocultados** 3
331. P/ os que estão defendendo: ele ja teve uma 2a chance com regalias que poucos têm, até clínica de reabilitação ! Vítima é o furtado., esse aí é sem vergonha, mesmo! 0
332. Fiança de 1000 reais paga(segundo reportagem lida)....já está solto para roubar e se drogar novamente ...certo??errado??cada vez mais difícil opinar...ele teve oportunidade de fazer diferente,de se tornar diferente,Mas... 0
333. O que preocupa é que ainda não 'inventaram' um sistema capaz de recuperar pessoas como ele que estão no caminho de crimes de pequeno potencial ofensivo. O que hoje é um furto, amanhã pode se transformar em roubo à mão armada. Enquanto é só dinheiro envolvido, tranquilo. Mas quando uma vida for perdida nas mãos dele, o prejuízo será irrecuperável. O que fazer? Eu que sou leigo, acho que já tem que 'passar o rodo' agora. Mas sinceramente eu gostaria que alguém apontasse a solução. 1
334. O problema é que todos nós outorgamos direito e livre arbítrio aos políticos ladrões para fazerem as leis deste país! Agora, se eles fazem leis de merda, contratam juizes de merda que fazem as interpretações que melhor lhe convêm e conforme grana que o criminoso tem, pergunto: quem são os culpados? Nós! Brasileiro é apaixonado! Julga conforme a comoção e fé! E nisso, somente nos lascamos! Pq bandido, jamais agi de forma apaixonado e nem com emoção! Continuo com o pensamento: quem rouba um bilhão e quem rouba uma bala, é ladrão e merece ser punido! Tudo de errado neste país é justificavel por cor, situação financeira e orientação sexual, menos pelo crime! Ta doído! 0

335. Achei banal tatuar a testa ... Mas eu não sentia do nenhuma não fiquei a favor nenhum dele é muito menos pagaria a fiança .. acho que a justiça no Brasil tinha que fazer valer . 0
336. **Eu era viciado em ler comentários, depois passei a ler os comentários dos comentários... Perdi casa, carro, esposa e família. Hoje estou curado e liberto. Eu sou um ex leitor de comentários. Eu sou a universal!** 0
337. Eu acho é pouco ,tinha que ter tatuado nas mãos também. Quem sabe assim quando ele fosse bater a carteira de algum cidadão de bem ,via a tatuagem nas mãos e desistia.... Mlk fdp ,os trouxas fazendo vaquinha pra ajudar ele ,e ele já está roubando dnv ! 0
338. Eu queria tentar entender o que passa na cabeça de alguém de defende esse tipinho ai. É meliante, é vagabundo, e lugar de gente assim é na cadeia ou no cemitério. Dó de gente trabalhadora que morre baleada, ninguém tem pena, ngm bate panela na rua. Brasil, um país de merda! Lamentável 0
339. Bom, vamos lá.. Quando vcs quer defender um BANDIDO que nem esse bosta, vcs falam que errar é Humano né? Na minha opinião esses lixo humano tem mais é que se fuder e quem ajudou ele com a vaquinha tem mais que se fuder também. 0
340. Não tinha que liberar ele na época , nego não entende que vagabundo quando é solto tá nem aí e acha que é igual jogar GTA morreu sempre volta de novo , ... 0
341. E mais uma vez passaram a mão na cabeça dele, pagaram a fiança e ele ficou livre, ele jamais irá se arrepender do q fez pq nunca pagou por isso. Dar uma chance é uma coisa ms daí a acobertar os erros deles é bem diferente. Deus permita q ã esperem ele matar alguém p resolverem tomar um atitude correta. 0
342. Achei muito bem feito quando aconteceu o episódio da tatuagem e agora eu acho é pouco para os trouxas que contribuíram para que ele voltasse a cometer o mesmo delito, continuem patrocinando o crime mídia pobre. 0
343. Olha se aqui fosse que nem la nos ESTADOS UNIDOS seria diferente. Aqui tem muitas ameabas como ele. Na internet entao esta cheio priçao pra todos 1
344. Acredito que a questão maior nesse caso não é o roubo ou ele ir preso cometendo o mesmo crime, todos devem pagar por seus atos, fiança eu não pagaria com a maior das certezas mas acredito que o que os caras fizeram com ele foi muito errado, muita gente se não todos que deram opinião em favor dele ter sido tatuado são pessoas que furam a fila, escondem coisas na declaração do imposto de renda, paga menos aos empregados na folha de pagamento ou seja, cometem crimes. E se cada um de nós tivesse a testa tatuada com seu "pecado"? Iríamos ter muitos aí com tatuagem escrito "sonegador" " fura fila" "bebe e dirige" 1
345. Fez e vai fazer de novo! Ele não vai mudar nunca, pois sempre que ele erra, tem muita gente apoiando, passando a mão na cabeça, colocando panos quentes em seus atos! 0

ANEXOS

Anexo 1 – E-mail de resposta do COEP sobre a não necessidade de submissão do Projeto.

18/04/2018

Imprimir

Assunto:	Re: Dúvidas sobre questões éticas em pesquisas na Internet
De:	coep@prpq.ufmg.br (coep@prpq.ufmg.br)
Para:	weidsonleles@yahoo.com.br;
Data:	Quinta-feira, 27 de Abril de 2017 20:28

Prezado Weidson,

Como os dados da pesquisa de Vossa Senhoria serão dados publicizados na internet, é dispensável sua submissão junto ao COEP conforme diretrizes da resolução 510/2016.

Cordialmente,

Profa. Dra. Vivian Resende
Coordenadora COEP-UFMG
3409-4592

▼ Weidson Leles ---01/04/2017 12:14:22---A/C Vivian Resende Boa tarde, tudo bem!?

De: Weidson Leles <weidsonleles@yahoo.com.br>
Para: "coep@prpq.ufmg.br" <coep@prpq.ufmg.br>
Data: 01/04/2017 12:14
Assunto: Dúvidas sobre questões éticas em pesquisas na Internet
